UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TAISA LEWITZKI

A VIDA DAS BENZEDEIRAS: CAMINHOS E MOVIMENTOS

CURITIBA

2019

TAISA LEWITZKI

A VIDA DAS BENZEDEIRAS: CAMINHOS E MOVIMENTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Liliana Mendonça Porto

Co-Orientador: Prof. Dr. Antonio De La Penã García

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Lewitzki, Taisa
A vida das benzedeiras : caminhos e movimentos. / Taisa Lewitzki. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora : Profª. Drª. Liliana Mendonça Porto

1. Benzedeiras - Paraná. 2. Cultura popular. 3. Movimentos sociais. 4. Antropologia política. I. Título.

CDD – 398.41

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA - 40001016027P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **TAISA LEWITZKI**, intitulada: **A VIDA DAS BENZEDEIRAS: CAMINHOS E MOVIMENTOS**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Fevereiro de 2019.

LILIANA DE MENDONÇA PORTO
Presidente da Banca Examinadora

ÂNGELA MASSUMI KATUTA
Avaliador Externo (UFPR)

EDILENE COFFACI DE LIMA
Avaliador Interno (UFPR)

ANTONIO DE LA PEÑA GARCIA
Coorientador - Avaliador Externo (UNILA)

Dedico este trabalho à minha professora primeira, Maria Rosa Lewitzki.

Às benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria.

AGRADECIMENTOS

A minha pesquisa faz parte de uma imensa rede de troca-dádiva que estou imersa, a qual permitiu que diversas pessoas contribuíssem para a viabilidade do presente trabalho, através de conversas, chimarrões, caronas, contatos, fotos, informações, materiais, hospedagens e refeições, desta forma devo mais que agradecimentos a muitas pessoas. Durante o trabalho de campo inúmeras pessoas me acolheram em suas casas, além das benzedeiras, agradeço a Fernanda Ikuta e Rose Chagas que me receberam na cidade de Irati e a Karen Quoos que fez de sua casa meu lar e com sua amizade e chimas me animou ao longo do processo de pesquisa. Ao assessor do MASA Leandro Gibathe pelas caronas e informações a respeito das agendas das benzedeiras. A pesquisadora Adriana Andrade pelas caronas, companhias e reflexões de pesquisa durante o trabalho de campo. Aos fotógrafos Cicero Martins, Douglas Frois e Lina Faria, que com seus olhares ajudaram-me a apresentar a vida das benzedeiras na região centro sul do Paraná. Aos bibliotecários da Biblioteca Municipal de Rebouças e aos servidores públicos da Câmara Municipal de Rebouças que prontamente disponibilizaram materiais sobre a cidade e as benzedeiras. A historiadora Jaqueline Kotlinski que além de conversas, disponibilizou arquivos de sua pesquisa sobre a presença da umbanda na cidade de Irati.

Ao cabuquinho fino Romulo Miranda, amigo de caminhada e a quem sou grata por todo apoio quando cheguei em Curitiba, entusiasta da minha trajetória e quem me incentivou a escolher as benzedeiras para minhas companheiras de pesquisa. Aos amigos do PPGA, Ferdinando, Bohdan e Carol. A minha colega de turma Lays Gonçalves, a quem agradeço imensamente pela amizade e pela responsabilidade afetiva em todos os momentos que marcaram os dois anos de estudo. A minha amiga Linda González Cárdenas, com quem caminhamos juntas desde a UNILA e através da UFPR pudemos aproximar nossas perspectivas de mundo e nossa amizade, ademais, agradeço suas solidárias revisões ao meu trabalho. As amigas de sempre: Carla dos Santos, Effy de Furiosa, Maite Tejada, Lays Laine, Addo Novak, André Dallagnol e Carol dos Anjos. Aos encontros do caminho Loren Salazar, Flavia Rossito, Robson de Ogun, Licet Calambas, Fernanda Engel e Graci Lehnen.

Agradeço imensamente às benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria que permitiram aprender com elas o ofício de pesquisa e sentir a vida em sua amplitude, através dos caminhos que percorremos e os momentos que vivenciamos em suas casas, onde fui acolhida com chimarrões, paieiros, comidas, remédios, sementes, mudas, conhecimentos e presentes: Ana Maria e João, Dona Agda, Dona Alzira, Dona Anísia, Dona Chica, Chiquinho, Dona Clair, Dona Dite, Dona Donária, Dona Deja, Dona Ester, Dona Genir, Gelci, Dona Glorinha, Dona Heleninha, Dona Jacira, Marilu, Dona Mena, Dona Nice, Dona Nilza, Dona Rosinha, Dona Tila e Nerza, Dona Terezinha, Dona Sebastiana e Seu Pedro de Deus.

Sou grata a professora Liliana Mendonça Porto, em aceitar estar ao meu lado no caminho do mestrado na posição de orientadora e a disposição em compartilhar seus conhecimentos e perspectivas, estando presente em todas as etapas do desenvolvimento da pesquisa. Agradeço a confiança e amizade do professor Antonio de La Peña da Universidade Federal da Integração Latino Americana e sua disposição em continuar fazendo parte da minha trajetória acadêmica como coorientador. Agradeço as professoras da UFPR Ângela Katuta e Edilene Coffaci de Lima, que na condição de examinadoras contribuíram com comentários, correções e sugestões acerca da presente dissertação. Minha gratidão se estende ao fotógrafo Douglas Fróis do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR em aceitar o convite de registrar a vida das benzedeiras e compartilhar comigo fotos, conversas e viagens de campo. Ao Paulo, secretário do PPGA que sempre esteve disposto a cooperar e facilitar os trâmites da vida acadêmica, mostrando-se compreensível às angústias dos prazos e, quem gentilmente contribuiu na viabilidade da minha participação na seleção no PPGAS/UFRN. Ao Programa de Pós-Graduação de Antropologia, aos professores, técnicos e colegas que participaram da minha trajetória acadêmica, adicionando experiências, referências, debates e conhecimentos em minha vida.

Além disso, sou grata às políticas públicas de educação que possibilitaram minha permanência na pós-graduação através da bolsa de pesquisa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que viabilizou minha dedicação integral ao mestrado. Agradeço também, aos profissionais da educação que com seus trabalhos me proporcionaram qualificação em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Gratidão à minha mãe Maria Rosa Lewitzki e toda a caboclada que forma minha família, que me apoiaram de todas as formas para que a pós-graduação fosse uma realidade, contribuindo com minha estadia em Curitiba e meu deslocamento no trabalho de campo. Estes também não mediram esforços em criar um espaço possível para escrita deste trabalho em meu habitat cultural, a comunidade de Góes Artigas.

Canto das Benzedeiras

Nossa Luta diária sempre com maior brilho
Ela nos ilumina a encontrar novos trilhos.
Um trilho encontrado,
As plantas no chão, para muitas pessoas já foi solução.
Cuidar da vida é a nossa missão.

Com as plantas e a oração.
Muitas pessoas vão melhorar
E a população pedem pra nos ensinar.
Pedimos a Deus para nos ajudar
Com a benção divina a continuar,
Alegre estamos cuidando da população
Pois cuidar da vida é a nossa grande missão.

As fontes de água e os faxinais,
Os nossos remédios vamos preservar
Nossa cultura não pode acabar
Estamos unidos, nós vamos lutar.
Aos benzedor nossa gratidão
Assim nós pedimos de coração
Sejam reconhecidos pela população
Pois cuidar da vida é a nossa missão.

Ana Maria Benzedeira

RESUMO

A presente dissertação aborda a vida das benzedeiras da região centro sul do Paraná, grupo que se organiza como povos e comunidades tradicionais. As detentoras de ofícios tradicionais de cura, interlocutoras deste trabalho, detêm práticas e saberes de cura relacionados à agrobiodiversidade da floresta de araucária, e organizam-se desde o ano de 2008 no Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA). O Movimento é um espaço que articula e mobiliza benzedeiras em cidades e comunidades rurais no interior paranaense, tanto para o intercâmbio de conhecimentos e saberes tradicionais de cura, quanto para a luta por direitos coletivos, tomando configurações próprias no contexto dos movimentos sociais. Neste caminho, desde a abordagem etnográfica, a presente pesquisa busca explorar as linhas de vida (INGOLD, 2007) acionadas, mobilizadas e construídas ao longo dos caminhos e movimentos das benzedeiras. A descrição de linhas de conhecimentos tradicionais, relações territoriais e ações políticas, apresentam a importância da diversidade de caminhos e trajetórias que constituem o Movimento das Benzedeiras. Estas linhas, entrelaçam-se e resultam em ações coletivas de fortalecimento da identidade de benzedeiras e enfrentamento de conflitos socioambientais, religiosos e políticos em prol da manutenção do seu modo de vida.

Palavras-chave: benzedeiras, povos e comunidades tradicionais, conhecimentos tradicionais, movimentos sociais, antropologia política.

ABSTRACT

The present dissertation approaches the life of the folk healers of the south central region of Paraná, which is a group that organizes itself as traditional community and people. The holders of traditional healing offices, interlocutors of this work, have practices and knowledge of healing related to the agrobiodiversity of the Araucaria Forest, and have been organized since the year 2008 in the Movement of Learners of Wisdom (MASA). The Movement is a space that articulates and mobilizes the folk healers in rural cities and communities in the interior of Paraná, both for the exchange of knowledge and traditional knowledge of healing, as well as for the struggle for collective rights, taking their own configurations in the context of social movements. In this way, from the ethnographic approach, the present research seeks to explore the lines of life (INGOLD, 2007) triggered, mobilized and constructed along the paths and movements of the folk healers. The description of lines in traditional knowledge, territorial relations and political actions, show the importance of the diversity of paths and trajectories that constitute the Movement of the folk healers. These lines intertwine as a result in collective actions to strengthen the identity of folk healers and to confront socio-environmental, religious and political conflicts in favor of maintaining their way of life.

Key-words: folk healers, traditional community and people, traditional knowledge, social movement, political anthropology.

RESUMEN

La presente tesis de maestría aborda la vida de las benzederas de la región centro sur del Paraná, como grupo que se organiza conforme caracteristicas de pueblos y comunidades tradicionales. Las poseedoras de oficios tradicionales de cura, interlocutoras de este trabajo, detienen prácticas y saberes de cura relacionados con la agrobiodiversidad del bosque de araucaria, y se organizan desde el año 2008 en el Movimiento Aprendices de la Sabiduría (MASA). El Movimiento es un espacio que articula y moviliza benzederas en ciudades y comunidades rurales en el interior paranaense, tanto para el intercambio de conocimientos y saberes tradicionales de cura, como para la lucha por derechos colectivos, tomando configuraciones propias en el contexto de los movimientos sociales. En este camino, desde el enfoque etnográfico, la presente investigación busca explorar las líneas de vida (INGOLD, 2007) accionadas, movilizadas y construidas a lo largo de los caminos y movimientos de las benzederas. La descripción de líneas de conocimientos tradicionales, relaciones territoriales y acciones políticas, presentan la importancia de la diversidad de caminos y trayectorias que constituyen el Movimiento de las Benzederas. Estas líneas, entrelazan y resultan en acciones colectivas de fortalecimiento de la identidad de benzederas y enfrentamiento de conflictos socioambientales, religiosos y políticos a favor del mantenimiento de su modo de vida.

Palabras clave: curanderas, pueblos y comunidades tradicionales, conocimientos tradicionales, movimientos sociales, antropología política.

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS 1 e 2 – DONA AGDA CAMINHANDO E PESQUISANDO EM RIO BONITO.....35

FIGURAS 3 - ANA MARIA ENTREVISTANDO DONA CHICA.....37

FIGURA 4 – ANA MARIA ENTREVISTANDO DONA CHICA, SEU JOAQUIM E DONA MARIA.....37

FIGURA 5 – ESTRADA DO FAXINAL DO SEIXAS ACESSO À CASA DA DONA HELENINHA.....49

FIGURA 6 – ESTRADA QUE LIGA O DISTRITO DE ANGAÍ À COMUNIDADE DE CACHOEIRA, ACESSO À CASA DA DONA TILA.....49

FIGURA 7 – ESTRADA DA COMUNIDADE DE CANUDOS, ACESSO A CASA DA DONA ESTER.....49

FIGURA 8 – ESTRADA DA COMUNIDADE DE CACHOEIRA, ACESSO A CASA DE DONA TILA E MARILU.....49

FIGURA 9 – RUA DA VILA FACÃO EM REBOUÇAS, ACESSO A CASA DE ANA MARIA E DONA DEJANIRA.....49

FIGURA 10 – RUA DO BAIRRO VILA NOVA, ACESSO A CASA DE DONA ROSINHA E DONA NILZA.....49

FIGURA 11 – ESTRADA QUE LIGA IRATI A SÃO JOÃO DO TRIUNFO VIA FERNANDES PINHEIRO.....49

FIGURA 12 – ESTRADA DA COMUNIDADE DE PADRE CHAGAS, CASA DA DONA PAULINA.....49

FIGURA 13 – CASA DA DONA ROSINHA.....51

FIGURA 14 – DONA NICE EM SUA CASA.....52

FIGURA 15 – DONA TILA EM SUA CASA.....52

FIGURA 16 – CALÇADOS NA PORTA DA CASA DA DONA DITE.....53

FIGURA 17 - CASA DA BENZEDEIRA DONA ALZIRA.....53

FIGURA 18 – CASA DA BENZEDEIRA DONA ESTER.....53

FIGURA 19 – DONA CHICA ENCHENDO O CHIMARRÃO.....55

FIGURA 20 - DONA JACIRA BENZENDO DONA ROSINHA.....57

FIGURA 21 - DONA HELENINHA, ALIMENTANDO SEU CABRITINHO.....59

FIGURA 22 - DONA HELENINHA COLETANDO CASCAS.....59

FIGURA 23 – DONA MENA NA COZINHA DE SUA CASA.....64

FIGURA 24 – DONA MENA EM SEU QUINTAL.....64

FIGURA 25 - PAREDE DA SALA NA CASA DA DONA DEJA.....67

FIGURA 26 – PAREDE DA SALA DA CASA DA DONA AGDA.....67

FIGURA 27 – PANO DE PAREDE NA SALA DA DONA TILA.....70

FIGURA 28 – PANO DE PAREDE NA CASA DA DONA NICE.....70

FIGURA 29 – DONA DEJA EM SUA CASA, SEGURANDO A COLCHA DE FUXICO DE CONFECÇÃO PRÓPRIA.....71

FIGURAS 30 E 31 – DONA GLORINHA COSTURANDO RENDIDURA DE UM VISITANTE DA COMUNIDADE DE RIO BONITO.....71

FIGURA 32 – HORA DO ALMOÇO NA CASA DA DONA GLORINHA.....74

FIGURA 33 – CHÁ DE ERVAS COM BOLINHO FRITO NA DONA AGDA.....74

FIGURA 34 – CAFÉ COM CUQUE E PÃO CASEIRO NA CASA DA GELCI.....74

FIGURA 35 – ALTAR DA BENZEDEIRA MARILU.....75

FIGURA 36 - ALTAR DA DONA ROSINHA, DESTAQUE PARA A BANDEIRA DO DIVINO E OS DOIS QUADROS COM FOTOS DE SÃO JOÃO MARIA.....76

FIGURA 37 - EXTENSÃO DO ALTAR DA DONA AGDA COM BRINQUEDOS PARA AS CRIANÇAS.....76

FIGURA 38 – DONA DEJANIRA EM SEU ALTAR.....81

FIGURA 39 – DONA JACIRA SEGURANDO SEU CERTIFICADO DE BENZEDEIRA DO BAIRRO.....77

FIGURAS 40 A 47 – CAMINHANDO E CONHECENDO O QUINTAL DA DONA TILA.....77

FIGURA 48 – MARILU ENSINANDO SOBRE SEU QUINTAL.....82

FIGURA 49 – DONA AGDA EM SEU QUINTAL, SEGURANDO CASCAS DE REMÉDIOS QUE ARMAZENA EM SUA CASA.....84

FIGURA 50 - QUINTAL DA DONA AGDA NO VERÃO DE 2013.....86

FIGURA 51– DONA AGDA COLHENDO UVAS DO SEU QUINTAL NO VERÃO DE 2017.....86

FIGURAS 52 – DONA TILA ENTREGANDO A MUDA DE ESPINHEIRA-SANTA À ANA MARIA.....86

FIGURA 53 -ANA MARIA CAMINHANDO ATÉ A CASA DE DONÁRIA.....88

FIGURAS 54 - DONA ROSINHA VOLTANDO DO TRABALHO, NO CAMINHO COLETOU MUDAS DE ARRUDÃO.....98

FIGURA 55 – DONA AGDA CAMINHANDO ATÉ A CASA DE GELCI.....98

FIGURA 56 – DONA AGDA VISITANDO MARILU.....101

FIGURA 57 – DONA DEJANIRA CAMINHANDO PELO QUINTAL DE DONA TEREZINHA.....103

FIGURA 58 – ANA MARIA E DONA MARIA DESPEDINDO-SE DE DONA TEREZINHA.....103

FIGURA 59 – DONA AGDA COLETANDO MUDAS NO QUINTAL DA DONA ESTER.....104

FIGURA 60 – DONA ESTER MOSTRA SEU QUINTAL PARA DONA AGDA....104

FIGURA 61 – DONA AGDA CONVERSANDO SOBRE PLANTAS COM DONA TILA E MARILU.....104

FIGURA 62 – DONA AGDA COLETANDO MUDA DE QUINA NO QUINTAL DA DONA TILA.....104

FIGURA 63 – PORTA-MALAS DO CARRO COM MUDAS E SEMENTES DO DIA DE CAMPO.....104

FIGURA 64 - VARIEDADES DE SEMENTES GANHADAS DURANTE O DIA DE CAMPO EM SÃO JOÃO DO TRIUNFO.....104

FIGURA 65 - DONA DEJANIRA EM SEU QUINTAL MOSTRANDO SEU PÉ DE GINSENG.....107

FIGURA 66 - MARILU, DONA TILA E DONA AGDA COLETANDO MUDAS DE ORA-PRO-NÓBIS.....108

FIGURA 67 - DONA GLORINHA MOSTRANDO AS MUDAS QUE SERÃO PRESENTEADAS AS VISITAS.....109

FIGURA 68 - CADERNO DE ANOTAÇÕES DE MARILU, CARTILHA DO MASA E CARTAZ DO IFPR.....109

FIGURA 69 – NOVENA NO OLHO D'ÁGUA DO SALTINHO.....113

FIGURA 70 - ANA MARIA TOMANDO ÁGUA NO OLHO D'ÁGUA DO BARREIRINHO.....114

FIGURA 71 – ANA MARIA NO OLHO D'ÁGUA DE BARREIRINHO.....115

FIGURA 72 – CAPELINHA DO OLHO D'ÁGUA DE BARREIRINHO.....115

FIGURA 73 - OLHO D'ÁGUA DE SÃO JOÃO MARIA.....118

FIGURA 74 - ANA MARIA VISITANDO O OLHO D'ÁGUA.....122

FIGURA 75 – COVALZINHO DO MONGE NA CASA DA DONA DONÁRIA.....125

FIGURA 76 - OLHO D'ÁGUA DE COXINHOS.....128

FIGURA 77 - DONA ROSINHA COLETANDO ÁGUA NO OLHO D'ÁGUA DE COXINHOS.....128

FIGURA 78 E 79 – BATIZADO DE CÍCERO MARTINS NO OLHO D'ÁGUA DE BANHADO GRANDE EM 1994.....129

FIGURA 80 – CHIQUINHO TOMANDO ÁGUA NO OLHO D'ÁGUA DE BARREIRINHO.....131

FIGURA 81 – ANA MARIA E DONA CHICA VISITANDO O CERCADINHO DO OLHO D'ÁGUA.....132

FIGURA 82 – DONA SEBASTIANA EM SUA CASA DE REZA.....136

FIGURA 83 – DONA JACIRA E OS SETE ANJOS DA MESADA.....137

FIGURA 84 – DONA DONÁRIA E AS CRIANÇAS VESTIDAS DE ANJOS NA PROCISSÃO DA MESADA.....139

FIGURA 85 - PROCISSÃO DA MESADA DE ANJOS.....139

FIGURAS 86,87, 88, 89 – MESADA DE ANJOS EM CACHOEIRA 141

FIGURA 90 – MARILU EM SEU CARRO.....143

FIGURAS 91 e 92 – 1° ACAMPAMENTO DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARANÁ.....158

FIGURA 93 – CARTILHA 1° ENCONTRO DOS FAXINAIS.....160

FIGURA 94 – MAPA CARTOGRAFIA FAXINALENSES: FÉ, CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E PRÁTICAS DE CURA.....163

FIGURA 95 – 2° ENCONTRO DAS BENZEDEIRAS DO CENTRO SUL.....164

FIGURA 96 - DONA MENA SEGURANDO O CONVITE DO 1° ENCONTRO.....167

FIGURA 97 – LINHA DO TEMPO FAXINAIS / BENZEDEIRAS.....172

FIGURAS 98 a 106 – ENCONTRO COMUNITÁRIO DE BENZEDEIRAS.....174

FIGURA 107 – DONA HELENINHA CHEGANDO NO 2° ENCONTRO DAS BENZEDEIRAS DO CENTRO SUL.....175

FIGURA 108 – ANA MARIA PARTICIPANDO DO 3° ENCONTRO ESTADUAL DOS PCT's.....179

FIGURA 109 – OFICINA DE MAPAS.....182

FOTO 110 – ENCONTRO MUNICIPAL DE BENZEDEIRAS – LANÇAMENTO MAPEAMENTO SOCIAL.....184

FIGURA 111 - MAPEAMENTO SOCIAL DAS BENZEDEIRAS DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO.....187

FIGURAS 112 e 113 – BENZEDEIRAS NA ALEP.....190

FIGURAS 114, 115 e 116 – DONA GLORINHA DERRAMANDO CERA.....194

FIGURA 117 – DONA PAULINA CAMINHANDO ENTRE A PLANTAÇÃO DE EUCALIPTO.....208

FIGURA 118 - CARTEIRINHA DA DONA AGDA.....215

FIGURAS 119 - BENZEDEIRAS NA CÂMARA MUNICIPAL DE IRATI.....220

FIGURA 120 - COMEMORAÇÃO DA LEI DAS BENZEDEIRAS NA CASA DE REZA.....220

FIGURA 121 – BENZEDEIRAS NA ALEP.....221

FIGURA 122 – OLHO D'ÁGUA BARREIRINHO – 3º ENCONTRO DAS BENZEDEIRAS DO CENTRO SUL DO PARANÁ.....227

FIGURA 123 – ANA MARIA E CHIQUINHO NO QUINTAL DO MONGE, AO FUNDO OLHO D'ÁGUA BARREIRINHO.....228

LISTA DE SIGLAS

AGAECO – Associação dos Agricultores Ecológicos de Turvo

ALEP – Assembleia Legislativa do Paraná

APF – Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses

ARPIN-SUL – Articulação Regional dos Povos Indígenas do Sul

ARESUR - Áreas Especiais de Uso Regulamentado

ASA – Associação Aprendizes da Sabedoria Medicinais e Agroecologia

ASSIS – Associação dos Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis

CCJ – Comissão de Constituição e Justiça

CEMPO – Centro Missionário de Apoio ao Campesinato Antônio Tavares

CEPICT – Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná

CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CNPCT – Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

COREQUI - Coordenação das Comunidades Quilombolas do Vale do Iguaçu

CPT – Comissão Pastoral da Terra

DEM - Partido Democratas

ENCONTTRA – Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra

FAMA – Fórum Alternativo Mundial da Água

FECOQUI - Federação das Comunidades Quilombolas do Paraná

FPRMA - Fórum Paranaense das Religiões de Matriz Africana

GAEAV – Grupo de Agricultores Agroecológicos Água Viva de Góes Artigas

IAP – Instituto Ambiental do Paraná

IEEP – Instituto Equipe de Educadores Populares

IFPR – Instituto Federal do Paraná

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia

MASA – Movimento Aprendizes da Sabedoria

MMC – Movimento das Mulheres Camponesas

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MICI – Movimento Interestadual das Cipozeiras e Cipozeiros do Paraná e Santa Catarina

MOIRPA – Movimento dos Ilhéus do Rio Paraná

MOPEAR – Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná

MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MPE – Ministério Público Estadual

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não Governamental

PDA – Subprograma Projetos Demonstrativos

PNCS – Projeto Nova Cartografia Social

PNDSPCTS – Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

PRB - Partido Republicano Brasileiro

PR - Partido da República

PROS – Partido Republicano da Ordem Social

PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSD - Partido Social Democrático

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

REDE PUXIRÃO – Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná

RENISUS - Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS

SETI – Secretaria Estadual da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná

SUS – Sistema Único de Saúde

UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro Oeste

UNILA – Universidade Federal da Integração Latino Americana

USF – Programa Universidade Sem Fronteira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....23

1.1 ESTAR EM CAMPO.....26

1.2 PESQUISANDO BENZEDEIRAS PESQUISADORAS.....29

1.2.1 Benzedeiras pesquisadoras.....34

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....38

2 CAMINHOS CONVERGENTES – A CASA E O QUINTAL.....42

2.1 VISITANDO A CASA DA BENZEDEIRA.....51

2.1.1 O altar.....74

2.2 QUINTAL "FARMÁCIA DA BENZEDEIRA".....79

3 CAMINHOS QUE SE EXPANDEM – AS VISITAS, OS LUGARES E AS FESTAS.....95

3.1 AS VISITAS.....100

3.2 OLHOS D´ÁGUA DE SÃO JOÃO MARIA.....111

3.2.1 Olhos d'água.....114

3.2.2 São João Maria e os povos e comunidades tradicionais do Paraná.....116

3.2.3 O São João Maria das benzedeiras.....122

3.3 BENZEDEIRAS FESTEIRAS.....133

3.3.1 Mesadas de anjos.....137

4 CAMINHOS QUE SE CRUZAM – CONSTRUINDO O MOVIMENTO.....143

4.1. O CAMINHO DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS.....150

4.1.1 Benzedeiras e faxinais.....155

4.1.2 Os primeiros encontros.....164

4.1.3 Encontros de benzedeiras.....172

4.1.4 Benzedeiras no mapa.....187

5 A TRAMA DE CAMINHOS E AS APRENDIZES DA SABEDORIA.....189

5.1 CAMINHOS INTERROMPIDOS.....190

5.1.1 Repressão dos médicos e órgãos de saúde.....191

5.1.2 Repressão de pessoas ligadas a igreja.....196

5.1.3 Conflitos de acesso e uso dos recursos naturais.....207

5. 2 CAMINHOS DA LEGISLAÇÃO.....209

5.2.1 Leis das Benzedeiras.....211

5.2.2 Carteirinhas.....213

5.2.3 Livre acesso às plantas medicinais.....216

5.2.4 Lei das Benzedeiras de Irati.....217

5.2.5 Lei Estadual.....221

5.2.6 Parque Ambiental São João Maria.....224

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....232

REFERÊNCIAS 235

1. INTRODUÇÃO

Início este trabalho a partir da reflexão do texto "A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil" de Marisa Peirano (1999), para pensar sobre a alteridade próxima em relação à dissertação que apresento. A pesquisa versa sobre os temas de política, natureza e cultura, tendo como sujeitos sociais as benzedeiras e seus caminhos e movimentos na região centro sul do Paraná.

A região centro sul do Paraná, localizada a 150 km da cidade de Curitiba - capital do Estado do Paraná -, está formada por pequenos municípios e tem como característica relevante a presença de comunidades rurais, comunidades tradicionais de faxinais, assentamentos da reforma agrária e comunidades indígenas. A imigração europeia, através da instalação de colônias alemãs, italianas, polonesas e ucranianas, assim como a imigração árabe, a presença dos povos ciganos no município de Irati - tanto na cidade quanto no distrito de Gonçalves Júnior -, e povos indígenas Guarani Mbya - aldeados em Inácio Martins na Terra Indígena Rio de Areia -, contribuíram para a diversidade cultural da região.

Neste contexto regional, em minha trajetória de vida na zona rural do centro sul paranaense, especificamente na comunidade de Góes Artigas no município de Inácio Martins, as benzedeiras estiveram presentes em diferentes momentos. Na infância fui benzida de *cobrero* por Dona Angélica, vizinha do sítio da minha família e avó dos meus primos. Quando criança fui curiosa sobre a *doença da macaca* que Dona Bila cortava. Acompanhei minhas irmãs na casa da Dona Ana Joska em busca de benzimento para *quebrante* logo que meus sobrinhos começaram a nascer. Essas são algumas lembranças que remetem ao papel das benzedeiras como detentoras de conhecimentos de cura e articuladoras de relações locais, presentes em meu universo familiar e comunitário.

Essa alteridade próxima, para pensar nos termos de Peirano (1999), decorre da construção da minha trajetória no mesmo universo que as benzedeiras habitam, o qual é marcado por referências mágico-religiosas, narrativas, práticas e conhecimentos de cura que também compartilho. Por isso, meu interesse em pensar a relação das benzedeiras com a política e o direito, desde a perspectiva da organização coletiva, é um exercício em conhecer e analisar as implicações desse fenômeno desde a ótica da antropologia. Para isso, compreendo que existem diferenças e desigualdades em nossas relações, o que estabelece uma alteridade próxima entre nós. Primeiro, porque as benzedeiras detêm conhecimentos específicos sobre a natureza e o sagrado, os quais passam por processos próprios de produção, aprendizagem,

transmissão e circulação que não estou diretamente inserida. A diferença geracional e os lugares de fala que ocupamos são fatores relevantes na constituição dessa diferença. Somos mulheres que criamos formas diferenciadas de perceber e atuar no mundo.

Neste sentido, ao tempo que tive o privilégio de acessar a certas narrativas e conhecimentos por estar inserida no campo das comunidades tradicionais do centro sul paranaense, meu olhar em relação a elas não é isento de preconceitos, estereótipos e exotismos que fazem parte da minha construção pessoal e acadêmica em relação às benzedeiras, fatores que busco transcender no fazer antropológico levando a sério suas percepções, posicionamentos e angústias através da descrição etnográfica.

Os desafios em produzir o presente trabalho acerca de um tema tão cheio de vida são imensos, uma vez que se trata da primeira circunstância que me coloco diante às benzedeiras como pesquisadora e não como técnica e militante, como nos trabalhos anteriores que realizei com o Movimento Aprendizes da Sabedoria, através do Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP)[1]. Na minha trajetória acadêmica, começando pela graduação, trabalhei com os conflitos socioambientais nas comunidades tradicionais de faxinais na região metropolitana sul de Curitiba. Quando ingressei no programa de mestrado em antropologia da UFPR, meu projeto direcionava-se à temática da mobilidade indígena na região centro sul do Paraná. Foi a partir dos diálogos com as benzedeiras, e as demandas apresentadas por elas em relação aos olhos d´água de São João Maria, as principais motivações para optar pela temática, resultando no projeto de pesquisa intitulado *Os olhos das benzedeiras: um estudo etnográfico sobre a territorialidade do sagrado das benzedeiras do centro sul paranaense*. Tal proposta sofreu deslocamentos através do trabalho de campo. Com a movimentação que as benzedeiras me proporcionaram a presente dissertação tomou outros caminhos, extrapolando o tema primeiro.

Na condição de representante do GAEAV – Grupo de Agricultores Agroecológicos Água Viva de Góes Artigas, inserido na articulação regional de movimentos sociais do campo através da ASSIS – Associação dos Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis, participei do 1° Encontro Regional das Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Costureiras e Parteiras realizado em 2008 na cidade de Irati, pela Associação Aprendizes da Sabedoria Medicinais e Agroecologia (ASA). No evento, conheci benzedeiras de diferentes municípios e comunidades

---

1O IEEP é uma ONG com sede na cidade de Irati (PR). Criada em 10/08/1994, a partir do anseio de associações de agricultores, assalariados urbanos, pastorais sociais e representantes de movimentos sociais, que buscavam fortalecer sua representação e assessoria na região centro sul do Paraná. Mais informações, consultar: http://institutoequipe.blogspot.com

que a partir do encontro criaram o Movimento das Benzedeiras, ação coletiva que foi motivo de estranhamento naquele momento.

Afinal, as benzedeiras no meu imaginário vivido pertenciam ao universo da ação individual e do domínio doméstico. Ver dezenas de mulheres reunidas e discutindo ações para proteção de seus dons foi um motivo de estranhamento e ao mesmo tempo de encantamento, sentimentos que, todavia, persistem e hoje se traduzem em motivações da pesquisa antropológica. O Movimento Aprendizes da Sabedoria consolidou-se formalmente no evento, o qual gerou demandas em relação à organização sociopolítica das benzedeiras, estabelecimento de diálogo com o Estado e elaboração de pesquisas e mapeamentos sociais.

Neste contexto de criação do MASA, durante o período de 2008 a 2012 integrei a equipe técnica do Instituto Equipe de Educadores Populares, uma organização não governamental da região de Irati com atuação no interior paranaense, com a finalidade de atuar junto a outros técnicos como assessora política das benzedeiras e dos povos e comunidades tradicionais do Paraná, que estavam articulados na Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais. Auxiliei o processo organizativo dos povos tradicionais a partir da execução de projetos de pesquisa e extensão em parceria com a Rede Puxirão e outros movimentos sociais do campo. Desse processo resultaram os mapeamentos situacionais das benzedeiras vinculados ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia[2] através do Núcleo de Pesquisa Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Este último sediado na cidade de Guarapuava (PR) e formado por pesquisadores e lideranças de coletivos de povos tradicionais do sul do Brasil, desenvolveu diferentes processos de etnomapeamento e autocartografia. Através do Instituto Equipe de Educadores Populares, portanto, no ano de 2009 passei a participar do Núcleo de Cartografia, o que resultou na minha atuação quanto técnica de campo e pesquisadora dos dois primeiros processos municipais de mapeamento das benzedeiras.

Os mapeamentos sociais das benzedeiras dos municípios de Rebouças (2010) e São João do Triunfo (2011), ambos da região centro sul paranaense, visibilizaram a presença das benzedeiras na região e fortaleceram a luta do MASA para aprovação de leis municipais de reconhecimento da identidade coletiva das benzedeiras e regulamentação do direito de livre acesso à coleta de plantas medicinais nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo. Com isso, as benzedeiras passaram a participar de conselhos, comissões, grupos de trabalho e espaços de reivindicação e elaboração de políticas públicas para os povos e comunidades

2 Sobre o Projeto Nova Cartografia Social consultar <http://novacartografiasocial.com.br>.

tradicionais do Paraná nos termos da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil instituída pelo Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 (BRASIL, 2007).

Durante o período inicial do Movimento das Benzedeiras, participei ativamente da estrutura organizacional do MASA, alicerçada em encontros, reuniões e oficinas de benzedeiras, elaboração de materiais de comunicação e pesquisas, conhecendo e visitando benzedeiras faxinalenses, camponesas, indígenas, quilombolas, assentadas e urbanas. No entanto, como argumenta Roberto Cardoso de Oliveira (2006) o familiar nem sempre é conhecido. O passado etnográfico em relação ao tema é a base da qual minha pesquisa se desenvolve, no entanto, romper com a barreira da familiaridade e ocupar o lugar de pesquisadora em vez de militante foram os percalços com os quais me deparei desde a elaboração do projeto de pesquisa, a realização do campo e a escrita do texto etnográfico. Neste trabalho, busco qualificar a abordagem sobre as benzedeiras desde a perspectiva de suas movimentações, o que me demanda um exercício constante de desnaturalização e problematização do tema.

Assim me dispus a olhar, ouvir e escrever conforme orienta Oliveira (2006), bem como, a ser benzida, ensinada e deslocada pela dinâmica das benzedeiras, concebendo que por mais triviais que os fatos possam parecer, eles são importantes para entender o universo em que as benzedeiras estão inseridas, porque conformam um modo tradicional de vida. Nesse processo, considero que o trabalho de campo, como defende Tim Ingold (2017), é a ferramenta fundamental para o exercício do movimento, conhecimento e descrição, entendendo que é ao longo do caminhar que as vidas, histórias, relações e processos constituem-se.

1.1 ESTAR EM CAMPO

Estar em campo ao mesmo tempo se aproxima do estar em casa, devido às referências culturais, sociais e ambientais da região centro sul do Paraná. Exigiu-me um deslocamento corporal para apreender as habilidades, práticas e modos de percepção em que as benzedeiras acionam na produção do cotidiano ao longo de seus movimentos. O antropólogo britânico Tim Ingold (2017) ao descrever sobre antropologia da vida, argumenta que é "[...] movendo-nos que conhecemos e é movendo-nos que também descrevemos", para ele:

> Mover, conhecer e descrever, no entanto, demandam mais do que estar *em*, ou imersão. Demandam observação. Um ser que se move, conhece e descreve deve estar atento. Estar atento significa estar vivo *para* o mundo." (ILGOLD, 2017, p. 13)

As benzedeiras estão radicalmente vivas para o mundo e apresentam a perspectiva de "cuidar da vida é nossa missão", lema do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), presente em suas camisetas, bolsas, cadernos, bandeiras e nos gritos de ordem que abrem e encerrar encontros de benzedeiras. Ao longo de suas vidas elas têm como práticas o cultivo, a produção e o cuidado da vida de humanos e não humanos - plantas, animais, águas e pessoas. Assim, estar em campo com as benzedeiras coloca-se como uma predisposição em estar vivo ao longo dos movimentos que permitem além do deslocamento, o conhecimento e a descrição impulsionada pela experiência corporal sensorial, em que os cheiros, sabores, cores, superfícies e texturas são experienciadas. Desta maneira, o trabalho de campo como forma de caminhar com as benzedeiras foi indispensável para apreender a vida das benzedeiras, tema gerador da presente dissertação.

O trabalho de campo aconteceu no período de 10 de maio a 30 de julho do ano de 2018 na região centro sul do Paraná e na capital Curitiba. Anterior ao período dedicado ao trabalho de campo intensivo, no ano de 2017 e no primeiro trimestre de 2018 realizei visitas exploratórias às benzedeiras e participei de eventos organizados pelo MASA, com intuito de aproximar-me do contexto a ser estudado a fim de atualizar minhas referências em relação ao Movimento[3], assim como submeter à avaliação das mesmas a minha intenção de pesquisa.

Neste período de aproximadamente 80 dias de pesquisa de campo circulei a pé, de automóvel, carona e de ônibus pelas cidades, bairros, comunidades rurais e faxinais dos municípios de Irati, Rebouças, Rio Azul e São João do Triunfo, bem como acompanhei agendas das benzedeiras na cidade de Curitiba. Os meios de transporte e os modos de deslocamento são as mesmas formas que as benzedeiras usam para transitar no território que habitam, conhecem e estão organizadas enquanto um movimento social. A escolha dos municípios está relacionada à abrangência do MASA que, além das cidades citadas, tem buscando aproximar e incluir em sua organização benzedeiras dos municípios de Fernandes Pinheiro e São Mateus do Sul, tendo realizado eventos pontuais de mobilização nas cidades de Guarapuava, Inácio Martins, Prudentópolis e Santa Maria do Oeste em diversas ocasiões desde o ano de 2008.

---

3 A palavra "movimento" movimenta todo o texto. Desta maneira uso Movimento com letra maiúscula para referir-me ao Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), e movimento em letra minúscula como sinônimo de deslocamento, mobilidade, circulação e ação.

A pesquisa de campo foi guiada pelas benzedeiras, no sentido que com elas percorri os caminhos para acompanhar e participar de agendas que no momento faziam parte de suas dinâmicas organizativas através do Movimento Aprendizes da Sabedoria, como eventos de cunho interno e externo, assim como, visitar companheiras e parentes. Desde a perspectiva dos caminhos (INGOLD, 2007)[4] que as benzedeiras perseguem em seus compromissos sociopolíticos e no seu dia a dia, desenhou-se um campo em movimento e translocal (AGIER, 2015), tendo como referência a cidade de Irati onde estive alojada por maior tempo, e as casas das benzedeiras que vivem na cidade de Rebouças com as quais realizei atividades de campo com maior frequência devido a nossa relação de amizade de longa data.

Essa movimentação que o campo me exigiu decorre da própria territorialização (ALMEIDA, 2009) das benzedeiras que não estão situadas em uma comunidade territorial única, mas estão presentes em vários lugares da região. Existindo, portanto, linhas que incluem casas de benzedeiras que são referências em suas localidades e que fazem parte do MASA, além de olhos de água de São João Maria, locais de coleta de plantas medicinais, igrejinhas de santos, cruzeiros, casas de rezas e casas de festeiros de santos, os quais abordo como demarcadores do território das benzedeiras. Outro fator de mobilidade está relacionado ao deslocamento exercido pelas benzedeiras em suas práticas políticas, as quais têm construído e mantido a organização do seu grupo social através de visitas de articulação e participação em eventos, em que fazer o Movimento consiste em mover-se de um lugar ao outro, adicionando novas rotas conforme o caminho do MASA vai sendo trilhado, fator que permeou a realização de minha pesquisa de campo.

Nesse processo de caminhos e movimentos, linhas de vida e pesquisa são tecidas e entrelaçadas, tanto de minha parte quanto da parte das benzedeiras. As benzedeiras em seus deslocamentos estão a todo momento buscando outras benzedeiras para integrar o grupo, lugares para referenciar seu território, ervas para transpor em seu quintal, saberes de cura para adicionar ao seu repertório, pesquisando e conhecendo tanto os lugares de domínio territorial das benzedeiras quanto outros lugares. Esta situação está representada na fala da benzedeira Ana Maria da cidade de Rebouças, uma amiga de longa data e uma das principais entusiastas da minha pesquisa, que é uma pesquisadora ativa de novas relações de Movimento:

4 Como metodologia de abordagem, recorro a noção de "linhas" que podem ser pensadas como "caminhos", elaborada por Tim Ingold (2007), a qual desenvolvo na próxima sessão.

> visitando outras comunidades, outras cidades, vendo como era o costume deles, a cultura deles, a tradição deles, que não só na minha cidade na minha região tinha, mas em outras cidades tinham também, e eu fui conhecendo.

Os deslocamentos dos quais participei articulam-se em duas categorias: internos e externos, as quais irei explorar ao longo do texto, pois, embora ambas mantenham estruturas similares, contam com características particulares, principalmente no que concerne ao doméstico e ao público. As agendas internas aconteceram por meio de a) visitas de articulação, b) duas reuniões, c) dois encontros de benzedeiras, e d) um velório. Enquanto que os eventos externos, aqueles cuja organização acontece por outros atores e nos quais as benzedeiras participam na condição de convidadas e representantes do MASA, foram a) sessão da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP) b) Seminário sobre agrotóxicos na UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro Oeste), b) duas reuniões ordinárias do Conselho Estadual dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais (CEPICT's), e c) Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Irati. Nesses espaços, busquei a observação participante como recurso metodológico, acompanhado de registro fotográfico, anotações e gravações feitas em meu dispositivo móvel, que totalizam onze horas e quarenta e oito minutos de áudio e 836 fotos. Além de consulta de materiais produzidos pelo MASA como boletins, cartilhas, convites, folders e mapas, recorri também as reportagens jornalísticas e legislações acerca do tema que estão disponíveis virtualmente.

1.2 PESQUISANDO BENZEDEIRAS PESQUISADORAS

A forma em que o campo foi se desenhando, os lugares visitados e agendas que participei foram indicativos do MASA, durante a reunião da coordenação do Movimento que aconteceu no dia 22 de maio de 2018 às 14 horas na casa da Dona Agda em Rebouças, com a presença de duas benzedeiras da cidade de Irati, quatro da cidade de Rebouças e os dois assessores do Movimento de ambos municípios. Conforme minha solicitação anterior em participar da reunião, fui convidada a apresentar minha proposta de pesquisa na parte final da atividade. Depois dos assuntos que elas tinham que tratar sobre o Movimento, dos quais não participei da discussão, apresentei a elas meu interesse de pesquisa, o qual foi acolhido com uma fala de cada uma delas acerca da recepção do meu projeto.

Os comentários consistiram nas boas-vindas, ressaltando que, devido aos trabalhos anteriores, eu não era uma desconhecida e fazia parte do grupo, que fica feliz pela minha volta e que minha presença na região poderia contribuir para alguns deslocamentos e atividades, os quais logo começaram a ser comentados por elas, como encontros de benzedeiras e visitas de articulação. A perspectiva sobre a pesquisa em si ficou na seara de um ponto positivo, mas não definido nos termos que "vai ajudar", "vai ser bom pra nós", "vamos ficar mais conhecidas", assim como em termos comparativos com outros pesquisadores "imagina se não vamos querer, se tem gente que nós nem conhecemos e pesquisa", revelando que a aceitação do grupo associa-se com nossa relação pessoal e não com o fato de tratar-se de uma pesquisa acadêmica no âmbito da antropologia em uma instituição pública de ensino e pesquisa.

Na sequência, propus acompanhá-las nas atividades e visitá-las em suas casas, assim como as outras benzedeiras indicadas por elas que não estavam na reunião – como as representantes dos municípios de Rio Azul e São João do Triunfo que formam a coordenação do MASA[5] -. Os convites de hospedagens, almoços e chimarrões, bem como visitas às benzedeiras que conhecemos em comum, iniciaram o caminho do trabalho de campo, tomando configurações próprias na medida em que se desenvolvia.

Por mais que minha trajetória de trabalho com as benzedeiras não seja primeira, a apresentação do meu projeto para o coletivo se fez necessário para esclarecer os objetivos e métodos de pesquisa, pois o grupo das benzedeiras do centro sul paranaense, desde sua visibilidade social através de premiações nacionais e reportagens de grande alcance midiático, tem sido buscado constantemente por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e pertencentes a diferentes instituições de pesquisa – públicas e privadas. Esta situação tem ocasionado a elas certo desconforto em relação aos resultados e devolutivas de pesquisas acadêmicas, conforme comentado comigo em diversas situações informais desde o ano de 2016, quando retomei o contato direto com o grupo. As avaliações estão ligadas a retornos práticos, como a realização de atividades e entrega de materiais impressos.

No meu primeiro dia de campo, logo quando estava visitando as benzedeiras da cidade de Rebouças com as quais tenho maior proximidade, fui questionada por uma delas acerca de um pesquisador que alguns anos atrás apresentei ao grupo em decorrência de uma atividade que estávamos organizando com elas. O pesquisador prometeu às benzedeiras de Rebouças um

5 Sobre a "coordenação" e "os assessores", exploro tais categorias na descrição sobre a estrutura do Movimento no Capítulo 3.

livro durante o período de sua pesquisa, no entanto, desde a finalização do seu campo no ano de 2015 não retornou para prestar conta de sua promessa.

A situação citada aconteceu no processo de formação em direitos de povos e comunidades tradicionais, viabilizado pela participação do MASA na Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, assim como cursos e seminários promovidos por universidades e conselhos gestores em que o acesso das benzedeiras ao arcabouço jurídico relacionado a direitos étnicos e coletivos - como a Resolução 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que dispõe sobre a consulta prévia, livre e informada - é uma realidade e compõe os temas de diálogo no âmbito da coordenação do MASA. Desta maneira, as benzedeiras da linha de frente do Movimento que participam dos espaços formativos têm questionado certas pesquisas, principalmente no que se refere ao acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade de plantas medicinais. A benzedeira[6] relatou-me que "ele [pesquisador] tirou foto de tudinho, ele queria que eu contasse tudo sobre as plantinhas e tirou foto de tudo. Ele deve ter vendido nosso livro e ganhado dinheiro".

Neste contexto, a falta de informação acerca das motivações de pesquisa, e usos decorrentes da mesma, geram expectativas e imaginários, principalmente relacionados a possíveis ganhos financeiros com o conhecimento nativo. Por quê pesquisar? Por quê gravar? Essas são questões que permeiam o universo das benzedeiras da região de Irati que mudaram radicalmente o *status* social do ofício tradicional de cura na última década, por meio da conquista de visibilidade social e ocupação de cadeiras públicas de representação, como conselhos, comissões e grupos de trabalho. Se antes ocupavam a margem de pesquisas folclóricas, hoje são um dos temas emergentes não apenas na região de Irati, atraindo pesquisadores de várias partes do país, o que resulta em impactos – sejam estes positivos ou negativos.

O convívio com pessoas de fora, ingressando em suas casas munidas de perguntas, câmaras e gravadores, tem gerado um contexto novo que nem sempre as benzedeiras que enfrentam tanto desafios para manter as práticas de cura sabem como lidar, como tratar com o outro que não está buscando sua especialidade que é o benzimento mas informações sobre o benzimento, visto que acolher em detrimento de excluir é um princípio da localidade. Ao mesmo tempo, ser buscado por pessoas de fora do circuito cotidiano do benzimento é um motivo de orgulho e valorização, conferindo certo prestígio. Por outro lado, promove inseguranças e incertezas, escapando do controle social exercido pela coletividade.

6 Nesta situação, escolhi não nomear, tampouco localizar a benzedeira em questão, a fim de não a expor.

Em outra ocasião no período final de campo, quatro benzedeiras da cidade de Rebouças comentaram comigo sobre uma pesquisadora que estava visitando-as e fazendo muitas perguntas, *três horas de perguntas sem parar*[7] sem elas saberem como reagir. Embora que, por um lado, estavam orgulhosas porque tratava-se de uma pesquisa de doutorado, por outro eram muitas perguntas e ficavam exaustas e, além disso, precisavam assinar um termo que não sabiam o que significava. Já enquanto pesquisadoras, também não sabemos o que significa, quais as implicações do registro do conhecimento tradicional associado em nossas pesquisas. Em meio a regulamentação das pesquisas acadêmicas com conhecimento tradicional associado pelas universidades[8], através do novo Marco Legal da Biodiversidade que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para a conservação e uso sustentável da biodiversidade.

No cenário de um crescimento significativo de pesquisas com povos e comunidades tradicionais, uma metodologia de pesquisa assertiva que dê conta dos problemas de pesquisa e que, ao mesmo tempo, respeite as dinâmicas locais e dialogue com as expectativas da coletividade é um desafio que continua sendo uma preocupação presente em meu trabalho que não encerra com a presente dissertação. Afinal meus vínculos afetivos e meus compromissos políticos com as benzedeiras são anteriores ao mestrado e continuarão ecoando em nossas vidas. Tendo em conta que não existe uma receita metodológica pronta, apenas mecanismos metodológicos alicerçados na categoria do trabalho de campo, meu fazer etnográfico buscou interagir com as interlocutoras a partir da disposição delas, em que meus sentidos estiveram atentos aos saberes, fazeres e dizeres, as escolhas, os posicionamentos, as falas e inclusive os silêncios em relação a certos temas referentes à organização do Movimento, à transmissão do conhecimento tradicional e suas trajetórias na prática do benzimento.

Para tanto, não fiz entrevistas, busquei mais ouvir do que falar. Neste sentido, o material de campo o qual apresento no texto, decorre da coleta de documentos impressos produzidos pelo MASA como boletins informativos, cartilhas, cartas, ofícios, leis, atas e relatórios de reuniões e eventos, materiais que acessei através das benzedeiras. Fotografei seus

---

7 Frases em itálico sem aspas referem-se a expressões comumente proferidas pelas benzedeiras, não sendo uma fala de uma única pessoa, mas ouvida por mim de mais de uma pessoa, sendo representativa e coletiva. Quando acompanhado de aspas refere-se a uma fala pontual.

8 Instituído pela Lei no 13.123 de 20 de maio de 2015 e regulamentado pelo Decreto no 8.772 de 11 de maio de 2016, torna obrigatório o cadastro de pesquisas acadêmicas com patrimônio genético e conhecimento tradicional associado no SisGen (Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e Conhecimento Tradicional Associado).

registros pessoais como orações, fotografias, cadernos de anotações. Além disso, através de conversas informais, fiz notas em caderno de campo e, em algumas situações, gravei em dispositivo de áudio os relatos das interlocutoras, tanto em encontros informais quanto em agendas públicas. Adicionalmente, o registro fotográfico foi o mecanismo acionado em todo o trabalho de campo, em que fotografei as benzedeiras em suas caminhadas e movimentações, em suas casas e nas reuniões, assim como na execução de ritos e atividades do cotidiano. Na realização do trabalho de campo etnográfico, busquei isentar-me das divisões e conflitos internos da organização, o que avalio que tenha sido o mais difícil no processo da pesquisa de campo, afinal, também faço parte de eventos e processos que aconteceram nos primeiros anos do MASA, quando ocupava a posição de assessoria e apoio técnico e, desde esse lugar, participava e influenciava efetivamente as escolhas do grupo.

Além dos momentos de convivência coletiva no grupo social, entre os eventos citados, visitei 21 benzedeiras em suas casas, por meio de agendas que surgiram pela demanda das mesmas ou pelo meu desejo de revê-las. As visitas aconteceram em uma diversidade de situações e intensidades. Na maioria das vezes estive acompanhada pelas benzedeiras Ana Maria, Dona Agda e Dona Dejanira de Rebouças, Dona Rosinha de Irati e Marilu de São João do Triunfo, as quais compõem a coordenação do MASA e queriam visitar suas companheiras em outras comunidades ou ainda aproveitar minha presença para articular encontros valendo-se da minha disponibilidade de transporte. Em duas situações estive com a colega Adriane de Andrade, geógrafa e pesquisadora que realizava seu trabalho de campo de mestrado no mesmo momento e com quem pude compartilhar percepções, informações, materiais e experiências da pesquisa de campo, assim como viajar aos lugares de maior dificuldade de acesso, como o Faxinal dos Seixas em São João do Triunfo para visitar Dona Heleninha, e à comunidade de Invernada no município de Rio Azul para encontrar Dona Terezinha. Também realizei três saídas de campo que totalizaram sete dias com o objetivo de coletar material fotográfico para uma possível exposição no MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) com o fotógrafo Douglas Frois da UFPR, que aceitou prontamente o convite em contribuir com minha pesquisa e se lançou ao interior paranaense. No entanto, as visitas desta atividade foram agendadas anteriormente com as benzedeiras que manifestaram interesse em serem fotografadas para a exposição. Cada visita teve, portanto, durações e dinâmicas variáveis. Enquanto algumas foram de passagem e no contexto de interesses e assuntos com demandas próprias, em outras estive por mais dias, tendo a oportunidade de pernoitar, assim como repetir visitas às mesmas benzedeiras. Neste cenário, foram com as benzedeiras que ocupam o cargo de líderes do

MASA, sendo dez benzedeiras dos quatro municípios visitados, com quem estabeleci diálogo permanente, buscando adentrar no tema da organização sociopolítica e suas percepções sobre o ofício de benzedeira e a prática política no Movimento.

Durante minha estadia na casa das benzedeiras pude observar o cotidiano das mesmas e o exercício do seu ofício, vislumbrando as inúmeras práticas de cura que elas realizam, observando que atendem sobretudo a população mais humilde, aquelas que estão no espaço rural e periférico das cidades, sendo as crianças a maior motivação do benzimento. Percebi que seus serviços não se restringem apenas às crianças e enfermidades associadas à cultura do benzimento como *quebrante, olho gordo e bichas*, mas que atuam com diferentes públicos, pertencentes a grupos sociais distintos e com problemas de todos os níveis de complexidade, desde *atropelar pulga*[9] e *amaldiçoar bicheiras*[10], enquanto problemas locais associados ao modo de vida do centro sul paranaense, até curar câncer e tratar depressão como problemas presentes em todo o globo. Ademais, as trajetórias das benzedeiras compartem vários elementos comuns, mas indicam a especialização em que a variedade de atuação não é dominada por todas, havendo poderes e graus de atendimentos distintos.

1.2.1 Benzedeiras pesquisadoras

As benzedeiras são pesquisadoras de longa data e com elas aprendi muitas formas de abordar certos assuntos e pessoas, como comportar-se em campo, como introduzir temas de conversa, qual o rito que se segue em uma visita a uma benzedeira novata no Movimento ou uma benzedeira mais velha, em que prestar atenção diante um contexto de muitas informações, conhecimentos e elementos, entre outras. Em grande parte das visitas assumi o papel de acompanhante e motorista das benzedeiras e, apenas em algumas situações, entre chimarrões, paieiros, conversas, almoços, fotos e passeios pelos quintais entramos no assunto do Movimento. Nesse processo percebi que o trajeto que percorríamos estava sendo, em parte, guiado pelas benzedeiras, que também faziam perguntas a suas colegas em função da minha presença e pesquisa. Estas indagações não seriam feitas em outras situações.

---

9 Consiste na simpatia para espantar as pulgas que atacam de forma repentina galinheiros, chiqueiros e até mesmo as casas dos moradores.

10 Consiste na simpatia para derrubar parasitas que infestam a pele de animais de sangue quente, como bovinos, assim como larvas que atacam ferimentos de porcos, cavalos, carneiros, etc.

O método de pesquisa das benzedeiras é bastante avançado e constantemente atualizado. A todo momento elas estão atentas a um conjunto enorme de informações, e nas conversas elas buscam apreender conhecimentos tradicionais de cura e conhecimentos religiosos, mas sobretudo, práticas e saberes de costura, agricultura e plantas medicinais. Dona Agda é expoente dessa situação, que aos 77 anos é uma benzedeira muito reconhecida no MASA e pela população pelo seu ofício de remedieira é especialista em plantas medicinais. Mesmo quando viajamos de carro estava atenta às plantas da beira da estrada, comentando seu uso, sua forma de colheita e preparo. Às vezes parávamos para observar, mas devido ao uso de agrotóxicos nas plantações ela hesitava em coletar, logo alertando o perigo das plantas contaminadas pelo veneno e indicando onde a mesma espécie poderia ser encontrada. Ao descer do carro na casa das benzedeiras, sua primeira atenção era às plantas explicando suas propriedades, perguntando às anfitriãs suas qualidades, comparando suas características e usos, culminando na coleta de mudas e sementes para os experimentos do seu quintal. As figuras (1 e 2) que seguem apresentam um destes momentos quando visitávamos a comunidade de Rio Bonito no município de Rebouças, e Dona Agda avistou na beira da estrada a planta de pepino doce, logo coletou as sementes e pesquisou no decorrer do dia seu nome e suas qualidades com outras benzedeiras.

FIGURAS 1 e 2 – Dona Agda, caminhando e pesquisando em Rio Bonito. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

Ana Maria benzedeira de 53 anos que vive na cidade de Rebouças é pesquisadora de *tradições antigas*. Ela aprecia muito as manifestações culturais relacionadas ao Monge São João Maria e as festas tradicionais. Através de um projeto realizado pelo Movimento sobre cultura popular[11], ela pesquisou a história das igrejinhas de santos no município de Rebouças, visitando festeiras e festeiros nas comunidades rurais, trabalho publicado na cartilha do MASA *Encontros Intermunicipais, Multiplicando Conhecimentos e Cuidando da Vida* em 2017, a qual me presenteou com seu autógrafo. Ana Maria aproveitou minha estadia em campo para dar andamento a sua pesquisa pessoal sobre a Cruz da Minininha, um lugar sinalizado por uma cruz localizado nas margens da estrada de terra que contorna a comunidade de Conceição no interior do município de Rebouças, marco para muitas pessoas que consideram ser o local em que foi sepultada uma menina criança brutalmente estuprada e assassinada por um forasteiro em tempos passados. Segundo Dona Donária esse crime aconteceu aproximadamente há 50 anos, em que os responsáveis não foram identificados, tampouco punidos, no entanto, as aparições da Minininha no local fomentaram pedidos que resultaram em milagres, tornando o lugar sagrado, constantemente visitado por pessoas que levam flores e velas para a criança. Devido à dificuldade de deslocamento de Ana Maria para sua antiga comunidade de Rio Bonito que fica na zona rural do município, antes mesmo que eu fosse para a cidade em conversas anteriores ao trabalho de campo ela havia comunicado seu desejo em visitar comigo as benzedeiras e parteiras Chica e Donária que são as mais antigas da comunidade. Tendo a primeira 89 anos e a segunda 100 anos de idade, a fim de levantar informações e ouvir as narrativas das mais velhas acerca da Cruz da Minininha. As imagens a seguir apresentam Ana Maria em seus processos investigativos:

11 Projeto Rede Cultura e Conhecimentos Tradicionais do Ministério da Cultura, executado pelo MASA no ano de 2017.

FIGURA 3 – Ana Maria entrevistando Dona Chica. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

FIGURA 4 – Ana Maria entrevistando Dona Chica, Seu Joaquim e Dona Maria. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

As duas situações ilustram de forma breve como as benzedeiras a partir de seus interesses e especializações fazem suas pesquisas, animando os deslocamentos e configurando a movimentação do território que vai conformando-se com a adição de novos lugares, práticas e saberes pela ação das benzedeiras. Nesse sentido, é importante e se faz necessário reconhecer o papel das benzedeiras como pesquisadoras, porque isto implica nos resultados da minha pesquisa. No sentido em que fui privilegiada a colaborar com o ofício investigativo de minhas interlocutoras, o que possibilitou que fizéssemos campo de forma conjunta, cooperando para ambos objetivos de pesquisa. Essa questão se faz presente no Capítulo 2, em que as caminhadas das benzedeiras são abordadas como processos de pesquisa.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação aborda as linhas de caminhos e movimentos das benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria no centro sul do Paraná, ao longo de sua organização política, que atua em prol de direitos coletivos e das suas estratégias para manutenção dos conhecimentos tradicionais de cura relacionados à prática do benzimento. A partir dos dados etnográficos, percebi que o movimento do caminho e o caminho do Movimento permearam o desenvolvimento da pesquisa, extrapolando a dimensão do Movimento enquanto organização sociopolítica das benzedeiras. Neste sentido, adoto como forma de descrição a perspectiva polissêmica do termo "movimento", porque foi esta a perspectiva apresentada pelas benzedeiras em nossos diálogos, relacionando-o ao "deslocamento", "ação" e "aprendizagem". Em uma conversa informal com a benzedeira Ana Maria em sua casa na cidade de Rebouças, ao perguntar sobre o significado do Movimento obtive a seguinte definição:

> O Movimento inclui com vários movimentos sociais, na luta, na cultura, as fontes de água do Monge que faz parte dessa cultura, depois vêm as plantas medicinais, depois vêm as curas.

Em poucas palavras a benzedeira Ana Maria introduz os diversos sentidos do Movimento, como integrante e liderança do Movimento Aprendizes da Sabedoria desde o ano de 2009. A interlocutora articula várias categorias relacionadas ao modo de vida das benzedeiras, que congrega ações políticas no âmbito da luta por direitos coletivos através da articulação com movimentos sociais, a cultura quanto um modo de ser e viver que exprime relações territoriais como com as fontes de água do Monge São João Maria, e os conhecimentos tradicionais de cura associados ao uso de plantas medicinais que fazem parte dos saberes ecológicos sobre a agrobiodiversidade local.

A fim de apreender como as benzedeiras tecem linhas de vida ao longo de caminhos e movimentos de (1) conhecimentos tradicionais, (2) relações territoriais e (3) ações políticas, recorro a proposta metodológica do antropólogo Tim Ingold (2007), acerca da constituição de linhas de vida ao longo e através do movimento. Em seu projeto teórico recente *Explorations in the comparative anthropology of the line* o autor tem explorado a partir de seu trabalho anterior sobre a percepção do ambiente, a dinâmica de movimento das pessoas, a criatividade da prática e a linearidade da escrita (INGOLD, et al., 2012). Tais temas dialogam com o

contexto das benzedeiras, em que se relaciona movimentações, conhecimentos e percepções sobre o ambiente vivido, os quais implicam, no caso estudado, em processos de organização política, identificação e enfrentamento de conflitos socioambientais, religiosos e políticos, e ampliação das dinâmicas de transmissão de conhecimentos tradicionais.

Em sua obra, *Lineas: una breve historia* (2007), este mesmo autor propõe uma antropologia das linhas como uma metodologia de abordagem que busque recuperar a vida dos trabalhos acadêmicos. Para ele, as linhas são vitais e estão presentes em todas as esferas da vida:

> [...] basta con pensarlo un instante para darse cuenta de que las líneas están por todas partes. Como criaturas que caminan, hablan o gesticulan, los seres humanos generan líneas allá por donde van. No se trata tan sólo de que crear líneas sea una práctica tan generalizada como el uso de la voz, las manos y los pies —respectivamente en el habla, la gesticulación y los desplazamientos— sino que incluye todos estos aspectos de la actividad humana cotidiana aglutinándolos en un único campo de investigación. (INGOLD, 2007, s/p)

O argumento de Ingold, considera que as linhas não conectam pontos formando redes, em um sentido contemporâneo do uso do termo, mas formam uma malha de caminhos entrelaçados que não estão interseccionados como em uma rede de rotas: "Las líneas de la malla son sendas a lo largo de las que se vive la vida. [...] la malla está constituida por un embrollo de líneas y no por una conexión de puntos" (idem). A noção de malha proposta permite mapear as formas em que as linhas se constituem ao longo de sua produção e não apenas a atenção aos pontos de chegada e partida que, por vezes, restringem a vida em uma linha reta com início e fim.

Na prática Ingold propõe o vaguear (andar) com o objetivo de alcançar a dimensão da constituição das linhas de vida ao longo e através dos caminhos e movimentos. Seguindo o autor, a vagueadora está em contínuo movimento - seu próprio movimento - e ilustra a ideia de mundo como uma linha de viagem. Apreender o vaguear, portanto, é possível somente vagueando, isto é, fazendo os caminhos ao longo das linhas como modo fundamental de conhecer as formas que os seres humanos povoam a terra. Nesta linha de pensamento, as formas de deslocamento e ação que constituem o modo de vida das benzedeiras, fizeram com que eu também entrasse no ritmo do movimento, deslocando-me tanto no meu campo quanto na forma de abordar, organizar e sistematizar a presente pesquisa.

Nesta perspectiva de andanças, organizo o texto em quatro capítulos orientados por linhas que são caminhos, com a finalidade de colocar-nos em movimento e caminharmos com as benzedeiras para conhecer seu modo de vida na região centro sul do Paraná. Ao que concerne à casa e o quintal, os lugares de visitas e festas, os encontros de benzedeiras, as situações de conflitos e a conquista de leis específicas, linhas que entrelaçam e formam a vida das benzedeiras.

Nesta viagem, lhe convido a colocar-se em movimento no primeiro capítulo através de *Caminhos convergentes - A casa e o quintal,* para conhecer a casa da benzedeira e seus espaços, em que o altar e o quintal são lugares convergentes que materializam e representam a diversidade de conhecimentos e práticas associadas ao benzimento. Além disso, culminam na produção do espaço de habitação, o que inclui a produção e reprodução da vida humana, vegetal e animal. Abordo a casa como um nó, onde se entrecruzam linhas de vida associadas ao cotidiano das benzedeiras, sendo referência no território de sua mobilidade, bem como, um espaço de movimentação de pessoas que buscam atendimento, e com isso estabelecem a rede de troca-dádiva de saberes, conhecimentos, alimentos, sementes, remédios e informações animadas pela economia do benzimento.

No Capítulo 2 – *Caminhos que se expandem – as visitas, os lugares e as festas* seguimos nossa caminhada. Saímos com as benzedeiras de suas casas para conhecer o território que transitam, visitando outras benzedeiras, conhecendo os lugares sagrados e participando das festas tradicionais. As visitas, lugares e festas demonstram que a atuação das benzedeiras não se restringe ao universo doméstico, tampouco sua ação corresponde apenas a cura, mas suas ações se expandem ao longo do território. Ações que apresentam implicações no mundo religioso através da realização de festas tradicionais, no estabelecimento e manutenção de redes de trocas, e desencadeamentos sociopolíticos através da luta por direitos de acesso e manutenção aos lugares sagrados.

Mais adiante, no Capítulo 3 – *Caminhos que se cruzam – construindo o Movimento* chegamos nos espaços de encontro das benzedeiras que culminam na ação política e coletiva das aprendizes da sabedoria, em que vamos repassar pela linha do tempo através dos registros e narrativas dos eventos constituintes da organização, assim como os caminhos percorridos pelas benzedeiras através da categoria de povos e comunidades tradicionais do Brasil que são importantes para formação do Movimento Aprendizes da Sabedoria. Neste contexto, as reuniões, encontros de benzedeiras e participação de eventos ampliam o potencial de

movimentações das benzedeiras que incluem novas pessoas, lugares, metodologias, assuntos, agindo como um campo difusor e enriquecedor de linhas de conhecimentos tradicionais e conhecimentos políticos que mobilizam uma rede de movimentos sociais ligados aos povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais do campo e agroecologia.

No Capítulo 4 – *A trama de caminhos e as Aprendizes da Sabedoria* vamos conhecer as situações de conflitos enfrentados pelas benzedeiras ao que corresponde aos órgãos oficiais de saúde, instituições religiosas e o mercado pela face do agronegócio. A partir disso, abordo as estratégias adotadas pelas benzedeiras diante e através da legislação nacional e internacional para efetivação de direitos coletivos na esfera local. Estas ações que resultaram na conquista de leis específicas de reconhecimento das benzedeiras por meio de movimentações locais de parcerias e sensibilização do poder público municipal e estadual, que percorreram caminhos diferentes, assim como, acionamento de debates e legislações relacionadas a saúde, a cultura, o meio ambiente e aos povos e comunidades tradicionais.

As *Considerações Finais* caminham no sentido de recuperar alguns argumentos que busquei desenvolver ao longo do texto e que são importantes para pensar em possíveis diálogos e deslocamentos a partir do presente trabalho. Assim como, os desafios que seguem no caminho das benzedeiras em relação a efetivação dos seus direitos coletivos e a necessidade de amadurecer a leitura antropológica acerca da vida das benzedeiras do interior paranaense.

2 CAMINHOS CONVERGENTES – A CASA E O QUINTAL

Neste primeiro capítulo lhe convido a caminhar à casa da benzedeira, conhecer seus espaços e perceber suas instalações como resultantes do encontro do ofício de benzedeira, com a ação das visitas que chegam diariamente em sua casa e nela transitam entre a cozinha, o altar e o quintal estabelecendo um espaço de cura, troca e conhecimento. A casa da benzedeira é um lugar de destaque no universo das práticas de cura no interior paranaense, espaço onde costumeiramente acontece o benzimento e constitui-se tanto o ofício de benzedeira quanto sua casa. A qual é tecida em seu dia a dia com entra e sai de pessoas, movimento que dinamiza o processo de elaboração, transmissão e experimentação do conhecimento tradicional das benzedeiras. Neste percurso, a benzedeira e sua morada convergem de caminhos e movimentos realizados por ela, assim como pelas trajetórias das pessoas que ali chegam de passagem, com suas histórias, angústias, enfermidades, conhecimentos, sementes, plantas e alimentos em busca de benzimento.

Nesse deslocamento, nossa visita à casa da benzedeira também é passageira, é o primeiro lugar onde caminhamos a passos curtos para conhecer a vida das benzedeiras do centro sul do Paraná, em um trajeto que segue ao longo dos capítulos. Além disso o assunto trata-se de benzimento: "a visita é por precisão e não por passeio", e por motivo de doença pode acontecer a qualquer hora a depender da urgência. Por isso, ademais de ser dia santo, dia de semana ou dia de festa, podemos bater palmas no portão da casa da benzedeira para lhe pedir benzimentos e remédios, e nesta pesquisa para lhe pedir conhecimentos e ensinamentos a fim de entender seu modo de ser e viver enquanto benzedeiras.

Portanto, aviso que para chegar até a casa da benzedeira não se recorre apenas ao endereçamento informado por ruas, números e bairros, o importante nesse contexto é a referência da benzedeira no exercício da prática de cura. Tal reconhecimento social forma-se a partir das pessoas que lhe buscam em suas casas e através dos atendimentos recebidos disseminam informações sobre a benzedeira e a localização de sua morada, bem como suas formas de benzer, atender os visitantes e, principalmente, a eficácia de suas práticas. Desta maneira, um caminho que podemos seguir entre tantos é a imersão nas suas redes de relações sociais, o que no centro sul paranaense é acessível mediante o diálogo com mulheres pertencentes a classes populares que tenham crianças pequenas. Pois, nessa região, são as mulheres mães e avós que protagonizam o público das benzedeiras, sendo comum que essas levem seus filhos e netos quando bebês e crianças para a benzedeira *cortar quebrante, curar*

sapinho, curar susto. Além de, requerer cuidados para o próprio período de gestação e puerpério por meio de *massagem para ajeitar a criança* e *garrafada para mulher de dieta*[12], entre tantas outras práticas associadas à manutenção da vida, através do cuidado com a saúde do corpo e da alma.

A cultura do benzimento no contexto estudado revela um universo permeado pelo feminino, tendo a infância e a gestação como período etário privilegiado, vinculado ao cuidado das mulheres dispensado aos pequenos. Cuidado presente tanto na realização de práticas de cura por mulheres idosas que caracterizam as benzedeiras, quanto em seu público, formado em sua maioria por mulheres mães e avós. As quais buscam as benzedeiras desde a gestação, após o nascimento das crianças e seguem visitando-as mesmo com seus filhos adultos, atrás de alívio às angústias dos seus, sejam eles filhos crescidos, maridos, familiares, amigos e conhecidos.

Nesse caminho, se ao chegar à comunidade ou bairro e ainda precisar de informações sobre como localizar a casa da benzedeira, a prática do benzimento é a referência primeira. O informante logo indicará o caminho através da popularidade do ofício em detrimento ao nome da detentora, sendo expressões comuns "a casa da curadeira" ou ainda "aquela que cura criança". Tal modo de localização e referência indica uma forma local de percepção do território onde a casa da benzedeira é um demarcador dos caminhos e lugares importantes para a população local. Em que a prática de cura faz parte do cotidiano da localidade, aproximando narrativas acerca de experiências pessoais e familiares com benzedeiras.

Nesse trajeto, a benzedeira quanto uma referência para a prática de cura constitui-se a partir de sua procura pelas pessoas que carecem de benzimento e a propagação realizada por essas em relação ao seu modo de ser, viver e benzer. Ao perguntar para minhas interlocutoras sobre como iniciaram-se no ofício de cura as respostas articulam-se ao dom de cura, seguido da procura espontânea das pessoas por elas, e ao fato da conduta do dom que não permite recusar ajuda ao outro. No entanto, a procura das pessoas por seu ofício de benzer e curar, são elementos dialógicos e articulam a noção do dom nos termos de Marcel Mauss, tendo como base a lógica da reciprocidade entre benzedeiras e atendidos/visitantes que viabilizam a realização do seu dom e a formação de sua identidade quanto detentora de ofício tradicional de cura.

---

12 Bebida preparada a partir de ervas, sementes, cachaça ou vinho que auxiliam na recuperação da mulher após o parto, o período de dieta compreende os primeiros 40 dias do puerpério.

Marcel Mauss (1925 *apud* 2008) descreve que a troca-dádiva presente nas sociedades tradicionais forma um sistema econômico de "caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e, no entanto, obrigatório e interessado, dessas prestações" (p. 188). A perspectiva do autor pode ser pensada em relação ao benzimento em várias dimensões, em que a prestação principal da benzedeira é o benzimento, o qual é retribuído na forma de presentes, serviços, compadrio e na própria formação do *status* da benzedeira através da visita. Além disso, existe a prestação das benzedeiras para os santos e divindades, por meio das devoções expressas no ato de queimar velas, realizar orações e pagar promessas, geralmente por intermédio da celebração de novenas, romarias e festas para cultuar e homenagear os santos protetores.

Os presentes em forma de alimentos (mel, melado, cerveja caseira, feijão crioulo, ovos caipira, galinha caipira, leite, manteiga, doces de frutas), mudas e sementes (plantas medicinais, alimentícias e florais), roupas, calçados, utensílios domésticos (pano de prato, toalha de banho, potes de plástico), artigos religiosos (velas, terços, livros, imagens de santos), lenha e palha; e os serviços como trazer lenha, dar caronas, fazer favores que concernem em entregar recados, buscar e trazer coisas, estabelecem reciprocidade entre benzedeiras e visitantes. Ação conformada pelo dar e receber, que extrapola a transação do benzimento, sendo uma regra que integra o modo de vida das benzedeiras e de suas comunidades.

Ao visitar a casa da benzedeira Dona Agda na cidade de Rebouças, logo no portão de entrada ela aponta a pilha de lenha que recebeu de presente de um vizinho que segundo ela "sempre procura benzimento" e lhe trouxe lenha cortada, ao mesmo tempo ela relata que "aqui nunca falta lenha". Seguindo a perspectiva de dar e receber, dentro de sua casa a benzedeira detém um móvel onde armazena os inúmeros presentes que recebe por seus atendimentos. Uma gaveta é dedicada a toalhas de banho, outra a cosméticos, em uma caixa artigos de costura e na parte interna casacos e sacolas com calçados. Acionando a reflexão do antropólogo indiano Arjun Appadurai (1986), pode se dizer que Dona Agda lembra da "biografia" de cada objeto, associando quem foi a pessoa que o trouxe, onde ela mora, qual seu problema de saúde e que tratamento ela indicou, revelando em parte a vida social das coisas, através da relação de troca instaurada pelo benzimento. Enquanto que a benzedeira Ana Maria, da mesma cidade, mostra com carinho cada pano de prato, lençol e cobertor ganhado em retribuição a seus benzimentos, recordando a ocasião exata que gerou o presente. Diferente de Dona Agda, ela não usa os objetos no dia a dia, deixa-os guardados para que não estraguem, o valor agregado a eles que destoa de sua função primeira, concebendo os objetos como munidos de sentimentos de seus

doadores e construindo com eles uma relação própria de armazenamento e cuidado. O valor dos presentes é expresso também por Dona Rosinha da cidade de Irati, ao mostrar uma bonita bolsa de tecido que usava no encontro de benzedeiras na comunidade de Cachoeira, em que conta a suas companheiras que:

> Depois de tanta correria, a mulher queria que eu fizesse preço pra *machucadura*, eu não posso fazer preço. Aí ela me deu essa bolsa. Um presente desse não tem preço.

A razão moral e religiosa imbricada na relação do benzimento implica em "retribuir o presente recebido" (MAUSS, 2008, p. 188). Tal operação se estende as prestações das benzedeiras aos santos e divindades, porque elas concebem o dom de cura enquanto "um dom de Deus". Neste sentido, o ato de receber o dom de graça é o imperativo para continuar transmitindo-o de forma gratuita, pois este representa, como afirma Dona Agda, "uma missão sagrada, deixada por Deus e assumida por nós". Por isso, Ana Maria explica que a cura deve ser atribuída a Deus:

> não agradeça a eu, agradeça a Deus. Porque eu não te curei eu só pedi, porque eu não tenho o poder de curar, quem tem é Deus. A gente só pede.

Assim, as benzedeiras colocam-se na posição de mediadoras de relações ligadas aos processos de cura: ao pedir pela melhora de certa pessoa elas mediam a relação entre o enfermo e o sobrenatural, criando uma relação de prestação entre elas e o sagrado. O papel de mediação também aparece em outros aspectos do cotidiano, principalmente na casa da benzedeira como um lugar de passagem, concentração e distribuição de informações, conhecimentos, sementes, remédios e alimentos, como veremos logo adiante.

Seguindo a perspectiva do dom, o ofício de benzedeira não é exercido como atividade econômica no contexto estudado. Assim como elas não podem cobrar, também não se recusam a receber presentes e doações em forma de reciprocidade aos seus atendimentos. Fator que faz parte de uma grande rede de movimentação de bens e serviços, mas que não significam pagamento por prestação de serviço, existindo um modo próprio de circulação dos bens materiais e imateriais. Reafirmar a gratuidade do dom de cura é uma constante em suas narrativas, como o relato de Ana Maria quando conversávamos em sua casa sobre a prática de cura:

> Eu nunca cobrei, eu peço pra Deus curá. As vezes a pessoa me dá um dinheirinho e as vezes eu nem quero pegar, eles ponham em cima da mesa - "então deixe aí eu compro a vela". Eu compro um maço de vela e acendo ali [altar], mas eu nunca cobrei, como eu nunca ganhei dinheirão também. Já atendi bastante gente que veio falar pra mim que sarou, mas eu nunca ganhei. Porque os antigos não cobravam, algum levava uma galinha, dois litros de leite, levava um pacotinho de feijão, mas cobrar mesmo não. E ainda quando levavam um pacotinho de feijão o pai não deixava nós comer, porque era pra plantar que dava bem. Nem no passado cobrava, mas para eles era muito importante, se a gente ganha um pano de prato a gente guarda com carinho.

Neste movimento, existe uma postura entre minhas interlocutoras vinculadas ao MASA que não inclui em seu grupo social as benzedeiras que cobram algum valor monetário em troca da prática de cura. Nesse sentido, a noção de *não cobrar*, além de ser um princípio, é um demarcador identitário do Movimento, que inclui e exclui benzedeiras. Tal postura é um sinal diacrítico das fronteiras que caracterizam a identidade coletiva do grupo (BARTH, 1998), a qual é aberta às diferentes experiências, conhecimentos e fazeres em relação ao benzimento, mas que se fecha em relação ao cobrar pelo benzimento. Fator que traduz uma percepção coletiva sobre o ofício de benzer, que viabiliza a unidade das detentoras que se autorreconhecem enquanto benzedeiras.

Nesta perspectiva, os benzimentos não são um produto econômico para as benzedeiras: não é possível vender e tampouco cobrar por um benzimento. Ao não poder pagar com dinheiro o cuidado dispensado pela benzedeira através do ato de benzer, a pessoa fica devendo obrigação a ela. Em várias situações, escutei de mulheres que visitavam as benzedeiras a expressão "lhe devo obrigação", que é bastante usual neste universo. O *dever obrigação* faz parte de uma rede de sociabilidade em que os conhecimentos de cura são inseridos no rol de troca-dádiva. A impossibilidade de compensar a benzedeira financeiramente devido à gratuidade do dom aciona a noção do dever que, mediante visitas, presentes, doações e afilhados, estabelece a rede de reciprocidade gerada e animada pelo benzimento.

Assim, muitos afilhados da benzedeira estão relacionados à própria prática de cura, foram benzidos por elas e, por isso, foram convidadas por suas mães e pais a serem madrinhas em sinal de reciprocidade. Tal operação envolve os companheiros das benzedeiras que aderem à lógica do compadrio através do batizado. Dona Rosinha, conta que:

> Um tempo nós fizemos um cálculo com o véio quando nós ainda tava junto. Nós temos mais de 70 afilhados, incluindo a Santa, São João Maria e incluindo a igreja[13].

Na mesma direção, a benzedeira Dona Sebastiana da cidade de Irati relatou-me que tem 168 afilhados de diferentes idades e que regularmente recebe visita de um e de outro. Dona Mena, que vive na comunidade de Saltinho, até onde sua memória alcança coleciona 83 afilhados. Dona Agda mais de 50 e Ana Maria, que é umas das benzedeiras mais jovens, aos 53 anos detém 25 afilhados – número relevante tendo em vista que ela não tem filhos, e o compadrio também é uma relação de troca entre as famílias, mecanismo acionado e fortalecido principalmente durante o período reprodutivo das mulheres.

A economia do benzimento, além de complexa, é potente, nela se encontram e se entrecruzam linhas de vida que exprimem relações de amizade, solidariedade, parentesco e compadrio. Uma forma de vida tecida por benzimentos, visitas, presentes, favores e afilhados que se coloca na contramão do mercado capitalista. Porque diferente dele, para as benzedeiras a saúde não é um produto rentável, mas uma relação de vida que permanece para além da prática do benzimento. O caminho das benzedeiras oposto ao caminho das relações comerciais, é possível pelo coletivo em detrimento ao individual. Mesmo que elas tenham trajetórias e especialidades que enaltecem sua individualidade, sua ação é coletiva e em prol do bem comum, pois nenhuma pessoa é excluída da rede da benzedeira; pelo contrário, em sua casa são acolhidas pessoas pertencentes a diferentes religiões, classes econômicas, lugares e idades. Sendo que seu papel de mediação anima o processo de troca-dádiva, e a transmissão, distribuição e repartição de conhecimentos, bens e serviços que acontece em sua casa.

Assim, continuamos nossa jornada para visitá-la, os caminhos são múltiplos. Alguns mais pertos, outros mais longes, depende da referência que tenha sobre a benzedeira, a lógica local não é a distância, mas sim a fama da terapeuta, a experiência pessoal ou familiar com a benzedeira em questão e sua especialidade. Em muitos casos, as pessoas deslocam-se a outras comunidades e municípios, deixando de consultar-se com benzedeiras vizinhas, isto por não as conhecerem ou ainda por não deterem relações próximas a elas, buscando tanto a benzedeira de confiança quanto a especialista na cura de determinada doença, ademais da distância.

---

13 Na região centro sul do Paraná, existem diferentes formas possíveis de estabelecer compadrio, entre as mais comuns, estão no batizado, que pode ser realizado em casa, na igreja, nos olhos d'Água de São João Maria, na imagem da Santa na cidade de Irati, além de grutas. Ainda, o compadrio se faz presente através da primeira eucaristia, crisma e casamentos civis e religiosos.

A especialidade da benzedeira consiste no benzimento que realiza para solucionar um problema de saúde específico, tornando-se referência naquele assunto. A benzedeira Dona Rosinha relata que faz benzimentos mas "o que é meu é a massagem para *arrumar machucaduras"*. Da mesma forma, Dona Jacira, da cidade de Irati, é buscada para fazer a simpatia de meningite, sendo indicada por outras benzedeiras para realizar tal procedimento, como relatou a benzedeira Dona Sebastiana em um encontro comum: "chega lá em casa eu mando em você [Jacira], porque meningite é só você". As especialidades emergem da trajetória de cada benzedeira, suas experiências pessoais e os conhecimentos adquiridos ao longo de suas caminhadas. Dona Agda é reconhecida tanto pelas outras benzedeiras quanto por seu público pelo grande conhecimento no uso e preparo de plantas medicinais. Filha de homeopata e benzedor, conta que desde criança aprendeu com o pai a identificar, cultivar, coletar, usar e preparar as plantas, ampliando seu conhecimento através da experiência na prática de benzedeira. Além disso, na última década através do seu contato com outras detentoras de ofícios tradicionais de cura, por meio de encontros, cursos, oficinas e livros viabilizados pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria. Deste modo, as benzedeiras também são reconhecidas por suas especialidades, como as práticas de *amaldiçoar bicheiras, costurar rendidura, preparar garrafada, virar/derramar cera, curar cobrero, benzer de bichas, cortar mingua,* e assim por diante, fazendo que uma pessoa ao longo de sua vida busque diferentes benzedeiras conforme as fases da vida e os problemas que queira solucionar.

O deslocamento corporal até a casa da benzedeira é realizado a pé, a cavalo, de bicicleta, de carro, de carroça e de ônibus, uma viagem solitária e as vezes com outras pessoas com interesse comum, o que contribui para a formação do *status* da benzedeira que se torna procurada para além dos moradores de sua localidade. O acesso nem sempre é fácil, depende do lugar onde você esteja para deslocar-se até a casa das benzedeiras, as quais vivem em comunidades rurais, comunidades tradicionais de faxinais, pequenas cidades e bairros periféricos. Nas margens das cidades e no extenso interior paranaense, através de estradas de terra e ruas pouco pavimentadas, chegamos em suas casas. As imagens abaixo (Figuras 5 a 12) comunicam os caminhos trilhados entre florestas de araucária, monocultivos florestais, plantações de fumo, comunidades rurais e bairros afastados dos centros das cidades que conectam casas e caminhos. Os caminhos viabilizam o movimento pelo vasto território habitado pelas benzedeiras do centro sul do Paraná.

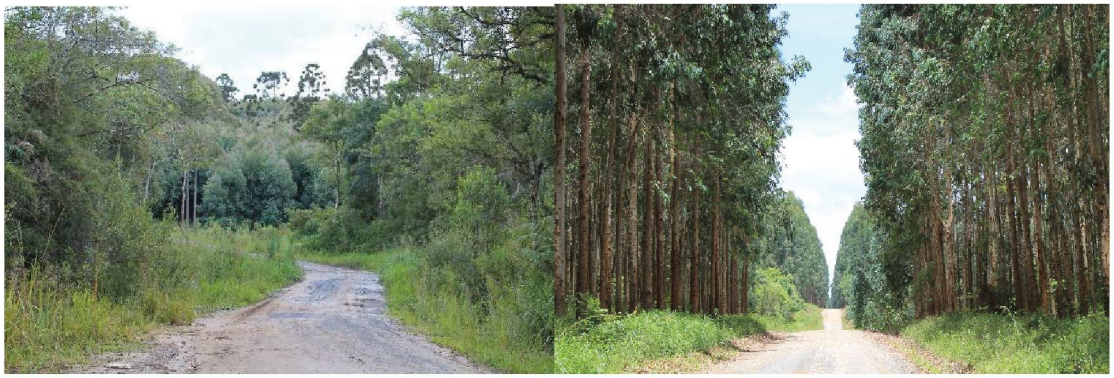


FIGURA 5 – Estrada do Faxinal do Seixas acesso à casa da Dona Heleninha. FOTO: Taisa Lewitzki, 2013. LOCAL: São João do Triunfo/PR. *FIGURA 6 – Estrada que liga o Distrito de Angaí à comunidade de Cachoeira, acesso à casa da Dona Tila. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: São João do Triunfo/PR.* *FIGURA 7 – Estrada da comunidade de Canudos, acesso a casa da Dona Ester. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: São João do Triunfo/PR.*
FIGURA 8 – Estrada da comunidade de Cachoeira, acesso a casa de Dona Tila e Marilu. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL:

São João do Triunfo/PR. *FIGURA 9 – Rua da Vila Facão em Rebouças, acesso a casa de Ana Maria e Dona Dejanira. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR. FIGURA 10 – Rua do bairro Vila Nova, acesso a casa de Dona Rosinha e Dona Nilza. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Irati/PR.* *FIGURA 11 – Estrada que liga Irati a São João do Triunfo via Fernandes Pinheiro FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Fernandes Pinheiro/PR. FIGURA 12 – Estrada da comunidade de Padre Chagas, casa da Dona Paulina. FOTO: Taisa Lewitzki, 2016. LOCAL. Padre Chagas – KM 104, Inácio Martins/PR.*

Antes de entrarmos na sua morada, esclareço que concebo a "casa" como um nó que conforma o território de mobilidade das benzedeiras, em que se entrecruzam linhas de movimentações. As linhas são movimentadas através da circulação de pessoas, plantas, mudas, sementes, alimentos, informações e conhecimentos tradicionais relacionados à agrobiodiversidade local. Estes são elementos constantemente intercambiados pela ação de mediação das benzedeiras, realizada através da concentração, distribuição, transmissão e circulação desses recursos materiais e imateriais por intermédio das pessoas que circulam por sua casa. Tim Ingold (2007) argumenta que os "nós" não são apenas pontos que conectam linhas, mas sim emaranhados de linhas de vida que se entrecruzam formando tramas através do adensamento de linhas, as quais podem ser caminhos, trilhas, traços, rastros entre outras marcas que são formadas ao longo da vida. Lugares, portanto, interessantes para observar a dinâmica da vida por meio de encontros e sobreposições.

Nesta linha, percorreremos a casa da benzedeira, espaço de produção e reprodução da prática do benzimento em que se destaca a relação do ofício de benzedeira com a estrutura da residência. Observando, para tanto, a importância da cozinha como espaço de sociabilidade, a centralidade do altar como lugar ritual e o quintal como manifestação de conhecimentos tradicionais associados ao território das benzedeiras. Espaços da casa que concretizam e representam a diversidade de crenças, trocas, conhecimentos e práticas associados ao benzimento. Através do olhar sobre a construção da casa, busco revelar as linhas de vida cultivadas e formadas pelas benzedeiras ao longo de suas trajetórias, tendo a casa como um lugar em que caminhos se convergem e resultam em um modo de ser e viver como benzedeiras no interior do Paraná.

Seguindo tal caminho, parto da concepção de que a prática do benzimento é por si mesma um ato político de resistência, pois mobiliza formas de sociabilidades que visibilizam um modo de vida na contramão do modelo hegemônico das relações baseadas nas trocas monetárias. Nesta direção, a antropóloga indiana Veena Das (2008) reflete sobre a resistência cotidiana, ao etnografar formas de agência acionadas por mulheres sobreviventes de ataques políticos na Índia na produção da vida diária, através da realização de práticas triviais como preparar as refeições, cuidar das crianças e limpar as casas. A autora argumenta acerca da

potência da agência para além dos eventos heroicos e extraordinários: a produção do dia a dia, portanto, implica no estabelecimento e manutenção de relações sociais. Assim, percebo que as benzedeiras realizam operações diárias na costura de sua trama de relações sociopolíticas que são extremamente importantes para compreender suas formas de conceber e interagir com a vida, assim como para a manutenção do ofício de benzedeira ao longo da história.

2.1 VISITANDO A CASA DA BENZEDEIRA

FIGURA 13 - Casa da Dona Rosinha. FOTO: Taisa Lewitzki, 2013. LOCAL: Faxinal dos Seixas, São João do Triunfo.

Ao visitarmos as benzedeiras, chegamos em sua casa pelo portão que separa a rua, a estrada e o faxinal do quintal. O portão não limita a extensão da casa que pode avançar o território através das plantações, criações, construções e caminhos. No entanto, esse é o ponto onde devemos nos apresentar e esperar que a benzedeira nos convide a entrar. Nas imagens abaixo, observamos o movimento das benzedeiras Dona Nice (Figura 14) em sua casa no Faxinal Marmeleiro de Baixo em Rebouças e Dona Tila (Figura 15) na comunidade de Cachoeira em São João do Triunfo. As quais olham através do portão a visita que chega, até identificar e então recepcionar a visitante, como manda a regra local, sempre é a benzedeira como dona da casa quem vai até o portão receber a pessoa que chega.

FIGURA 14 – Dona Nice em sua casa. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Faxinal Marmeleiro de Baixo, Rebouças/PR. FIGURA 15 – Dona Tila em sua casa. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

Nesta chegada, sentimos os primeiros odores exalados pelas plantas, vendo os diferentes tons de verde que contemplam a paisagem e encontrando os primeiros animais, sejam os cachorros, gatos e pássaros de estimação ou os porcos, cabras, vacas, cavalos, galinhas e demais aves criadas na redondeza do pátio. A porta da cozinha que é a entrada dos fundos sempre está aberta e, desde dentro, a benzedeira avista a face da pessoa que bate palmas ao seu portão. Os calçados na porta da casa da benzedeira indicam a presença de visitas, quantas crianças e quantos adultos, afinal tirar o calçado para entrar na casa é uma maneira de demonstrar respeito com o local, sendo comum a prática tanto nas casas quanto nas igrejinhas de santos presentes nas comunidades rurais. Na ocasião apresentada abaixo (Figura 16), o número de pares de calçados na porta da benzedeira Dona Dite em sua casa no Faxinal do Salto em Rebouças, indica o dia de festa. Situação em que o público aumenta substancialmente, inclusive as crianças que são as principais convidadas para a Mesada de Anjos, a qual a festeira realiza anualmente no dia 28 de dezembro em homenagem aos Santos Inocentes.

FIGURA 16 – Calçados na porta da casa da Dona Dite. FOTO: Taisa Lewitzki, 2009. LOCAL: Faxinal do Salto, Rebouças/PR.

Se for um dia de calor possivelmente podemos nos assentar na área externa da casa desde onde se observa o movimento da rua e dos vizinhos, como nesta tarde na casa da benzedeira Dona Alzira (Figura 17) em Rebouças, quando acompanhada de Ana Maria fomos tomar chimarrão em sua morada. Assim como, na casa da benzedeira Dona Ester (Figura 18) na comunidade de Canudos em que optamos com Dona Agda e Marilu em nos acomodar na área de sua residência, visto que a conversa era breve e a visita de passagem.

FIGURA 17 - Casa da benzedeira Dona Alzira. FOTO: Taisa Lewitzki, 2017. LOCAL: Rebouças/PR. *FIGURA 18 – Casa da benzedeira Dona Ester. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Canudos, São João do Triunfo/PR.*

Caso contrário logo somos convidados a entrar para a cozinha. No interior da casa é acessível às visitas a cozinha, a sala e o banheiro se necessário, vetado acesso à dispensa e aos quartos que despertam curiosidade das crianças. As casas são de madeira de araucária[14], ou ainda a construção mais recente de alvenaria usada nas áreas externas, no assento do fogão a lenha e no banheiro, intercalado com a madeira que sustenta o centro da casa. Comumente as

14 Árvore símbolo do Paraná e uma das principais espécies que caracterizam o bioma floresta de araucária presente na região centro sul paranaense.

casas dispõem de cozinha com dispensa em anexo, sala conjugada a cozinha ou separada, dois a três quartos, áreas externas frente as portas principais e um banheiro. Em geral os banheiros foram agregados nos últimos anos e ficam na parte externa da casa utilizando a mesma estrutura das áreas em alvenaria, o que não exclui a permanência das privadas de madeira afastadas da residência. O local destinado a lavar roupas, assim como os varais ficam para fora da casa, no pátio ou nos fundos do quintal.

Os visitantes são convidados a sentar-se num primeiro momento na cozinha, lugar privilegiado para hospedar as visitas, principalmente se forem mulheres. Desde esse lugar, a observação apreende a *garrafada para mulher de dieta* fermentando no canto escuro do armário, uma pomada *cura tudo* feita de ervas disfarçada em um frasco de Omega3, um remédio do mato colhido na Sexta-Feira Santa secando no beiral da casa, uma agulhinha de costura de rendidura camuflada no calendário de 2014, a panelinha de derramar cera perdida em meio às panelas fartas de comida no fogão a lenha, papéis com sementes enroladas guardadas dentro de copos de enfeite na estante, pedaços de cera de abelha que facilmente confundem-se com sabão aos olhos do visitante, saquinhos plásticos com pétalas de rosa branca pra fazer simpatia e outras muitas coisas. Em cada lugarzinho entre utensílios domésticos, alimentos e mobílias, encontra-se um conhecimento de cura esperando a hora certa de ser movimentado.

Enquanto toma-se chimarrão[15] em volta do fogão a lenha se conversa sobre variados assuntos - previsão do tempo, andamento das roças, situação familiar, novidades locais. Atualizando, dessa forma, a benzedeira sobre as relações sociais da sua comunidade de morada e sobre a vida das pessoas com as quais está conectada, o que é uma importante fonte de informação para a benzedeira que domina em parte a história dos locais. A parteira Dona Chica (Figura 19) em sua casa na comunidade de Rio Bonito, como o costume das benzedeiras nós enche o chimarrão, a etiqueta da bebida faz com que a benzedeira coloque o ritmo na visita já que este é comum em qualquer horário, antecede uma refeição, acompanha a conversa e combina com o paieiro[16]. Nesse movimento, *encostar a cuia*, ou seja, parar de servir o chimarrão sinaliza uma outra fase da visita, o benzimento, a refeição ou a despedida.

---

15 Bebida quente a base de erva-mate, uma espécie vegetal nativa da região que é extraída na primavera e consumida no decorrer do ano, a bebida é preparada e servida pela anfitriã aos visitantes seguindo a disposição da roda em que estão acomodados.

16 Cigarro elaborado com a palha do milho e o fumo preto, bastante apreciado pelas benzedeiras. As quais, geralmente dispõem de um recipiente com palhas e fumo preparados para a visita *pitar* (fumar), o que demonstra uma forma peculiar de hospedar os visitantes.

FIGURA 19 – *Dona Chica enchendo o chimarrão. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.*

Após a primeira conversa, o assunto do benzimento é introduzido pela narrativa do visitante sobre os sintomas e causas do desconforto. Na sequência, a pessoa é convidada a sentar-se em uma cadeira que fica posicionada em frente ao altar, situado na sala ou em um espaço reservado para a realização do benzimento. Nos casos das benzedeiras Dona Jacira e Dona Agda que são bastante procuradas, formando espera por seu atendimento, apresenta-se uma forma de hospedar diversa, em que o benzimento desenvolve-se de forma direta e imediata.

No caso de Dona Jacira que é especialista na simpatia de meningite, além de outras práticas de cura, devido ser muito procurada buscou estabelecer um horário de atendimento: começando às 8:30 da manhã com pausa para o almoço das 11:30 às 13:30 e encerrando às 17 horas e reservando as terças e às quintas-feiras para seus afazeres. No entanto, ela argumenta que "não tem como deixar as criancinhas, só eu que faço a da meningite" então continua atendendo a quem precisa se necessário for. Em uma das vezes que estive em sua casa, enquanto conversávamos, acumularam-se pessoas à sua espera, entre estas, uma mãe com o bebê recém-nascido, um homem vindo do interior do município e duas irmãs adultas que estavam com o tratamento em andamento.

Dona Agda me relatou que é comum quando sai de casa, chegar e ter alguém a sua espera, situação que vivenciamos várias vezes. Em dois momentos, enquanto pernoitava em sua casa, passado das dez horas da noite, fomos acordadas por uma mulher que precisava de um remédio calmante para a sogra que havia perdido o filho em um assassinato, aproveitando a oportunidade, uma outra senhora que passava na rua pediu por remédio para o filho que havia cortado o dedo. Na noite seguinte, foi a vez de uma mãe a precisar de remédio para cólica de criança. A benzedeira que vive sozinha, em nenhum dos casos hesitou em levantar-se e atender prontamente as pessoas que lhe procuravam. Algumas muito apressadas, como o caso de um homem que ainda muito cedo, sem descer da moto pediu à mulher que atropelasse as pulgas de sua casa, a benzedeira contestou que quando chegasse em sua residência não haveria mais pulgas. Essas passagens demonstram de forma breve que a circulação de pessoas na casa da benzedeira é bastante pertinente e sua intensidade depende entre outros fatores da popularidade da terapeuta, a diversidade de suas práticas e sua disponibilidade de atendimento, o que altera a forma de hospitalidade mais comum.

O altar é o lugar primeiro para o benzimento, ademais de ocupar a sala, geralmente existe um oratório no quarto da benzedeira onde ela realiza suas orações no início e no final do dia, pedindo as divindades a cura para as pessoas que atendeu naquele período. A benzedeira Dona Deja tem seu altar principal no quarto, mas não recebe as pessoas nesse espaço porque além de ser um lugar privado, quando sozinha se sente insegurança em atender homens estranhos em seu dormitório, por isso, montou no canto da sala um novo altar. Diferente da benzedeira Dona Rosinha que é especialista em massagem e precisa da cama para atender as pessoas que se encontram *machucadas*. Sua prática demanda que a pessoa deite na cama de cabeça para baixo para ser massageada e rezada sob as costas, para ela não há problema em compartilhar seu quarto com a prática de benzimento, visto que está "a serviço da vida" como me comunicou.

No entanto, a maioria das curas acontecem no altar da sala e a primeira ação da benzedeira é acender a vela, pegar o terço na mão e começar a rezar em voz baixa, conforme a moléstia faz-se perguntas repetidas para a pessoa benzida responder, em geral usa-se água com um galho de arruda ou outra erva específica para aspergir água sobre a pessoa, por isso, as benzedeiras são caracterizadas também por seus "dizeres" (BEM, 2015). Como observamos na imagem abaixo (Figura 20), as benzedeiras também se benzem, em uma visita à Dona Jacira na cidade de Irati, Dona Rosinha que me acompanhava na ocasião aproveitou para benzer-se com sua companheira a quem sempre recorre quando precisa.

FIGURA 20 - Dona Jacira benzendo Dona Rosinha. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Irati/PR.

Quando o problema é *ar*, diferente do benzimento que consiste na realização da oração e aspersão de água sobre a pessoa, demanda-se uma simpatia, prática que requer um rito específico, em que procedimentos são realizados. No caso da *simpatia para cortar ar*, é necessário que a pessoa deite no terreiro para que tenha contato direto com a terra, havendo um deslocamento para fora da casa, neste sentido, a casa da benzedeira precisa ter um espaço de terra em seus arredores. Essa era uma das preocupações de Dona Sebastiana ao reformar sua casa, com o fechamento da porta da cozinha que dava acesso direto ao terreiro dos fundos onde realizava a simpatia, explorava outras possibilidades em seu terreno para reservar um espaço com as condições necessárias para *cortar o ar* que consiste em um espaço de terra que não seja íngreme. Em uma das vezes que me hospedei na casa da benzedeira Ana Maria, na primeira hora do clarear do dia presenciei a realização de tal simpatia, a benzedeira recebeu em sua casa uma mulher acompanhada de seu marido e de seu filho que vinham do interior do município. Ela procurava alívio a intensa dor de dente que sentia a vários dias, após o benzimento no altar da sala a benzedeira diagnosticou que ela estava com *ar*. Então, foram para a fora da casa, a mulher deitou na terra com a barriga para cima e a benzedeira rezou seu corpo cortando simbolicamente seus extremos com o facão. A benzedeira Dona Agda me explicou que o *ar* decorre de vários elementos, ciclos e efeitos da natureza sobre a pessoa, sua maior expressão é

a réstia de luz oriunda do mar, da água, do sol, da lua, das estrelas, da noite e do dia, que ao refletir sobre a pessoa pode *arejar*, isto é, causar dores e desconfortos ou ainda agravar um problema de saúde já existente. *Cortar o ar* significa, portanto, romper tal efeito através da simpatia, segundo Dona Agda os bebês são mais sensíveis a réstia do que os adultos, porque não estão acostumados com ela e por isso facilmente *pegam ar* que se manifesta no *quebrante* que é o ato da criança rir, piscar e chorar quando dorme. O *quebrante* além de atingir as crianças pode recair sobre adultos, através da admiração excessiva de uma pessoa em relação a outra, ou ainda, *olhado, olho gordo, olho avarento* ou *olho ruim*, um sentimento próximo da inveja que pode ser involuntário inclusive, que causa desânimo, piscadela, bocejo e preguiça.

Após o benzimento é normal que a pessoa se despeça com pressa alegando outros compromissos e afazeres, agradecendo a boa vontade da benzedeira e indo embora levando alguma erva do quintal ou remédio caseiro recomendado pela terapeuta. A fim de seguir o tratamento em casa com chás, banhos e esfregações regulados pela fase da lua e estágios do sol ao longo do dia. No entanto, mesmo que a visita permaneça pouco tempo na casa da benzedeira, em média meia hora, afinal não se trata de uma visita de passeio, mas com o propósito do benzimento, o visitante tem acesso a muitos elementos informativos. A composição da casa em geral é um mosaico de conhecimentos, saberes, práticas, memórias, uma montagem elaborada ao longo do tempo vivido, através da qual temos acesso ao universo da benzedeira.

A casa da benzedeira, portanto, é um lugar de vida em sua amplitude, ponto de encontro de linhas vitais que conformam um nó que visibiliza a relevância do ofício tradicional de cura no contexto de estudo. Espaço de habitação, onde a benzedeira mora sozinha ou com familiares e onde a vida é cultivada em suas diversas formas, seja pelo lugar de referência que a casa da benzedeira ocupa na constituição de sua família – na qual ela detém a posição de matriarca devido a sua centralidade e ser tia cuidadora –, seja pelo espaço de cuidado com a vida através do benzimento, ou ainda pelo seu cultivo por meio dos quintais que contemplam plantas e animais. Lugar que a vida como um imperativo do cotidiano precisa ser criada e cultivada através da ação da benzedeira. Dona Heleninha é benzedeira e faxinalense, seu cotidiano no Faxinal dos Seixas é permeado pelo conhecimento de criar, plantar, extrair e benzer. Além dos seus cultivos na horta e na roça, ela cria porcos, cabras e galinhas à solta no criadouro comunitário do faxinal. Adicionalmente, a benzedeira é conhecedora da biodiversidade local, usando as árvores que são remédio e dominando as formas de coleta e manejo de cascas, raízes e folhas que usa no tratamento da saúde de sua comunidade. Em sua prática diária, Dona

Heleninha (Figuras 21 e 22) movimenta-se entre a casa e o faxinal no atendimento das crianças, no cuidado com os animais, no cultivo dos alimentos, nos afazeres domésticos e na participação em organizações comunitárias de agricultores, faxinalenses e benzedeiras.

FIGURA 21 - Dona Heleninha, alimentando seu cabritinho. FOTO: Taisa Lewitzki, 2013. LOCAL: Faxinal dos Seixas, São João do Triunfo/PR.

FIGURA 22 – Dona Heleninha coletando casca de pau d'Ándrade. FOTO: Taisa Lewitzki, 2011. LOCAL: Faxinal dos Seixas, São João do Triunfo/PR.

Assim como Dona Heleninha, que não se casou, sua irmã e vizinha Dona Rosinha também é solteira. Característica familiar e domiciliar presente na maioria de minhas interlocutoras, que são solteiras, viúvas, separadas e mães de filhos adultos. Apenas as mulheres mais jovens[17], como o caso da remedieira Dona Genir de 57 anos que mora no Faxinal Marmeleiro de Baixo, a benzedeira Dona Terezinha de 55 anos que reside na comunidade de Invernada e a benzedeira Ana Maria de 53 anos, vivem com seus maridos. Outra situação é representada pelas benzedeiras Dona Dejanira da cidade de Rebouças e Dona Jacira da cidade de Irati que neste universo etário são consideradas pelas demais benzedeiras como um pouco mais idosas, passando dos 70 anos, elas convivem com seus companheiros resultantes do segundo casamento e vizinham com suas filhas e filhos. As viúvas são a maioria. Dona Donária da comunidade de Rio Bonito vive com sua filha mais velha, assim como Dona Tila da comunidade de Cachoeira que além de habitar com a filha, conta com sua nora que vive ao lado de sua casa, enquanto Dona Sebastiana da cidade de Irati compartilha sua residência com uma de suas netas adultas. No município de Rebouças, Dona Glorinha, Dona Chica e Dona Mena também são viúvas e vivem sozinhas, mas moram ao lado da casa de seus filhos tendo suas noras como companheiras. De forma similar é o caso de Dona Agda que é vizinha de bairro de suas filhas, assim como Dona Rosinha na cidade de Irati. Há benzedeiras que não se casaram, como o caso de Marilu de São João do Triunfo, que reside com sua irmã que também não optou pelo matrimônio. O mesmo acontecia com Ana Maria de Rebouças que, antes de se casar, dividia sua habitação com uma de suas irmãs solteiras que atualmente é sua vizinha de rua, assim como sua sobrinha que se casou e construiu sua residência na esquina de sua morada.

A vizinhança com os parentes e as histórias familiares indicam que a casa da benzedeira se situa entre as residências de irmãs e irmãos, filhas e filhos casados, sobrinhas e sobrinhos, entre outros parentes que constituem família e vão construindo e modificando suas moradas nas proximidades. Tal movimento indica uma forma de ocupação fundiária no interior do Paraná, em que as casas são construídas em terras familiares, provocando a concentração de parentes em uma mesma área. Desta forma, a rede primeira de relações sociais das benzedeiras é o parentesco, que consiste tanto em relações afetivas quanto produtivas, auxiliando as

17 As benzedeiras consideradas "jovens" pelas demais benzedeiras, são mulheres que já estão na faixa dos 50 anos, adentrando a terceira idade.

benzedeiras na manutenção de suas habitações e afazeres, assim como na produção do cotidiano.

As narrativas das benzedeiras apontam que, quando vivem acompanhadas por familiares e companheiros, não é para serem cuidadas por eles, mas sim para cuidá-los. Ademais de existir uma relação de reciprocidade devido à companhia, aos recursos financeiros e à afetividade, elas colocam-se como cuidadoras dos seus. Dona Tila relatou-me que é o tudo de sua filha que precisa de cuidados devido a problemas de saúde, o mesmo contou-me Marilu que cuida de sua irmã que está em recuperação do tratamento de um câncer. Dona Glorinha cuida de sua bisneta para a esposa do seu neto poder trabalhar, enquanto Dona Sebastiana cuida tanto da manutenção da casa quanto da preparação das refeições para facilitar a rotina de sua neta que trabalha fora. Ana Maria casou-se com o João porque ele é boa pessoa e além disso precisa de cuidados, porque detém uma doença mental.

A noção do cuidado permeia o cotidiano das benzedeiras, manifestando-se nas tarefas diárias de administração, organização e manutenção da casa, o que implica o pagamento das contas, a realização de compras no centro da cidade, a limpeza do lar, o preparo das refeições, o cultivo de alimentos, a criação de animais e o cuidado com a saúde em sentido amplo, tanto no tratamento quanto na prevenção, através da criação de um ambiente doméstico propício à vida. Essa relação de moradia e cuidado evidencia a solidariedade entre as mulheres, em que as benzedeiras contam em primeiro plano com filhas, netas, irmãs e noras para compartilhar a vida, tendo a casa dos filhos e parentes nas proximidades. Relações que enaltecem a autonomia da benzedeira em virtude a sua casa, seus afazeres e no exercício do ofício de benzedeira, mas a localiza em um ambiente de apoio familiar formado principalmente por mulheres.

As narrativas das interlocutoras, apontam que no tempo passado, a prática do benzimento que acontece principalmente no espaço da casa restringia-se à disponibilidade de tempo das mulheres que se dividiam entre a casa e a roça. Resultando com que muitas passassem a dedicar-se com maior tempo ao benzimento depois de idosas, quando adquiram a viuvez e a aposentadoria rural, pois antes *quase não tinham tempo de benzer*. Convergindo para que atualmente, as benzedeiras em sua maioria sejam *desimpedidas*, não tendo marido nem criança para cuidar. No caso das aprendizes e benzedeiras jovens que estão na casa dos cinquenta anos, essas não casaram, tampouco tiveram filhos, o que é um indicativo da participação ativa delas tanto no Movimento das Benzedeiras quanto em outras organizações comunitárias. Havendo uma característica comum em relação ao período etário e atividade produtiva das benzedeiras que formam o Movimento.

A ausência de filhos pequenos e a presença de crianças é comum em todas as casas que visitei. A ausência acontece porque quando mães seus filhos cresceram e quando avós os netos não residem com elas, algumas cuidam dos netos para que suas filhas e noras possam trabalhar, mas dedicam-se aos encontros familiares principalmente nos finais de semana, dividindo sua rotina diária com as pessoas que buscam benzimento em suas casas. As crianças levadas por suas mães e avós para serem benzidas viabilizam a presença constante dos pequenos nas casas das benzedeiras, sendo uma afirmação comum entre elas *eu atendo porque é criança* tanto para defender-se das calúnias quanto para afirmar sua missão. Nesse sentido, Dona Jacira relata que em sua casa:

> Desde quando amanhece é criança, depois do almoço adulto, e a noite trabalho. É muito meu compromisso. Mas se eu quiser continuar vivendo, tenho que cuidar das crianças. Tudo é por eles.

De maneira semelhante Dona Tila agrega sua saúde manifestada na disposição para trabalhar e benzer ao fato de *atender crianças*. Ela relata que seu ofício de benzedeira está atrelado ao atendimento de crianças, com quem sonhava repetidas vezes em uma situação em que cuidava de crianças recém-nascidas deixadas por pessoas estranhas em seus braços. A partir de então começou a ser procurada para benzer crianças, tornando-se uma especialista em atender os pequenos. Neste aspecto, ao visitarmos as benzedeiras facilmente as encontraremos acompanhadas de visitantes com crianças, mesmo que vivam sozinhas, o entra e sai de pessoas ao longo do dia coloca sua casa em movimento através de chegadas e saídas, variação de assuntos, confirmação de informações, circulação de bens e diversidade de benzimentos.

As benzedeiras, portanto, benzem, curam, costuram, fazem simpatias, orações, esfregações, banhos, manipulam plantas medicinais, entre outras práticas. Diferente da costureira de rendidura que é reconhecida pela população pela prática de arrumar machucadura, bem como, a massagista tradicional que faz massagem. Fator que não resulta na realização somente dessas práticas, geralmente, elas conhecem e realizam outros procedimentos de cura, mas predominantemente são reconhecidas pela prática em questão. Posição que não impede que com o tempo, incorporem novos fazeres e assumam outros ofícios como o de benzedeira. Em alguns casos, fazer apenas certa simpatia como derramar cera, pode ser visto como uma estratégia adotada pela detentora em limitar seu público, tempo e recursos dispensados à prática do benzimento como relatou-me Dona Glorinha que costura rendidura,

derrama cera, cura criança e benze, ao dizer que "isso já tá bom, senão eu pego muito compromisso".

Os procedimentos para a realização do benzimento variam em performance e instrumentos conforme demanda a simpatia para o malefício. Os objetos usados na prática do benzimento como agulha para costura, faca, facão, machado e tesoura para cortar, panela e prato para derramar cera, peneira para tirar susto, copo para benzer, entre outros, são ferramentas e utensílios de trabalho, fazem parte da casa e são manuseados pela benzedeira na execução de tarefas diárias. Desta forma, ocupam diversos espaços na residência junto a ferramentas da roça que ficam nos paióis e áreas externas, utensílios domésticos alocados nas cozinhas e despensas, bem como nos altares que concentram os elementos da instalação ritual como velas e imagens de santos.

Muitas benzedeiras vivem na mesma casa desde que se casaram, como Dona Donária há 87 anos, Dona Mena há 68 anos (Figuras 23 e 24) e Dona Tila há 66. Suas casas são exemplos de moradas que se atualizam com as dinâmicas da formação e desagregação da família nuclear, em que as casas grandes são mantidas, mesmo que a benzedeira viva sozinha ou com apenas um familiar, em que os quartos ganham novas funções e as panelas grandes que alimentavam toda a família continuam sendo usadas. Em que o tempo que se trabalhava na roça, deixa os vestígios de ferramentas e máquinas agrícolas pelo pátio, instalações como paióis e mangueiras que abrigavam as colheitas e os animais de trabalho, agora abrigam máquinas agrícolas dos filhos que mecanizaram o ofício da agricultura ou ainda, servem de garagem para os familiares. A chegada da aposentadoria rural possibilita novas formas de gestão dos recursos financeiros que são invertidos em reformas como a construção de banheiros e a aquisição de eletrodomésticos como a geladeira e a televisão que passam a fazer parte da casa. Assim como, outras transformações sociais que fixam marcas no lar.

FIGURA 23 - Dona Mena na cozinha de sua casa. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Saltinho, Rebouças/PR.

FIGURA 24 – Dona Mena em seu quintal. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Saltinho, Rebouças/PR.

A casa da benzedeira Dona Mena na comunidade de Saltinho, a qual observamos nas imagens acima (Figuras 23 e 24) é demonstrativa da materialização de sua trajetória na

disposição de objetos, instalações, construções e plantas. Assim como a casa da Dona Mena, as moradas das benzedeiras são lugares de cultivo e criação, em que se exibe coleções de plantas medicinais, espécies alimentícias e florais, onde *tudo é remédio* e *serve pra alguma coisa*. A casa de madeira é flexível a mudança, o que possibilita a fácil alteração de paredes, assim como as cercas vivas que vão tomando vários contornos. As cercas movimentam-se, pois ganham novos desenhos com as ferramentas de trabalho que ficam ancoradas, iniciam novos contornos, deixam rastros das formações passadas, como antigos quintais, a casa velha, o poço d´água, além disso, abrigam plantas, limitam pequenos animais, formam o terreiro, o quintal, a horta, o pomar, a roça, o piquete e o faxinal.

Ao olhar a casa desde fora, a morada da benzedeira que vive na zona rural como Dona Mena, inclui espaços dedicados ao quintal, pomar, horta, roça, pasto, galinheiro, estrebaria e paiol. O quintal geralmente rodeia a casa com flores, remédios e verduras, a horta como extensão do quintal adensa a quantidade e diversidade de alimentos cultivados. A roça detém uma área maior de terra onde é cultivado principalmente o milho e o feijão que desenham linhas ao longo do terreno. O pomar apresenta árvores frutíferas e integra a criação de aves e pequenos animais que se abrigam sobre as sombras das árvores. Aos fundos e pouco visível ficam a estrutura do galinheiro, paiol e estrebaria, onde são armazenadas as ferramentas de trabalho, as colheitas e onde as vacas, cavalos, porcos, cabras e carneiros concentram-se para pernoitar e alimentar-se pela manhã antes de sair para a área de pastagem.

Os espaços são divididos por cercas de arame, tela e madeira e a própria casa, limitando principalmente os animais dos cultivos ou os cultivos dos animais quando se trata de terras de uso comum, como nos faxinais. Quando a benzedeira mora na cidade, as plantas do quintal excedem as cercas, e os espaços de criação e cultivo misturam-se, potencializando ao máximo o espaço ao redor da casa com plantas de remédios, alimentos, frutas e flores, os animais são limitados, mantendo-se gatos e cachorros, e quando possível galinhas. Devido à restrição de espaço, as benzedeiras privilegiam o cultivo de plantas medicinais e alimentos em detrimento aos animais.

A extensão da casa se estende pelo território caminhado, trabalhado, experienciado e conhecido, desta maneira, as casas das benzedeiras que hoje vivem na cidade se estendem até a casa do mato, a casa que ficou no interior com seu deslocamento para a cidade. Todavia, são lugares que agem como "nós" porque são referência para coleta de remédios, frutas e lenhas que são transportadas para a casa da cidade, como relata Dona Agda:

> Na minha casa eu tenho mais de 60 espécies plantadas por roda da casa e na horta, e o que falta em casa eu vou buscar lá na casa onde eu morava.

As benzedeiras que atualmente vivem nas cidades, têm uma trajetória ligada ao mundo rural como aquelas que continuam vivendo no campo. Todas as interlocutoras com as quais dialoguei nasceram em comunidades rurais onde cresceram e constituíram família, passando a residir na cidade depois do casamento, separação, viuvez ou perda dos pais, no caso daquelas que não se casaram. Portanto, compartem dos símbolos e códigos do mundo rural, demarcado pelas percepções acerca do calendário agrícola - tempos de plantar e tempos de colher -, o repertório festivo religioso guiado pelas festas de santo, os laços de parentesco, compadrio e vizinhança, a sociabilidade comunitária e os conhecimentos tradicionais associados à agrobiodiversidade, elementos que entrelaçam as linhas de movimentações acerca dos benzimentos. Neste sentido, tive acesso privilegiado a práticas, conhecimentos e narrativas acerca da paisagem cultural do campo, não por ser antropóloga, mas por ser camponesa e compartilhar dessa linguagem da ruralidade do centro sul paranaense, sinalizada pela forte presença do inverno e os ciclos socioprodutivos da agropecuária, agricultura, o extrativismo vegetal da erva-mate e a extração de madeira.

Ao estar dentro da casa da benzedeira, as paredes são um lugar de destaque, seja pela beleza estética, seja pelas informações que apresentam acerca das relações sociais e histórias familiares. Através da composição da parede da sala de Dona Dejanira (Figura 25) e Dona Agda (Figura 26) observamos a preponderância dos retratos de família que molduram as paredes com registros de cerimônias de casamento, festas de formatura, batizados, viagens e encontros que dividem espaço com fotos de santos, calendários, convites de aniversários e certificados de eventos promovidos pelo MASA. Elementos que desenham a casa, expressando a construção da moradia através dos objetos que revelam suas trajetórias.

FIGURA 25 - Parede da sala na casa da Dona Dejanira. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.
FIGURA 26 – Parede da sala da casa da Dona Agda. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Rebouças/PR>

As histórias das benzedeiras convergem acerca de suas trajetórias familiares e a dedicação ao ofício de benzedeira, que dialoga com a chegada da velhice e com ela a aposentadoria rural, a idade adulta dos filhos e a viuvez. A emergência do dom de cura na idade adulta conflita com o período produtivo e reprodutivo das mulheres, surgindo por vezes dificuldades em conciliar o cuidado dispensado aos filhos pequenos, aos afazeres domésticos, ao serviço na roça com o atendimento às pessoas que precisam de benzimento. Dona Alzira que mora em Rebouças com uma de suas filhas, ao relatar-me sua trajetória de benzedeira, conta que recebeu o dom de cura de uma vizinha polaca (descendente de poloneses) que era benzedeira e antes de falecer a encarregou de continuar o ofício. Na época, ela não queria ser benzedeira, pois morava na comunidade de Coxos, seus filhos eram pequenos e recém tinha viuvado, tendo que trabalhar na roça e na casa para sustentar a família e desta forma não usufruindo de tempo para dedicar-se ao benzimento. Com isso, passou a exercer o ofício da costura de rendidura anos depois, com a mudança para a cidade, a velhice e a conquista da aposentadoria. Sendo que a maioria das minhas interlocutoras são solteiras, aposentadas rurais, viúvas e mães de filhos adultos, as quais afirmam que passaram a dedicar maior tempo ao ofício de benzedeira quando idosas, idade em que seus filhos cresceram e além disso, não dependem da roça ou do trabalho formal para sustentar-se devido à aposentação.

Além disso, expressam que o ofício de benzedeira e o matrimônio conflitam em alguns momentos. Afinal, as mulheres que detêm o dom de benzer não foram isentas das violências de gênero relacionadas ao papel da mulher na sociedade, principalmente no espaço doméstico, em que muitas tiveram restrições em benzer impostas por seus companheiros. Devido aos ciúmes de seus maridos a atenção dispensada aos enfermos, foram por vezes proibidas por eles de benzer ou ainda restringidas de benzer todas as pessoas, limitando seu público as crianças para *não ter de tratar com homens*. As restrições se apresentam também na organização do Movimento em que algumas benzedeiras deixaram de participar das reuniões *porque o homem não deixa,* ou ainda participam nas suas comunidades, mas não assumem o papel de liderança por conta das viagens e pernoites fora de casa, situações que motivam ciúmes e desentendimentos entre o casal.

Tais complicações também permanecem no caso das viúvas em que filhos e netos residem em suas casas e, desta forma, continuam a demandar e determinar cuidados no âmbito

doméstico que implicam na limitação do tempo das benzedeiras em participar dos espaços do Movimento. A benzedeira Dona Nilza da cidade de Irati, no encontro de benzedeiras na comunidade de Cachoeira, justificou sua ausência nas atividades do MASA às suas companheiras, devido estar cuidando de dois netos para suas filhas trabalharem. Argumentando que desta forma, "precisa ter comida na hora, aprontar os netos pra escola, só posso ir nas festas [de santos] sábado e domingo" além disso, relata que não tem tempo para benzer, já que suas atividades são muitas tem encaminhado os visitantes a outras benzedeiras conforme suas especialidades.

Atualmente viúvas ou separadas, as benzedeiras conseguem verbalizar as proibições do tempo de casadas, os ciúmes excessivos, as violências domésticas, as cicatrizes na pele e as balas alojadas pelo corpo. Tais histórias de violência e resistência permeiam não apenas suas trajetórias, mas também o cotidiano das mulheres que fazem parte das comunidades e bairros que habitam. As quais formam seu principal público, sendo comum as narrativas sobre violência doméstica chegarem até a casa da benzedeira por meio de seus atendimentos.

Dentro da perspectiva da violência de gênero, a infância e a juventude das benzedeiras é marcada pela autoridade masculina e a desigualdade de oportunidades em relação aos seus irmãos, inclusive no que se refere à escolarização. Nesse aspecto durante a infância nem todas estudaram, sendo comum entre elas o analfabetismo e os poucos anos de educação formal *porque mulher não tinha que estudar*. Na juventude algumas não tiveram liberdade para escolher seus companheiros de casamento, Dona Nice enquanto conversávamos sobre sua história, ao tocar no assunto doloroso de um casamento arranjado por seu pai que, em suas palavras "era muito machista", traduziu-me sua história declamando um poema de sua autoria.

> Eu tinha apenas 15 anos, quando te conheci,
> era uma rosa desabrochando, em um lindo jardim.
> Mas por um grande preconceito, nosso amor foi proibido,
> não pude ser tua esposa, nem você meu marido.
> A rosa exala o perfume, o suspiro, a solidão,
> um amor contrariado, quem mais sofre é o coração.
> Pudesse eu voltava o tempo e trazia você para mim,
> queria beijar teu rosto, como beija o colibri.
> Mas vou te dar como lembrança uma fotozinha minha,
> queria ser tua esposa ou então tua rainha.

> Mas agora é muito tarde, o tempo não volta mais, só resta viver das lembranças de tudo o que ficou para trás.

O poema escrito no ano de 2018 aos seus 82 anos, retrata o afastamento do seu pretendente devido a proibição e preconceito do seu pai. No entanto, é nesta fase da vida com a idade e a liberdade que goza nos dias de hoje que Dona Nice encontra formas de narrar suas angústias do tempo de menina. O mesmo ocorre com outras benzedeiras que manifestam de formas diferentes as movimentações que fizeram e fazem diante da desigualdade de gênero e a violência doméstica, bem como, suas estratégias para a produção do cotidiano, a manutenção da prática de benzimento e a participação no MASA. Práticas de resiliência e agência que consistem em separações matrimoniais, mudanças de lugar de morada e novos significados sobre suas próprias trajetórias de vida. Sendo o valor que elas aderem à família ao que concerne suas mães e pais, tias e tios, irmãs e irmãos, filhas e filhos, netas e netos, sobrinhas e sobrinhos, primordial em suas histórias de vida, elemento visível em suas casas através de fotografias que são exibidas nas paredes e estantes, e incansavelmente mostradas e comentadas por elas.

O interior da casa também é adornado por panos de parede, tecidos pintados e bordados que apresentam conselhos "A vida tem dois caminhos, um de rosas e um de espinhos" como na casa da Dona Tila (Figura 27) e orações como logo na entrada da casa de Dona Nice "Santo Anjo do Senhor, Meu zeloso e guardador, Se a ti me confiou, A piedade divina, sempre me rege, me guarde, governe, ilumine. Amém" (Figura 28). Assim como, lembranças penduradas nas paredes e sustentadas por prateleiras que remetem a muitos eventos familiares e relacionados a religiosidade da benzedeira. Além disso, revelam o apreço pela cultura material, o valor dos objetos na constituição de sua morada e de sua história de vida, os quais na maioria das vezes são frutos de presentes e remetem a pessoas, eventos e histórias.

FIGURA 27 – Pano de parede na sala da Dona Tila. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

FIGURA 28 – Pano de parede na casa da Dona Nice. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Faxinal Marmeleiro de Baixo, Rebouças/PR.

Assim como os panos de parede, confeccionados pelas benzedeiras, a presença da costura é visualmente relevante, somada a técnicas artísticas de tecelagem, pintura, crochê e bordado. As quais tomam forma em toalhas de mesa, tapetes, colchas, panos de prato, almofadas e capas para bujão de gás, tampa de fogão a gás, liquidificador, batedeira, entre outros utensílios que são comuns e fazem parte do uso cotidiano. Assim como o artesanato de tecido que são ofícios explorados pelas mulheres como atividade econômica e também para manutenção e decoração da própria casa.

FIGURA 29 - Dona Dejanira em sua casa, segurando a colcha de fuxico de confecção própria. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

A noção de costura, remendo, concerto e criação de peças através de retalhos como no caso dos tapetes, cortinas, almofadas e colchas de fuxico (Figura 29), são interessantes para pensar no papel da benzedeira em relação à costura de relações sociais. Prática que extrapola o tecido alcançando os corpos, um exemplo é a *costura de rendidura ou machucadura* que consiste em uma simpatia de reparação.

FIGURAS 30 e 31 – Dona Glorinha costurando rendidura de um visitante da comunidade de Rio Bonito. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

Na *costura de rendidura* usa-se agulha e fio, conforme nos mostra Dona Glorinha (Figuras 23 e 24) ao costurar simbolicamente um morador do interior que estava com a coluna rendida e aproveitando sua viagem até a cidade passou em sua casa para ser *costurado.* Enquanto a visitava acompanhada do fotógrafo Douglas Fróis em sua casa na cidade de Rebouças, com sua autorização presenciamos e fotografamos a realização da simpatia. A *costura de rendidura ou machucadura* é uma simpatia para pessoas *rendidas,* isto é, com dores musculares sobretudo na coluna, moléstia muito comum pelo serviço pesado na agricultura entre outros trabalhos que demandam força física, a prática tem como finalidade reparar a "carne rasgada, ossos quebrados e nervos torcidos". Na simpatia a benzedeira:

> usa um pano, agulha e linha nova, dobra o pano em quatro partes e vai cosendo. Reza-se um pai nosso, e oferece a São Silvestre, São Lifonso, Nossa Senhora Aparecida e pede para interceder por aquela pessoa para que cure a machucadura. Vai costurando o pano da esquerda para a direita e pergunta: O que eu coso? O paciente com o problema responde: carne rasgada, ossos quebrados e nervos torcidos. Quando termina de costurar o pano, a costura está feita. (ASA, 2008, p. 11)

O registro da simpatia realizada na cartilha do MASA pode apresentar alterações conforme as formas de fazer das benzedeiras, mantendo a característica comum que consiste em proferir a oração acompanhada da costura, em que a benzedeira ou a costureira de

rendidura que é a especialista em curar a enfermidade reza a pessoa. Caso perceba que a machucadura é grave, repete-se a simpatia de três a nove dias seguidos com a finalidade de curar a pessoa, tal procedimento pode ser presencial ou a distância, depende da orientação da benzedeira na primeira costura e na condição de deslocamento da pessoa. O pano costurado pode ser queimado no fogão a lenha, lançado ao rio e guardado pela pessoa rendida.

Nesse sentido, a costura de tecidos, corpos e relações sociais vincula-se ao domínio das mulheres que no contexto estudado são desde pequenas iniciadas no ofício da costura, assim como na prática do cuidado e da confiança que tem como referência o universo feminino no âmbito da domesticidade. Desta forma, as benzedeiras como mulheres assumem um papel importante no "conserto", "remendo" e "criação" de relações sociais, mediando e apaziguando as convivências dos locais, por intermédio das conversas e chimarrões ao redor do fogão a lenha que acontecem durante as visitas que recebem em sua casa e antecedem o benzimento, diálogos em que as desavenças entre familiares e vizinhos são reparadas pela interlocução das benzedeiras. Como afirma, a benzedeira Ana Maria:

> As vezes nos curamos uma pessoa com um abraço, as vezes a pessoa tá precisando de um abraço, que não tem abraço de um pai, de uma mãe, de um irmão, nosso movimento tudo é dom de Deus.

O movimento do dom expande o processo do benzimento quanto prática social viabilizado pelas visitas que são um elemento importante no sistema de troca-dádiva que as benzedeiras estão inseridas. Através das visitas e conversas as benzedeiras constituem o histórico de formação das famílias e das relações sociais de onde vivem e, com isso, exercem o papel de aconselhadoras, principalmente das mulheres mães que, com seus filhos nos braços, chegam na casa da benzedeira em busca de conforto para os seus. Nesse sentido, escutei relatos de mulheres que ao visitar as benzedeiras diziam "eu chego na casa da benzedeira e já fico curada" ou ainda "é só conversar com Dona Tila que esqueço a dor". A casa da benzedeira como lugar de cura exprime um ambiente acolhedor em que o benzimento é um dos elementos que convergem para o alívio do enfermo ao encontrar na casa da benzedeira asilo, proteção e abrigo através de orações, diálogos, chimarrões, paieiros e refeições.

As visitas são um importante elemento na vida das benzedeiras, por seu intermédio delas colocam sua casa em movimento, assim como as tornam referência na movimentação. Neste contexto diferente que no atendimento médico hospitalar, na casa da benzedeira quem

procura atendimento não é paciente, mas sim ativo na construção da casa e da identidade da benzedeira, contribuindo na formação desta quanto um nó do emaranhado de linhas de vida que encontram-se em sua casa, através do princípio de que *não tem hora pra se chegar na casa da benzedeira se for por motivo de doença* que é expoente de tal relação.

Além disso, é da casa da benzedeira que a visita leva o remédio para fazer o chá, a muda da erva para preparar o banho, o remédio bento para defumação, *a banha de galinha para fazer o puxado para acalmar as bichas*, *um agradinho para criança* que pode ser uma *doçura* (balas, pirulitos, bolachas), uma bolacha caseira e se for época, uma fruta do quintal. Da mesma forma, é a visita que traz para a casa da benzedeira em forma de reciprocidade pelo benzimento a ser recebido, materiais, alimentos e remédios que ela carece para o exercício de seu ofício, tanto para a realização da prática do benzimento quanto para a produção do seu cotidiano como a lenha pra o fogão, a palha de milho para o paieiro e os alimentos crioulos para as refeições. Ademais, as casas são pontos de redistribuição de alimentos, roupas e calçados que as benzedeiras recebem de doação e direcionam para *quem precisa*, afinal elas conhecem as histórias, tramas, angústias, conflitos e tensões de suas comunidades e bairros.

No caso das benzedeiras que residem na cidade, suas casas são um ponto de apoio para parentes e conhecidos que vêm para o centro do município para tratar de assuntos no comércio. Os quais têm em suas casas um lugar para almoçar, usar o banheiro, trocar uma criança, guardar suas compras, ou ainda pernoitar para consultas médicas e viagens a outras localidades. Dona Glorinha que morava na comunidade de Rio Bonito e há dois anos mora na cidade de Rebouças, quase todos os dias têm visitas para almoço. Desta maneira, mesmo morando sozinha ela cozinha sempre mais do que o suficiente para "servir a quem precisar", como demonstram suas panelas cheias na hora do almoço (Figura 32). Ana Maria que também residia em Rio Bonito e há sete anos mudou-se para Rebouças, recebe visitas de pessoas de várias comunidades por ser bastante conhecida pela população do interior, oferecendo pouso e comida, além de muita conversa, chimarrão e paieiro, receber as visitas com comida é uma maneira local de hospedar. Se não for hora das refeições principais como almoço e jantar, a mesa será posta com o café que pode ser com pão caseiro, cuque, bolacha caseira, bolacha de mel, bolinho frito, ovos fritos, carne de lata[18], torresmo, acompanhado de café, chá, suco ou cerveja caseira.

18 Carne suína frita armazenada na própria gordura, geralmente em latas metálicas.

FIGURA 32 – Hora do almoço na casa da Dona Glorinha. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.
FIGURA 33 – Chá de ervas com bolinho frito na casa da Dona Agda. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.
FIGURA 34 – Café com cuque e pão caseiro na casa da Gelci. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

2.1.1 O altar

Continuando nossa visita pela casa da benzedeira, vamos observar os altares que são o espaço ritual principal, e a partir de sua composição perceber que estes não estão restritos às benzedeiras. No entanto, apresentam a materialização de relações entre pessoas (benzedeiras e atendidos) e pessoas e o sobrenatural (benzedeiras, atendidos e santos) através de benzimentos, promessas e pedidos.

Na casa da benzedeira, os altares geralmente ficam na sala, às vezes no quarto ou mesmo na cozinha, são lugares de grande riqueza estética e sagrada, como o altar da benzedeira Marilu em São João do Triunfo (Figura 35). Em que no canto da sala, em cima de uma mesa coberta com toalha de cor, a benzedeira organiza cada imagem em seu devido lugar, elaborando um espaço ritual que extrapola a mesa alongando-se pela parede e por espaços fixados nela. Ademais da diversidade na formação dos altares, a vela é um elemento central, a partir dela os objetos são dispostos em posições em que todos são destacados aos olhos da benzedeira. Compõem o altar, quadros, molduras e imagens de santos, moldados em gesso, vidro e madeira, adornados com fitas, tecidos e terços, em que cada imagem detém uma história e representa uma relação da benzedeira.

FIGURA 35– Altar da benzedeira Marilu. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

Nos altares entre os santos mais cultuados, está Nossa Senhora Aparecida, presente em todos os oratórios, as vezes em formas, tamanhos, cores e origens diferentes, em que levam fitas vermelhas envoltas em seu manto pela ação dos devotos que tiveram seus pedidos atendidos. A "mãezinha" como é chamada pelas benzedeiras é a principal companheira delas no cuidado das pessoas.

O quadro com a foto de São João Maria, acompanha Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Graças, os três dificilmente estão ausentes no oratório da benzedeira. Em alguns altares é possível existir dois ou mais quadros iguais como no oratório de Dona Rosinha (Figura 36) e na estante de Dona Agda, no entanto, cada um remete a uma história diferente, associados a presentes e promessas pessoais e de benzidos. Sobre a presença do Monge João Maria nos altares das benzedeiras, o trabalho da antropóloga Geslline Braga (2010) etnógrafa a presença das fotos nos altares das benzedeiras da cidade de Campo Largo no Estado do Paraná. A autora analisa a composição de elementos ritualísticos, em especial fotos e imagens de santos nos locais em que as benzedeiras reservam para a prática do benzimento. Isto, com o intuito de explorar a importância do profeta João Maria em suas práticas, as quais refletem narrativas e crenças sobre a passagem do Monge no sul do país. No caso das benzedeiras do centro sul do Paraná as narrativas sobre São João Maria são diversas e relacionam-se a vivências, crenças, profecias e promessas. Sobre estas últimas, as explorarei no próximo capítulo, pois além de sua foto estar presente no altar, São João Maria é um caminhante assim

como as benzedeiras, extrapolando o espaço da casa e manifestando-se em outros lugares do território como nos olhos d'água.

A presença de São Gonçalo nos altares se relaciona com o ofício de festeiras que algumas benzedeiras detêm, as imagens trazem fitas coloridas ao longo do corpo da imagem do santo. As fitas sinalizam o cumprimento de promessas de seus devotos alcançadas por intermédio de seus milagres. É comum que os devotos ofereçam dinheiro ao santo tocador, havendo no altar cédulas e moedas ao seu redor, principalmente por este se relacionar ao pedido de emprego. Dona Sebastiana, ao falar da formação do seu altar conta que herdou de seu pai a devoção a São Gonçalo e que é procurada pelas pessoas para fazer promessas ao santo para conseguir trabalho, considerando que ela realiza sua romaria no dia 20 de janeiro.

Assim como São Gonçalo, a presença da Bandeira do Divino que observamos no altar de Dona Rosinha (Figura 36) destaca-se nos lugares de reza das benzedeiras da cidade de Irati. As quais adicionalmente são festeiras do Divino e cantadeiras de romaria de São Gonçalo, sendo uma marca das mesmas no Movimento. As bandeiras têm uma trajetória longa. No geral, sua origem de confecção não é identificada, mas as narrativas revelam que são passadas de festeira para festeira, quando a primeira é impossibilitada de realizar a festa.

FIGURA 36 – Altar da Dona Rosinha, destaque para a Bandeira do Divino e os dois quadros com fotos de São João Maria. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Irati/PR.
FIGURA 37 – Extensão do altar da Dona Agda com brinquedos para as crianças. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

As imagens do Anjo da Guarda, Divino Pai Eterno, Jesus Crucificado, Nossa Senhora dos Remédios, São João Batista, São Jorge, Sagrado Coração de Jesus e São Sebastião são as mais comuns. Enquanto que a devoção a Cosme e Damião, Iemanjá e Maria Boeno são mais singulares e estão presentes nas casas das benzedeiras que incorporam em seus ritos de cura práticas espíritas e da umbanda. Tais práticas são menos representativas ou menos visibilizadas dentro do MASA, em que o discurso público do catolicismo é acionado para legitimar a prática

do benzimento frente aos conflitos enfrentados por elas decorrentes das igrejas católicas e evangélicas, assunto que desenvolvo no Capítulo 4 acerca dos limites do ofício de benzedeira no mundo religioso.

A instalação ritual é completada por bíblias, livros de orações, quadros com orações, vasos com flores artificiais e naturais, maços de velas trazidos pelos visitantes, caderno com anotações dos nomes dos benzidos. Além de fio e agulha para coser rendidura, tesoura para cortar ar, fita para medir doença de míngua, água e galhos de arruda para benzer, terço para rezar, caixa de fósforo, acendedor e caneta. Facilmente os objetos dos altares se estendem pela parede com quadros, imagens e orações, expandido a sacralidade do espaço para outros lugares e objetos da casa, onde encontram-se utensílios usados para o benzimento, assim como materiais que dialogam com o ofício de benzedeira como os quadros com certificados emitidos pelo MASA e brinquedos usados nos atendimentos de crianças.

FIGURA 38 – Dona Dejanira em seu altar. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.
FIGURA 39 - Dona Jacira segurando seu certificado de Benzedeira do Bairro. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Irati/PR.

Os certificados e declarações resultantes da ação sociopolítica das benzedeiras, comprovam a participação delas em encontros, oficinas de direitos e cursos de formação. Os quais são, por um lado, orgulho para Dona Dejanira e, por outro, segurança, ao tempo que relata que seus certificados estão próximos ao altar justamente para que possam ser vistos por aqueles que querem difamar seu ofício de benzedeira (Figura 38). O mesmo caso é observado no altar de Dona Jacira (Figura 39), que exibe em um bonito quadro o certificado de reconhecimento da Prefeitura Municipal de Irati pelos serviços prestados à comunidade na posição de benzedeira do bairro, o documento é assinado pelo Prefeito Municipal Odilon Rogério Burgath (PT) em exercício nos anos 2013-2016. Em relação aos brinquedos, esses são uma particularidade do altar do Dona Agda (Figura 37), que reserva ao lado de seu oratório uma extensão com brinquedos para as crianças, como ursinhos de pelúcia, miniatura de

animais em borracha e bonecos que segundo ela "entretém as crianças durante o benzimento", observando que o grande público das benzedeiras são as crianças.

Cada elemento que compõe o altar da benzedeira tem uma biografia. Alguns santos são de família e fazem parte da herança geracional que acompanha o ofício de cura detido por elas. Um primeiro exemplo é a imagem de Nossa Senhora dos Remédios que Dona Sebastiana herdou do seu pai que era benzedor e capelão, a qual pertencia a seu avô que também detinha o dom de cura. O mesmo acontece com Marilu que é guardiã do oratório que está na sua família desde seu bisavô, formado por três pequenas imagens de santos. Da mesma forma, Ana Maria carrega consigo o *santinho* São Onofre encontrado por seu avô no olho d'água de São João Maria, segundo sua narrativa, a imagem foi deixada pelo Monge São João Maria no olho de água da localidade do Rio Bonito, lugar que seu avô frequentava com devoção.

As benzedeiras detêm seus santos de devoção, que agem como interlocutores de suas preces, aos quais orientam seus pedidos e são atendidas, aqueles a quem recorrem conforme o pedido ou a enfermidade a ser saneada, como explicam as benzedeiras Ana Maria e Dona Agda respectivamente:

> [...] cada coisa que eu vou fazer é pra um santo que eu peço. Santa Luzia que é protetora da vista. Santa Polônia que é protetora dos dentes. Santo Antônio protetor das bichas de criança. São Bento que é protetor de mordida de aranha que livra do bicho peconhento. São Pedro que é protetor contra cobreiro, São Bento também é.
>
> [...] cada caso tem um santo que a gente pede, pra ofensa de cobra, pra susto de criança, pra estancar sangue. As pessoas as vezes estão jorrando sangue, a oração em três minutos elas estanca o sangue. Cada santo pra uma doença, doença da vista Santa Luzia, pra estancar sangue é Jesus Crucificado, para acomodar uma criança que está reinando, ali assustada é Nossa Senhora das Almas, muitos têm a fé firme em Nossa Senhora Aparecida. Cada pessoa tem seu santo que é costumado a pensar.

A maioria dos objetos que compõe o cenário sagrado em extensão, seja o altar, as paredes e prateleiras, frutos de presentes recebidos em gesto de agradecimento ou advindos de promessas. As promessas decorrem de pedidos pessoais ou de outras pessoas que escolheram pagar o compromisso firmado com o santo no altar da benzedeira, assim é o altar da Dona Jacira em que cada imagem de Nossa Senhora Aparecida é resultado de uma promessa realizada por pessoas que frequentam sua casa em busca de curas.

Neste sentido, observar o altar da benzedeira é olhar para suas relações sociais, religiosas, familiares, econômicas e inclusive políticas, já que esta sua prática da visibilidade nesse universo. No altar tem diplomas, fotos, santos, brinquedos, dinheiros que representam

tanto a benzedeira quanto as movimentações de pessoas, munidas de fé, angústias, crenças, pedidos, promessas que passam diariamente por sua casa e com seus objetos vão formando a casa da benzedeira, permeada por linhas de devoções. Assim também é o quintal da benzedeira, um lugar que através da prática do benzimento convergem caminhos de devoções. As quais são expressas no altar e alcançam os conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade que se materializam no quintal, na medida que o altar e a ação das benzedeiras os conectam com o mundo dos santos e de seus poderes.

2.2 QUINTAL "FARMÁCIA DA BENZEDEIRA"

Dona Agda chama o quintal de "farmácia da benzedeira" ou ainda "farmácia viva", como extensão do benzimento que acontece no altar, o quintal emerge como um lugar de vida, em que as plantas são concebidas como remédios e desta forma cuidam de pessoas, plantas e animais. Faz parte do ofício de benzedeira indicar plantas medicinais para as pessoas continuarem o tratamento em casa. Para tanto, muitas ervas são encontradas no próprio quintal da benzedeira que pela sua ação de cultivo, coleção e pesquisa resulta na transposição de mudas e sementes de outros lugares e quintais para o seu quintal. Esse movimento viabiliza a grande diversidade de espécies presentes em seu quintal e facilita o uso e acesso da população às plantas medicinais. As quais são levadas para a casa em forma de pomadas, xaropes, olinas, garrafadas, folhas, raízes, cascas, flores, frutos, sementes e mudas.

O dom de cura das benzedeiras relaciona-se com o saber sobre as ervas. Dona Heleninha me explica que o conhecimento das plantas "vem na cabeça" já que, segundo ela, durante o benzimento emerge no pensamento da benzedeira o diagnóstico (doença) e o tratamento (plantas) se necessário. Desta forma, em decorrência desse saber traduzido pelo dom, a terapeuta sabe quais ervas indicar conforme a enfermidade. Além disso, o conhecimento sobre as plantas decorre da trajetória da benzedeira no universo de relações territoriais, em que ao longo de sua caminhada convive com a prática de cultivo e uso das plantas medicinais que são remédio, através do conhecimento geracional como informa Dona Agda:

> E nós conhecemos, todas as benzedeiras conhecem remédio, muitas conhecem muitas ervas prá remédio. Eu aprendi com meu pai que era benzedor. Eu trabalhava junto com

> ele, ele já me contava lá no mato, várias ervas que era pra uma doença pra outra. Eu era nova naquele tempo e ele me dizia "não esqueça porque mais tarde vai servir" e o que tá me servindo agora. Eu conheço bastante remédio, não digo que eu conheço tudo, mas na minha casa eu tenho mais de 60 espécies plantadas por roda da casa e na horta, e o que falta em casa eu vou buscar lá na casa onde eu morava.

Adicionalmente, o conhecimento e apreço pelas plantas medicinais atrela-se a agricultura como prática socioprodutiva e o conhecimento associado a sociobiodiversidade que é um elemento significativo no contexto das benzedeiras do centro sul do Paraná, tanto na casa das benzedeiras que residem no interior quanto naquelas que mudaram para a cidade. Muitas delas, apesar da idade ou de pouco espaço para plantar, ainda produzem alimentos para consumir e distribuir entre familiares e vizinhos, pois têm a agricultura como ofício primeiro e afeição em guardar e trocar sementes crioulas.

Os quintais estão presentes tanto na casa das benzedeiras quanto de vizinhos e parentes. Costumeiramente são espaços associados às mulheres, cuidados e plantados por elas, em que a diversificação dos cultivos é privilegiada afastando-se da monocultura. Espaço onde misturam-se medicinais, alimentos, árvores, flores e pequenos animais, presente tanto nas comunidades rurais quanto nas cidades, um indicativo da cultura rural que configura a região centro sul do Paraná. Esta região, além de sua paisagem rural, detém práticas socioprodutivas ligadas ao campo que fazem parte do cotidiano dos moradores, deste modo, a pecuária e agricultura com destaque a fumicultura e a produção de grãos são atividades relevantes para a economia dos municípios. Em contraponto ao agronegócio que se expande rapidamente nos municípios, contornando os pequenos centros das cidades, existem várias associações de agricultores familiares e agricultores agroecológicos. As associações desde a década de 1990, fazem frente ao modelo da fumicultura, da monocultura e do uso de agrotóxicos, buscando a retomada e preservação de sementes crioulas e a diversificação produtiva. Esse elemento é importante, porque além da grande maioria das benzedeiras serem agricultoras, elas têm encontrado parcerias para suas bandeiras de luta junto aos sindicatos de agricultores rurais, grupos de agricultores agroecológicos e associações de produção de alimentos orgânicos.

O diferencial, portanto, dos quintais das benzedeiras consistem em sua referência em termos de diversidade de plantas medicinais, destacando-se no universo dos quintais, principalmente por estar imbricado a prática do benzimento, fazendo parte do tratamento e do itinerário da visita. Desta forma, ao chegar na morada da benzedeira é comum passar pelo quintal, mas é na saída de sua casa em que a conversa se alonga ao caminhar por ele e

conversar sobre as ervas, a partir da expressão *esse remédio é bom pra isso e aquilo* até que o visitante saia com uma muda na mão e uma semente no bolso.

Quando a visita demora um pouco mais, a depender da disponibilidade de tempo da benzedeira e do interesse da visita, é uma prática convidá-la para ver as plantas. O que inclui caminhar entre os cultivos, colher frutas, coletar mudas, ver se tal espécie está se desenvolvendo *tá pegando, vingando.*

Assim, em minha experiência de campo, fui convidada a caminhar pelos quintais e conhecer as plantas, passeios que resultaram em mudas, sementes, alimentos e conhecimentos que viajaram comigo. Nessa linha, vamos caminhar pelo quintal das benzedeiras seguindo Dona Tila, que além de benzedeira é agricultora e colecionadora de plantas. Aos seus 87 anos de idade, ela dispõe de um vasto cultivo de plantas que são remédio, alimento e conhecimento.

FIGURAS 40 a 47 – Caminhando e conhecendo o quintal da Dona Tila. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

Dona Tila nos apresenta os vários cultivos e espaços que formam seu quintal que vai transformando-se em horta e roça, começando pelo pátio atrás de sua casa, onde concentram-se *os remédios* que são arbustos, árvores e flores. Nesse trajeto, conversar, experimentar, sentir, aprender e ensinar, são movimentos inerentes ao caminhar e, como argumenta Tim Ingold (2000), faz parte do aprendizado sensorial que tem a experiência como sua principal fonte de pesquisa e conhecimento. Na caminhada ela lamentava a falta de chuva, a profunda estiagem que assola sua comunidade e impacta diretamente seu quintal e a criação de animais, os quais têm diminuído por conta da falta de água. Segundo Dona Tila, devido à seca muitos remédios amarelam, a mudança de cor do verde para o amarelo indica que "tão sofrendo com a falta d'água" e podem chegar a secar. Mesmo com os esforços dela e de sua filha Nerza para irrigar diariamente, transpor mudas em lugares sombreados e cobrir com galhos de árvores as plantas para evitar a exposição direta ao sol. A benzedeira argumenta que as causas da mudança climática recente:

> É a desmatança e a planta de eucalipio, chupa tudo a água. A pessoa na beira do rio não tem água, a pessoa cava, cava, cava e não tem água. Mas é a desmatança.

Ademais das dificuldades com a mudança das condições ambientais da região, associadas aos monocultivos de eucalipto que contornam a comunidade de Cachoeira. Além do intenso uso de agrotóxicos na fumicultura que é a principal atividade econômica dos pequenos agricultores do município, Dona Tila e Nerza persistem para manutenção da diversidade do quintal. Assim como na casa de outras benzedeiras, os quintais são demonstrativos da agrobiodiversidade local que corresponde a complementaridade da diversidade cultural e diversidade biológica, o que engloba saberes locais, modos de vida, territorialidades, as quais se vinculam à diversidade de ecossistemas, populações e culturas, agregando valores, conhecimentos, práticas e serviços à biodiversidade (RODRIGUES, 2016). A diversidade biológica é percebida pela quantidade de espécies que compõe o espaço, enquanto que a diversidade cultural é notada pelas relações e usos que elas representam.

Caminhando com Dona Tila, noto o movimento do seu quintal, desde que comecei a visitá-la no ano de 2008, a cada novo encontro percebo as mudanças em sua composição. As mudanças referem-se as cercas que são desfeitas e refazem espaços, agregando novas espécies

e desagregando outras, devido aos ciclos produtivos, bem como, a incorporação de novas espécies. A última delas é uma planta que a benzedeira me mostrou com fascínio pois é usada no tratamento de câncer e ganhou de uma visitante vinda de longe. Os cultivos variam drasticamente entre inverno e verão, em julho quando estive em sua casa em pleno inverno eram poucos os canteiros, em dezembro ademais da seca as plantas estavam exuberantes, as folhagens em flor e as árvores com frutos maduros.

As plantas do quintal das benzedeiras se expandem conforme vão sendo transmitidas para as pessoas que frequentam sua casa e tanto levam quanto trazem mudas para seus quintais. Marilu, que é uma benzedeira mais jovem, vizinha e aprendiz de Dona Tila, conta que antes "só tinha uma ou outra ervinha", pois sempre gostou de cultivar flores e frutas. No entanto, depois que se despertou para ofício de benzedeira, através do convívio com Dona Tila passou a transpor várias mudas da casa de sua mestra para seu quintal e hoje dispõe de muitas plantas medicinais em meio a horta e o jardim. Algumas espécies que Marilu detém, hoje são inclusive compartilhadas com Dona Tila, devido ao inverno intenso e a seca que assola o verão algumas plantas que secaram em seu quintal são encontradas no quintal de Marilu.

FIGURA 48 - Marilu ensinando sobre seu quintal. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

O movimento do quintal é fundamental para manutenção da sua vida, que precisa de interação constante, uma construção temporal que agrega e desagrega espécies conforme a época e o clima do calendário agrícola regulado pelas luas, estações, chuvas e estiagens. Tanto sua vida quanto seu enriquecimento estão relacionados aos fluxos das pessoas na casa da benzedeira que trazem sementes crioulas, levam mudas e colocam em circulação a rede de trocas. No caso das benzedeiras que vivem no espaço urbano, seus quintais são reduzidos pela limitação territorial dos seus lotes. Neste caso, a estratégia para manter a diversidade é transpor espécies nativas no quintal, ao tempo que nas comunidades as benzedeiras detêm maior acesso às áreas nativas de incidência de certas espécies medicinais. Além disso, a ação das próprias pessoas que vêm do interior dos municípios benzer-se com as benzedeiras que vivem na cidade e trazem as ervas, cascas e raízes secas faz com que as benzedeiras disponham de tais recursos armazenados, sendo um caminho de mão dupla para acesso e manutenção da diversidade.

Tal movimento permite que os quintais não sejam estáticos, mas resultem das caminhadas que fortalecem e constroem relações socioculturais e territoriais. Dona Agda no início dessa sessão informa que tem "mais de 60 espécies plantadas por roda da casa e na horta, e o que falta em casa eu vou buscar lá na casa onde eu morava". Sempre preocupada em conhecer, buscar e transladar mudas, seu quintal movimenta-se por sua ação de deslocamento até outros lugares para buscar mudas, assim como pelas visitas que recebe. Movimentos observados a partir das fotos (Figuras 49, 50 e 51) que registram diferentes momentos do quintal da benzedeira nos anos de 2011, 2013 e 2017 respectivamente:

FIGURA 49 – Dona Agda em seu quintal, segurando cascas de remédios que armazena em sua casa. FOTO: Taisa Lewitzki, 2011. LOCAL: Rebouças/PR.

FIGURA 50 - Quintal da Dona Agda no verão de 2013. FOTO: Taisa Lewitzki, 2013. LOCAL: Rebouças/PR.

FIGURA 51– Dona Agda colhendo uvas do seu quintal no verão de 2017. FOTO: Taisa Lewitzki, 2017. LOCAL: Rebouças/PR.

Retomando o movimento de Dona Tila, conforme vamos adentrando em seu quintal (Figuras 42, 43, 44 e 45), ela vai mostrando, explicando e ensinando, os nomes, usos e formas de cultivo das espécies vegetais, as plantas medicinais são inúmeras e se espalham pela horta, assim como as flores. A produção em consórcio concilia abóbora, melancia, melão e pepino em meio as leiras de milho. A mandioca, a batata-doce, o amendoim, o feijão e a batatinha contornam os canteiros de hortaliças onde estão plantadas alface, acelga, repolho, tomate, melão de árvore, cebolinha, entre outros alimentos. A couve é cultivada em quantidade, pois é destinada para além do consumo familiar à alimentação das galinhas.

O quintal que produz remédios e alimentos de origem animal e vegetal, revela o valor que estas agregam a comida caseira, o alimento crioulo que tem como base a produção local, seja realizada por elas, familiares ou vizinhos. Arroz, abóbora, banha de porco, batata-doce, carne crioula, feijão crioulo, frutas, galinha caipira, leite de vaca, mandioca, manteiga, mel, ovos caipiras, pinhão e verduras em geral, estão entre os principais alimentos que as benzedeiras produzem e recebem em retribuição aos seus atendimentos, animando o processo de troca-dádiva gerado pela economia do benzimento.

Dona Tila também tem como prática a formação de mudas para presentear as visitas que recebe. Em uma ocasião no ano de 2011 quando a visitava acompanhada das benzedeiras Ana Maria, Dona Alzira e Dona Agda, todas da cidade de Rebouças, recebemos mudas de espinheira-santa (Figura 52), as quais a benzedeira preparou em quantidade a partir da coleta e da germinação das sementes da árvore. Atualmente as mudas tornaram-se árvores que chegam a dois metros de altura e fazem parte dos quintais das mulheres que foram presenteadas. Na visita que realizamos em julho de 2018 com Dona Agda, levamos de seu quintal mudas de quina, guaco, ora-pro-nóbis e ameixa, além de sementes de feijão de cores e lúpulo. Como veremos no Capítulo 3, nas reuniões de benzedeiras que acontecem em sua casa, o momento de visitar o quintal é o mais esperado e onde as benzedeiras pesquisam e exploram tanto as ervas que desconhecem, quanto aquelas que conhecem. Ação que culmina na troca de saberes sobre as formas de cultivo, manejo, uso e preparo, sendo que nenhuma das envolvidas sai do quintal sem um novo conhecimento sobre plantas e uma nova muda para transpor ao seu quintal.

FIGURA 52 - Dona Tila em seu quintal, entregando a muda de espinheira-santa à Ana Maria. FOTO: Taisa Lewitzki, 2011. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

Nos quintais, hortas e jardins são replantados *remédios do mato,* cipós, ervas, arbustos, árvores nativas da mata de araucária entre outras espécies que são mudadas para perto de casa pelo seu uso medicinal. Uma vez que são usadas constantemente para fins terapêuticos ou ainda pela dificuldade de acesso até as áreas naturais de incidência, devido à distância, extinção e restrição de acesso. Expoentes das espécies nativas nos quintais são a presença das medicinais - avenca, agrião, aroeira, cipó milome (cipó-mil-homens), cipó São João, carqueja, carrapicho-de-carneiro, catium ou maria-mole, cedro ou pau-rosa, chapéu-de-couro, copo-de-leite, espinheira-santa ou cancorosa, guiné, guaco, hortelã de cachorro, ipê amarelo, ipê roxo, quina, marcela, pata-de-vaca, pau d'Andrade, picão e sabugueiro. As ervas propriamente do quintal - como alecrim, alcachofra, alfavaca, alfazema, arnica, arruda, arrudão, artemísia, atroveram, babosa, bálsamo, bardana, boldo, calêndula, cânfora, camomila ou maçanilha, capim limão, cavalinha, cebola-do-mar, cidreirão, confrei, coentro, dente-de-leão, endro, erva-cidreira, erva-doce, erva de Santa-Maria, hortelã, hortelã menta, hortelã pimenta, ora-pro-nóbis, incenso bento, lavanda, manjerona, manjericão, malva, mentruz, mirra, nevralgina, palma-fedida, pétala, poejo, quebra-pedra, rosário ou lágrimas de Nossa Senhora, rubim, sene, suspiro, tanchagem, taquarinha ou cavalinha - são encontradas em meio a pés de frutas, flores, verduras e pequenos animais, principalmente aves como codornas, galinhas, galinhas de Angola, gansos e patos. Observando que muitas espécies frutíferas e alimentícias também são

usadas para fins medicinais, como a amoreira, araucária, bergamota, butieiro, guabirobeira, jabuticabeira, laranjeira, limoeiro, pessegueiro, parreira, entre outras, assim como alho, cebola, couve, beterraba, mostarda e porunga.

Cada espécie de planta demanda um conhecimento de cultivo, manejo, coleta, preparo e uso, como enfatiza Dona Heleninha "precisa saber que remédio é e como tirar do mato para não machucar a árvore", assim como para potencializar seu uso conforme o horário, lua e época de colheita. A partir das plantas, as benzedeiras preparam garrafadas para mulheres de dieta, xaropes para gripe e resfriado, pomadas cicatrizante e para dores, cachaças canforadas, calmantes, olinas e outras medicinas que mesclam ervas e produtos locais como mel, melado, cera de abelha, cachaça, vinho, banha de galinha, banha de porco, sebo de carneiro, ovos de pata, ovos de galinha, além de misturas para fazer puxados e massagens. Segundo Poel (2005, *apud* CHAGAS, et al., 2007) os estudos sobre o uso de ervas medicinais pela população demonstram que a medicina popular é rica em uma diversidade de conhecimentos sobre chás feitos com raízes, folhas, flores, cascas e sementes que são usados de diversas maneiras e para diferentes fins:

> Os remédios feitos de plantas podem ser bebidos, mas também podem ser usados no banho, friccionados na pele, inalados, fumados, utilizados como colírio, colocados sobre a pele in natura, usados como patuás atrás da orelha ou ao pescoço, extraídos os óleos e passados sobre o corpo. (POEL, 2005, *apud* CHAGAS et al., 2007, p. 209)

O uso das plantas medicinais conjugadas ao saber/fazer religioso detido por benzedeiras e benzedores foi registrada em estudo desenvolvido por pesquisadores de ciências biológicas (CHAGAS, et al., 2007) no quilombo de Furnas do Dionísio, localizado no município de Jaraguari (MT). O estudo com objetivo de contribuir no registro da importância conhecimentos etnobotânicos no tratamento de saúde, entrevistou benzedores da comunidade. Os quais revelaram informações acerca do uso das plantas como "o rubinho erva-de-Santa-Maria, algodão, arnica, mamona, laranja, arruda, mandioca e o capim em benzimentos" para as seguintes enfermidades "vento virado, quebranto, cobreiro, espinhela caída, sapinha, íngua, mal olhado, lombriga assustada, picada de cobra, bicheira de animais e praga na plantação." (idem)

No mesmo caminho Maciel e Neto (2006) exploraram o uso de ervas por benzedeiras de Juruena no Mato Grosso, buscando classificar os conhecimentos sobre plantas medicinais na medicina popular praticada pelas benzedeiras. Os autores entrevistaram quatro benzedeiras no

período de setembro de 2002 a novembro de 2003, as quais demonstraram um conhecimento etnobotânico expressivo. Semelhante às benzedeiras paranaenses, essas benzem, preparam e receitam chás, garrafadas, banhos e unguentos.

> Em Juruena foram relatadas 87 etnoespécies, distribuídas entre 30 famílias botânicas (Figura 2) total do qual, 57 espécies foram apontadas pelas benzedeiras como medicinais. As plantas são utilizadas no tratamento de doenças como verminoses, corrimento vaginal, gastrite, malária, câncer, tosse, diarréia etc. Também possuem importância místico cultural, protegendo as pessoas contra 'mau-olhado', sendo usadas em 'banhos de descarrego' (Tabela 2). Santos e Guarim-Neto (2002) citam 136 espécies, distribuídas em 71 famílias botânicas, sendo as famílias Asteraceae, Caesalpiniaceae, Lamiaceae e Rutaceae as mais representativas entre as utilizadas pelas benzedeiras em Alta Floresta, Mato Grosso. (MACIEL & NETO, 2006, p. 70)

As benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria, de três comunidades tradicionais de faxinais em particular, Faxinal Marmeleiro de Baixo (Rebouças), Faxinal Rio do Couro (Irati) e Faxinal dos Seixas (São João do Triunfo), avaliaram a situação das plantas medicinais de suas comunidades. Segundo as classificações, boa (situação que permite encontrar uma boa quantidade de plantas), regular (situação que possui poucas plantas) e risco (pequena quantidade de ervas medicinais, risco de extinção). O levantamento organizado e publicado em 2008 pelo Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), destaca o uso de 24 espécies medicinais nativas, a saber: aroeira, araticum, cambará, cataia, cereja, erva de bicho, erva São João, espinheira santa, guabiroba, guaco, milome, pata de vaca, pitanga, erva de lagarto, tenente São José (pau amargo), pau de andrade, quina (fel-da-terra), fedegoso, quebra pedra, tansagem, guanxuma, chapéu de couro, dente de leão, guassatunga, destas nove encontram-se em risco, sete em estado regular e 14 em boas condições. Nos mesmos faxinais foram levantados os números de ervas medicinais dos quintais utilizadas como remédio, as quais oscilaram entre 10 e 50 espécies usadas no preparo de remédios caseiros, as ervas nativas que variaram de 20 a 50 plantas e a manutenção de sementes crioulas de 10 a 50 qualidades.

Os dados demonstram que nas comunidades tradicionais de faxinais as quais dispõem de terras comunais, todavia, existem plantas nativas de uso medicinal em boas condições, por outro lado, revelam que a maior concentração de plantas se encontra nos quintais das benzedeiras. Nesse sentido, o movimento das benzedeiras em trazer para os quintais as ervas que necessitam nos procedimentos de tratamento da população, comunicam a relação entre o espaço doméstico, o espaço comunitário e o contexto social mais amplo. Em que através do cultivo das plantas medicinais nas hortas e no constante empenho em conseguir mudas por

intermédio das pessoas que frequentam, apresentam uma forma de relação territorial com o espaço comunitário e uma prática de preservação mediante o contexto mais amplo que ameaça as plantas medicinais através do desmatamento e a contaminação por agrotóxicos.

A diversidade de usos, procedimentos e processos realizados pelas benzedeiras em relação às plantas medicinais são animadas pela experimentação, neste sentido, uma mesma erva pode ser usada entre elas para diferentes males e manipuladas de formas distintas não havendo, contudo, uma receita restrita de procedimentos terapêuticos. A capacitação escolar/pedagógica sobre plantas medicinais, neste cenário, nem sempre é exitosa, pois o conhecimento empírico e experimental por longa data é a principal garantia da eficácia. Recentemente o MASA promoveu um curso de florais, para capacitar as benzedeiras no uso de plantas, segundo o argumento de um dos assessores, o objetivo do curso é a difusão entre as benzedeiras da técnica de manipulação de plantas que usa as flores como parte principal da fórmula medicinal. Isto, com o intuito de criar um floral das benzedeiras para comercialização, tendo em vista que muitos dos conhecimentos das benzedeiras são comercializados em produtos farmacêuticos sem que estas participem da repartição de benefícios gerados por esses. No entanto, as novas práticas empreendidas conforme a percepção de algumas benzedeiras com as quais dialoguei sobre o curso de florais, não são eficazes como as fórmulas que elas dominam tradicionalmente. Nesta linha, as benzedeiras não explicitam interesse em criar produtos coletivos para comercialização, ademais das pomadas, olinas e xaropes que preparam em suas casas e cobram o preço de custo *daqueles quem podem pagar*, seus remédios caseiros não são produtos vendáveis, mas trocáveis. Tal indicativo relaciona-se tanto com o valor da troca em detrimento ao dinheiro e a relação monetária, quanto com a homogeneização do conhecimento que concorre com a diversidade de seus modos de fazer.

O contexto político de emergência étnica dos povos e comunidades tradicionais do Brasil tem situado as benzedeiras no quadro de povos e comunidades tradicionais, o que inscreve tal coletividade em uma territorialidade específica detentora de conhecimentos tradicionais relacionados a um ambiente de vida particular. Nesta perspectiva o trabalho de Iara Attuch (2006) é uma referência ao tratar das raizeiras do Cerrado. Em sua dissertação de mestrado em antropologia social apresentada na Universidade de Brasília, intitulada "Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira" a antropóloga aborda os conhecimentos dos povos tradicionais do Cerrado associados a biodiversidade local. O estudo leva em conta as relações interculturais entre seus detentores e

membros da sociedade, evidenciando que os conhecimentos estão atrelados aos modos de vidas produzidos e reproduzidos ao longo do território.

A relação entre cultura, ambiente e saúde estudada pela autora entre as raizeiras do Cerrado, também pode ser observada no trabalho de Floriani (et al., 2016) em relação as práticas das benzedeiras quilombolas da comunidade negra Palmital dos Pretos na região da Serra das Almas (PR). Em que a "cosmo-medicina-religiosa" praticada resulta de relações territoriais específicas, onde os conhecimentos sobre a sociobiodiversidade local configuram um modo particular de vida. Ambos estudos privilegiam a perspectiva da territorialidade, reproduzida em um território específico, esse elemento vem ao encontro com as relações territoriais das benzedeiras do centro sul do Paraná, devido seus movimentos e práticas, baseados nas caminhadas pelo território e a interação com o universo rural.

Ao considerar a casa da benzedeira e os quintais como caminhos convergentes, que se encontram e resultam em um modo tradicional de vida, o esquema do complexo K-C-P (crer, conhecer e fazer) desenvolvido por Toledo e Barrera-Bassols (2009), coloca-se interessante para pensar tal relação. O esquema, desde a perspectiva da etnoecologia[19], visa a integração do sistema de crenças (cosmos), o conjunto de conhecimentos (corpus) e práticas produtivas (práxis). O esquema K-C-P, portanto, "[...] torna possível compreender as relações que se estabelecem entre a interpretação e leitura e o uso ou manejo da natureza e seus processos" (TOLEDO & BARREIRA-BASSOLS, 2009, p. 41). O qual é observado nos saberes e conhecimentos tradicionais associado à natureza, como o saber das benzedeiras.

> Desde a perspectiva de seu repertório ou sistema de crenças, os atores constroem uma imagem ou representação do cenário produtivo (simbólico e material): a "sobrenatureza". Por outro lado, os atores constroem, em paralelo, uma interpretação desse mesmo cenário mediante uma leitura baseada na observação de objetos, feitos, padrões e processos, quer dizer, através do repertório de conhecimentos acumulados. Finalmente, os atores decidem e constroem uma atuação baseada na dupla representação/interpretação, isto é, põem em operação um conjunto de ações em relação a seu cenário mediante a tomada de decisões baseadas em um repertório de práticas produtivas. (idem)

Nesta perspectiva, a tríade apresentada pelos autores pode ser observada na casa da benzedeira que integra altares e quintais expandindo o sagrado e o ofício de benzer pelos diversos espaços e instalações da casa. A qual é dinamiza pelos processos de apropriação intelectual e material da natureza, em que a crença, o conhecimento e a prática são articulados

19 Disciplina multidisciplinar com enfoque holístico que permite o estudo dos saberes tradicionais detidos pelos povos e comunidades tradicionais ao redor do planeta.

com categorias temporais, processos históricos e geracionais. Em que se observa que a casa é constituinte da identidade da benzedeira, nela seu fazer é manifestado como uma das faces da interpelação com seus conhecimentos de cura e suas crenças cultuadas no altar e cultivadas no quintal, acionando a mediação dos santos e dos poderes sobrenaturais.

Neste sentido, o benzimento como prática pode ser percebido no contexto local como um agregado de saberes mágico-religiosos, ecológicos e sociais. Em que a soma dos procedimentos rituais que incluem orações, manipulação de ervas medicinais e experiências de vida convergem para a eficácia da solução dos problemas locais que se manifestam na enfermidade física e espiritual. Assim, a benzedeira em sua trajetória vai acumulando conhecimentos de cura e experiências em relação a situações difíceis, em que os recursos são poucos e a necessidades da população são desafiadoras. Fazendo com que seus ofícios estejam em movimento ao longo dos processos de pesquisa, aprendizagem e especialização que são constantes e animam a economia do benzimento.

Desta maneira, diferente da percepção de Bourdieu (1970 *apud* 1999) acerca da organização da casa kabyle em relação a pares de oposição, o que demonstra a leitura estruturalista do autor em relação aos processos que estudou, ao citar que:

> Assim, a casa se organiza segundo um conjunto de propostas homólogas: fogo/água; cozido/cru; alto/baixo; luz/sombra; dia/noite; masculino/feminino; fecundante/fecundável; cultura/natureza. (BOURDIEU, 1970 *apud* 1999, p. 151)

Percebo que ademais do universo das benzedeiras caracterizar-se pelo domínio das mulheres, diferente do caso kabyle, em que os espaços da casa são preponderantes a divisão de papéis entre homens e mulheres. Os espaços da casa da benzedeira possuem funções e significados característicos, mas não se organiza em pares de oposição, como dentro e fora, quintal e altar, natural e sobrenatural, cultura e natureza. As benzedeiras apresentam uma concepção concêntrica da casa, que comunica continuidade de domínios e conhecimentos das mulheres que se estendem por onde essas transitam, trabalham e benzem, em que a casa se destaca tanto pela morada de vida quanto pelo lugar onde a prática do benzimento é realizada. Tal percepção é possível apenas caminhando com as benzedeiras e ao longo do caminho observando que a prática do benzimento não é restrita ao altar, e pode ser notada nas paredes, móveis, cômodos e quintais, expandindo-se pela casa como um todo. Assim como, para outras casas através das mudas e sementes que são levadas pelas pessoas que passam pela casa da benzedeira e com sua visita contribuem para formação de sua identidade e a manutenção do

seu ofício de cura. Para tanto, o benzimento quanto aplicação do conhecimento tradicional de cura vai tecendo cada lugar da casa, dando vida e significado aos espaços que convergem e formam uma instância de vida.

3 CAMINHOS QUE SE EXPANDEM: AS VISITAS, OS LUGARES E AS FESTAS

Dona Tila durante o Encontro de Benzedeiras na Cachoeira que aconteceu em 28 de julho de 2018, enquanto as benzedeiras conversavam sobre as pessoas que iriam auxiliá-la na articulação do Movimento no município, relata que "de primeiro eu saia distâncias longes a pé, eu ia avisa a turma [pessoas], agora não posso mais". Aos 87 anos a benzedeira que muito caminhou para convidar as companheiras para as reuniões comunitárias, informa que atualmente não tem a mesma disposição de quando mais nova. Em que por vezes caminhava o percurso de sua comunidade de Cachoeira até a cidade de São João do Triunfo cerca de 30 km para participar das reuniões para a organização dos pequenos agricultores familiares, mobilizações que na época culminaram na criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Partido dos Trabalhadores no município. Assim como Dona Tila, as interlocutoras trazem em sua trajetória o ato de caminhar motivado pelo interesse e necessidade de chegar a outros lugares. Elas caminham para trabalhar nas terras de plantar, visitar parentes, negociar produtos, colher plantas e alimentos, cultuar o sagrado, ou ainda participar de encontros familiares, religiosos, festivos e organizativos. O pouco acesso das mulheres aos automóveis, dos quais raramente são condutoras, somado à falta de transporte público nas comunidades rurais e a limitação de suas rotas, faz com que a forma mais viável de mobilidade local seja o caminhar. Tal realidade também está presente nas cidades, as benzedeiras com as quais convivi, moram em bairros distantes, nas margens da cidade o que faz com que caminhem longas distâncias para visitar suas colegas, participar de eventos e trabalhar.

As fotos abaixo (53, 54 e 55) apresentam em parte os caminhos trilhados por elas, em que o ritmo dos passos e das viagens permitem entre outras coisas: a conversa ao longo do caminho com os moradores que povoam as beiras das estradas; os encontros com humanos e não humanos (animais, plantas e espíritos); as paradas para observar e experimentar plantas; o estabelecimento de marcos - através de rios, nascentes, morros, árvores, tipos de vegetação e construções como pontes, mata-burros, quebra-corpos e igrejas que configuram os caminhos. A percepção do território ao largo do trajeto, desperta para as cores, cheiros, sons, texturas e elementos do ambiente que são captadas e constituem o conhecimento tradicional ecológico detido pelas benzedeiras. Segundo Manoela Carneiro da Cunha:

> Costuma-se chamar de saber ecológico tradicional ao conhecimento que as populações locais têm de cada detalhe do seu entorno, do ciclo anual, das espécies animais e vegetais, do solo etc. (CUNHA, 2009, p. 306)

O saber ecológico tradicional caminha junto com o conhecimento tradicional de cura detidos pelas benzedeiras, pelo conhecimento da agrobiodiversidade local que faz parte das práticas de cura na forma do uso de plantas e produtos locais que são remédio. Assim como, pelo seu regime de elaboração e transmissão, em que a diversidade de processos e modos de saber-fazer são apreendidos no cotidiano caracterizando o modo de vida das benzedeiras. Cunha (2005) define os principais elementos que configuram o conhecimento tradicional enquanto patrimônio imaterial:

> que patrimônio imaterial se compõe de processos tanto, e provavelmente mais, do que de produtos; que ele não se compõe de formas fixas, mas de uma recriação permanente que tem a ver com um sentimento de continuidade em relação às gerações anteriores, ou seja, que ele é ao mesmo tempo dinâmico e histórico; que suas condições de reprodução dependem, entre outras coisas, de acesso a território e a recursos naturais. (CUNHA, 2005, p. 15)

Como aponta a autora, a importância dos processos mais que dos produtos é um elemento central nos regimes de conhecimentos tradicionais, nesse sentido, a dinâmica de deslocamento territorial das benzedeiras é interessante porque expande o espaço doméstico de produção e reprodução dos conhecimentos tradicionais de cura. Tal movimento implica em processos de troca e pesquisa com outros sujeitos, que resultam dentre outras na diversidade de procedimentos relacionados ao benzimento, ao que concerne ao repertório religioso, assim como no uso da agrobiodiversidade local.

O regime do próprio conhecimento tradicional, como argumenta Cunha (idem), faz com que este seja histórico e dinâmico, desta forma o termo "tradicional" não se remete ao intocável, pois a manutenção dessas práticas depende de encontros com outras culturas e sobretudo estratégias de adaptação a novas situações. O que é recorrente no caso das benzedeiras, principalmente com a criação do MASA que expande substancialmente os espaços de intercâmbio entre benzedeiras e outras comunidades tradicionais, como veremos no decorrer deste trabalho. Em que tanto o contato com outros grupos quanto a circulação no ambiente são característicos deste processo.

Tratando-se de uma cultura oral, os saberes de cura são transmitidos pelo o ato de falar, observar, imitar e ensinar, que colocam os conhecimentos em movimento. Ana Maria explica que as benzedeiras que se movimentam "falam mais", isto é, participam de inteirações diferentes adquirindo maior experiência tanto ao que concerne ao conhecimento de cura, quanto ao conhecimento de "articulação" que corresponde aos contatos políticos e alianças com coletivos e movimentos sociais.

> O Movimento não passa de um conhecimento, você tá conhecendo e aprendendo. As vezes as pessoas que mais falam é as que mais saem, as que mais aprendem, as que mais conheceram, então, elas não têm muito aquele medo de falar e também elas aprenderam. As vezes têm algumas, aquelas que não saem muito por conta da idade, elas falam mais a parte do conhecimento delas, como faz um chá, conhecer o remédio, fazer a garrafada que eram parteira, mas aí elas já não saem pra fora, não tão na articulação, mas elas falam, contam, perguntou elas têm o conhecimento normal delas.

Falar mais, portanto, relaciona-se a andar mais, porque implica na diversidade de formas de aprendizado. Ana Maria, nos ensina que as andanças das benzedeiras são diversas e associadas a uma forma própria de deslocamento no território, como argumenta Ingold (2000), o próprio processo de caminhar resulta em conhecer e experienciar os espaços. Tal ação deixa marcas que tecem o mapa mental do território (LITTLE, 2004), através de demarcadores territoriais. Os demarcadores territoriais podem ser apreendidos pelas referências materiais e imateriais que conformam os caminhos que não tem uma delimitação física perimetral, mas é circulado e conhecido, o que faz parte do movimento de mobilidade das benzedeiras e, além disso, é parte constituinte do processo de formação do conhecimento tradicional associado à agrobiodiversidade.

FIGURA 53 -Ana Maria caminhando até a casa de Dona Donária. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

FIGURA 54 - Dona Rosinha voltando do trabalho, no caminho coletou mudas de arrudão. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Vila Nova, Irati (PR).

FIGURA 55 – Dona Agda caminhando até a casa de Gelci. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

Neste território conformado pelo caminhar, vimos no capítulo anterior que a casa da benzedeira é um lugar de referência, neste sentido, no presente capítulo, saímos de suas casas para conhecer o território que transitam, visitando outras benzedeiras, conhecendo os lugares sagrados e participando das festas tradicionais. As visitas, lugares e festas demonstram que a atuação das benzedeiras não se restringe ao universo doméstico, tampouco sua ação corresponde apenas a cura, suas ações se expandem ao longo do território. As quais apresentam implicações no mundo religioso através da realização de festas tradicionais, no estabelecimento e manutenção de redes de trocas, e desencadeamentos sociopolíticos através da luta por direitos de acesso e manutenção aos lugares sagrados.

Neste itinerário, lhe convido, portanto, a caminhar com as benzedeiras, trilhando estradas que se encontram menos visíveis ao trânsito das detentoras, mas que se apresentam como primordiais na manutenção dos ofícios tradicionais de cura. Os caminhos associados aos ofícios tradicionais de cultura, diz respeito ao saber-fazer de mestras e mestres realizadores de romarias de São Gonçalo, festas de santo, saídas do Divino e mesadas de anjos. Tais manifestações acontecem em lugares visitados pelas benzedeiras e conformam seu repertório religioso e seu território sagrado, com destaque para os olhos d'água de São João Maria e as casas de benzedeiras onde acontecem as visitas e as festas tradicionais.

Assim, a afirmação da benzedeira Dona Jacira, ao dizer que "Deus gosta que ande, tudo andança de cura e libertação Deus gosta", expressa a percepção da benzedeira ao considerar o andar como um ato sagrado. Tal percepção é compartilhada pelas benzedeiras Ana Maria e Dona Dejanira acerca do Movimento, ao dizer que:

> Quando tá contribuindo tá aprendendo, quando tá aprendendo tá valorizando, quando tá valorizando o Movimento sempre está andando.

> O Movimento é a gente aprendé mais. Esses encontros que nós temos é muito importante, ir lá e prestar atenção, a maioria eu aprendi nos encontros.

Deste modo, andar e aprender são verbos imbricados ao modo de vida das benzedeiras. A percepção das benzedeiras acerca do Movimento quanto um espaço de aprendizagem é comum entre suas colegas que concebem o aprendizado através da ação de andar que proporciona o conhecimento, o encontro e a troca com outras pessoas. O próprio nome da

organização das benzedeiras "Movimento Aprendizes da Sabedoria" conjuga os termos "movimento", "aprendizes" e "sabedoria" que indicam que o processo de construção do conhecimento das benzedeiras é permeado pelo movimento de benzer pessoas, plantas e animais, visitar lugares e participar de encontros. Tal prática expande a noção do papel de benzedeira que segundo Dona Dejanira, associa ao ofício de benzedeira, o ato de visitar, ensinar e fazer encontros:

> eu fui no Monjolo que é longe, casa por casa, visitar um por um, e faze a pessoa aprender, e eles querem encontro no Monjolo. Temos que ir fazer encontro no Monjolo.

Neste caminho vamos acompanhar as benzedeiras nas visitas a suas colegas, para então chegar nos olhos d'água de São João Maria, um lugar privilegiado para pensar o processo da vida, através da relação das benzedeiras com o território sacralizado, onde práticas tradicionais e ações políticas desencadeiam-se em prol da defesa da vida. Nesse percurso, chegamos até as festas, que anunciam a amplitude das andanças das benzedeiras e a diversidade de suas manifestações que expandem caminhos através da troca e do encontro.

3.1 AS VISITAS

> Visitando outras comunidades, outras cidades, vendo como era o costume deles, a cultura deles, a tradição deles, que não só na minha cidade na minha região tinha, mas em outras cidades tinham também, e eu fui conhecendo. Eu vejo assim, que o Movimento das Benzedeiras começa por um conhecimento. A gente conhece pessoas, a gente aprende, tem pessoas que aprendem a fazer tintura, pomadas, é um aprendizado que foi por meio do Movimento e hoje as pessoas fazem. Através da amizade a gente aprende bastante coisa, no conhecimento das plantas, na troca de experiências, na parte de cantos e orações, tudo os cantos hoje em dia eu aprendi, porque eu tava no Movimento eu participava dos outros movimentos também.

Ana Maria em seu relato sobre o Movimento das Benzedeiras ensina sobre a importância das visitas para a construção do conhecimento, o deslocamento para outras comunidades, cidades e regiões, assim como o contato e estabelecimento de relações com outras pessoas através da amizade e do encontro. Ações que são preponderantes na constituição do conhecimento das benzedeiras, tanto ao que corresponde às plantas medicinais e sua manipulação, quanto ao repertório religioso formado por orações, cantos entre outras formas de celebrar o sagrado.

As visitas que chegam até a casa da benzedeira, como vimos no capítulo anterior, são importantes na formação da casa e da identidade da benzedeira animando o processo de troca-dádiva. Nesta sessão a visita aciona outra linha importante para compreender a vida das benzedeiras da região centro sul do Paraná, o caminho inverso desde a casa para o território, em que a benzedeira se coloca em movimento ao longo dos caminhos para visitar outras benzedeiras. Ação que enaltece seu caráter de pesquisadora, o qual instiga os interesses de visita pela possibilidade de falar, observar, ensinar e trocar conhecimentos sobre plantas e curas, assim como conseguir mudas e sementes para experimentar em seu quintal.

FIGURA 56 – Dona Agda visitando Marilu. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

As visitas apresentam intensidades e finalidades distintas, o que não impede que a troca e a pesquisa aconteçam. Na vida cotidiana é fácil precisar de algum alimento, utensílio ou ferramenta, em vez de comprar, o modo local de resolver a questão é emprestar da vizinhança, através de uma visita rápida de empréstimo, a qual se repete no ato de devolução, tal operação acontece a qualquer horário do dia conforme a necessidade. Já no final do dia é uma prática entre as benzedeiras caminhar até a casa de uma comadre, vizinha, parente, colega ou amiga

para tomar o chimarrão da tarde, caso não esteja ela mesmo recebendo uma visita. Assim como é comum entre minhas interlocutoras que moram na cidade e têm parentes no interior dos municípios em visita-los frequentemente, em média uma vez ao mês, o que acontece por meio de uma viagem de ônibus ou carona até a comunidade, hospedando-se na casa dos familiares e conhecidos por pouco menos de uma semana. A benzedeira dificilmente retornara de seus passeios e visitas sem presentes, como produtos locais, artesanatos em tecido, mudas e sementes de plantas.

Essa forma de viver das benzedeiras em que a visita faz parte do cotidiano, se expande através do Movimento Aprendizes da Sabedoria para outros lugares, sendo uma característica do MASA a promoção de visitas entre benzedeiras. Toda vez que acontece uma atividade de reunião da organização, as benzedeiras colocam-se na estrada para visitar suas colegas, a fim de conversar, avisar e organizar os encontros coletivos. A diferença da visita cotidiana é que as visitas viabilizadas pelo Movimento são direcionadas às benzedeiras e o assunto do benzimento não é a novidade, mas sim o tema principal. Adicionalmente, a possibilidade de deslocamento de carro através da estrutura de ONG's[20] e pesquisadores quando para outros municípios e comunidades proporciona o translado de coisas e objetos.

Faz parte do itinerário das visitas caminhar pelos quintais das colegas, quando se trata de eventos, elas reservam em sua programação o momento de "troca de experiências". A troca acontece depois de conversarem sobre agendas do grupo e encaminhamentos de demandas relacionadas aos órgãos públicos e a própria organização. Já é uma prática entre elas, levar remédios para a reunião, dessa forma, o intercâmbio consiste na explicação sobre as formas de uso das plantas trazidas por elas, a troca de mudas e o passeio pelo quintal da benzedeira anfitriã.

Acompanhada de Dona Dejanira, Ana Maria e Dona Maria ambas de Rebouças, visitamos a casa da benzedeira Dona Terezinha na comunidade de Invernada no município de Rio Azul (Figuras 57 e 58), a qual é sobrinha de Dona Dejanira. Enquanto a benzedeira hospedava as visitas, sua tia adentrou o quintal iniciando o passeio entre as plantas que se estendeu pela tarde. As benzedeiras levaram mudas de remédios e flores, colheram frutas da época e ganharam palha de milho para paieiro. Essa experiência repetiu-se em todas as saídas

20 O Movimento das Benzedeiras faz parte do público atendido pela ONG Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP) utilizando em parte a estrutura da entidade para suas atividades, desta forma, conta com automóvel para suas agendas de mobilização, o qual é mantido com recursos do MASA através de projetos financiados por entidades filantrópicas que consistem em atividades de encontros de troca de experiência para o fortalecimento dos ofícios tradicionais de cura.

de campo que realizei em companhia de benzedeiras, além das plantas e alimentos, algumas vezes trouxemos lenha para o fogão.

FIGURA 57 – Dona Dejanira caminhando pelo quintal de Dona Terezinha. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Invernada, Rio Azul/PR.

FIGURA 58 – Ana Maria e Dona Maria despedindo-se de Dona Terezinha. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Invernada, Rio Paraná/PR.

Em uma saída de campo que fiz com Dona Agda nas comunidades de Cachoeira e Canudos no município de São João do Triunfo (Figuras 59, 60, 61 e 62), visitamos em um dia cinco benzedeiras, saímos de madrugada da sua casa na cidade de Rebouças e viajamos de carro para o município de São João do Triunfo, um translado de pouco menos de 200 km. As visitas tinham como objetivo organizar uma atividade no Movimento na comunidade da Cachoeira, mesmo tratando-se de visitas rápidas, em cada casa fomos presenteadas com sementes, mudas e alimentos. A capacidade de pesquisa de Dona Agda é espetacular, com sentidos treinados aos seus olhos não escapa nenhum remédio, sua inquietude em saber e ensinar os usos e processos sobre as plantas é surpreendente e manifesta-se no resumo do dia de campo. Em que pela noite quando organizávamos nossas sementes em sua casa, contabilizamos 16 variedades, entre grãos, flores e ervas (Figuras 63 e 64).

O mesmo aconteceu quando fomos para a comunidade de Rio Bonito em Rebouças, comunidade de morada de Dona Agda, estivemos na casa de três mulheres e ademais do dia chuvoso que restringiu nossos passeios pelos quintais, no final do dia tínhamos leite de vaca, banha de galinha, conserva de pimenta, conserva de vagem, manteiga, mudas da flor-do-divino, sementes de pimentas, pepino doce e quina. Nestas visitas, os presentes não se restringiam a ela, como também me inscrevo como agricultora, logo diziam "leva pra tua mãe que ela planta", voltamos para a cidade com o porta-malas do carro repleto de mudas, alimentos, cheiros e cores (Foto 63). Dona Agda satisfeita com os presentes, logo organizou as

sementes que estavam em época de planta, as variedades que armazenaria e outras para distribuir entre benzedeiras, enrolando cada porção em um papel diferente.

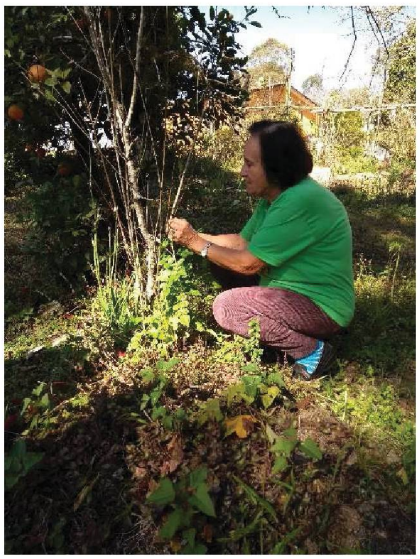


FIGURA 59 – Dona Agda coletando mudas no quintal da Dona Ester. LOCAL: Canudos, São João do Triunfo/PR. FIGURA 60 – Dona Ester mostrando seu quintal para Dona Agda. LOCAL: Canudos, São João do Triunfo/PR. FIGURA 61 – Dona Agda conversando sobre plantas com Dona Tila e Marilu. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.
FIGURA 62 – Dona Agda coletando muda de quina no quintal da Dona Tila. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

FIGURA 63 – Porta-malas do carro com mudas e sementes do dia de campo. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.
FIGURA 64- Variedades de sementes ganhadas durante o dia de campo em São João do Triunfo. LOCAL: Rebouças/PR. FOTOS: Taisa Lewitzki, 2018.

O processo de troca de conhecimentos e aquisição de mudas e sementes de plantas e alimentos não se restringem apenas à região centro sul do Paraná, devido às agendas do Movimento, as benzedeiras que viajam para outros estados representar o MASA raramente voltam de mãos vazias. Dona Rosinha que viajou ao Estado de Goiás com a finalidade de participar do 3° Grande Encontro de Raizeros, Parteiras, Benzedeiras e Pajés na Chapada dos Veadeiros[21], trouxe com ela várias mudas de plantas nativas do Cerrado, as quais estão sendo cultivadas a partir da experimentação do melhor lugar (solo, sombreamento, iluminação) para que se adaptem ao clima da floresta de araucárias. Dona Agda ao participar da IV Encontro Nacional de Agroecologia em Belo Horizonte[22] trouxe variedades de sementes crioulas, das quais compartilhou comigo as sementes de hibisco e *physalis*, plantas que conheceu durante o evento. A viagem de Ana Maria ao Maranhão para participar do Seminário Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais[23] não foi diferente, a benzedeira voltou da região Nordeste para o Sul munida de mudas e sementes de plantas usadas pelas quebradeiras de coco babaçu. As viagens e experiências em outras regiões e contextos são frequentes e contribuem para o intercâmbio e produção do conhecimento tradicional extrapolando a escala do local, conforme relata Ana Maria durante nossa conversa sobre suas viagens:

> Eu já fui pra Porto Alegre, fui lá em Brasília e aqui eu andei conhecendo todas as cidades pra levar um pouco do nosso conhecimento e trazer um pouco do deles. Porque nós benzedeiras vivemos trocando conhecimento com as pessoas, buscando, levando as coisas boas.

Esse buscar e levar coisas, como afirma a interlocutora, faz parte das andanças das benzedeiras, essa maneira de andar, trocar, buscar e levar "coisas boas" é a forma de viver e de conhecer reproduzida por elas em seu cotidiano. As quais são transpostas aos seus espaços de reunião através da participação de eventos e das visitas a casa de outras benzedeiras para convidá-las para seus encontros, como recomenda Ana Maria ao fazer o convite às benzedeiras de Rio Bonito para participar de um encontro na localidade:

21 O evento acorreu em 24 a 27/05/2018 em Alto Paraíso e Vila de São Jorge no Estado de Goiás.
22 O encontro acorreu em 31/05 a 03/06/2018 em Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais.
23 O seminário acorreu em 3 a 5/07/2018 em Monte Alegre no Estado do Maranhão.

> Ai você peça pra eles levarem às plantas, por exemplo, quem têm em casa capim-limão, erva-cidreira, salvinha, marcelinha. Por exemplo, ali eu vi quina, leva quina, leva hortelã, pra fazer aquela mística bem bonita, se quiser levar com muda pra trocar.

A troca é um processo diverso e acontece de formas diferentes, quando se trata de uma espécie não conhecida na região vinda de outro lugar, o interesse das benzedeiras em cultivar e experimentar a planta estrangeira ainda é maior, um exemplo é o ginseng brasileiro (*pfaffia glomerata*). No ano de 2011, participei com a benzedeira Ana Maria por intermédio da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais[24] do 1º Encontro dos Ilhéus do Rio Paraná, o evento aconteceu na cidade de Alto Paraíso localizada no noroeste paranaense. Como parte da programação visitamos as ilhas do rio Paraná onde a benzedeira ganhou mudas de ginseng, uma das principais espécies vegetais manejadas pelos ilhéus para fins medicinais, alimentícios e comerciais. No trabalho de campo correspondente a esta pesquisa, no ano de 2018, em todos os quintais que visitei o ginseng foi me apresentado com satisfação pelas benzedeiras, variando suas formas de uso. Tanto as partes da planta passaram por alterações, em que diferente dos ilhéus que usam as raízes, as benzedeiras do centro sul paranaense também usam as folhas e as flores, assim como, as enfermidades que contemplam um leque variado. O ginseng foi amplamente disseminado nas visitas e encontros das benzedeiras, estando presente nos quintais das benzedeiras Ana Maria, Dona Agda, Dona Dejanira (Figura 65), Dona Genir e Dona Glorinha em Rebouças, Dona Rosinha e Dona Sebastiana em Irati, Dona Terezinha em Rio Azul, Dona Ester, Dona Tila e Marilu em São João do Triunfo, extrapolando a cidade de Rebouças que é o lugar de residência de Ana Maria que trouxe a muda da planta das ilhas do rio Paraná.

24 Espaço de articulação de coletivos de povos e comunidades tradicionais do Paraná, criada no ano de 2008 com a finalidade de fortalecer pautas de políticas públicas comuns aos povos e comunidades tradicionais. A Rede é formada por representantes das benzedeiras, cipozeiros, ciganos, faxinais, guarani, kaingang, quilombolas, ilhéus do rio Paraná, pescadores artesanais e povos de terreiro. Mais informações: http://redepuxirao.blogspot.com.br/

FIGURA 65 - Dona Dejanira em seu quintal mostrando seu pé de ginseng. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Rebouças/PR

Uma das plantas estrangeiras que atualmente passa pelo processo de experimentação das benzedeiras é o ora-pro-nóbis, que no curto período que caminhei com elas durante o trabalho de campo, foi largamente dispersado através das visitas. O interesse pela planta concorre a visibilidade desse na mídia, em que entre outros canais de comunicação foi objeto do Globo Repórter exibido no dia 13 em julho de 2018, programa televisivo da emissora Rede Globo de audiência entre as benzedeiras. No mesmo período, em uma visita na casa da Dona Tila em São João do Triunfo, as benzedeiras Dona Agda e Marilu e o assessor Leandro que me acompanhavam na ocasião, ganharam mudas de Dona Tila (Figura 66). Posteriormente, Dona Agda comentou que havia feito novas mudas as quais tinha "passado pra frente", enquanto que Leandro levou as mudas para o Viveiro de Plantas Medicinais do Instituto Federal do Paraná – IFPR Campus Irati que trabalha em parceria com o Viveiro Municipal de Rebouças, tendo as benzedeiras suas principais parceiras na manutenção e distribuição de mudas. Ana Maria em outra ocasião mostrou-me a planta na horta do Olho d'Água de Barreirinho na cidade de Rebouças e comentou que ali estava acessível para todos que precisassem dela. Além de trocado por elas, as mudas foram levadas para os espaços dos viveiros, os quais por meio de parcerias entre MASA, Prefeitura Municipal de Rebouças e IFPR têm sido lugares de referência para trocar mudas e principalmente conseguir espécies que não detêm em seus quintais. Assim como, a horta do olho d'água construída coletivamente pelas benzedeiras, a

qual se atualiza com as novas espécies que são transpostas para perto das águas de São João Maria.

FIGURA 66 - Marilu, Dona Tila e Dona Agda coletando mudas de ora-pro-nóbis. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

Além do conhecimento experimentado na prática, as benzedeiras buscam em livros o conhecimento sobre as plantas, Dona Agda tem como prática a leitura e coleciona livros de plantas, todas as noites antes de dormir lê um pouco e anota as plantas e procedimentos que considera interessantes em um caderno pessoal. Através da *internet* ela pede a suas filhas e netas que pesquisem o nome da planta que vê nos livros para verificar se a foto coincide com as plantas da região, a fim de fazer seus experimentos em relação aos usos. Ana Maria é uma grande escritora, acumulando cadernos onde anota cantos, orações e benzimentos que aprende com as benzedeiras mais velhas, em suas palavras "são cadernos de cultura antiga", devido seu gosto em escrever e cantar, compôs duas músicas sobre as benzedeiras que são tomadas como hinos do Movimento, uma delas, epígrafe deste trabalho. O caderno de anotações de orações, cantos, simpatias e remédios é comum a várias benzedeiras que são alfabetizadas, assim como a prática de fazer mudas para presentear as visitas e anfitriãs. Algumas levam para suas companheiras orações, receitas, cantos e benzimentos escritas em folhas de caderno e dobradas com cuidado. Ademais do conhecimento transmitido oralmente, Dona Glorinha explica que "anotado, não esquece" ao contar da simpatia que recebeu de presente de Dona Agda, que além de ensinar o procedimento através da fala, lhe entregou a simpatia escrita. As "cartilhas das benzedeiras" organizadas por assessores e publicadas pelo MASA com apoio de projetos,

registram o uso de plantas, simpatias e benzimentos fazendo sucesso entre as benzedeiras que verem seus conhecimentos registrados no papel, e além disso acessam através dos materiais os conhecimentos de suas colegas.

FIGURA 67 - Dona Glorinha mostrando as mudas que serão presenteadas às visitas. FOTO: Douglas Frois, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

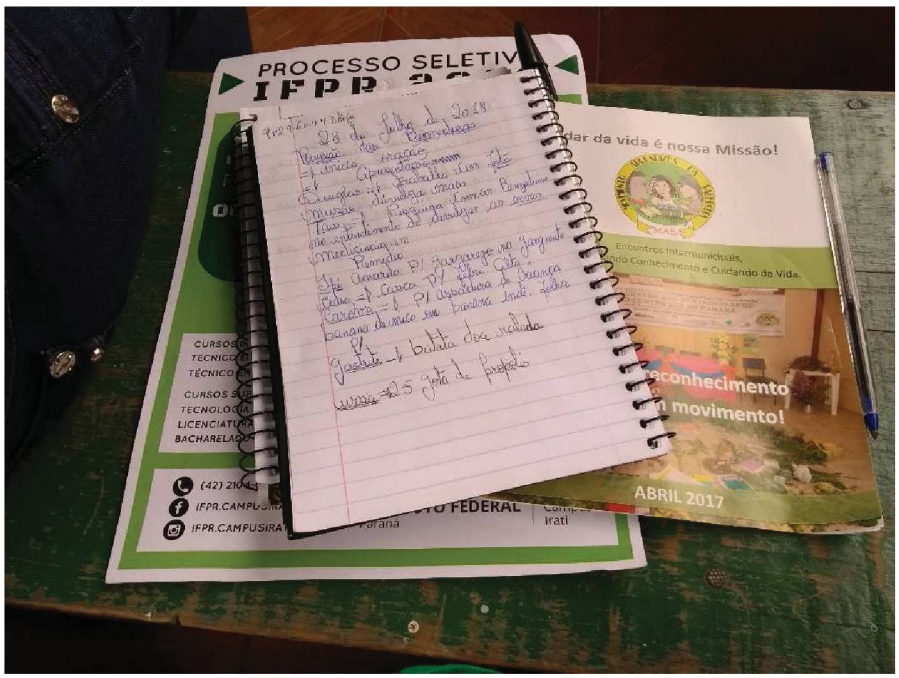


FIGURA 68 - Caderno de anotações de Marilu, cartilha do MASA e cartaz do IFPR. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

As visitas como uma forma de transitar ao longo do território são importantes para o modo de vida das benzedeiras, as quais expandem a ação das benzedeiras para além de suas casas. O caminhar das benzedeiras viabiliza, portanto, o conhecimento através da experimentação, da pesquisa e do conhecimento do outro, em que "o valor da troca tendo precedência sobre o valor de troca" (CUNHA, 2005, p. 25) anima o processo de constituição do conhecimento tradicional, em que o ato de andar, conhecer e aprender das benzedeiras potencializa a economia do benzimento animada pela troca-dádiva.

Seguindo nosso percurso, nessa próxima sessão vamos visitar os olhos d'água de São João Maria um lugar de destaque no universo das benzedeiras do centro sul do Paraná. Em que ao redor das nascentes as benzedeiras celebram o sagrado, demarcam o território e politizam suas práticas em defesa do seu modo de vida que dentre outras coisas depende da disponibilidade dos recursos naturais.

3.2 OLHOS D´ÁGUA DE SÃO JOÃO MARIA

E a novena pra São João Maria? Nasceu com um cabeção, um cabeção, cabeçudo, nasceu disserto demorou muito pra nascer, daí ele tava com dois meses veio na casa do véio Neco. Daí o véio Neco disse ansim: "E o nenê é sadio, tá bão, tá crescendo bem? Tá crescendo pai, mas tamo aburrido, porque tá crescendo muito a cabeça dele". Daí o véio Neco disse pra ele: "Adão, antes de ir embora pra Curitiba vá lavá a cabeça dessa criança lá no oio d'água de São João Maria, você não tem fé em São João Maria? Vá lavar a cabeça desse piá lá na água de São João, no oio d'água de São João Maria, faça pedido, lave a cabeça desse piá, vá vê que não é nada". Pois o dia que tavam indo embora, foram lá bem cedo ou depois do almoço antes de ir embora, lavaram a criança, lavaram os pezinho, deram um meio banho, disserto era verão, vai saber quando era. Quando eles estavam chegando em Palmeira a touca da cabeça da criança virou pra trais. Já tava desinchando era uma inchadura que tinha na cabeça. Por aquele pedido, que ele fez o piá melhorar daquela cabeção, que foi diminuindo aquela cabeção, por aquele pedido que ele fez com aquela fé, ele e a Regina. Ele falou assim, já que meu fio sarou eu vou zelar do oio de São João Maria. Ele não era abandonado, mas não era zelado. Ele faz a grutinha, ele arrumou o oio, ele fez umas rampa pra nois sentar, onde escorrer a água quando chove bastante, daí a água vai pra baixo e não alaga, não faz barro, fica bem enxutinho. Pelo pedido que ele fez pro piá.

Quanto tempo faz? Eu não sei quantos anos o Maurício tem, mais deve ter mais de 30 anos.

É o Adão que faz a novena? Ele que faz. Ele que zela. Nós plantamos flor lá, plantamo bastante flor, tem os pé de copo-de-leite, a Regina plantou bastante hortênsia. Ele roça, ele paga, é lindo, é bem zeladinho.

Por quê foi escolhido o dia 03 de maio? Por ser o Dia Santo**,** nois aqui nos mato guardamo, dia 03 de maio, dia da Santa Cruz. O nosso padre aqui disse que Santa Cruz não é 03 de maio, desde que eu me criei, desde que eu nasci é. Ele [Adão] que escolheu o dia de Santa Cruz, ele plantou cruz de madeira. Sabe a ciência da cruz de madeira de cedro? O dia de Santa Cruz quem pode plantar, os antigo, ali na igrejinha tinha, pego ali, não sei se ainda tem. Planta, cortá lá no mato o pé, o gaio, faz a cruz de encaixe e planta, e pega.

Tem quer ser de cedro? É a significância de Nosso Senhor, que fizeram a cruz de cedro, eu não sei explicar isso aí, a bíblia deve explicar.

Mas o olho d'água sempre esteve ali? Sempre teve, desde que eu vim morar aqui, 68 anos eu já conheci o olho d'água, tudo a vida foi zelado, mas não como agora, agora tem a grutinha, como o olho de São João Maria ele fez pra São João Maria e pra Nossa Senhora Aparecida. Vai fazer 68 anos. Eu era do Riozinho. Lá na Pedra Preta tem um olho d'água de São João Maria do meu padrinho, eu nasci bem diaparzinho.

Se eu te contar que nós com meu neto, me levou lá e fomos. Daí ele me levou esse ano passado, fomos lá. Vou te contar, uma gauchada do Rio Grande compraram o terreno lá, a entrada, não sei se compraram lá no lugar do olho d'água, e nóis cheguemo lá e eu falei pra ela, eu falei também, prosei com ela, desci do carro e fui diapar dela lá no portão onde era a entrada, daí eu disse pra ela, assim pra mué: "Dona, aqui tinha um olho d'água de São João Maria, a entrada de primeiro era aqui, a senhora deixa entrar por aqui onde era a entrada antes? Não, aqui não tem mais olho d'água, não tem gruta nenhuma", a alemoá disse. Eu disse pro neto: "eu já tinha escutado dessa gauchada eles desmancharam tudo, eles queimaram a igrejinha de São João Maria que meu padrinho disserto que feiz", meu padrinho bem veinho chamado Seu Antoninho Matias. Digo: "não, aqui tinha o olho d'água de São João Maria, a entrada é aqui porque nois cruzava a linha que vai pra Inácio Martins, entrava no portão aqui e olho d'água é lá pra frente" - "[alemoa] Aqui não tem gruta nenhuma, a gruta é lá pra frente". Daí eu disse por aqui não tem por onde nos entrar, tudo fechado, não deixou nois entrar. Fizeram piquete, eu acho que eles fecharam e ninguém mais entra ali, uma baita casona. Ela disse que não tinha, não tinha como nois teimar.

Aí fomos pra frente, encontremó umas mulher, e perguntemo, disse: "Não. Volte até a capelinha, na igrejinha aí pra trás". Daí voltemo lá, o meu neto desceu ver se tem entrada: "Vó não entra, entra de apé, cruza a linha e pinguela no arroio". Mas nós vamos ir ainda, vamos entrar pela Lagoa. Como que o povo entra lá, lá é terra de planta, nois ainda vamos ir, agora com esses frio

> não, mas quando esquentar nós vamos ir lá. Eles trancaram aonde é a entrada, pois eu me criei lá, eu ia cada passo no olho d'água de São João Maria dar bença pro meu padrinho.
>
> Tinha igrejinha, mas tinha muleta e bengala, e cabeça de cera de promessa, mão de cera, faziam a imagem, tinha aquela fé, aquela fé, aquela igrejinha era entupida daquela materiada, as pessoas faziam pedido daí saravam e deixavam lá. Disque tacaram fogo lá. Lá pra baixo pra tomar banho, tinha banheiro com porta bem fechadinho, as pessoas faziam promessa pra tomar banho lá, não tomavam banho no olho, tinha o banheirinho lá mais pra baixo, a mesma água de São João Maria.
>
> Disque eles queimaram tudo e tacaram o trator, os gaúcho do Rio Grande, vi contar, e cobriram o olho d´água desapareceu tudo. Foram lá disque a água tava vertendo, o olho d'água tava completo. Não teimaram mais.
>
> **E nesse olho d'água daqui as pessoas fazem batizado?** Muito pouco, porque o padre não aceita, o padre Teófilo não aceitava, o padre implicava muito, esse não implica, mas não aceita. Eu não fiz, porque eu soube que lá do Rio Bonito ele não aceitou.

A narrativa de Dona Mena durante uma conversa em sua casa na comunidade de Saltinho no município de Rebouças, apresenta a percepção da benzedeira de 91 anos acerca dos sentidos dos olhos d'água de São João Maria. A partir da sua trajetória de vida, em que os olhos d'água são um lugar de relevância, Dona Mena introduz os temas acerca da importância dos olhos d'água ao sistema cultural das benzedeiras e suas coletividades; e, os conflitos socioambientais e com um mundo religioso. Por um lado, pela restrição de acesso e destruição física das nascentes, devido as transformações nas dinâmicas territoriais da região centro sul paranaense que culminaram na falta de acesso aos olhos d´água. Por outro lado, pela repressão da igreja católica em relação a realização de batizados nas águas de São João Maria.

FIGURA 69 – Novena no Olho d'Água do Saltinho. FOTO: Taisa Lewitzki, 2009. LOCAL: Saltinho, Rebouças/PR.

O diálogo reproduzido traz as caminhadas de Dona Mena ao longo dos olhos d´ água de Pedra Preta, Rio Bonito e Saltinho, apresentando diversos elementos sobre a relação das benzedeiras com os olhos d'água de São João Maria. Em que emergem temas relacionados à cultura, natureza, conflitos religiosos e ambientais, em que a insistência da benzedeira em acessar os lugares, demostra a importância desses para a reprodução do modo de vida das benzedeiras. A fim de explorar e refletir sobre o emaranhado de linhas vitais que se encontram nas nascentes, entendendo a "vida enquanto capacidade geradora do campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar" (INGOLD, 2012. p. 27). Nesse sentido, as águas, as benzedeiras e as devoções trazem a vida aos olhos d'água, por meio de visitas, promessas, batizados, procissões e ações políticas. A fim de abordar o tema, início essa sessão, portanto, com a descrição física e simbólica das nascentes, recuperando brevemente a trajetória do monge que como as benzedeiras é um caminhante, e as narrativas dos povos e comunidades tradicionais acerca de suas caminhadas no Estado do Paraná. Em um segundo momento, descrevo as práticas das benzedeiras em relação aos olhos d'água, enfatizo o ritual do batizado nas fontes milagrosas do monge, concebendo as nascentes como demarcadoras do território das benzedeiras que marcam e sacralizam o caminho de passagem de São João Maria. Para então, descrever os novos caminhos traçados por intermédio das ações

coletivas de defesa e proteção jurídica das nascentes, levadas a cabo pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria.

3.2.1 Olhos d´Água

FIGURA 70 - Ana Maria tomando água no Olho d'Água do Barreirinho. Rebouças (PR). FOTO: Douglas Fróis, 2018.

Os olhos d'água, em aspectos físicos são nascentes de água doce, conhecidas como vertentes, poços, cabeceiras, fontes e minas de água, que são o lugar onde se inicia o curso de água, seja uma sanga, um córrego, um rio, um lago. A água aflora naturalmente dos lençóis subterrâneos, o fenômeno é nomeado localmente como vertente, por emergir do solo. Os olhos de água são caracterizados por formas circulares onde a água empoça antes de seguir seu trajeto. Ao redor dos poços a vegetação nativa é preservada e algumas espécies medicinais e ornamentais são privilegiadas pelas pessoas que frequentam o lugar.

Existe uma variedade de instalações ritualísticas presentes nas nascentes, formadas ao longo do tempo por devotos que depositam ex-votos ao redor de cruzes, cruzeiros, capelinhas e grutas, sendo comum, imagens de santos católicos modeladas em gesso, estátuas de entidades

cultuadas na umbanda, quadros com fotos de santos, inclusive a foto do monge, e vasos com flores de plástico como demonstram as imagens abaixo (Figuras 71 e 72). Fazem parte dos oratórios e altares, santos quebrados, terços e guias arrebentadas, objetos religiosos que não podem ser descartados em qualquer lugar, sendo levados até as grutas do monge como explicou-me Dona Rosinha. As construções são diversas, sendo o cercamento de arame, tela ou madeira as formas mais comuns de proteger as nascentes dos animais, assim como a proteção de fonte com o uso da técnica barro-cimento como na imagem do Olho d'Água de Barreirinho (Figura 71), caixa ou tampa de cimento, grutas de alvenaria e pedras que tem sido uma das ações do MASA para proteger as fontes.

FIGURA 71 – Ana Maria no Olho d'Água de Barreirinho. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.
FIGURA 72 – Capelinha do Olho d'Água de Barreirinho. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

Desde a perspectiva mágico-religiosa, os olhos d'água do Monge João Maria, vertente de São João Maria, pocinho do monge, oio d'água, oinho do monge, entre outros nomes, são lugares sagrados atribuídos à passagem de João Maria e estão presentes em vários lugares na região sul do Brasil. A devoção popular aquele conhecido como monge, profeta e santo católico não canonizado é uma das mais representativas e criativas no sul do país (KASBURG, 2014) em termos de diversidade de manifestações. Por Monge João Maria de Jesus, Monge da Lapa, São João Maria ou ainda João Maria de Agostini, ficaram conhecidos três homens, que caminharam na região sul do Brasil em distintas épocas. Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, sendo elemento comum entre eles, o perfil forasteiro e o caráter messiânico e de curandeiro. Todavia, ademais dos trabalhos dos historiadores em desvendar as distintas trajetórias dos monges e os momentos em que suas vidas se cruzam e unificam-se no imaginário popular, as narrativas e experiências presentes no centro sul paranaense a partir das benzedeiras partem da concepção do santo monge como uma única pessoa.

Segundo o historiador Kasburg (2014), o primeiro João Maria a ter assumido a identidade pública de monge e, portanto, pode ser considerado responsável em fomentar a crença a João Maria foi um italiano que peregrinou no Brasil entre os anos de 1844 a 1952, cuja forma de viver teria influenciado a vinda dos outros dois. Tomazi (2009) revisando a historiografia dos monges, afirma que o segundo detinha muitas características comuns ao primeiro, diferenciava-se, no entanto, por sua origem francesa e pela cosmovisão que se apresentava mais política que religiosa. Sendo que o terceiro é personagem histórico na Guerra do Contestado (1912-1916), tendo importante papel na organização dos caboclos no conflito armado entre a população local e representantes do poder estadual e federal, travada na região contestada pelos estados do Paraná e Santa Catarina (idem).

O historiador descreve que os três caminhantes associados ao nome João Maria, fortaleceram a crença ao monge, manifestada em "fontes d'água, grutas, cavernas, lapas, cruzes, capelinhas e imagens do santo espalhadas de São Paulo ao Rio Grande do Sul, principalmente no interior do Paraná e Santa Catarina" (KASBURG, 2014. p. 1036). O autor atribuí a vinculação do monge à água a partir da estadia de João Maria de Agostini em Campestre na Serra de São Martinho, próximo ao município de Santa Maria (RS), entre 1845 e 1846, em que o eremita descobriu três fontes de água mineral às quais logo confere princípios curativos. As águas do monge foram popularizadas, provocando a concentração de inúmeras pessoas de várias partes do Brasil, assim como provindas dos países vizinhos como Argentina, Uruguai e Paraguai, que viajavam em busca das águas santas do monge para cura de enfermidades. O fato chamou atenção das autoridades da época, assim como de jornalistas, políticos, médicos e devotos que buscavam explicar o fenômeno das águas milagrosas, para o autor esse evento é o ponto zero da crença as águas do santo monge João Maria.

3.2.3 São João Maria e os povos e comunidades tradicionais do Paraná

Nos dias de hoje, as narrativas sobre as águas do monge são associadas aos lugares de sua passagem e acampamento e são consideradas abençoadas, santas e milagrosas, motivando deslocamentos de fiéis para pagamento de promessas e realização de romarias, cultos, procissões e batizados em busca de cura, isto em diversos lugares no Sul do país. No Estado do Paraná, o caso expoente é o Parque Estadual do Monge – Gruta do Monge, criado em 1960 pela Lei n. 4170 e pelo Decreto n. 8575 de 1962, o Parque possui uma área de 371,6 hectares

de mata atlântica sendo considerado uma reserva de Patrimônio Natural de significativo valor para o município da Lapa (PR), lugar intensamente visitado por devotos de vários lugares do Estado do Paraná, assim como de outras regiões. No município de Guarapuava (PR) a gruta de São João Maria que preserva a nascente conferida ao monge é um dos pontos principais do Parque Municipal do Rio Jordão, lugar onde batizados são recorrentemente realizados. Já no Estado de Santa Catarina, em 2008 o município de Porto União inaugurou o Parque Monge João Maria que conta parte da história do profeta no alto do Morro da Cruz. Ambos lugares materializam a presença e passagem do monge e representam as iniciativas governamentais que buscam conjugar a preservação ambiental e o turismo religioso por meio de criação de parques ambientais fomentados pela devoção ao profeta João Maria.

No entanto, a associação de São João Maria a água é um elemento a ser frisado, visto que a água ademais de ser um recurso essencial para vida detém valores culturais dos mais diversos. No caso das benzedeiras, a água é o elemento central para a realização dos benzimentos, ademais da diversidade de procedimentos na prática de cura, à água faz parte do ritual e para isso, "precisa trazer a água pura para fazer o remédio" como argumenta Dona Agda. A água pura é a água do monge, mas além disso, ela precisa estar livre de contaminações, como me explica a benzedeira, ao dizer que "aonde passa veneno por perto não dá pra aproveitar". A água como elemento vital, gera mais vida através da ação das benzedeiras que ao benzer e preparar o remédio com água, ervas e outras misturas cuidam da vida. Nesse sentido, Dona Rosinha afirma que é preciso "defender as fontes de água que hoje em dia está tudo contaminado". Deste modo, defender as fontes é uma forma que expande a noção acerca da missão das benzedeiras em cuidar da vida.

FIGURA 73 - Olho d'Água de São João Maria. Taisa Lewitzki, 2016. LOCAL: Padre Chagas - Km 104, Inácio Martins/PR.

Na região centro sul paranaense os olhos de água estão localizados em sua maioria em propriedades privadas rurais, alguns nas margens das cidades e outros em áreas públicas ou ainda em terras de uso comum como nas comunidades tradicionais de faxinais, quilombos e terras indígenas. Existe uma identificação das nascentes que são olhos d´água de São João Maria, através de cruzes em especial de madeira, que demarcam os lugares que indicam o solo sagrado, havendo marcação nas nascentes que sinalizam o sepultamento de crianças aos arredores dos olhos, como o caso do Olho d´Água da localidade de Padre Chagas – Km 104 (Figura 73) situado no município de Inácio Martins onde encontram-se cruzes referentes a crianças menores de sete anos[25] ali sepultadas por seus familiares. Dona Mena, descortina que as cruzes de cedro representam "uma ciência" local que consiste no conhecimento sobre a forma de manejo da árvore de cedro, as pessoas que podem fazê-la a e o dia exato para plantá-la:

> O dia de Santa Cruz quem pode plantar, os antigo, ali na igrejinha tinha, pego ali, não sei se ainda tem. Planta, cortá lá no mato o pé, o gaio, faz a cruz de encaixe e planta, e pega.

25 As crianças até sete anos são percebidas como anjos, imunes de pecados e por isso seu sepultamento poderia ser nos espaços sagrados como nos olhos d'água.

Na cartografia social[26] dos povos de faxinais (PNCS, 2006) os municípios paranaenses de Rebouças, Fernandes Pinheiro, São Mateus do Sul, Pinhão e Turvo estão demarcados com o símbolo que representa a categoria "Olhos d´água e cruz de cedro de São João Maria" indicado por uma cruz em cor preta. No mesmo mapa, o município de Fernandes Pinheiro leva a marcação da categoria "Acampamento de São João Maria". As categorias não são exploradas na publicação, no entanto, é importante considerar que se tratam de autocartografias, desta maneira a escolha pela representação dos lugares referentes ao monge nos mapas indicam a importância desses lugares na concepção da territorialidade faxinalense, à qual as benzedeiras também se vinculam.

No Faxinal dos Ribeiros, no município de Pinhão (PR), Porto (2013) reflete sobre a narrativa do morador local João Oliverto de Campos, o qual é autor de uma agenda de registros e reflexões sobre diversos temas que compreendem sua forma de ver o mundo a partir de suas experiências nas matas do Pinhão. Um dos temas privilegiados pelo autor é a passagem de São João Maria de Jesus pela localidade, suas profecias e diálogos com os moradores, sendo uma orientação do profeta a plantação (colocação) de uma cruz de cedro no morro da comunidade. Assim como, a realização de orações no local no dia 03 de maio, mesmo dia em que se celebra a novena a São João Maria na comunidade de Saltinho, conforme relato da Dona Mena. A partir de então, o morro ficou conhecido como Morro da Cruz, materializando a passagem de São João Maria de Jesus na região com a cruz de cedro e, mais tarde, com a colocação de uma estátua do profeta, onde a fé ao monge é celebrada em procissões e visitas ao morro.

Sobre a presença de São João de Maria no quilombo Água Morna no oeste do Paraná, Porto, Kaiss e Cofré (2012) em artigo sobre a identidade quilombola e catolicismo popular, discutem a sacralização do território quilombola por demarcadores sagrados empregados pelos moradores em relação aos processos históricos da comunidade. Em que a estadia de São João de Maria em Água Morna um fator que, como outros eventos, sacralizam o solo quilombola. Conforme as narrativas locais, Água Grande é o lugar em que São João de Maria acampou durante sua passagem pela região e onde o profeta deixou uma fonte benzida. O olho d´água e o cruzeiro que indicam o lugar, são referências territoriais que fazem parte da memória coletiva da comunidade. O mesmo texto, traz o encontro de Dona Dejair - uma das referências da

26 Compreende-se por cartografia social a metodologia participativa de construção de mapas dos territórios de povos e comunidades tradicionais, empreendidas pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia que se estendeu para o Sul do Brasil através do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, para maiores informações consultar: http://novacartografiasocial.com.br

comunidade - com São João de Maria, atualizando a memória de seus ancestrais sobre ele, as quais fazem parte de seu saber e prática religiosa.

No fascículo de número 11 do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil, publicado em 2008, a comunidade quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão localizada nos municípios de Guarapuava, Reserva do Iguaçu e Pinhão na macrorregião centro sul do Paraná, mapeou os olhos d´água de São João Maria como "prática tradicional religiosa e de cura" presente em seu território. A legenda representa o desenho de uma nascente que segue seu leito, com flores nos arredores do poço. Na mesma comunidade, Hartung (2013), ao abordar as redes de sociabilidade entre pessoas de "dentro" e de "fora" do Paiol de Telha, registrou a narrativa sobre a trajetória de Izabel, uma das formadoras da comunidade e reconhecida localmente por ser benzedeira e comadre de São João Maria. Essa passagem aciona a relação próxima das benzedeiras com São João Maria a qual abordo adiante.

Em estudo sobre município do Pinhão (PR), Porto e Ayoub (2013) inscrevem as referências ao monge São João Maria como uma das formas de "sociabilidade das matas" associadas ao catolicismo popular. As autoras argumentam que a crença no monge São João Maria é expressa na geografia local pelas nascentes e cruzes. As fontes são tidas como lugares onde o monge repousava em suas andanças pelo sul do país e são fonte de poderes curativos e de bênçãos. O Cerro da Cruz, homenageia a passagem do monge pelo município na localidade de Poço Grande, morro onde foram erguidas uma cruz e uma estátua em reverência a São João Maria.

> As pessoas que vivem em torno desses locais sagrados contam histórias sobre a época em que o homem santo passou por eles, de modo que suas narrativas constroem visões sobre as dificuldades do passado e as profecias do monge para o tempo presente. Há também sujeitos que afirmam ter conhecido o monge e conversado com ele. (PORTO e AYOUB, 2013, p. 142)

Wedig (2015) em sua tese de doutorado sobre a Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, espaço de articulação política das populações tradicionais do Paraná criada no ano de 2008, aciona a categoria analítica de rede/rizoma para pensar as conexões que se dão por meio de encontros e agenciamentos. Em que identifica o monge como uma figura emblemática nos espaços de encontro de grupos de povos e comunidades tradicionais que se

articulam em rede, para o estabelecimento de conexões entre indivíduos e grupos com o território.

> O monge assume uma importância significativa para os segmentos da Rede Puxirão. Ele realiza um agenciamento político nas reivindicações dos grupos e um agenciamento territorial, em que sua presença é atualizada constantemente. A presença do monge inscreve processos de territorialização dos segmentos, e seus territórios são marcados por essa existência. As relações que são estabelecidas com ele – nos batizados das crianças, nas águas para os benzimentos e práticas de cura, nas profecias feitas por ele, na sua circulação na região apoiando as lutas do povo – criam uma rede de relações e alianças entre São João Maria, os olhos d'água e os segmentos que celebram e que têm a sua presença como central nas suas lutas. (WEDIG, 2015, p. 140)

Tais narrativas compartilham significado similar entre benzedeiras, faxinalenses e quilombolas acerca da cruz de cedro, cruzeiros e olhos d'água como referência da passagem do Monge João Maria em territórios de povos e comunidades tradicionais no interior paranaense. Em que as demarcações consistem em cruzes e nascentes que sinalizam onde ele acampou, pernoitou, profetizou, aconselhou, ensinou e conversou com a população local. Conforme argumenta Josiane Wedig (2015) as referências comuns acerca do monge contribuem para unidade das coletividades no âmbito da Rede Puxirão, tendo um papel preponderante na coletivização das lutas sociopolíticas em defesa dos territórios das populações tradicionais no Paraná. Tal situação evidencia-se na sessão intitulada "Parque Ambiental São João Maria", através da experiência das benzedeiras na proteção jurídica dos olhos d'água.

3.2.3 O São João Maria das benzedeiras

FIGURA 74 - Ana Maria visitando o Olho d'Água de Barreirinho. Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

As benzedeiras compartilham de uma concepção semelhante às referências que os povos faxinalenses e comunidades quilombolas do Estado do Paraná apresentam acerca de São João Maria e de seus olhos d'água. Apresentando como padrão o imaginário de um profeta que caminhava pelas comunidades, dialogava com as pessoas do lugar, benzia, batizava, ensinava o uso da mata como remédio e profetizava as mudanças futuras, entre essas, profecias em relação à natureza que hoje são associadas às transformações territoriais e socioambientais.

Sobre as profecias, logo no primeiro dia do trabalho de campo, quando reencontrei Dona Clair, filha e aprendiz da benzedeira Dona Onória da cidade de Rebouças, ao falar sobre o interesse sobre a relação das benzedeiras com São João Maria, então meu projeto de

pesquisa[27]. Ela, logo narrou que sua avó, sua tia e sua mãe, estiveram com São João Maria no passado, afirmando que acredita no monge devido suas profecias:

> Eu acredito muito nele.
>
> **Por quê?** Porque ele disse muitas coisas que hoje estão acontecendo.
>
> **Que coisas?** Ele falava do terreiro picado, que ia ser tudo um xadrez, e hoje é tudo lote, cada um só tem um pedacinho de terra, só um quadradinho. Falava que as pessoas iam andar voando, era os aviões. Falava na teia de aranha, que é a luz elétrica.

Enquanto conversávamos lavávamos couve para a sopa servida pela Pastoral da Crianças nas quartas-feiras, em que Clair e Ana Maria são voluntárias e ajudam no preparo. Como já tinha ouvido sobre a relação do monge com a couve, retomei o diálogo enunciado:

> **São João Maria gostava de couve?** Ele era vegetariano, gostava muito de cove. As pessoas levavam toicinho, pedaço de carne de porco pra ele. Ele fritava e dava a banha pras formigas, ele gostava de cove. A cove é um grande remédio.

Nesse diálogo surgem três questões principais, a primeira relacionada a terra e ao território, a segunda à alimentação de São João Maria e a terceira a inteiração dele com os animais. Antes de retomá-las, vamos ao relato de Dona Donária, parteira e benzedeira da comunidade de Rio Bonito, que aos 100 anos de idade, recorda as situações em que sua mãe esteve com o monge tanto no município da Lapa (PR) quanto em Rebouças.

> Ela teve com ele lá em Contestado [Lapa/PR], depois ele passou aqui [Rio Bonito, Rebouças], que tem alguns oio d'água dele, tem ali no Inho Rufino. No lugar onde ele posava tinha água aí ele preparava o poço, daí nunca seca, nunca, nunca seca a água, tudo a vida tá fervendinho. Tem aqui nos Rufino, na morada dos Rufino, nunca seca. Daí, daqui tem no Faxiná, ele passo, ele passava.

A parteira que herdou o ofício de sua mãe e em um século de vida realizou mais de 330 partos, relata as profecias de São João Maria. Parafraseando Dona Donária, o monge profetizou que "chegaria um dia em que não se saberia se era inverno ou verão", em que "haveria doenças

27 O projeto inicial da presente pesquisa, intitulado *Os olhos das benzedeiras: um estudo etnográfico sobre a territorialidade do sagrado das benzedeiras do centro sul paranaense* tinha como objetivo abordar a relação das benzedeiras com os olhos d'Água de São João Maria, entretanto, através do trabalho de campo etnográfico o projeto primeiro expandiu-se para outros temas, além dos olhos d'água, tomando a forma do presente trabalho.

que não ia ter remédio a não ser o mato" e ainda, que "ia chegar um dia que as crianças não iriam conhecer feijão". Em outro trabalho (LEWITZKI, 2017, p. 14) apresentei duas profecias bastante populares na região centro sul do Paraná, que fazem parte do campo exploratório relacionado ao projeto inicial de pesquisa. Em que registrei as narrativas sobre os olhos d'água, entre esses, o Olho d'Água do Km 104 em Inácio Martins (PR), lugar que faz parte de minha trajetória, considerando que nele fui batizada quando bebê. Maria Rosa, moradora do lugar que amadrinhou inúmeras crianças na fonte, aos seus 60 anos, narra as profecias do monge, a primeira "muito pasto e pouco rasto" e a segunda conhecida como "gafanhoto de aço":

> Ele falava das coisas que ia ver no futuro. Na época que minha vó conversou com ele. Ele disse que ia chegar um tempo de muita miséria, porque ia ter muito pasto e pouco rastro, ninguém entendia o porquê. Então esse muito pasto é igual hoje, hoje em dia tem muito pasto, muitos lugares grandes fechados, mas não têm animais. Porque os lugares grandes que são fazendas, os latifúndios são dos ricos, dos grandes, e os pequenos não têm espaço para soltar os animais. Por isso, têm muito pasto e pouco rastro. Porque na época que ele passou todo mundo tinha suas criações, tudo era faxinal, todo mundo criava muitos porcos e gado. Também outra coisa que ele falou, é que ia vir o gafanhoto de aço. Naquela época, naqueles tempos não tinha avião, ninguém conhecia avião na nossa região. Disque quando chegasse esse gafanhoto de aço ia trazer muitas desarmonias, muita pobreza e muita fome. E é o que hoje tá acontecendo, quando começou aparecer o progresso, os gafanhoto de aço, veio também a miséria, porque os ricos, os latifundiários começaram a oprimir os pequenos, os lavradores, os moradores desta região.

As profecias narradas por Dona Clair, Dona Donária e Maria Rosa, relacionam-se diretamente com as transformações territoriais que implicam tanto no acesso à terra e ao território, quanto na qualidade da alimentação e no ambiente em equilíbrio. As narrativas demonstram a relação harmoniosa do monge com os animais e a preferência pelos alimentos da terra, assim como as benzedeiras que tanto apreciam a comida crioula, o monge gostava de couve, planta que para as benzedeiras é alimento e remédio, sendo um cultivo privilegiado por elas em seus quintais. Como indica Ana Maria ao nominar "covalzinho do monge" a plantação de couve presente no terreiro de Dona Donária (Figura 75):

FIGURA 75 - Covalzinho do monge na casa da Dona Donária. Rio Bonito, Rebouças (PR). FOTO: Taisa Lewitzki, 2018.

Em relação ao território as profecias "o terreiro picado", "gafanhoto de aço" e "pouco rastro e muito pasto" apontam diretamente as mudanças nas formas de propriedade da terra. As quais indicam a fragmentação das terras comunais, devido a privatização e concentração do território protagonizado pelo agronegócio, modelo de agricultura que demanda grandes parcelas de terra para produção de monoculturas com sementes híbridas, transgênicas e intenso uso de agrotóxicos. Tais transformações, resultam entre outras coisas, na diminuição do acesso das pessoas ao território, assim como no desequilíbrio do mesmo, o que impacta a reprodução do modo de vida das benzedeiras, assim como de outras populações. As profecias apresentam, portanto, um monge que assim como as benzedeiras, tinha como preocupação primeira a manutenção da vida em sentido amplo. Atento as inteirações socioambientais, projetava as mudanças na forma de relação com o território e as consequências negativas aos povos do campo.

Retomando o relato de Dona Donária sobre o surgimento dos olhos d'água em que "No lugar onde ele posava tinha água, aí ele preparava o poço". As narrativas descrevem que São João Maria recusava-se a pernoitar na casa dos camponeses, dormia na mata e silenciosamente

partia e onde alojava-se, logo surgia uma nascente, dando origem aos olhos d'água que nunca secam como afirma a parteira "daí nunca seca, nunca, nunca seca a água, tudo a vida tá fervendinho". Ana Maria, acrescenta que o monge é protetor das águas e da vida como um todo, ao dizer que:

> Ele cuida em nós, cuida no mato, nos remédios, na medicina, não deixa faltar água. Ele é protetor das águas, protege as águas. Dizem também que se a gente pedi pra São João Maria e fazer um buraquinho assim pode verter água ali, porque ele é poderoso.

Tanto para as benzedeiras quanto para suas coletividades os olhos d´água de São João Maria, além de serem fontes de água potável que abastecem famílias e comunidades, são espaços sagrados com valores simbólicos e históricos e com importância mágico-religiosa ao seu sistema cultural. Além do mais, os olhos d'água não secam, ademais das mudanças territoriais que podem impactar sua manutenção e acesso, estes continuam vivos, nas palavras de Dona Donária "fervendinho". Adicionalmente, Dona Mena, informa sobre a resiliência dos olhos d'água que retomam sua força, desafiando sua destruição física:

> Disque eles queimaram tudo e tacaram o trator, os gaúcho do Rio Grande, vi contar, e cobriram o olho d´água desapareceu tudo. Foram lá disque a água tava vertendo, o olho d'água tava completo. Não teimaram mais.

Deste modo, a vitalidade dos olhos manifesta-se na força da água que brota do fundo da terra colocando a vida em movimento através das curas em detrimento as enfermidades.

Nesta linha, a territorialidade das benzedeiras é experienciada na relação particular que o grupo social mantém com os olhos d´água, visualizada na coleta de água e remédios nas nascentes para fins curativos, através do próprio benzimento e da preparação de remédios caseiros. Relação também observada nas celebrações coletivas associadas ao catolicismo popular, em que grupos de vizinhos, compadres e parentes se reúnem nas fontes do monge para realização de procissões, novenas e batizados, com o objetivo de fazer pedidos e cumprir promessas, como veremos adiante ao abordar as festas tradicionais.

A realização dos batizados nos olhos d'água é um elemento importante, pois retrata uma forma de sacralização da natureza, através das celebrações rituais nos lugares onde São João Maria caminhou. Os batizados são rituais cristãos realizados tanto como forma de iniciação religiosa de crianças no catolicismo, quanto uma forma de alcançar a cura a

malefícios diversos, ou ainda como pagamento de promessa por graça alcançada. Na prática do batizado, as benzedeiras cumprem diferentes papéis, com destaque para três situações, a primeira está relacionada a própria experiência da benzedeira com o batizado, através do processo de cura, como o caso de Ana Maria quando criança e Dona Rosinha quando adulta:

> Eu tinha sangue pro nariz e eu curei no oio de São João Maria. Que saía sangue do meu nariz a mãe fez o pedido. Meu irmão dava doença de ataque minha mãe fez o pedido pra batizar no olho d'água de São João Maria. Então nós passava acreditar.

> Eu fiz uma promessa pra São João Maria, porque eu tinha problema da perna, me batizei no olho d'água de São João Maria. Eu estava grávida da minha primeira menina, faz 42 anos. Me batizei depois de casada, porque eu não tinha firmeza na perna por causa da paralisia, porque eu tive a paralisia, então eu não tinha firmeza na perna, quando eu via tava no chão. Eu andava caindo e já tava aparecendo minha barriga, eu tinha medo de machucar. Então eu pedi pra São João Maria a me ajudar a parar de cair que eu ia me batizar e nunca mais caí.

Um segundo papel relaciona-se ao ato de batizar crianças nos olhos d'água como forma de pagamento de promessa devido a cura alcançada pela própria criança por intermédio do pedido de seus responsáveis, como relata Dona Donária:

> Fiz parece que dois batizado no olho d'água que era promessa. Faziam promessa quando tinham doença, faziam promessa pra sará pra falta de memória.

Assim como Dona Rosinha que junto ao seu ex-companheiro acumulam batizados nas nascentes "nós temos mais de setenta afilhados, incluindo a Santa, São João Maria e incluindo a igreja". Essa função vincula-se também com o fato de as benzedeiras serem constantemente convidadas a amadrinhar crianças, devido à reciprocidade dos pais em relação ao ofício de benzedeira, em que os afilhados são integrados à rede de troca-dádiva animada pelo benzimento.

FOTO 76 - Olho d'Água de Coxinhos. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Coxinhos, Irati/PR.
FOTO 77 – Dona Rosinha coletando água do Olho d'Água de Coxinhos. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Coxinhos, Irati/PR.

A terceira função atrela-se a mediação do batizado, quando as benzedeiras orientam os pais e padrinhos na realização do rito do batismo. O batizado consiste na reunião de pais e padrinhos na fonte de São João Maria. Os padrinhos são formados por uma mulher e um homem, que podem ser casados, namorados, irmãos, amigos ou conhecidos, em alguns casos, além do casal convida-se a *apresentadeira,* esse papel é exercido especificamente por mulheres solteiras ou viúvas. Na ocasião se acende uma vela e reza-se orações católicas como Ave Maria e Pai Nosso, palavras de apresentação da pessoa aos santos protetores e ao monge são proferidas, a água coletada diretamente da nascente é aspergida sobre a pessoa batizada com um galho de arruda. Desta maneira, é comum encontrar nos olhos d'água os copos que são usados no ritual (Figura 76), no caso do Olho d'Água dos Coxinhos em Irati, o qual visitei em companhia de Dona Rosinha em julho de 2018, haviam galhos frescos de arruda, segundo a benzedeira, as ervas indicam que a prática do batizado é comum e vivenciada atualmente pela população. A forma de batizar pode apresentar variações na ordem e tipos de orações, diferente do batizado na igreja católica, o batizado no olho d'água é motivado principalmente pela busca de cura que resulta na realização da promessa de batismo e se concretiza com o ritual. O batizado pode acontecer em qualquer dia e horário, não contém registro formal, e os padrinhos convidados são pessoas que pertencem a mesma comunidade e camada social, sendo comum os parentes sanguíneos, como tias e tios. Tal realidade, dialoga com argumento de Arantes Neto (1975) ao descrever sobre o compadrio no sertão da Bahia através do batizado e da crisma, em que:

> O compadrio não liga pessoas que já não estejam relacionadas de outro modo. As pessoas que fazem parte do grupo de compadrio estão previamente ligadas através do

> parentesco, vizinhança, relações de trabalho ou alguma combinação destes. (ARANTES NETO, 1975, p. 10)

O mesmo ocorre de forma semelhante no batizado no olho d'água em que são convidados a apadrinhar pessoas que tenham relações anteriores com os pais e a criança, como no caso das benzedeiras que constantemente recebem afilhados devido a relação de prestação estabelecida pelo benzimento. Além disso, os padrinhos não precisam "aprontar a criança" no sentido de comprar roupas novas para a cerimônia, tratando-se de um ritual simples, raramente é fotografado, portanto, as benzedeiras e as famílias dificilmente detêm fotos do batizado. As fotos a seguir são um registro excepcional, pois trata-se do batizado do filho de um fotógrafo no município de Inácio Martins, que ocorreu no Olho d'Água de Banhado Grande em 1994, em que os padrinhos também são tios paternos da criança:

FIGURAS 78 e 79 – Batizado de Cícero Martins no Olho d'Água de Banhado Grande em 1994. FONTE: Cícero Martins, 2018. LOCAL: Banhado Grande, Inácio Martins/PR.

Ao conversar sobre a prática do batizado em casa e nos olhos d'água, Dona Mena relata-me que "antes tempos" esses ocorriam com maior frequência, pois na ausência de padres e igrejas as famílias obrigavam-se a realizar os batizados em casa, para proteger as crianças da ação de criaturas sobrenaturais como bruxas, lobisomens e boitatás. Segundo ela, tais criaturas resultam da sétima filha ou sétimo filho consecutivo quando esses não são batizados e "se nascem na Sexta-Feira Santa, se for mulher é boitatá e se for homem é lobisomem". A benzedeira conta-me de uma situação que vivenciou com uma de suas filhas:

> A falecida Carmen quando eu ganhei ela pesada uns 3,5 kg, gorda, grande, corada e bonita. Não podia apagar o lampião prá de noite, mas as veiz se acaba o querosene, apagava. E a falecida Jucefa me disse assim pra mim "Mena, vizinha você não tem leite? Tem, ela mama bem, eu tenho bastante leite. Essa criança tá sumindo!". Foi olhar no peitinho, apertou o peitinho dela saia leite. Saía leite do peitinho dela, ela tinha peitinho, é quando as bruxa tão chupando

> aumenta o peito delas e elas vão sumindo. Aí nóis de pressa batizar ela na igreja. Fomos na igreja, pronto.

Nesse sentido, o batizado representa diversos sentidos na vida das benzedeiras, em que tanto elas exercem um papel fundamental na sua realização, quanto também estão inseridas na dinâmica de pagamento de promessas, busca de proteção e constituição de sociabilidade, pois os batizados sustentam uma rede de compadrio e solidariedade comunitária que é uma das bases da vida social no universo das benzedeiras. Desta forma, ademais das interferências e proibições de líderes religiosos em relação ao batizado nos olhos d'água, como narra Dona Mena no início desse tópico, a prática continua sendo reproduzida, mesmo que em menor número o batizado é significativo ao sistema cultural das benzedeiras que tem como marco relevante os olhos d'água de São João Maria.

Além disso, as águas dos olhos de São João Maria são consideradas abençoadas, milagrosas e santas, sendo diversas as enfermidades que são curadas através do batizado como vimos nos relatos das benzedeiras que se batizaram e amadrinharam batizados para curar "sangue do nariz", "doença de ataque", "falta de memória" e "paralisia", não havendo portanto neste contexto uma limitação de doenças que motivam o ritual.

Adicionalmente as águas, as folhas, raízes e caules de árvores ao redor dos poços são usadas na medicina das benzedeiras. Dona Agda usa a água da nascente para preparar remédios caseiros, como garrafadas, olinas e xaropes. Ana Maria e Dona Sebastiana buscam a água em garrafas pets para usar em casa na realização do benzimento. Sendo que a terra com a água que forma o barro é bastante usada no tratamento de feridas, conforme o relato de Dona Maria Negrinha, moradora de Rebouças. Em uma tarde enquanto visitava o Olho d'Água de Barreirinho, ela contou que desde que nasceu vive nas proximidades da nascente e a visita com frequência. Ela relata que aos oito anos de idade tinha um problema de feridas nas pernas, como sua mãe tinha muita fé em São João Maria ela vinha todo dia no Olho d'Água "eu passava o barrinho do olho nas feridas e fiquei curada". Quando teve seu primeiro filho, o bebê nasceu com um problema no olho, ela começou a lavar os olhos da criança com a água do monge e o menino ficou curado, assim ela o batizou na fonte, como os demais quatro filhos que nasceram posteriormente. Além disso Dona Maria Negrinha, realizou muitos batizados, tem comadres, compadres e afilhados da nascente e recentemente fez o batizado da sua neta que vive no interior do município.

Enfim, todos os elementos que compõem o espaço do monge como água, terra e mata, são percebidos como curativos. Sendo a água o elemento central, ocorrendo que em várias ocasiões que visitei os olhos d´água encontrei pessoas buscando água em garrafas e galões para levar para casa. Chiquinho vizinho do Olho d'Água de Barreirinho todos os dias busca água na fonte, ele conta que a água do monge é vida, que recebeu uma cura quando criança e por isso, cuida da saúde tomando de sua água. Em gratidão ao monge, Chiquinho zela do lugar, pintando árvores, catando folhas, plantando flores, recolhendo lixos e queimando ciscos diariamente.

FIGURA 80 - Chiquinho tomando água no Olho d'Água de Barreirinho. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

As benzedeiras como São João Maria são caminhantes, visitando frequentemente os olhos d´água elas agem como as principais guardiãs desses lugares, pois detêm o conjunto de saberes e fazeres tradicionais que se realizam nas vertentes do monge. Elas, também são cantadeiras, rezadeiras, festeiras e estão à frente das celebrações realizadas em torno dos olhos d'água. No entanto, o livre acesso às fontes, bem como a manutenção das nascentes encontra-se sob ameaça, como revela a narrativa de Dona Mena no início dessa sessão, assim como a leitura das profecias de São João Maria acerca das transformações territoriais e ambientais, apontam que a integridade dos olhos d´água está em risco. Afinal, os olhos são espaços de uso coletivo, mas estão situados em propriedades privadas, as quais estão disponíveis ao mercado de terras e de forma acelerada são integradas à grandes fazendas do agronegócio de soja e milho que avançam na região centro sul do Paraná, ou ainda a áreas dedicadas aos

monocultivos florestais de pinus e eucalipto que também são uma atividade econômica importante na região. Fatores que estabelecem conflitos territoriais, afetando diretamente o modo de vida das benzedeiras, através da contaminação por agrotóxicos, restrição de acesso e destruição das nascentes, que atualmente apresentam diferentes níveis de preservação.

FIGURA 81 – Ana Maria e Dona Chica visitando o Cercadinho do Olho d'Água. FOTO: Taisa Lewitzki, 2016. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

Assim como as profecias, a narrativa de Dona Mena descortina o tema dos conflitos socioambientais e territoriais, ao tempo que relata as transformações acerca do acesso e uso ao olho d´água de Pedra Preta. Tal nascente faz parte da trajetória da benzedeira e atualmente não é acessível à população devido as novas relações de propriedade da área. Na mesma linha, Dona Donária relata os impactos ao olho d´água nos Andrade na comunidade de Rio Bonito como mostra a foto anterior (Figura 81). A nascente esgotada é inacessível a população, e em meio a plantação de feijão onde o uso de agrotóxico é intenso, permanece o Cercadinho do Olho d'Água, onde as pessoas realizam os batizados.

> Aqui nos Andrade ali tem [olho d'água], só que eles estragaram o oio d'água, eles fincaram maquinário lá pra abri esgoto, acabaram com o oinho. Largando, derrubando pau em cima, fuçando com o trator, tem gente que não tem fé, só escuiamba. Tem o cercadinho só, ali naquele cercadinho fazem batizado, o

> olho d'água é mais pra baixo, bem na beira do barranco. Agora tacaram trator. Mudaram ali pra ficar a cruize, ali eles não desmancham.

Nesse contexto, as benzedeiras organizadas no Movimento Aprendizes da Sabedoria têm denunciado diante o Estado as violações aos direitos coletivos de seu grupo social, diretamente impactado pela contaminação, destruição e restrição do livre acesso às nascentes. As benzedeiras têm pronunciado, em suas falas públicas e em documentos oficiais, a preocupação com a situação dos olhos d'água, assim como formulado demandas aos órgãos ambientais e governos locais para a construção ou aplicação de dispositivos jurídicos para a proteção das nascentes e garantia do livre acesso da população. As parcerias e redes de movimentos sociais nas quais as benzedeiras estão imersas, contribuem com esse processo de reivindicação de direitos coletivos como comenta Ana Maria, porém, não se mostram suficientes para frear a destruição dos olhos d'água:

> Nós contamos com o IAP [Instituto Ambiental do Paraná] para proteger as fontes e proteger as nascentes, tem as secretarias de meio ambiente que são órgãos do Estado. Mas apoio pra que nos possa, tem coisa que nós lutamos que cabe a nós, tem coisa que nós lutamos e não conseguimos porque as vezes não temos uma parceria.

De maneira paralela, as benzedeiras têm realizado ações de retomada de fontes, revisitando olhos d´água, construindo proteção de fontes, formando quintais/hortas aos arredores dos olhos e promovendo celebrações coletivas de culto a São João Maria, como novenas, terços, procissões e batizados. Nos termos de Ingold (2012), tais movimentos trazem a vida de volta aos olhos d'água, não que a vida esteja ausente, muito pelo contrário, os olhos estão vivos e ademais dos impactos "nunca secam", mas quando as benzedeira agem em prol de sua proteção, a vida é movimentada gerando mais vida através dos processos de sociabilidade que acontecem nas nascentes.

3.3 BENZEDEIRAS FESTEIRAS

Além das visitas e dos olhos d'águas, outros caminhos trilhados pelas benzedeiras são as festas tradicionais que ocorrem em casas de benzedeiras e em igrejinhas de santos ao longo do seu território de vida. A função de organização de festas tradicionais é comum a muitas

benzedeiras, que adicionalmente são festeiras de santo, o que significa que realizam festas devido a promessas pessoais e herdadas, tanto geracionalmente quanto de outra pessoa com quem tenham relações de parentesco, compadrio, vizinhança e amizade. As festas acontecem anualmente em suas casas em datas específicas do calendário religioso festivo. O repertório das festas religiosas nem sempre é compatível com o calendário oficial da igreja católica, tampouco os santos festejados são canonizados pela instituição cristã, como São Gonçalo e São João Maria. Em alguns casos novenas antecedem o festejo que tem como elementos as homenagens aos santos com rezas, cantigas, procissões - com bandeiras no caso do Divino-, erguidas de mastro - quando a festa é para São João Batista -, queima de fogos, acompanhada de oferendas de comida que alimentam os convidados devotos.

As festas acontecem na casa da benzedeira, sendo comum que as mesadas de anjos também se realizem nas dependências de algum espaço comunitário, como no barracão da associação ou até mesmo no salão da igreja católica. A participação das pessoas pode chegar a centenas, sendo que alguns participantes, mesmo que não façam parte da família da benzedeira, cumprem o papel de festeiros, aqueles que contribuem materialmente para a realização da festa, seja com bens ou serviços. Os festeiros cooperam para o caráter gratuito da festa que implica em gastos de alimentação para os devotos, ornamentação dos espaços com a preparação de bandeiras, andores, coroas de flores e objetos usados nos rituais, como velas, flores e fogos de artifício. Durante a mesada de anjos na casa da Dona Jacira que aconteceu no dia 12 de outubro de 2018 na cidade de Irati, a benzedeira fez questão de nomear todas as pessoas que contribuíram com a festa através da doação de prendas, ao mostrar cada bolo ganhado ela complementava com o testemunho do milagre recebido pelos colaboradores por meio da devoção a Nossa Senhora Aparecida e a Cosme e Damião.

Muitas benzedeiras são festeiras de santos, desta forma, suas casas são marcos das festas e são inseridas no mapa do território caminhado, em que o grupo social das benzedeiras protagoniza e percorre. Assim, na comunidade de Saltinho, Dona Dinora festeja Nossa Senhora Aparecida no dia 12 de outubro, no Faxinal Salto Dona Dite festeja os Santos Inocentes no dia 28 de dezembro. Dona Rosinha era festeira do Divino e Nossa Senhora Aparecida na Vila Nova em Irati, atualmente contribui com a organização da festa, conforme narra sua trajetória de festeira:

> Eu era festeira do Divino. Era assim, quando uma amiga virou evangélica ela passou a bandeira pra mim [...]. Então eu fiz mais de 15 anos Festa do Divino

> aqui na Vila Nova, no dia da Nossa da Senhora Aparecida porque daí eu fazia junto com o Divino e Nossa Senhora Aparecida a mesma procissão. As duas festa numa só, porque senão virava muita festa, no dia 12 de outubro as duas horas da tarde, a fila era imensa de gente, de tanto que vinha gente. Eu saia arrecadar as coisas, tem umas mulher bem riconas que são minhas amigas também, elas traziam de pacotes, de fardos de bolachas e de bala pra mim distribuir, cuques, bolos que vinham não sei da aonde, seis sete bolos. A gente cortava tudo pra fazer a mesada de anjo, primeiro a mesada de sete anjinho, depois a segunda mesada já vinha os maiorzinho e depois todo mundo comia junto. Eu quero fazer uma mesada de anjo aqui no começo do ano, eu vou conseguir se Deus quiser, você faz um pedido pros anjos que precisa de ajuda, de um aninho até sete anos, daí você serve aqueles sete anjinho, tem gente que vinha até de asinha para cumprir promessa. Daí quando eu fiquei muito doente eu passei a bandeira pró compadre Arildo. Mais de 15 anos eu fiz na minha casa, nos saía com a procissão fazia o contorno lá em baixo, mas olha, cada esquina era foguete, foguete e oração.

Dona Sebastiana acumula várias festas: Divino Espírito Santo, São Gonçalo, São Sebastião e Nossa Senhora dos Remédios as quais realiza em sua casa no bairro São João em Irati. A benzedeira de 70 anos me explica que seu pai era benzedor, capelão e um grande festeiro, repassando para ela os ofícios tanto de cura, quanto de festa. No entanto, depois que se mudou da comunidade de Bituvas no município de Fernandes Pinheiro para a cidade de Irati, a benzedeira não consegue realizar todas as festas que seu pai celebrava no interior, mas, mesmo assim, mantém algumas festas e para os outros santos faz novenas, mas "não deixo passar em branco". Ao conversarmos sobre a festa de São João Batista, expressa o desejo em fazer como nos tempos de seu pai, uma grande fogueira para festejar o santo, mas na cidade não há disponibilidade de lenha como na área rural o que impossibilita sua realização devido aos gastos financeiros.

FIGURA 82 - Dona Sebastiana em sua casa de reza. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Irati/PR.

Dona Sebastiana integrou-se ao Movimento através do Mapeamento Social das Benzedeiras de Irati no ano de 2015 no qual, na posição de pesquisadora, visitou mais de 80 casas de benzedeiras no município. A partir de então, sua Casa de Reza (Figura 82) que homenageia seu pai Manoel dos Santos e sua mãe Catarina de Lima, ambos benzedores, passou a ser um lugar de referência para o Movimento das Benzedeiras que realiza no espaço reuniões, encontros de benzedeiras e festas tradicionais, assim como para as pessoas que procuram por benzimento e que participam das festas de tradicionais.

3.3.1 Mesadas de anjos

A benzedeira Dona Jacira é festeira de Cosme e Damião, comemorado no dia 27 de setembro, e Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro. As duas festas estão relacionadas diretamente as crianças e ao ofício de benzedeira, devido tal relação, a forma de festejar escolhida por ela é a mesada de anjos, bastante comum por parte das benzedeiras. A celebração consiste na formação de uma mesa de alimentos destinada a crianças de até sete anos de idade. Cabe ressaltar que as crianças de até sete anos, são concebidas no contexto estudado como "anjos", Dona Agda ensina que as crianças são "inocentes", isto quer dizer, que não detêm pecados e, por isso são anjos. Os pequenos ocupam um lugar privilegiado nas devoções ao tempo que são o principal público das benzedeiras e também agem como seus protetores. Em uma conversa informal com Dona Jacira, ao perguntar sobre as motivações em fazer a mesada de anjos, ela relata sua trajetória de vida e os vários momentos que foi salva pelos anjos, tanto em relação a episódios de violência e perigo físico, quanto em momentos que necessitava de ajuda espiritual acerca de pedidos de cura através do benzimento, em suas palavras "tudo é por eles [crianças/anjos]".

FIGURA 83 - Dona Jacira e os sete anjos da mesada. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Irati/PR.

Na mesada de anjos que aconteceu em sua casa no dia de Nossa Senhora Aparecida, rapidamente as crianças do bairro começaram a chegar acompanhadas de suas mães e irmãos. Exatamente às 15 horas, Dona Jacira sinalizou que os homens ali presentes soltassem os fogos

de artifício, antes de iniciar a oração do terço mariano, a benzedeira intercedeu a Nossa Senhora Aparecida pelos vários pedidos e promessas que animavam a celebração. Na ocasião duas mulheres adultas estavam pagando promessa na mesada da benzedeira devido a pedidos pessoais, a primeira fez promessa por conta de sua bebê que nasceu com um problema na cabeça e está em recuperação. A segunda, manifestou publicamente que foi curada de uma enfermidade, além da resolução de outros problemas pessoais que enfrentava. Ambas estavam cumprindo a promessa através da participação no evento e na oferenda de alimentos para as crianças como bolos e doces. Após as orações, as crianças foram servidas pelas promesseiras indicadas por Dona Jacira, na ocasião a benzedeira fez questão que eu também ocupasse o lugar de servir os anjos, repartindo os bolos, tortas, doces e bebidas que formavam uma mesa diversa e atrativa aos pequenos. Depois que os anjos foram servidos, os demais participantes puderam comer e, além disso, levaram para suas casas balas, pirulitos, bolachas e pedaços de bolos.

Nas mesadas de anjos, em algumas situações de pagamento de promessa as mães vestem as crianças com roupas brancas e asas de anjos. No caso da celebração que aconteceu na comunidade de Rio Bonito no município de Rebouças no ano 2011, além das crianças estarem vestidas de anjos, a parteira Dona Donária (Figura 84) cumpriu o papel da virgem carregando Nossa Senhora de Fátima nas mãos durante a procissão. Enquanto que no ritual da mesada esteve sentada a frente do salão em um lugar privilegiado da festa, onde recebeu homenagens de outras benzedeiras e mães. De forma similar foi a mesada de anjos que ocorreu no mesmo ano na comunidade de Cachoeira no município de São João do Triunfo, em que a benzedeira Dona Tila também vestida de virgem (Figura 85) carregou Nossa Senhora na procissão.

FIGURA 84 - Dona Donária e as crianças vestidas de anjos na procissão da mesada. FOTO: Lina Faria, 2011. LOCAL: Rio Bonito, Rebouças/PR.

FIGURA 85 - Procissão da mesada de anjos. FOTO: Caian Bruschetta, 2011. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

Na última mesada que ocorreu na Cachoeira em dezembro de 2018, quinze crianças vestiram-se de anjos e como o costume Dona Tila vestiu-se de virgem. A benzedeira guiou a procissão que iniciou em sua casa, passando pela igreja e terminando no barracão comunitário, antecedendo a partilha dos alimentos com orações e cantos, momentos que correspondem as imagens abaixo (Figuras 86, 87, 88 e 89). A mesa formada por bolos, bolachas, pastéis, sucos e cervejas caseiras foram trazidos pelos convidados. A forma de arrecadação dos alimentos da mesada, são diversas, em que a festeira é a responsável em prover os alimentos, no entanto, os festeiros podem contribuir. Assim como a comunidade, como no caso da Cachoeira, em que os participantes levaram um prato de comida para compartilhar e Dona Tila comprou os ingredientes para os pastéis e cerveja caseira que foram preparados pelas mulheres que são suas vizinhas e parentes que estavam envolvidas na organização da festa.

Primeiramente as crianças foram servidas, depois os adultos que formavam um grupo de aproximadamente 50 mulheres e 10 homens que participavam do evento. Após a mesada, as benzedeiras Dona Sebastiana, Nelci, Rosinha e Jacira da cidade de Irati coordenaram a *varseada* de São Gonçalo. A varseada consiste em uma dança, em que os participantes formam duas filas diante do altar composto pelas imagens de São Gonçalo e Nossa Senhora Aparecida. Ao toque do violão e ao som de cantos com versos dedicados a São Gonçalo, as pessoas movimentam-se para frente até chegar ao altar onde beijam simbolicamente os santos e voltam para o final da fila sem dar as costas para o altar, isto por repetidas vezes. A dança apresenta variações nos toques, cantos e passos conforme os grupos e regiões dos festeiros.

Ao perguntar para Dona Tila sobre sua veste, ela explica que "Nossa Senhora é curadeira", e por isso, está sempre com as crianças, assim como ela que como benzedeira "atende as crianças". Para explicar-me, contou duas passagens, a primeira de quando jovem e doente, em que recebeu a visita de Nossa Senhora:

> Entrou aquela mulher de branco no quarto, eu vi que era Ela. Ela fez umas bênçãos nos chás e disse pra mim tomar 4 melhoral. Disse que se eu quiser continuar vivendo tenho que cuidar das crianças.

A segunda situação, aconteceu recentemente, em que Dona Tila ao participar de um chá de bebê em sua comunidade, presenciou a situação que a anfitriã sendo evangélica não aceitou a imagem de Nossa Senhora na parede do salão de festas. Segundo Dona Tila, na foto que registrou o evento, em seu lugar apareceu a imagem da santa, reforçando ainda mais a fé da

benzedeira "vira crente de jeito nenhum eu tenho muita fé em Nossa Senhora". Nesse sentido, Dona Tila diz que ao vestir a roupa da virgem representa Nossa Senhora, assim como as crianças os anjos.

FIGURAS 86, 87, 88 e 89 - Mesada de anjos na Cachoeira. FOTOS: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

As festas tradicionais de santos e as mesadas de anjos, em que as benzedeiras são as principais interlocutoras, expressa de maneira especial características das comunidades locais. Nas quais as benzedeiras ocupam um papel importante na articulação das manifestações culturais, através de sua rede de compadrio, em sua relação com os olhos d'água, no seu papel de festeiras e suas devoções. Em todos esses casos, explicitam, potencializam e intensificam características que não são exclusivas das benzedeiras, mas devido seu conhecimento e repertório religioso dominam as formas de festar, rezar, cantar, pedir e agradecer aos santos. Elas ocupam um lugar importante na manutenção das festas e na mediação da relação entre os promesseiros e os santos.

Deste modo, suas casas, se constroem como referências no território. Em que as festas também são um demarcador, acoplando e descolando tanto benzedeiras quanto outras pessoas para celebrar o sagrado, fazer e cumprir promessas. Neste aspecto, a ação de deslocamento é

preponderante para participar das festas, convidar as pessoas para o evento, fazer as compras que antecedem a celebração, assim como, realizar a procissão que é um elemento presente em várias manifestações. As procissões consistem em caminhadas e cortejos acompanhadas de rezas e cantos e estão presentes nas festas de santos, saídas do Divino e mesadas de anjos.

O Movimento das Benzedeiras tem como marca a valorização e promoção das festas tradicionais, deslocando as celebrações das promessas e trazendo-as para os espaços de encontros de benzedeiras. Os encontros municipais e regionais do Movimento que contam com a participação de dezenas de detentores de ofícios tradicionais de cura, têm privilegiado a dança de São Gonçalo em sua programação. As mesadas de anjos também têm sido uma forma de mobilizar encontros de benzedeiras, conforme acompanhei o processo de articulação da mesada de anjos do MASA realizada em dezembro do ano de 2018 no município de São João do Triunfo. Neste sentido, uma estratégia de mobilização do Movimento é a realização das festas nas comunidades, as quais: fortalecem o protagonismo das benzedeiras quanto promotoras das devoções; valorizam tais manifestações ao envolver outros públicos e pessoas de outros lugares que participam por intermédio do Movimento das Benzedeiras; e, enaltecem o ofício de festeira como constituinte da identidade coletiva de benzedeiras.

Nesta malha de lugares incluem-se também os deslocamentos das benzedeiras motivados pelos roteiros do turismo religioso preponderante na região centro sul do Paraná, com destaque para a Santa de Irati (Nossa Senhora das Graças) e a Gruta Nossa Senhora da Conceição em São João do Triunfo. Adicionalmente, o Parque Estadual do Monge na Lapa e as excursões à cidade de Aparecida do Norte no Estado de São Paulo, para visitar o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

As formas de caminhar, celebrar o sagrado e lutar por direitos, viabilizam o encontro de trajetórias, a troca de conhecimento e instigam o processo de pesquisa levado a cabo pelas benzedeiras, resultando na inclusão de novos lugares, pessoas e movimentos que expandem os caminhos da cura e atualizam seus modos de vida. Nesse percurso, a construção do Movimento Aprendizes da Sabedoria como uma organização social de benzedeiras aciona e ressignifica aspectos presentes no movimento delas pelo território e possibilita novas experiências no universo da cura. Além disso, articula novas ferramentas para defesa do território através da aliança com outros movimentos sociais. Em que os saberes, ervas e benzimentos são articulados com a legislação e os espaços de decisão e poder do Estado, até então alheios ao cotidiano das benzedeiras.

4 CAMINHOS QUE SE CRUZAM – CONSTRUINDO O MOVIMENTO

As benzedeiras são caminhantes e ao longo dos seus caminhos linhas de vida se cruzam e constroem novos movimentos através dos encontros entre benzedeiras. As linhas correspondem as trajetórias de vida, a relação com o benzimento e os processos de organização coletiva. O percurso de criação do Movimento Aprendizes da Sabedoria nos leva ao histórico de participação das benzedeiras em organizações sociais, enaltecendo o caráter coletivo de suas ações. Assim como, a inteiração com as comunidades tradicionais de faxinais, que resulta entre outras coisas na integração das benzedeiras na discussão acerca dos povos e comunidades tradicionais no Estado do Paraná.

Desta forma, neste capítulo, adentramos ao debate acerca do conceito de povos e comunidades tradicionais para acionar a relação das benzedeiras e faxinais, destacando os encontros de benzedeiras como espaços formadores do Movimento, bem como a apropriação da cartografia social quanto ferramenta de mobilização política no processo de construção da identidade coletiva de benzedeiras. Nesta sessão pegamos carona com as benzedeiras que incluem em suas práticas diárias novas metodologias, tecnologias, lugares e práticas que se integram ao benzimento. Marilu (Figura 90) é um exemplo desse contexto, em que no processo de organização do MASA é a primeira benzedeira a conquistar a carteira de habilitação, com objetivo de facilitar seus deslocamentos para mobilizar politicamente as benzedeiras do seu município. O carro da benzedeira, adornado com seus santos de devoção, apresenta como as benzedeiras transportam seus conhecimentos, crenças e modos de vida para outros espaços que começam a ser formados e frequentados através do Movimento Aprendizes da Sabedoria.

FIGURA 90 – Marilu em seu carro. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

As benzedeiras inscrevem-se na categoria de povos e comunidades tradicionais devido ao seu modo de vida, associado a um território caminhado, experienciado e conhecido, em que os conhecimentos tradicionais de cura são produzidos e reproduzidos culturalmente. Ana Maria explica que "benzedeiras e benzedor" é uma "cultura antiga", que se filia em um regime de conhecimento que traduz uma forma de ser e estar no mundo, com características próprias que resultam do acúmulo das gerações passadas e dos processos de atualização levados adiante pelas detentoras de ofícios tradicionais. Sendo comum entre as benzedeiras que estas tenham herdado de seus ancestrais o ofício de cura, como relata Ana Maria:

> As benzedeiras e benzedor já vinham desde do passado, é uma cultura antiga. O tempo que não tinha médico elas se curavam só com as plantas medicinais, com os remédios, com as cascas, com as folhas, com as ervas, com as simpatias, não existia médico. E ele é passado né, de geração pra geração, né, de bisavó pra vó, de avô pra pai, e de filho pra neto, e ela vai indo.

Existe uma diversidade de formas de produzir e reproduzir o benzimento em que se associam rezas, orações, pedidos e promessas a santos protetores, fases da lua, horários do dia, datas específicas do calendário religioso, manuseio de plantas e ervas medicinais, entre outras. As práticas são acopladas a categorias que correspondem ao benzimento, reza, esfregação e puxado, banho, defumação, simpatia, oração, costura de machucadura ou arrumá rendidura, compressa, amaldiçoamento de bicheiras e atropelamento de pulgas, piolhos e insetos, ensino de remédios caseiros, preparo de garrafada (PNCS, 2011), derramar e virar cera e massagens tradicionais (MASA, 2017) que posicionam as benzedeiras como detentoras de ofícios tradicionais de cura em suas comunidades e bairros.

A identidade coletiva de "benzedeiras" agrega diversos ofícios tradicionais de saúde popular, que possuem práticas e saberes de cura relacionados a agrobiodiversidade da floresta de araucária. Além do conhecimento local sobre a biodiversidade de plantas medicinais e outros recursos e valores que incluem seu modo de vida. As benzedeiras dispõem de um imenso repertório de saberes e fazeres mágico-religiosos ligados à religiosidade popular, principalmente ao catolicismo, somados aos conhecimentos sociológicos sobre a localidade, os quais se vinculam às redes de relações sociais em que as benzedeiras estão imersas e também são referências.

Neste universo do benzimento, entende-se por detentora de ofício tradicional de cura[28] as pessoas que se autoreconhecem ou são reconhecidas por suas coletividades como benzedeira, benzedor, curandeira, curador, costureira de rendidura ou machucadura, costureiro de rendidura ou machucadura, massagista tradicional, remedieira, remedieiro e parteira (PNCS, 2012). As categorias acionadas no centro sul do Paraná foram sistematizadas através do Mapeamento Social das Benzedeiras dos municípios de Rebouças (2010), São João do Triunfo (2011) e Irati (2018) através da cartografia social das benzedeiras.

No entanto, tais posições de autorrepresentação estão em movimento e com o tempo podem migrar, acumular e transformar posições. As "aprendizes" são um exemplo, elas estão no processo de formação e, no momento adequado, podem assumir o ofício de benzedeira, migrando de aprendiz para benzedeira. Percebi tal movimentação com a Marilu, benzedeira da comunidade de Cachoeira em São João do Triunfo: quando a conheci no ano de 2009 durante os encontros comunitários de benzedeiras, ela participava na condição de aprendiz, mas desde então vinha sendo ensinada por sua vizinha e amiga Dona Tila, uma benzedeira de referência em sua comunidade. Atualmente Marilu é uma das coordenadoras do Movimento em seu município, sendo reconhecida por seus pares como benzedeira. Durante o Encontro de Benzedeiras da Cachoeira que aconteceu no dia 28 de julho de 2018 na casa da Dona Tila, na rodada inicial de apresentação dos participantes do evento ela apresentou-se como benzedeira. Neste mesmo dia fiquei hospedada em sua casa e pude conversar com ela sobre seu ofício, em que me informou sobre seu processo de aprendizagem e quanto os espaços do Movimento e o convívio com Dona Tila possibilitaram seu deslocamento de aprendiz para benzedeira: "eu não sabia nadinha, aprendi tudo com Dona Tila".

No Brasil, as nomeações variam regionalmente: curadeira e rezadeira no Nordeste (SANTOS, 2009), raizeira no Cerrado (ATUCH, 2006), mateiras e doutor de ossos na Amazônia (RIBEIRO, 2011) e assim por diante, tendo uma compreensão semelhante em todo país acerca da identidade da parteira (MAGDALENA, 2011) – como apresentado no Livro da Parteira Tradicional publicado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), que aborda a presença do ofício em todo o país. Sendo que o termo benzedeira é recorrente em diversas regiões brasileiras e os imaginários sociais associam o ofício a mulheres idosas (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2007) que benzem com água, ervas e orações, imagem constantemente

28 As benzedeiras usam o termo "cura" para referir-se aos seus conhecimentos, por exemplo, "ofícios tradicionais de cura" enquanto que nos documentos públicos do MASA é privilegiado o termo "saúde popular" como "ofícios tradicionais de saúde popular", por isso, uso os termos como sinônimos no texto. Analiso, no entanto, que o termo "saúde popular" em detrimento ao termo "cura" é uma estratégia de amenizar o impacto do termo "cura" para que este seja aceito e incorporado no sistema formal de saúde.

representada em filmes documentais (ADUBAR, et al., 2012; UFAM, 2014; UFSC, 2014; MARCHI, 2015) e trabalhos científicos (MALUF, 1989; QUINTANA, 1999; RANGEL, 2000; ARAUJO, 2007; BRAGA, 2010; ALMEIDA, 2013; BRUSCHETTA, 2015).

As categorias identitárias também se sobrepõem a outras categorias sociais relacionadas às identidades, ofícios e profissões. Elas somam vários papéis sociais pois além de benzedeiras são esposas, mães, tias, avós, bisavós, madrinhas, comadres, festeiras, camponesas, faxinalenses, agricultoras, agroecologistas, costureiras, vendedoras, donas de casa e líderes comunitárias. Suas trajetórias se encontram em vários caminhos, porque compartilham de histórias, experiências, conhecimentos e angústias comuns em relação ao papel da mulher na sociedade, seja na produção do cotidiano, na prática de cura ou ainda, na participação de ações coletivas em prol de suas comunidades.

Ademais que existam homens que detêm dons de cura, e são detentores dos ofícios de benzedor, curador, costureiro de rendidura e remedieiro, são as mulheres que protagonizam o dom de benzer, sendo elas a referência quando se trata de benzimento, exercendo um importante papel na promoção da saúde. Além disso, a função de organização de festas tradicionais é comum a muitas delas que, somado ao ofício de benzedeiras, são festeiras de santo, sendo responsáveis pela realização das festas tradicionais como festejos de santo, romarias de São Gonçalo, saídas do Divino e mesadas de anjo. As quais são tradições importantes para o sistema cultural no qual estão inseridas e manifestações que contemplam marcos no território e na trajetória das benzedeiras, como vimos no capítulo anterior.

Adicionalmente, são as mulheres as principais formadoras da organização sociopolítica das benzedeiras, o Movimento Aprendizes da Sabedoria, sendo que em minha pesquisa optei em privilegiar as narrativas das mulheres acerca do conhecimento de cura e da trajetória político-organizativa. Isto, por entender que a imagem da benzedeira no contexto estudado está relacionada tanto ao conhecimento geracional das mulheres, que diz respeito ao cuidado e a confiança no âmbito da domesticidade (OVERING, 1999), quanto na ação coletiva em defesa dos bens comuns. De igual maneira, o público das benzedeiras também é predominantemente formado por mulheres que buscam a cura para seus filhos, maridos, familiares e amigos.

Neste contexto de caminhos que se encontram, a diversidade é um elemento importante, porque enriquece os encontros e as experiências que decorrem destes. Tal diversidade é percebida em diferentes perspectivas, desde o lugar que ocupam na articulação do Movimento como: aprendizes, benzedeiras velhas, lideranças e coordenação. Assim como, categorias como

classe, religião e idade, que são importantes para entender rupturas e continuidades em relação à transmissão, construção e reprodução do conhecimento tradicional de cura. O intento descritivo que realizo em homogeneizar as formas de caminhar das detentoras de ofícios tradicionais de cura através da categoria "benzedeiras" é um esforço também pleiteado pelo Movimento. O qual busca construir uma identidade coletiva entre as benzedeiras, em um cenário marcado pela diferença, a hierarquia e a diversidade de suas trajetórias e formas de conceber e realizar o benzimento.

Nesse aspecto, uma questão importante para entender a formação do Movimento Aprendizes da Sabedoria é situar que as benzedeiras que formam o MASA estiveram e estão à frente de coletivos, em que se destaca três tipos de organização que se relacionam com a faixa etária das interlocutoras, seus interesses e ofícios. Fator comum que evidencia que ao longo de suas vidas estiveram engajadas em processos políticos de ação coletiva que dialogam com o Movimento, por mobilizarem temas transversais à prática do benzimento: mulheres, agricultura e religião.

A primeira refere-se às mais idosas que atualmente estão com mais de 80 anos e participaram da fundação de sindicatos de trabalhadores rurais, assim como da formação do Partido dos Trabalhadores em seus respectivos municípios. Dona Nice do Faxinal Marmeleiro de Baixo esteve ativamente na fundação do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Rebouças na década de 1980. Ao mesmo tempo, Dona Tila da comunidade de Cachoeira em São João do Triunfo participou no mesmo período da criação do STR do seu município, assim como da fundação local do Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos de 1990. Além disso, Dona Tila contribuiu na instalação do primeiro centro espírita da cidade, desta forma, detém uma trajetória organizativa religiosa, partidária e produtiva. Ambas estiveram inseridas no processo de organização dos agricultores familiares em prol de direitos, pois como relembra Dona Tila "naquela época quem dominava era os patronal e os pequenos nada".

Atualmente, elas retomaram a inserção em organizações sociais por meio do MASA. Essa questão é interessante porque o Movimento apresenta um espaço acolhedor às mulheres idosas que são valorizadas e constantemente homenageadas nos encontros de benzedeiras, sendo a maior idade um atributo de autoridade ressaltada no Movimento. Considerando que estas não estão ligadas diretamente a processos produtivos devido à idade, ficando à disposição das associações e grupos que participavam. Em uma conversa informal com Dona Nice em sua casa no Faxinal Marmeleiro de Baixo, ao me contar sobre sua participação na fundação do STR, insatisfeita comentava que atualmente sua contribuição na construção da organização não

é lembrada, quando visita o Sindicato, os atuais sindicalistas não a reconhecem como uma liderança. Em sua opinião, a história de luta precisa ser escrita e divulgada para que as pessoas não sejam esquecidas pela idade e orgulha-se em participar do MASA.

A segunda forma de organização diz respeito às benzedeiras um pouco mais novas, que estão entre 50 e 60 anos e fizeram parte da formação das associações de agricultores rurais, assim como de grupos ligados à igreja católica, como a Pastoral da Criança. Exemplos são Dona Genir e Dona Terezinha, a primeira do Faxinal Marmeleiro de Baixo em Rebouças e a segunda da comunidade Invernada do município de Rio Azul. Elas são mulheres que estão envolvidas na organização de associações rurais de agricultores e coordenam grupos de mulheres, tendo como bandeiras a agroecologia e a preservação das sementes crioulas. Ambas ingressaram no Movimento como líderes locais e articuladoras do MASA em suas regiões.

Outra situação similar é retrata por Marilu da comunidade de Cachoeira em São João do Triunfo e Ana Maria de Rebouças, que são benzedeiras mais jovens: a primeira ingressou no Movimento como aprendiz de benzedeira, enquanto que a segunda assumiu o ofício no início da organização no ano de 2009, quando seu pai que era benzedor faleceu. Ambas não tiveram filhos; entretanto, uma e outra sempre estiveram à frente de suas comunidades em grupos comunitários relacionados à igreja católica, como catequese, liturgia e Pastoral da Criança. No Movimento, Ana e Marilu desempenham a função de mobilizar as detentoras de ofícios tradicionais de seus municípios, articulando uma série de conhecimentos relacionados à preparação de encontros e agendas das benzedeiras, redigindo cartas e ofícios, elaborando atas e relatórios, e agindo como interlocutoras do grupo em reuniões com entidades e governos. Suas habilidades de liderança expressadas na forma de falar em público e registrar os encontros, relacionam-se com a experiência de participação em grupos religiosos.

A terceira relaciona-se às benzedeiras que residem no espaço urbano e fazem parte de associações de bairro e grupos de mulheres artesãs, como relata Dona Rosinha, benzedeira da cidade de Irati que detém uma grande trajetória em organizações sociais:

> Eu tava atrás do movimento da economia solidária, eu fazia parte da economia solidária. Já fiz parte como presidente da associação, coordenadora do Clube de Mães, trazendo muitos e muitos cursos pra dentro do Bairro, melhoramento no Bairro que não existia e hoje tá existindo. [...] eu tô no Movimento que uma hora ou outra tem que viajar, tô na associação do artesão, tô na feirinha popular que funciona sexta e sábado, veja quanta coisa a gente tem.

Na cidade de Irati, Dona Rosinha e Dona Jacira apresentam uma trajetória de participação em vários grupos, inclusive de mulheres por meio da Pastoral da Criança, Clube Mães, Grupos de Artesãs e de forma mais recente do movimento da Economia Solidária, sendo um marco a participação nas associações de bairros. As duas são festeiras de santo e foram candidatas a vereadoras no município, reflexo da relevância dos papéis que ocupam em suas localidades.

Além disso, algumas de minhas interlocutoras são líderes religiosas como ministras da eucaristia na igreja católica e coordenadoras de grupos recreativos da terceira idade. Suas trajetórias comunicam uma predisposição em participar e constituir coletivos ao longo de suas vidas conforme seus interesses, disponibilidades e oportunidades.

Através de suas trajetórias, as "mulheres" emergem como categoria de organização coletiva a partir dos anos 2000, assim como o movimento agroecológico e de defesa das sementes crioulas. Diferente das benzedeiras mais idosas que se organizavam ao redor da identidade de agricultores que unificava as lutas no campo nos anos de 1980. Tal movimentação associa-se as políticas públicas promovidas a partir dos anos 2000 de fortalecimento da diversidade da agricultura familiar e do papel das mulheres na construção da sustentabilidade no espaço rural. Outra movimentação é percebida entre as benzedeiras mais velhas acima de 70 anos que são as organizadoras das festas tradicionais associadas ao catolicismo popular. Enquanto que as benzedeiras mais jovens ademais de apoiadoras das festas, estão filiadas a estrutura formal do catolicismo, participando de movimentos coordenados pela igreja católica. Isto se deve ao processo de institucionalização e controle das ações das igrejas nas comunidades.

O interessante da multiplicidade de atuação das benzedeiras em coletivos é o encontro de trajetórias que formam o Movimento Aprendizes da Sabedoria, potencializando a ação das benzedeiras que devido suas histórias acumulam conhecimentos e procedimentos organizativos. As práticas organizativas, atrelam-se as associações e promoção das festas tradicionais, além disso, elas detêm acesso a vários grupos e coletivos que atualmente são os principais apoiadores do Movimento, como os sindicatos de trabalhadores rurais, associações de agricultores e grupos de mulheres.

4.1 O CAMINHO DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

A organização sociopolítica das mulheres do centro sul do Paraná enquanto benzedeiras data da primeira década dos anos 2000 e vincula-se ao processo de emergência dos povos e comunidades tradicionais no Brasil. No entanto, como vimos sua participação em espaços de organização política é múltipla e histórica, ocupando a liderança de diferentes causas coletivas, principalmente ao que se refere à agricultura, às mulheres e aos movimentos religiosos. A criação do Movimento Aprendizes da Sabedoria como uma organização de benzedeiras, provoca um deslocamento acerca do ofício de benzedeira do papel das mulheres nas ações coletivas, ao reivindicar direitos relacionados ao benzimento. Assim, as benzedeiras articulam-se a partir de um Movimento que afirma a tradicionalidade, a diversidade e os direitos coletivos – em especial territoriais -, que declara, portanto, ser portador de um modo de vida tradicional, conforme expõe Ana Maria quando conversamos sobre o início do Movimento:

> Mas depois que foi visto que toda comunidade tinha sua cultura, desde que os faxinalenses as demais, os benzedor e benzedeira nada mais é que uma cultura também. Então foi buscado colocar junto, pra que essa cultura antiga fosse valorizada e fosse feito as práticas de cura e não deixar esquecer essa parte de cura os remédios. E ali junto incluir as fontes de água, as romaria, as mesadas de anjo que era tudo do passado e que foi buscado, hoje já tamo fazendo, que tava meio se esquecendo e foi crescendo e hoje em dia cada um valoriza cada vez mais a cultura.

O movimento do caminho e o caminho do Movimento que vêm sendo construído pelas benzedeiras recorre à noção de povos e comunidades tradicionais. Quando Ana Maria refere-se ao "colocar junto" está comparando as benzedeiras e benzedores com outros povos que se autoreconhecem enquanto populações tradicionais, como o caso dos faxinais. Isto, como uma forma de valorização do modo de vida das benzedeiras que se reproduz ao longo das práticas em torno dos benzimentos, remédios, fontes de água, romarias e mesadas de anjos.

Neste caminho, é importante ressaltar que povos e comunidades tradicionais enquanto categoria jurídica, analítica e prática, tem apresentado diferentes configurações ao longo do tempo, através da etnogênese de diversos grupos que se autoreconhecem como povos e comunidades tradicionais do Brasil. Nessa linha, apresento como essa categoria vem sendo pensada, operacionalizada, acessada e efetivada, a partir de definições antropológicas, dispositivos jurídicos e pelo próprio Movimento das Benzedeiras.

Na perspectiva antropológica, segundo Mauro Almeida (2007) povos e comunidades tradicionais emergem enquanto um conceito analítico em detrimento ao paradigma teórico

sobre o campesinato no Brasil. O autor argumenta que a antropologia até os anos 1980-1990 acionava os camponeses como categoria articuladora das diversas narrativas agrárias. No entanto, a complexidade dos processos de conflitos, organizações e modos de vida expressos no espaço rural, despertou o limite do conceito de "campesinato" fomentando o surgimento de novas chaves analíticas, como povos da floresta, povos do campo e inclusive povos e comunidades tradicionais.

Alfredo Wagner de Almeida (2008), aponta que o processo de organização dos movimentos sociais do campo para além das entidades sindicais a partir de tal período, também contribuiu nesse caminho. Ao descortinar outras formas de organização e reivindicação de direitos coletivos que vem, segundo o autor:

> [...] incorporando fatores étnicos, elementos de consciência ecológica e critérios de gênero e de autodefinição coletiva, que concorrem para relativizar as divisões político-administrativas e a maneira convencional de pautar e de encaminhar demandas aos poderes públicos. (ALMEIDA, 2008, p. 28)

Nesse sentido, o conceito de povos e comunidades tradicionais reflete a diversidade de formas de existência coletiva de diferentes povos e grupos sociais em suas relações com os recursos da natureza, identidades coletivas e estratégias organizativas. Relaciona-se, portanto, aos conceitos de território, ocupação tradicional, conhecimentos tradicionais, conservação ambiental e principalmente luta por direitos coletivos, como analisa Paul Little:

> A sociogênese desse conceito de tradicional surge dentro do âmbito étnico das lutas políticas para defender e controlar seus direitos territoriais e a ênfase está na categoria de povos (em vez de populações ou comunidades) tradicionais. (LITTLE, 2010, p. 11)

Tal contexto de lutas territoriais como um dos elementos constituintes do conceito de povos e comunidades tradicionais conforme expõe Little (2010) mobiliza investidas pela retomada, acesso e permanência ao território que implicam em "processos de territorialização" (OLIVEIRA FILHO, 1998). Os quais resultam em mobilizações políticas levadas adiante por grupos que buscam manter ou retomar seus territórios como forma de produzir e reproduzir seus modos tradicionais de vida como descrevem Cunha e Almeida (2009). Além disso, os autores analisam a associação dos povos tradicionais à conservação ambiental, como um processo de negociação para manter ou recuperar o controle do território, através da prestação

de serviços ambientais (p. 279). Nesse caminho, seguindo o debate ambiental e as mudanças de categorias acionadas ao longo do tempo pelos seringueiros amazônicos na luta por direitos, os autores definem que:

> Populações tradicionais são grupos que conquistaram ou estão lutando para conquistar (prática e simbolicamente) uma identidade pública conservacionista que inclui algumas das seguintes características: uso de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, presença de instituições com legitimidade para fazer cumprir suas leis, liderança local e, por fim, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados. (CUNHA & ALMEIDA, 2009, p. 300)

Neste debate teórico, percebo que as benzedeiras se constroem como um grupo de povos e comunidades tradicionais através da maneira como acionam a identidade de benzedeiras e se relacionam com os demais movimentos sociais do campo. O processo de formação do MASA acontece ao mesmo tempo em que o debate acerca dos povos e comunidades tradicionais é acionado pelas comunidades de faxinais que são os principais apoiadores da constituição do Movimento das Benzedeiras. Deste modo, visibiliza-se e afirma-se um modo de ser e viver intrinsecamente ligado aos bens comuns, materializado pelo território que permite a reprodução das relações culturais e socioambientais que configuram a identidade coletiva de "benzedeiras", localizada em uma territorialidade específica, através dos caminhos trilhados no centro sul do Paraná.

A defesa do território caminhado, conhecido e experienciado como pauta de luta das benzedeiras faz com que estas associem-se à Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais através do intercâmbio de experiências, conhecimentos tradicionais e ações políticas-organizativas com as coletividades paranaenses que estão no processo de reivindicação de territórios tradicionalmente ocupados. Para tanto, entende-se que o território não se resume apenas à terra e seus recursos naturais, mas também aos valores simbólicos que acionam histórias de ocupação, demarcadores sagrados, mitos de criação e memórias coletivas (LITTLE, 2003).

No percurso de lutas territoriais e constituição de identidades coletivas é fundamental compreender a perspectiva jurídica do conceito de povos e comunidades tradicionais, a fim de apreender as estratégias que as benzedeiras têm mobilizado ao longo da última década acerca da legislação. Em que elas tanto mobilizam aspectos definidos nos dispositivos jurídicos, quanto adotam a definição como povos e comunidades tradicionais em sua atuação política no Estado do Paraná. Juridicamente, o Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 que institui a

Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, compreende que:

> I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007, p. 01)

A compreensão acerca dos povos e comunidades tradicionais e a garantia de seus direitos, desencadeia-se do processo de reconhecimento de novos direitos resultantes da Constituição Federal da República de 1988 (CRFB/1988), a qual contempla em seus artigos 215 e 216 a cultura enquanto tema de interesse nacional. Na Carta Maior, a cultura é tomada tanto como manifestações culturais quanto modos de vida e, por isso, torna-se primordial para os direitos das populações tradicionais. O artigo 215 dispõe que:

> Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. (BRASIL, 1988)

O dispositivo constitucional garante o acesso e promoção à cultura, trazendo para o texto legal a categoria de manifestações culturais. Enquanto que o artigo 216 aborda a cultura de forma ampla, associando patrimônio material e imaterial, sobretudo reconhecendo a existência de grupos culturalmente diferenciados que participam da formação da sociedade brasileira, os quais dispõem de diferentes "modos de criar, fazer e viver":

> Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
>
> I - as formas de expressão;
>
> II - os modos de criar, fazer e viver;
>
> III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
>
> IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
>
> V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988)

Ambos artigos 215 e 216 da CRFB/1988 são extremamente importantes como estrutura para os direitos culturais e para o reconhecimento das populações promotoras da diversidade cultural brasileira, o que inclui os povos e comunidades tradicionais. Os artigos constitucionais sobre a cultura desenham o cenário jurídico brasileiro através de leis, decretos, portarias e ratificação de tratados e convenções internacionais que, ao longo dos governos, são incorporados na legislação brasileira, tendo como categorias de aplicação o patrimônio cultural e os povos e comunidades tradicionais. Como veremos no próximo capítulo, a interpretação e articulação política destes dispositivos constitucionais resultam em diferentes processos, como o reconhecimento estadual das benzedeiras como patrimônio cultural.

Neste cenário, a ratificação da Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre Povos Indígenas e Tribais do ano 1989 assinada por vários países e incorporada na legislação brasileira através do Decreto nº 5.051 de 19 de abril de 2004 é um marco para a efetivação dos direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais, pois essa lei reconhece os modos próprios de vida e organização dos povos. Desta maneira, "[...] a Convenção protege o direito à terra, à educação, à saúde e à participação de maneira diferenciada para os povos" (FUNAI/GIZ, 2013, p. 6), além disso, estabelece que:

> [...] os povos indígenas e tribais têm o direito de serem consultados sobre toda e qualquer decisão administrativa ou legislativa que afete direitos e modos de vida coletivos, inclusive sobre suas terras. (idem)

A consulta prévia, livre e informada um dos princípios do Tratado vem sendo acionada pelas organizações de povos e comunidades tradicionais através da judicialização de processos contra o Estado em prol da efetivação de seus direitos. A normativa desponta na última década como o principal mecanismo jurídico para a efetivação do direito às diferentes formas de autoatribuição dos povos tradicionais. No caso específico das benzedeiras, ela é acionada nos processos de regulamentação das Leis das Benzedeiras, como veremos no próximo capítulo.

Subsidiada juridicamente pelos direitos constitucionais e pela OIT 169 e demandada pela sociedade civil organizada é criada a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, instituída pelo Decreto de 27 de dezembro de 2004 e modificada pelo Decreto de 13 de julho de 2006. A Comissão é um órgão de caráter deliberativo e consultivo ligado ao Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2006) composta

por representantes do governo federal e da sociedade civil, entre esses, ciganos, faxinais, fundo de pasto, quebradeiras de coco babaçu, povos de terreiro. Os quais têm como uma das principais atribuições acompanhar a implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída pelo Decreto 6.040 de 2007 (BRASIL, 2007). A PNPCT tem como objetivo geral:

> [...] promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições. (BRASIL, 2007, p. 1)

Mediante ao contexto nacional de reconhecimento e institucionalização da questão das populações tradicionais, o Estado do Paraná apresenta uma característica peculiar na visibilidade e emergência dos povos e comunidades tradicionais, protagonizada pelos faxinalenses. Estes ingressaram no contexto nacional de articulação dos povos tradicionais através da participação como membro titular da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil desde sua criação no ano de 2004. Tendo um papel importante na construção da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil e na articulação da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais no Paraná. Nesses caminhos de construção de políticas públicas e avances jurídicos acerca dos povos tradicionais, entre a esfera local e nacional, o movimento dos faxinais aproxima as benzedeiras como elemento constituinte da identidade faxinalense, configurando um primeiro momento da organização do Movimento das Benzedeiras.

4.1.1 Benzedeiras e Faxinais

No Estado do Paraná, os faxinalenses foram os principais sujeitos que consolidaram legalmente o debate acerca da presença de povos e comunidades tradicionais no Estado[29] através da aprovação da Lei dos Faxinais - Lei 15.673 de 13 de novembro de 2007 -, que dispõe sobre o reconhecimento dos faxinais e suas territorialidades enquanto povos tradicionais. Ademais, é importante destacar que anterior ao período do debate sobre os povos

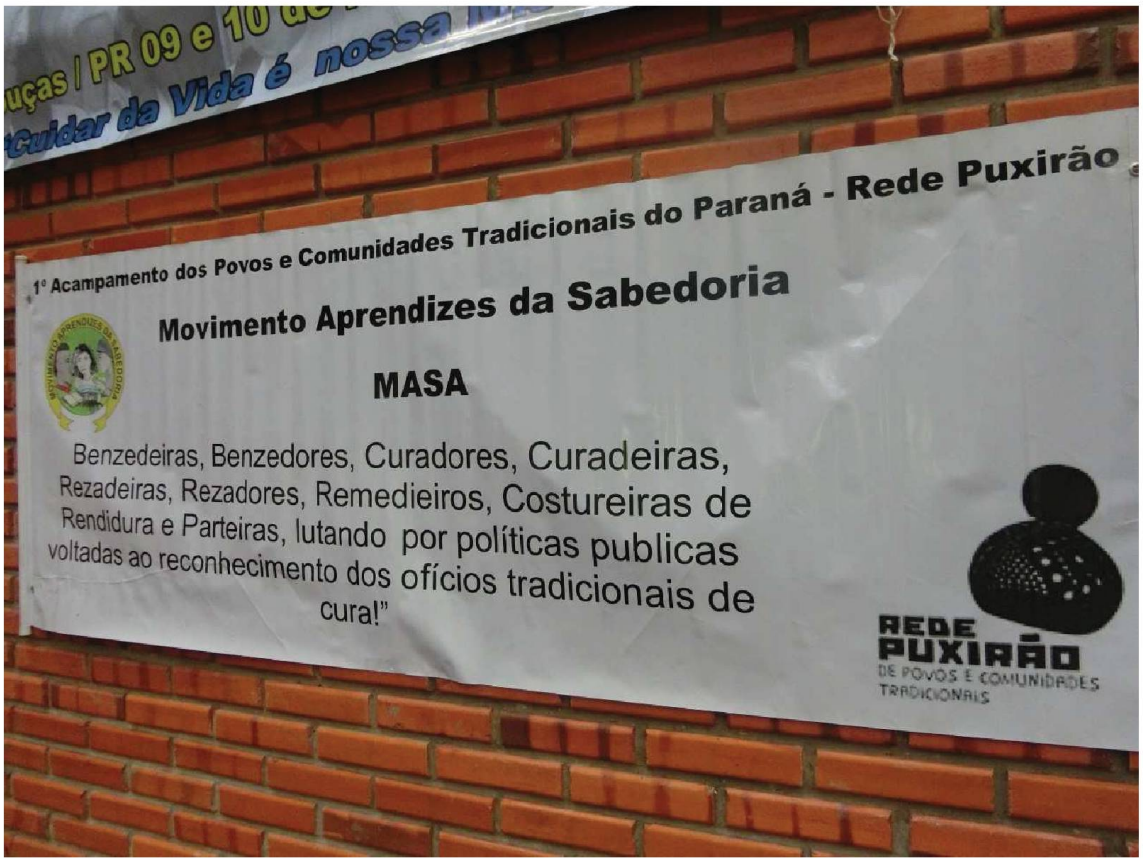
29 Levando em conta que o processo organizativo dos povos indígenas e comunidades quilombolas é anterior às populações ditas tradicionais e regido por legislação específica.

e comunidades tradicionais, a organização dos faxinais resulta também do reconhecimento pelo Estado do Paraná das comunidades de faxinais como uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável, as Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), instituída no ano de 1997 pelo Decreto Estadual nº 3.446. A ARESUR decorre principalmente da ação de agentes do governo, alocados na EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), IAP (Instituto Ambiental do Paraná) e IAPAR (Instituto Agronômico do Paraná), que a partir do debate ambiental fomentado pela ECO-92, promoveram ações de pesquisa, reflexão e ação política no âmbito do Estado e da academia, importantes para o estímulo de uma percepção sobre os faxinais quanto áreas potenciais para a conservação. Acerca desde período, em outro trabalho (LEWITZKI, 2015) reconstituo os eventos da caminhada acadêmica, sociopolítica e legislativa que formam a trajetória dos faxinais desde o debate ambiental até os povos e comunidades tradicionais. No entanto, o interessante deste processo é compreender que é a partir da organização dos faxinais enquanto um povo tradicional, que estes se constituem como um grupo portador de uma identidade coletiva e um modo de vida específico, em que as práticas e ofícios das benzedeiras são acionados como formadores da identidade faxinalense.

Nesse caminho, no mesmo período que os faxinais aprovam a Lei dos Faxinais, em conjunto com os ilhéus do Rio Paraná e quilombolas da Comunidade Invernada Paiol de Telha em Guarapuava (PR), articulam a criação da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais que ao longo de sua estruturação integrou outros segmentos e organizações de povos tradicionais do Estado, a saber: cipozeiras e cipozeiros (Movimento Interestadual das Cipozeiras e Cipozeiros do Paraná e Santa Catarina– MICI); faxinais (Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses - APF); indígenas (Articulação Regional dos Povos Indígenas do Sul – ARPIN-SUL); ilhéus (Movimento dos Ilhéus do Rio Paraná - MOIRPA); quilombolas (Coordenação das Comunidades Quilombolas do Vale do Iguaçu – COREQUI; Federação das Comunidades Quilombolas do Paraná – FECOQUI); pescadores e pescadoras artesanais (Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná – MOPEAR); religiões de matriz africana (Fórum Paranaense de Religiões de Matriz Africana - FPRMA); e benzedeiras (Movimento Aprendizes da Sabedoria).

A Rede Puxirão, portanto, criada no 1º Encontro dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná que aconteceu no mês de maio do ano de 2008 na cidade de Guarapuava (PR), com assessoria do Instituto Equipe de Educadores Populares e o Centro Missionário de Apoio ao Campesinato Antônio Tavares ligado a CPT/Diocese de Guarapuava -

que são entidades relevantes na organização sociopolítica dos movimentos sociais do campo na região centro sul do Paraná -, passou a ser um espaço de encontro, troca de experiências e mobilização entre os oito segmentos de povos e comunidades tradicionais. Os quais ao tempo que formavam o espaço de articulação estruturavam seus próprios grupos enquanto povos e comunidades tradicionais e, que de forma coletiva, buscavam pleitear uma política estadual voltada às demandas das comunidades tradicionais do Paraná. Sendo um marco desse processo a visibilidade dos povos e comunidades tradicionais do Estado através de agendas públicas de reunião de diversos povos tradicionais com a participação de agentes governamentais e outros movimentos sociais, em que o 1° Acampamento dos Povos e Comunidades Tradicionais realizado em Curitiba no ano de 2010 (Figuras 91 e 92) é um demarcador na construção da pauta dos povos tradicionais mediante o Estado do Paraná. O evento é recordado pela benzedeira Dona Dejanira de Rebouças como o momento em que as benzedeiras "começam o Movimento", devido ao caráter de protesto manifestado nas passeadas e assembleias que aconteceram durante os dois dias em que cerca de 800 representantes de povos tradicionais acamparam frente ao Palácio das Araucárias, então sede do governo estadual.



FIGURAS 91 e 92 - 1º Acampamento dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. FONTE: Arquivo REDE PUXIRÃO, 2010. LOCAL: Curitiba/PR.

Tal política instigada pela Rede Puxirão encontra-se em andamento, sendo a principal atribuição do Conselho Estadual dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná instituído pela Lei 17.425 de 18 de dezembro de 2012, do qual as benzedeiras são membras titulares desde o ano de 2014, quando o Conselho foi nomeado. Acerca do processo de construção e articulação da Rede Puxirão e os papéis desenvolvidos pelos seus segmentos formadores, o trabalho de Josiane Wedig (2015) analisa as ações políticas e reivindicações levadas a cabo pela organização.

As benzedeiras integraram a Rede Puxirão num primeiro momento através da participação no segmento dos povos de faxinais para, num segundo momento, integrá-la como um segmento de benzedeiras, ocupando o mesmo número de vagas de representação como os outros grupos. Essas diferentes formas de participação, estão relacionadas à criação do Movimento das Benzedeiras que se organizou a partir dos espaços da APF através das "benzedeiras faxinalenses", para então, criar o Movimento Aprendizes da Sabedoria como uma organização específica de benzedeiras.

Ademais da reconstituição de alguns eventos importantes no caminho organizativo dos povos tradicionais do Paraná, as benzedeiras detêm marcos diferentes para o início do Movimento, o que se relaciona com suas experiências individuais frente a organização, retomo, portanto, alguns momentos que emergiram nas narrativas das interlocutoras. Dona Heleninha, benzedeira faxinalense e uma das fundadoras do MASA, em uma conversa recente em sua casa no Faxinal dos Seixas, explica que o início da movimentação das benzedeiras aconteceu nos espaços da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses no ano de 2005. Enquanto que Ana Maria relata que o Movimento começou quando o benzedor e faxinalense Seu Pedro de Deus, uma das primeiras lideranças do MASA, chegou de moto em sua casa na comunidade de Rio Bonito para convidar seu pai para o *Encontrinho de Benzedeiras* em decorrência do Mapeamento Social das Benzedeiras de Rebouças que se encontrava em elaboração em meados do ano 2009, a partir desse momento ela começou a "fazer Movimento". Uma terceira situação é Dona Rosinha, ela conta-me que sua movimentação começa no ano de 2015, em que começa a transitar pela casa das benzedeiras do município de Irati para a elaboração do Mapeamento Social das Benzedeiras a convite de um dos assessores do MASA. A narrativa escrita do Movimento Aprendizes da Sabedoria elaborada pelas assessorias, através das cartilhas e boletins informativos, favorece os encontros comunitários, regionais e municipais como constituintes da organização, assim como o Mapeamento Social das Benzedeiras, como o caminho percorrido para a mobilização das detentoras de ofícios tradicionais de cura.

Nesse sentido, destaco três eventos principais: faxinais, encontros de benzedeiras e mapeamento social, a fim de entender o emaranhado de linhas que possibilitaram a criação do Movimento através de outros movimentos sociais e redes de articulação viabilizadas pelo contexto político e jurídico atrelado aos povos e comunidades tradicionais do Brasil a partir dos anos 2000.

FIGURA 93 – Cartilha do 1º Encontro dos Faxinais. FONTE: IEEP, 2005. LOCAL: Irati/PR.

A criação no movimento social faxinalense, a Articulação Puxirão dos Povos de Faxinais (APF) no ano de 2005 durante o 1º Encontro dos Faxinais realizado na cidade de Irati é recordado por Dona Heleninha como um marco para a organização das benzedeiras. O evento organizado por uma rede de coletivos, formada por movimentos sociais, associações, ONG's e órgãos do governo - Instituto Equipe de Educadores Populares (EEP), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis (ASSIS), Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos do Turvo (AGAECO), Departamento Socioambiental (DAS/IAP-PR),

Rede Faxinal e Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) - reuniu cerca de 30 comunidades de faxinais para:

> construírem de forma coletiva a identidade de comunidade tradicional, respeitando os costumes e tradições típicas do jeito de viver daqueles que moram dentro de um criador comunitário. Os faxinalenses também elaboraram propostas para conservarem suas comunidades com as características de criadouros comunitários. (IEEP, 2005, p. 2)

A benzedeira, liderança faxinalense foi uma das mulheres que participou do evento na condição de representante de sua comunidade, o Faxinal dos Seixas, e na ocasião coordenou a "Oficina 1: Saúde Popular, Ofícios Tradicionais e Ervas Medicinais" que agregou benzedeiras de outros faxinais, ela relata com exatidão esse momento:

> O primeiro encontro que nois fomo foi em 2005, lembro que foi nos dia 05 e 06 de agosto. Eu entrei nos faxinalense, ia representa os faxinalenses, mas a minha responsabilidade era as benzedeira.

Dona Heleninha como representante dos faxinais, também tinha atribuição de representar as benzedeiras e complementa que na Oficina dividiu o espaço com a Irmã Lia da Comissão Pastoral da Terra (CPT), com quem pode compartilhar as agressões que sofria de líderes religiosos católicos em sua comunidade, como relembra:

> [...] na época eu tinha medo, eu tava muito apedrejada no lugar por conta do benzimento, iam me entregar na igreja, entrava na igreja o sermão do padre era falar das benzedeiras. (idem)

Desta maneira, Dona Heleninha fortaleceu-se como benzedeira através do diálogo e troca de experiências com outros líderes religiosos e detentores de ofícios tradicionais de cura que participaram do evento. Conforme registra o relatório do Encontro, elaborado pelo IEEP:

> Nesta oficina aprendemos conhecimentos tradicionais e experiências dos faxinalenses como as benzedeiras, parteiras, mateiros e os remédios caseiros usados em tratamentos terapêuticos populares. As propostas dessa oficina foram as seguintes: Resgatar o conhecimento do uso de plantas medicinais através, por exemplo, da construção de hortas comunitárias. Praticar o que aprendemos e o que já sabemos, como o preparo de alimentos e chás. (IEEP, 2005, p. 14)

Os encontros dos faxinais, portanto, foram os primeiros espaços para ações de valorização do ofício de benzedeira através das oficinas de troca de experiências, bem como, um ambiente de denúncia às violações que as detentoras de ofícios tradicionais vinham enfrentando para exercer seus ofícios, conforme o relato de Dona Heleninha sobre estar "apedrejada" em sua comunidade. O reconhecimento das benzedeiras e seus conhecimentos tradicionais na constituição da identidade faxinalense, pode ser observada na primeira cartilha elaborada pelo IEEP e distribuída pela APF que traz Dona Heleninha como uma das personagens principais da história em quadrinhos (Figura 93) que estimula a organização coletiva dos faxinais. O mesmo acontece em relação à valorização dos olhos d´água de São João Maria e as romarias de São Gonçalo, manifestações culturais presentes nas comunidades e associadas às práticas religiosas das benzedeiras, enaltecidas pelo movimento faxinalense como constituintes de sua identidade, as quais passam a ser incentivadas e realizadas no espaço de encontro e reunião dos faxinais.

No relatório elaborado pela CPT/Diocese de Guarapuava (PR) e IEEP sobre o 2º Encontro dos Faxinalenses: "Na luta pela terra nascemos faxinalenses", realizado no ano de 2007 na cidade de Irati. A Oficina 3 – Ofícios Tradicionais reuniu "[...] muitas mulheres, entre benzedeiras, curandeiras, parteiras, costureiras, fazedoras de simpatia e orações" (CPT/IEEP, 2007, p. 8) que encaminharam as seguintes propostas:

> 1. Discutir a regulamentação dos ofícios, conhecimentos e práticas tradicionais (ex. produção de remédios caseiros) associados através de leis municipais e estaduais;
>
> 2. Resgatar e transmitir os conhecimentos tradicionais através da promoção dessas práticas nas comunidades;
>
> 3. Discussão sobre a aposentadoria para portadores de ofícios tradicionais. (idem)

Observo, a partir dos relatórios dos encontros faxinalenses uma mudança do primeiro para o segundo encontro dos faxinais na forma de encaminhar as propostas relacionadas aos ofícios tradicionais de cura. No 2° Encontro dos Faxinais (2007) inclui-se a questão da regulamentação, tanto no que se refere ao exercício quanto à profissão das benzedeiras com vistas à questão previdenciária, culminando para uma pauta particular dos detentores de ofícios tradicionais de cura dentro da estrutura organizacional dos faxinais. No entanto, tais questões extrapolam as lutas políticas dos faxinais que consistem sobretudo na manutenção do criadouro comunitário através da mobilização das comunidades para manutenção do compáscuo e o

cadastramento das áreas como ARESUR. Pois, diferente que outros grupos de povos e comunidades tradicionais as benzedeiras não apresentam uma pauta produtiva-econômica, mas sim, reivindicações relacionas ao seu modo de vida ao que corresponde a manutenção do ofício tradicional de cura.

Neste caminho, com apoio de mobilização das comunidades organizadas na APF e a estrutura do Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP) é elaborado no ano 2007 e publicado em fevereiro de 2008, através do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil na Série Faxinalenses no Sul do Brasil o fascículo intitulado *Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura.* A publicação compila depoimentos e mapas que representam as formas de organização comunitária, os ofícios tradicionais, o número de ervas medicinais utilizadas como remédio, a diversidade de sementes crioulas, práticas produtivas, práticas tradicionais de cura e as ameaças aos ofícios de cura, conflitos de acesso e uso dos recursos naturais nas comunidades de Faxinal Marmeleiro de Cima (Rebouças), Faxinal do Rio do Couro (Irati) e Faxinal dos Seixas (São João do Triunfo) (ASA, 2008), conforme expressa o mapa do Faxinal dos Seixas (Figura 94).

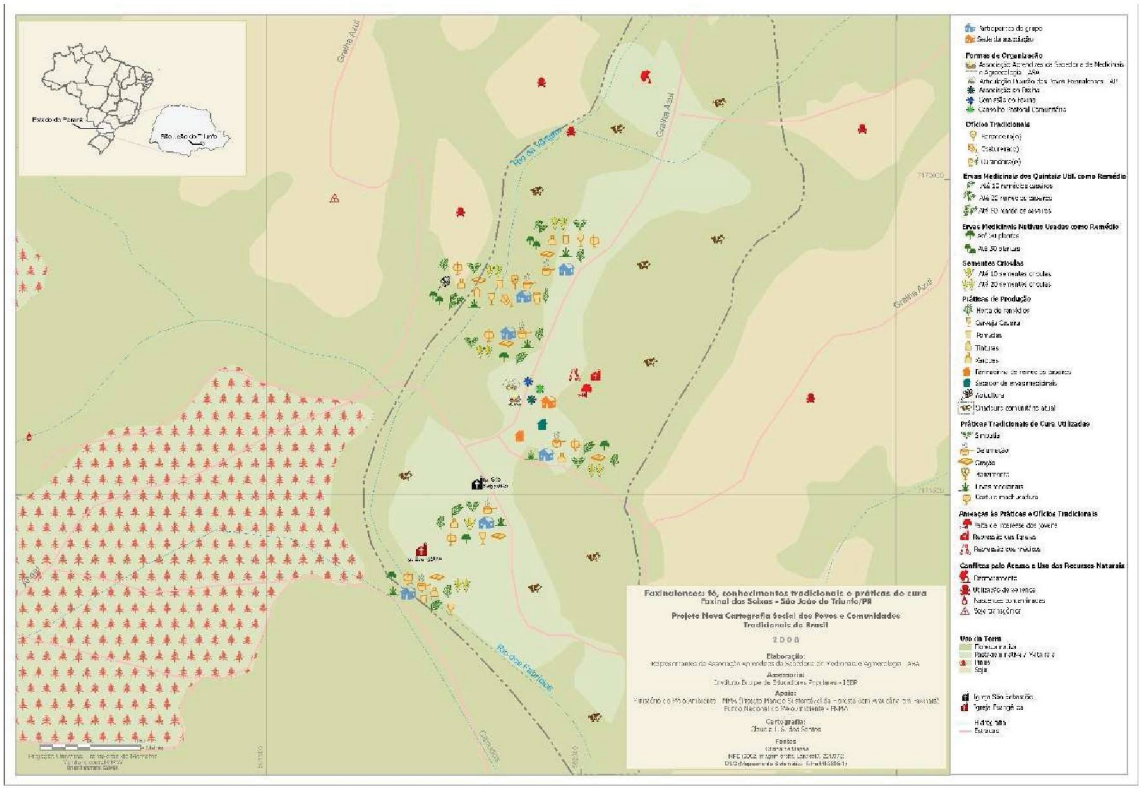


FIGURA 94 – Mapa da Cartografia Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura. FONTE: PNCS, 2008. LOCAL: Faxinal dos Seixas, São João do Triunfo/PR.

A cartografia social das benzedeiras dos faxinais contribui para a visibilidade das benzedeiras, ao ser a primeira publicação de elaboração coletiva que aborda o tema na região centro sul do Paraná. Bem como, para constituição do modo de vida faxinalense no que se refere a uma identidade específica formada também pelos conhecimentos e saberes das benzedeiras, ao identificar seus ofícios – benzedeira, benzedor, costureira, costureiro, curador, curadeira -, suas práticas – simpatia, oração, defumação, benzimento, ervas medicinais e costura de rendidura -, e associar o uso das ervas medicinais ao ofício da benzedeira faxinalense. Além disso, enaltece os modos de manutenção, conhecimento e manejo da biodiversidade, através do uso de plantas medicinais e sementes crioulas, fator que fortalece o argumento dos faxinais como uma população que detêm práticas culturais e socioprodutivas de baixo impacto ambiental através de seu conhecimento tradicional ecológico.

A partir da cartografia social das benzedeiras faxinalenses, os encontros de benzedeiras e aprendizes da sabedoria são fundamentais para a caminhada destas enquanto um movimento social. Os encontros, portanto, são demarcadores do processo de ação coletiva das benzedeiras.

4.1.2 Os primeiros encontros

FIGURA 95 - 2° Encontro das Benzedeiras do Centro Sul. FOTO: Lina Faria, 2012. LOCAL: Rebouças/ PR.

Nesse cenário, as benzedeiras realizam o primeiro encontro comunitário de benzedeiras em abril de 2008 no Faxinal Marmeleiro de Baixo no município de Rebouças, um dos faxinais fundadores da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses. Tal momento foi decisivo para a realização do primeiro encontro regional de benzedeiras:

> [...] o encontro comunitário de ofícios tradicionais na comunidade de Faxinal Marmeleiro de Baixo em Abril de 2008, onde cerca de 20 pessoas portadoras de ofícios tradicionais, trocaram experiências sobre práticas de cura como: Simpatias, Orações, Benzimentos, Defumação e Remédios caseiros. A partir desse momento, várias reflexões foram feitas em dezenas de reuniões de intercâmbios de conhecimentos, produzindo avaliações sobre a importância desse saber. Esses momentos proporcionaram uma troca de experiências e o reconhecimento social de dezenas de Benzedeiras, Benzedores, Rezadeiras, Curadores, Costureiras e Parteiras participantes. Fato que proporcionou, na comunidade, identificar pelo menos mais 10 pessoas detentoras de ofícios tradicionais, que encontravam-se silenciadas e reprimidas. Nasceu então a idéia de um encontro regional de Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Costureiras e parteiras, ganhou a pauta das Aprendizes da Sabedorias. (ASA, 2008, p. 03)

O evento regional intitulado "1° Encontro Regional das Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Costureiras e Parteiras: conhecimentos tradicionais e saberes populares, conservando a biodiversidade e cuidando da vida" foi realizado pelo grupo de Aprendizes da Sabedoria (ASA) na cidade de Irati nas dependências da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) no dia 06 de setembro de 2008. O evento contou com a assessoria do IEEP que por intermédio da submissão de projeto ao Subprograma Projetos Demonstrativos (PDA) vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) conseguiu apoio financeiro para o evento. Esta situação é decorrente de um contexto político e estatal da primeira década dos anos 2000 de políticas, programas e projetos de fomento aos povos tradicionais com vistas ao desenvolvimento sustentável dos povos da floresta de araucária, conforme indica o lema do encontro "conhecimentos tradicionais e saberes populares, conservando a biodiversidade e cuidando da vida". Além disso, apoiaram a realização do evento através da participação, associações de agroecologia, movimentos sociais, ONG's, órgãos do governo e universidades - Associação dos Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis (ASSIS), Articulação Puxirão dos Povos de Faxinais, Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, Conselho Missionário Indigenista (CIMI), Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e UNICENTRO-.

O encontro reuniu benzedeiras de vários municípios da região, assim como, representantes de organizações sociais, extrapolando o público das comunidades tradicionais de faxinais. Através de oficinas de práticas tradicionais de cura, troca de plantas medicinais e falas de benzedeiras e apoiadores, o *Encontrão* consolidou a criação do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA). O nome do Movimento decorre da Associação Aprendizes da Sabedoria Medicinais e Agroecologia (ASA) que surgiu em 2002 pela ação do IEEP em faxinais dos municípios de Irati, Rebouças e São João do Triunfo, com intuito de criar grupos de mulheres para produção e comercialização de produtos agroecológicos e manipulação de plantas medicinais, por meio de instalações de Farmacinhas Comunitárias como alternativa de renda às mulheres e valorização dos saberes medicinais populares. Sobre tal período o trabalho de Almeida (2013), resgata a linha do tempo dos eventos e projetos promovidos pela rede de associações agroecológicas e ONG's presentes na região centro sul do Paraná que contribuíram no processo de consolidação do Movimento das Benzedeiras a partir dos anos 2000, classificando essa caminhada em três períodos:

> Ao focar a análise nos processos de mobilização do MASA, é possível construir uma história linear, dividida em três etapas: período pré-APF (Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses), período ASA (Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia) e período que segue após o primeiro encontro, quando o MASA surgiu e se consolidou. (ALMEIDA, 2013, p. 63)

Os períodos identificados pelo autor, apontam movimentos de uma fase a outra para a constituição do Movimento Aprendizes da Sabedoria, em que o papel do IEEP na assessoria e formação de grupos de camponeses na região centro sul do Paraná é preponderante. O período pré-APF (2002 a 2005) é caracterizado pela ação do ONG na sensibilização de comunidades rurais para conversão da agricultura convencional para à agroecológica, auxiliando a formação de grupos de mulheres que trabalham com medicinais e agroecologia, e fomentando a criação das associações de agricultores ecológicos AGAECO e ASSIS. Tais ações se expandem para as comunidades de faxinais em meados do ano de 2004, através da execução de projetos em parceria com MMA para promover ações em prol da agricultura sustentável em comunidades de faxinais. O período que segue, caracteriza-se pela ação da entidade na aproximação das aprendizes da sabedoria aos faxinais e propriamente em ações de valorização dos detentores de ofícios tradicionais de cura, a partir da viabilização de encontros, elaboração de materiais e realização da cartografia social. Ações que culminaram, como vimos, na realização do 1° Encontro das Benzedeiras que marca a criação do Movimento Aprendizes da Sabedoria.

Neste processo, ao observar as entidades que se fizeram presentes no 1° Encontro das Benzedeiras (ASA, 2008), a atuação do IEEP na articulação de organizações sociais do centro sul paranaense (Almeida, 2013) e a integração das benzedeiras na Rede Puxirão, se faz importante ressaltar, conforme o argumento de Gohn (2001) que os movimentos sociais na contemporaneidade se constituem através de redes de articulação. Segundo a autora, "os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação" (p. 335). No caso das benzedeiras é perceptível a rede local e regional de organizações sociais do campo, o que inclui, ONG's, associações, movimentos sociais e grupos de pesquisa, associados aos povos e comunidades tradicionais e a agricultura agroecológica, como sujeitos importantes na realização do 1° Encontro das Benzedeiras, bem como na constituição do MASA.

FIGURA 96 – Dona Mena segurando o convite do 1º Encontro das Benzedeiras. FOTO: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Saltinho, Rebouças, PR.

Dona Mena, benzedeira da comunidade de Saltinho em Rebouças, guarda com carinho o convite do "1° Encontro Regional das Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Costureiras e Parteiras" (Figura 96), momento que para ela iniciou-se o Movimento, o convite fica em seu

altar em uma pasta com outros materiais do Movimento Aprendizes da Sabedoria como cartilhas e cópias de leis.

Ao observar a linha do tempo da constituição do Movimento, percebo que o encontro demarca a mudança da categoria da organização de "associação" para "movimento" que reafirma o caráter de ação política do grupo que implica na alteração do perfil das participantes. As integrantes do coletivo passam de mulheres adultas agricultoras em idade produtiva para mulheres velhas aposentadas rurais, consolidando a troca de experiência e luta política em detrimento da demanda de comercialização de alimentos, pleiteada pelos grupos de agroecologia. Este fator, não excluiu as mulheres agricultoras que em parte continuaram participando do MASA na condição de aprendizes da sabedoria, remedieiras e apoiadoras, mas não alcança suas pautas ao mudar o caráter de ações promovidas pelo MASA. A transição no perfil da organização emerge no contexto de conflitos socioambientais, religiosos e políticos que as benzedeiras manifestam no evento, assim como a forma de enfrentá-los, conforme registram na Carta Final do 1° Encontro Regional das Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Costureiras e Parteiras:

> Denunciamos o desprezo a nossos dons e as diversas violações aos direitos de praticar nossos ofícios e dons, através dos conhecimentos e práticas de cura onde vivemos, revelada através de preconceitos e repressão dos órgãos públicos de saúde e muitas igrejas, que nos combatem de forma a criminalizar nossos ofícios e dons. Também denunciamos o avanço dos monocultivos de soja, pinus e eucaliptos causando destruição das florestas nativas e aguadas em nossas comunidades, locais que historicamente extraímos nossas ervas medicinais nativas para os tratamentos de saúde das nossas comunidades e bairros; Nos preocupa, também, intensamente, a privatização dos recursos naturais por parte de fazendeiros, empresas florestais, unidades de conservação que impedem a livre circulação dos detentores desses ofícios para coleta de ervas medicinais nativas para continuarmos cuidando da vida. (ASA, 2008, p. 12)

A partir do *Encontrão* é expressa uma pauta de luta das benzedeiras que consiste na valorização do ofício de benzedeira através da visibilidade social e troca de conhecimentos tradicionais; ruptura coletiva do silêncio e da repressão aos seus dons; e, na denúncia da contaminação e da privatização do território das benzedeiras, marcado pelas aguadas e locais de coleta de plantas medicinais. Conforme relata Dona Heleninha, é neste momento que as benzedeiras *se ponham* em Movimento:

> [...] eu gosto de ver o Movimento, eu tenho esse ramo, eu tenho as simpatia, os dons que Deus me deu, mas sou *ponhada* também.

Segundo ela, *ponhar*-se significa colocar-se em Movimento, neste sentido, além de exercer os dons as benzedeiras *ponham*-se em movimento no sentido político do termo, para enfrentar os conflitos que coletivamente identificam e realizar atividades de mobilização em prol do reconhecimento de suas especificidades, a partir da denúncia de violações a seu modo de vida que são verbalizadas e registradas principalmente nos encontros, espaços promovidos na esfera local pelo MASA e na esfera estadual pela Rede Puxirão. Entre as pautas reivindicadas pelo MASA, destacam-se o reconhecimento da identidade coletiva das benzedeiras, a inclusão de seus ofícios tradicionais de cura no sistema formal de saúde e a efetivação de direitos territoriais em relação a bens comuns como a proteção, preservação e livre acesso aos olhos de água de São João Maria e as plantas medicinais nativas livres da contaminação de agrotóxicos.

Nesse caminho, a definição de movimento social proposta Maria Glória Gohn (2000, p. 11) se mostra interessante para abordar o Movimento das Benzedeiras. Ao refletir sobre os movimentos sociais no mundo globalizado, a autora descreve que existem dois principais modelos analíticos em relação ao tema: culturalista (enfatiza os movimentos sociais) e classista (enfatiza as estruturas econômicas, as contradições sociais e os conflitos de classes). No entanto, defende uma terceira posição, que alcance "a importância da cultura na construção da identidade de um movimento social", isto, em um contexto de "lutas, conflitos e contradições, cuja origem está nos problemas da sociedade dividida em classes, com interesses, visões, valores, ideologias e projetos de vida diferenciados." Nesta perspectiva, a autora apresenta a seguinte definição de movimentos sociais na contemporaneidade:

> Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 2000, p. 13)

Neste sentido, destaco que a linha de ação política das benzedeiras enquanto movimento social, construída e acionada ao longo da organização do Movimento Aprendizes da Sabedoria, apresenta a ruptura na forma de enfrentamento de conflitos relacionados ao dom

de cura, que passa adotar ferramentas coletivas em detrimento da ação individual. Ademais das benzedeiras estarem inseridas em organizações sociais ao longo de suas trajetórias, é com a construção do MASA que o ofício de benzedeira se coloca no debate público. A trajetória de caminhadas do MASA, através de visitas, encontros de benzedeiras, reuniões, participação em conselhos e comissões, apoio de ONGs, articulação em redes, e intercâmbio de experiências organizativas com outros movimentos sociais, resulta no movimento social das benzedeiras. Pois estas movimentações, seguindo os elementos apontados por Gohn, politizam suas demandas, implicam na realização de ações coletivas de caráter sociopolítico, estruturam um repertório sobre conflitos e criam uma identidade coletiva de movimento social, por meio da partilha de valores culturais e políticos.

Neste sentido, o caminho que as benzedeiras percorrem na luta de direitos enquanto um movimento social de povos e comunidades tradicionais do Paraná, relaciona-se ao contexto apresentado e às estratégias organizativas que foram conhecidas e aderidas por elas, principalmente pela participação na Rede Puxirão a partir do ano de 2009 enquanto um segmento formador da articulação entre os povos e comunidades tradicionais. Afinal, como salienta Gohn (2001) a participação nos espaços de organizações sociais caracteriza um processo formativo, em que saberes são construídos e apreendidos pelo ato de inteiração:

> a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos. (GOHN, 2001, p. 333)

O encontro das benzedeiras com outros grupos de povos e comunidades tradicionais nos espaços viabilizados pela Rede Puxirão, mobiliza o processo de autoreconhecimento enquanto povo tradicional, assim como os processos de negociações, diálogos e confrontos com agentes do Estado que passam a fazer parte da agenda das benzedeiras. A narrativa de Ana Maria em resposta ao questionamento de uma teóloga durante um evento universitário sobre o porquê das benzedeiras se organizarem quanto povos e comunidades tradicionais, bem expõe tal relação:

> Nós conhecemos todos os povos de terreiro que são o pessoal de religiões de matriz africana, que tão aqui em Londrina, em Curitiba, em Colombo. Nós já cruzemos para ir pras ilhas, onde está o pessoal da pesca, o pessoal do MOPEAR [Movimento dos

> Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná], que traz a pesca até o Porto de Paranaguá para vender, mas também é atingido, nós tivemos na luta com eles. Nós tivemos lá nos ilhéus, cruzemo o rio de barco pra ir lá onde eles foram expulsos das ilhas, deixando casa, cruzando rio. Nós estamos lá dentro dos faxinalenses, então nós somos organização, nós não somos sozinho. Por quê muita gente tem medo de cigano? Nada ver! Ele é quem nós, um povo. Os ciganos têm sua tradição, ele arma sua barraquinha, saí, eles são um povo, um povo do passado, um povo que luta, que ama seu território. Mesma coisa que as benzedeiras, eu sei benzer porque meu bisavô sabia e meu vô sabia e meu pai sabia, eu amo ser benzedeira, eu amo conhecer as plantas, amo trabalhar com as plantas. Nós buscamos deles as mesadas de anjo que tavam um pouco esquecida, mas que as benzedeiras já fizeram algumas mesadas de anjo, não acabou essa cultura religioso, nos puxamos as romaria de São Gonçalo porque era cultura de nossos avós. É cada povo, cada segmento, cada movimento, porque são onze movimentos, do qual as benzedeiras estão ali juntas. É a Rede Puxirão recolhendo as benzedeiras com sua cultura e seus conhecimentos, é nós junta com outros movimentos, valorizando cada cultura, aprendendo com eles, passando o nosso conhecimento pra dentro desses movimento.

Nesta linha, o autorreconhecimento enquanto povo tradicional é uma categoria que se define pelos modos de vidas das populações, seus conflitos e formas de luta que se vinculam aos territórios. No caso das benzedeiras, essa construção é dinamizada por suas movimentações, entre benzimentos, faxinais, olhos d'água e festas de santo, que não se restringem apenas às benzedeiras que vivem nas terras de uso comum, mas também é expresso por aquelas que vivem nas cidades e comunidades rurais que não se caracterizam como faxinais. Este processo, acontece sobretudo pela construção de uma identidade coletiva e um discurso político, conforme os argumentos apresentados por Ana Maria, acerca do conhecimento tradicional geracional, os esforços em retomar e manter as manifestações culturais e a organização sociopolítica que implica em aliança e intercâmbio de conhecimentos e experiências com outros movimentos sociais. No processo de autoatribuição se entrelaçam linhas de saberes e práticas tradicionais de cura, organização coletiva e conflitos de acesso e permanência ao território tradicionalmente ocupado.

Neste cenário, conforme sintetiza o quadro abaixo (Figura 97), observo que a emergência da organização sociopolítica das benzedeiras decorre da participação delas no espaço da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses, do trabalho das ONGs de apoio aos povos e comunidades tradicionais na região centro sul do Paraná, como o IEEP e CEMPO que culminaram entre outras coisas na criação da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais. Ambos movimentos contribuíram na construção de um cenário de lutas coletivas que viabiliza a organização política das benzedeiras, frente a um processo histórico de ocultamento, desvalorização, marginalização, criminalização e ameaça aos ofícios tradicionais

de cura, mas, sobretudo, para trocar experiências e fortalecer seus dons de cura, através dos encontros de benzedeiras que continuam sendo um mecanismo de mobilização entre elas.

EVENTO	ANO	DISPOSIÇÃO
ARESUR	1997	Decreto 3446/1997 – Cria as Áreas Especiais de Uso Regulamentado no Estado do Paraná
CNPCT	2004	Decreto 027/2004 – Cria a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
APF	2005	1º Encontro dos Faxinais – Criação da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses
REDE PUXIRÃO	2008	1º Encontro Estadual dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná – Criação da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais
MASA	2008	1º Encontro das Benzedeiras – Criação do Movimento Aprendizes da Sabedoria

FIGURA 97 – Linha do tempo de eventos – organização benzedeiras. FONTE: Taisa Lewitzki, 2019.

4.1.3 Encontros de Benzedeiras

Os encontros das benzedeiras são constituintes do Movimento e são o combustível da organização coletiva, nos encontros trajetórias são compartilhadas, conhecimentos intercambiados e violações relatadas, constituindo o pertencimento coletivo associado a um modo de ser e estar no mundo. Os "encontros comunitários" acontecem nas comunidades, em média de uma a três vezes ao ano, nas localidades onde o Movimento se faz presente. A casa da benzedeira é o principal espaço para o encontro que pode acontecer também em um lugar de uso comunitário, reunindo detentoras de ofícios tradicionais da localidade e de comunidades vizinhas com o objetivo de trocar experiências sobre o ofício de benzedeira. Tais espaços são organizados pela coordenação do Movimento em diálogo com as lideranças locais que são as benzedeiras que participam de outros espaços do MASA e agem como interlocutoras de suas comunidades. Ana Maria, explica sobre a estrutura organizativa do Movimento, ao dizer que:

> Se organiza por setor, em Rebouças tava eu e Dona Agda, mas graças a Deus hoje nós conseguimos Dona Deja que é uma articuladora boa, Dona Glorinha que foram aprendendo com nós, porque quando era só nós duas, ficava mais cansativo. Hoje em dia temos mais elas pra ajudar, já estão ajudando bem. Daí tem em Irati as de lá que

> articulam. Em Triunfo também tem quem articulam lá, pessoas que estão na luta. Nas comunidades sempre tem pessoa pra ajudar, fazer reunião, marcar lugar, convidar o povo, sempre têm das mesmas benzedeiras e pessoas envolvidas na comunidade que fazem parte da Pastoral da Criança, da Associação de Moradores já articula, né. E outras cidades que não tem ainda os movimento mapeado, mas tem benzedeira, já tem dentro da comunidade pessoas dispostas a contribuir, pra ajudar quando tiver reunião.

No Encontro Comunitário das Benzedeiras da Cachoeira que aconteceu na casa da Dona Tila no dia 28 de julho de 2018, participaram cerca de 20 pessoas, entre detentores de ofícios tradicionais de cura das comunidades de Cachoeira e Canudos, benzedeiras de Rebouças que fazem parte da coordenação e os assessores do MASA. O encontro realizado no sábado, iniciou com cantos, orações e palavras de boas-vindas proferidas por Marilu que é uma liderança do Movimento e vive na comunidade. A conversa começou com a autoapresentação de cada participante, em que além de relatar o nome, falaram sobre sua trajetória no ofício tradicional de cura. Na sequência enquanto o chimarrão era compartilhado, assuntos em relação ao andamento de demandas ao poder público foram conversados, como propostas e tramitação de leis, apoios e negociações com entidades e governos locais, assim como agendas do MASA em outros espaços, temas introduzidos pela Dona Agda que faz parte da coordenação. A qual é formada por benzedeiras que representam o Movimento em instâncias externas como a Rede Puxirão e Conselho Estadual dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais, assim como os assessores[30]. O almoço foi preparado no local da reunião pela anfitriã da casa com ajuda de vizinhas e familiares que fazem parte de sua rede de apoio e foram convidadas a contribuir. Na parte da tarde, a programação reservada para a troca de conhecimentos tradicionais, consistiu no intercâmbio através do passeio pelo quintal da Dona Tila, onde mudas e sementes foram coletadas, assim como pela troca de mudas levadas pelos participantes para mística formada ao centro do espaço, que integra o misto de plantas medicinais repartidas através da troca de experiência. As fotos abaixo registram os diferentes momentos que fizeram parte da programação do encontro:

---

30 As assessorias aos coletivos de povos e comunidades tradicionais era uma prática viabilizada pela Secretária Executiva da Rede Puxirão, cumprindo um importante papel desde a formação do Movimento, em que pessoas auxiliavam as benzedeiras na organização de agendas e na interlocução com órgãos públicos, elaborando materiais e documentos que subsidiam os debates. Os assessores vinculados a projetos desenvolvidos por ONGs, principalmente o IEEP e CEMPO, eram remunerados com bolsas de pesquisa e extensão de suas entidades de origem, no entanto, com a fragilização das entidades de apoio aos movimentos de povos tradicionais a partir dos anos de 2010, depois de algum tempo sem assessoria, a partir de 2015 as benzedeiras contam pontualmente com dois apoiadores do MASA que assessoram agendas e contribuem sobretudo no deslocamento das benzedeiras quando possível, ocupando o lugar de motoristas e assessores, tratando-se de uma assessoria autônoma em que as benzedeiras e assessores estabelecem as prestações e remunerações conforme projetos e atividades. Os assessores atuais estão imersos na academia na condição de pesquisadores e estudantes, participam de outros coletivos sociais, sendo que ambos vivem na região e são netos de benzedeiras.

FIGURAS 98 a 106 - Encontro Comunitário de Benzedeiras. FOTOS: Douglas Fróis, 2018. FONTE: Cachoeira, São João do Triunfo/PR.

A mística é um elemento a ser frisado, presente em todos os espaços de encontro das benzedeiras, tanto na esfera comunitária, quanto municipal ou regional, sendo uma prática dos

movimentos sociais. A mística formada nos encontros das benzedeiras, congrega grande diversidade de remédios, imagens de santos, cartilhas, boletins, mapas, leis entre outras publicações associadas as benzedeiras, além de instrumentos usados no benzimento, como velas, água, terra e ramos. Ela simboliza o modo de vida das benzedeiras, ao tempo que traz para o espaço de reunião os elementos que constituem a casa da benzedeira, pois representam seu altar, seu quintal e suas caminhadas. Assim a mística também é um encontro de trajetórias, sendo um elemento central nos encontros, nos quais as benzedeiras não chegam sem um remédio pra compartilhar, como apresenta a imagem (Figura 107) que registra a chegada da Dona Heleninha no 2° Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná na cidade de Rebouças no ano de 2012.

FIGURA 107 - Dona Heleninha chegando ao 2° Encontro das Benzedeiras do Centro Sul. FOTO: Lina Faria, 2012. LOCAL: Rebouças/PR.

Os encontros municipais e regionais acontecem conforme o andar das benzedeiras e os caminhos escolhidos pelo Movimento, assim como as possibilidades estruturais para o deslocamento de benzedeiras que são negociadas no âmbito de projetos pleiteados pelo MASA e organizações de apoio como o IEEP e Rede Puxirão, que buscam financiamento das atividades através de órgãos de governo e entidades filantrópicas. Desde a formação do MASA foram realizados quatro encontros municipais que aconteceram nas cidades de Rebouças (2010 e 2011), São João do Triunfo (2011) e Irati (2015), ambos foram construídos com o apoio da rede de organizações locais e regionais acionadas pelas benzedeiras, como as ONG's, prefeituras municipais, sindicatos de trabalhadores rurais, associações de agricultores e agroecologistas. Os encontros são marcados pela reunião de dezenas de benzedeiras, lançamento de mapeamentos sociais das benzedeiras e negociação com autoridades locais para aprovação de leis municipais.

Os encontros regionais sediados nas cidades de Irati (2008) e Rebouças (2012 e 2017), foram momentos que proporcionaram a troca de experiências com benzedeiras de diversos lugares e pertencentes a outros coletivos como associações de agroecologia, comunidades indígenas, faxinais e assentamentos da reforma agrária, além de pesquisadores e autoridades locais (prefeitos, vereadores e deputados estaduais) e nacionais (deputados federais). Uma característica dos encontros municipais e regionais é a elaboração de cartilhas e a confecção de camisetas e bolsas para distribuição aos participantes, materiais que passam a ser usados e carregados pelas benzedeiras em todas as agendas que envolvem o Movimento Aprendizes da Sabedoria, como orienta Dona Rosinha a suas companheiras "tem que vestir a camisa de benzedeira" ao organizar uma agenda das benzedeiras com o legislativo municipal de Irati. Além dos encontros de benzedeiras, frequentemente o Movimento realiza seminários e oficinas de direitos coletivos, encontros anuais de confraternização e excursões, cursos de pomadas e remédios caseiros, ademais da participação em eventos externos.

FIGURA 108 - Ana Maria participando do 3° Encontro Estadual dos PCT's. FOTO: Antonio de La Penã, 2015. LOCAL: Paranaguá/PR.

Os eventos externos consistem na participação de representantes em agendas da Rede Puxirão como reuniões, seminários, oficinas e encontros que geralmente acontecem na cidade de Guarapuava (PR) e em encontros dos segmentos dos povos e comunidades tradicionais (Curitiba, Guarapuava, Guaraqueçaba, Irati, Querência do Norte, Mandirituba, Palmas, Paranaguá/PR); participação nas reuniões trimestrais ordinárias do Conselho Estadual dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais em Curitiba (PR); eventos universitários, principalmente no IFPR (Irati e Paranaguá/PR), UNICENTRO (Guarapuava e Irati/PR), UEPG (Ponta Grossa/PR) e UFPR (Curitiba), que são instituições de ensino, extensão e pesquisa que detêm projetos e ações relacionados às benzedeiras; assembleias, fóruns e feiras de sementes crioulas, promovidas por movimentos sociais do campo ao que corresponde a agroecologia e plantas medicinais (Curitiba, Guarapuava, Irati, Lapa, Rebouças, Rio Azul, São João do Triunfo/PR), entre outras. Em que as benzedeiras que formam a coordenação do MASA, cerca de seis benzedeiras que vivem nos municípios de Irati, Rebouças e São João do Triunfo, revezam os convites para representar o MASA. Sendo uma prática, ir aos encontros vestindo camisetas do Movimento, levar cartilhas, remédios e imagens para mística, como apresenta Ana Maria no registro do 3° Encontro dos Povos e Comunidades Tradicionais que aconteceu na cidade de Paranaguá no ano de 2015, em que a benzedeira segura o quadro com a foto de São João Maria durante a mística de abertura do evento (Figura 108). O uso da palavra como representante de um movimento social é comum, a fim de relatar a trajetória de organização, metodologia e pautas pleiteadas pelo Movimento, em que são exaltadas pelas benzedeiras, os encontros, mapeamentos sociais e aprovação de leis. Sendo comum, que as benzedeiras sejam

solicitadas para expor acerca dos conhecimentos tradicionais de cura através da explicação sobre remédios e práticas de cura, por meio de oficinas temáticas e conferências.

Os cursos livres ministrados pelas benzedeiras em cooperação com universidades e entidades, como no último período em que elas realizaram oficinas no Instituto Federal do Paraná – Campus Irati e na UNICENTRO, por intermédio de professores interessados na temática da agroecologia, colocam-se como uma forma de valorização e transmissão do conhecimento das benzedeiras. Tal prática extrapola a circulação dos conhecimentos tradicionais no âmbito comunitário, adentrando aos espaços formais de educação. Dona Agda explica que o conhecimento é geracional, mas se as pessoas querem aprender "é por direito ensinar".

> Está sendo passado o conhecimento pro mais novo, por isso nós estamos indo nas UNICENTRO [universidades] conversar, quem quer mesmo aprender vai na casa da gente pega oração, trocar experiência as vezes pode dar certo de ficar um benzedor ainda. Sempre nos damos curso de benzedor, dei em Ponta Grossa, lá em Curitiba, vai dez, quinze ali, vai lá um dia pra gente ensinar. Ali em Rebouças já tem três que ensinei já um pouco e eles estão aprendendo, essa semana veio um rapaz e pediu pra mim benzer o piazinho dele e falou que quer que eu ensine ele, tem uns 23, 24 anos. É importante a gente passar isso pros mais jovens, isso é pra ser de geração em geração mas quando não dá certo assim e outras pessoas querem aprender, por direito é ensinar, embora não aprenda tudo de vereda com o tempo o divino espírito santo vai iluminando e pôr fim a pessoa vai se dedicando cada vez mais.

Conforme relata Ana Maria, os encontros com outros sujeitos: movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais, pesquisadores, autoridades, funcionários públicos, entre outros, amplia substancialmente os espaços de troca de experiências das benzedeiras. A troca de experiência e construção de saberes e conhecimentos, concerne tanto aos conhecimentos tradicionais de cura, quanto aos conhecimentos políticos e legais, expressado no funcionamento do Estado, assim como os caminhos e estratégias políticas e jurídicas aderidas por outras coletividades.

> Quando eu fui pra Rede Puxirão eu já ficando dentro da Rede eu aprendi o conhecimento com outras comunidades que tem sua cultura, não só os faxinalenses, mas como os indígenas e outras comunidades também, e eu aprendi com eles o jeito, seus costumes. Eu acho importante é o conhecimento a aprendizagem, quem vai pra dentro do Movimento, quando ele vai pela primeira vez seja até num encontro dentro de uma comunidade ele não sabe bem o que vai ver e o que ele vai ouvir, mas vai passando os tempo ele vai pegando um conhecimento em todos. Em todos porque pega fazendo amizade, numa roda de chimarrão, numa conversa, conhecendo remédio, conhecendo pomada, trocando os remédios, sabendo porque que é, estudando. Aí depois quando segue que é convidado pra participar de outra reunião levando um pouco daquele conhecimento, mas aprendendo lá onde foi, seja na Rede, nas comunidades, nos outros movimentos sociais, aprende lá também com eles. E quando mais vai se estendendo vai

> aprendendo mais, mais vai trocando experiência, depois vai conhecendo os direitos, aquilo que as leis protegem e defendem. Então se for pegar tudo isso que não é nem a metade do que eu tô dizendo, têm muito mais, então acho que tudo é um conhecimento, vem pelo conhecimento.

Neste ambiente de encontro, troca e aprendizado, as benzedeiras vão se construindo quanto movimento social e conquistando o reconhecimento do seu grupo em diversas esferas e públicos. Para isso, colocar-se no mapa dos povos e comunidades tradicionais é uma estratégia importante adotada pelo Movimento das Benzedeiras, pelo processo de mobilização e visibilidade social que resulta na produção de dados sobre a presença das benzedeiras paranaenses que subsidiam o avanço jurídico, através da aprovação de leis municipais.

4.1.4 Benzedeiras no Mapa

As formas de registro do ofício de benzedeira estão ligadas sobretudo à literatura, ao folclore e à cultura popular desde a perspectiva de um certo pessimismo sentimental nos termos de Marshall Sahlins (1997). Em que o discurso preponderante ao registrar tais conhecimentos e práticas é mediante a retórica que estes estão se extinguindo, localizando as benzedeiras ao espaço-tempo do passado e pouco voltando-se para sua presença atual e suas perspectivas de futuro. Tal discurso é percebido tanto pelos estudos acadêmicos quanto nas narrativas das próprias benzedeiras. Durante o 3° Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná que aconteceu nos dias 01 e 02 de abril do ano de 2017 na cidade de Rebouças, pude perceber tal postura acadêmica através das falas de um grupo de pesquisadores vinculados a UEPG que apresentaram publicamente suas pesquisas sobre benzedeiras na região de Ponta Grossa (PR) e entendiam que se tratava de uma prática em vias de extinção e por isso, a importância do registro. No discurso das benzedeiras, a mesma noção é recorrente quando elas falam sobre o desinteresse dos mais jovens, por outro lado, argumentam que o interesse não é apenas espontâneo, mas relaciona-se com o dom, como informa Dona Agda:

> Nós queríamos formar jovens benzedor pra deixar no nosso lugar, mas tá meio difícil. Porque como ser benzedeira é um dom, às vezes os jovens não vão não porque eles não querem, mas porque tá faltando o dom.

A invisibilidade das benzedeiras quanto sujeitos que participam da construção da sociedade implica, por um lado, em conflitos sociais e falta de políticas públicas que possam alcançar suas demandas, por outro lado, contribuem para continuidade e dinâmica do ofício de cura às margens da regulamentação e controle estatal. Afinal, a categoria benzedeiras não está presente nas instituições constituintes do Estado conforme argumenta Duprat (2014):

> [...] três instituições fundamentais no sentido de moldar e consolidar os Estados nacionais: os censos, os mapas e os museus. Essas foram as maneiras pelas quais o Estado imaginou o seu domínio, a geografia do seu território, os seres por ele governados e a sua história comum. Juntos, eles criaram realidades unificadas, categorias raciais claras e fronteiras fixas. (DUPRAT, 2014, p. 54)

Os censos e os mapas, segundo Duprat (2014) inscrevem-se em uma dupla perspectiva de coleta de informações sobre os indivíduos orientados pela regulação e vigilância da população, em que os primeiros conformam categorias identitárias enquanto que os mapas determinam as fronteiras do domínio do Estado. Os museus, portanto, são o repositório de uma tradição generalizada que privilegia historicamente a narrativa dominante sobre a sociedade, na qual as benzedeiras cabem como um passado idealizado que fundamenta o aspecto folclórico da construção da identidade nacional, no entanto, não cambem em censos e mapas que marcariam sua relevância no presente. Essas três instituições, segundo a autora, têm o papel de criar uma memória coletiva acerca da construção da identidade nacional.

Nesta perspectiva as benzedeiras, assim como outros grupos culturalmente diferenciados são ocultados dos mapas e censos oficiais, tendo tanto sua contribuição para formação da sociedade quanto seus direitos negados. Desta forma, a construção dos próprios mapas como tecnologia social, ao tempo que visibiliza outros significados e relações coloca em voga o discurso oficial de ocultamento. A domesticação das técnicas de etnomapeamento e cartografia social pelas coletividades é uma forma de potencialização da cartografia quanto ferramenta política que até então era domínio exclusivo do Estado. Tal processo é possível, no caso das benzedeiras, a partir do apoio de grupos de pesquisa vinculados a universidades e órgãos do governo que democratizam o acesso as ferramentas de geoprocessamento. Os outros mapas, que começam a ser elaborados no Brasil nos anos de 1980, através de processos participativos desde as perspectivas de direitos coletivos e territoriais, sobretudo pelos povos indígenas, inaugura a "guerra dos mapas" (ALMEIDA, 1994) que coloca em perspectiva outras formas de relação e percepção territorial para além do Estado e do mercado.

Os etnomapas e autocartografias têm sido ferramentas políticas cada vez mais popularizadas e adotadas pelas diversas organizações de povos e comunidades tradicionais no Brasil, com a finalidade de produzir dados para instrumentalizar a luta por direitos étnicos e territoriais (CARDOSO, 2013). No caso paranaense, a ferramenta foi introduzida no campo dos povos e comunidades tradicionais no ano de 2006 por intermédio da realização de fascículos da Série Faxinalenses dos Sul do Brasil e do Mapeamento Social dos Povos de Faxinais, através do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, coordenado pelo antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida, professor da Universidade Estadual do Amazonas. Tal processo deve-se à participação dos faxinalenses como membros titulares na CNPCT, comissão paritária que coordenou a pesquisa nacional de povos e comunidades tradicional do Brasil em parceira com o PNCS. A metodologia da cartografia social a partir dos faxinalenses, foi amplamente estendida e adaptada às distintas realidades por intermédio da Rede Puxirão em parceria com o Núcleo do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Sul do Brasil vinculado ao PNCS.

> A inserção da Rede Puxirão no Projeto Nova Cartografia Social permitiu a abertura de um diálogo entre as diversas comunidades tradicionais no âmbito nacional, possibilitando a autonomização dos movimentos sociais. Sete foram as comunidades ligadas à Rede Puxirão já contempladas pelo projeto, o que mostra o nível de engajamento e avanço de seus membros na luta reivindicatória pelos direitos das comunidades tradicionais. (VANDRESEN, BUTI & SOUZA, 2014, p. 24)

O Núcleo de Cartografia sediado na cidade de Guarapuava na estrutura do Centro Missionário de Apoio ao Campesinato Antônio Tavares (CEMPO)[31] integrou movimentos sociais (Rede Puxirão, MST/Brigada Cacique Guairaca, Associações de Agroecologia e STRs) e ONGs (IEEP e CEMPO) que detinham uma história de articulação coletiva através da Reunião da Equipe[32], e adicionalmente pesquisadores vinculados a instituições oficinais de ensino, pesquisa e extensão, tais como, IFPR, UNICENTRO, UDESC, UFSC e UFPR (ENCONTTRA).

---

31 Entidade que se desmembrou da CPT/Diocese de Guarapuava e que acumula larga experiência nos processos de organização dos camponeses da macrorregião centro sul do Paraná, em relação a luta pela terra.

32 A Reunião da Equipe mediada desde o ano de 1995 pela CPT, acontecia bimestralmente na cidade de Guarapuava (PR) e agregava as discussões reivindicatórias de três movimentos sociais – MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e MMC (Movimento das Mulheres Camponesas). Com a criação da Rede Puxirão no ano de 2008, os coletivos de povos e comunidades tradicionais passaram a compor o espaço de articulação dos movimentos sociais do campo (VANDRESEN, BUTI & SOUZA, 2013, p. 26).

Neste contexto, a demanda do 1° Encontro Regional das Benzedeiras no ano de 2008 em relação ao número e situação das benzedeiras da região centro sul do Paraná, dada a ausência dos censos e estimativas oficiais sobre a realidade das benzedeiras. Se traduz na realização dos Mapeamentos Sociais das Benzedeiras dos Municípios de Rebouças e São João do Triunfo entre os anos de 2009 e 2011.

FIGURA 109 - Oficina de Mapas. FOTO: Taisa Lewitzki, 2009. LOCAL: Rebouças/PR.

Os Mapeamentos Sociais de Benzedeiras cumprem o importante papel na mobilização das detentoras de ofícios tradicionais de cura desde a formação do Movimento das Benzedeiras, sendo um marco para o contato com outras benzedeiras através da pesquisa. Assim como para aquelas que se constituíram como lideranças ao longo dos caminhos trilhados para a realização do mapeamento e, a partir de então, começaram a fazer Movimento, como explicitam os relatos de Ana Maria e Dona Rosinha acerca do início do MASA na sessão anterior. Além disso, o mapeamento demanda a movimentação pelo território, em que as benzedeiras se deslocam, fazendo com que conheçam outras benzedeiras e experiências em relação ao ofício e o conhecimento tradicional de cura, refletindo no processo de mobilização social, assim como na construção do conhecimento tradicional das benzedeiras.

O processo de mapeamento, por meio da metodologia da cartografia social, tem como princípio a pesquisa participativa, a capacitação dos sujeitos de pesquisa em técnicas de GPS[33], fotografia e entrevistas para construir mapas e cartografias conforme suas perspectivas territoriais associadas a uma identidade de benzedeiras, o que inclui ofícios tradicionais, lugares, práticas, conhecimentos, formas organizativas, conflitos entre outros elementos relevantes ao grupo pesquisador. O processo de construção da pesquisa, começa pela demanda de pesquisa formalizada pelo coletivo através de uma carta encaminhada ao Núcleo de Pesquisa da Cartografia Social, e a disposição de pesquisadores interessados na temática, a partir de então, as parcerias para financiamento da iniciativa começam a ser exploradas, principalmente pelas ONGs e universidades que participam do processo. Afinal, a realização do mapeamento requer recursos financeiros para o compra de materiais (GPS, câmara fotográfica, gravador de voz); deslocamento e alimentação da equipe de pesquisa; realização dos encontros e oficinas de croquis e legendas; impressão e publicação dos materiais decorrentes do processo como mapas, cartilhas, boletins informativos e fascículos; neste sentido, a captação de recursos é preponderante para a viabilidade da pesquisa. Na sequência, inicia-se a coleta de dados, a organização das categorias, elaboração de croquis e legendas, revisão cartográfica, entre outras etapas que são realizadas de forma participativa, isto quer dizer que pesquisadores de universidades e ONG's em parceria com o MASA mediam o processo, propondo espaços de decisão entre agentes de pesquisa através de oficinas, reuniões e saídas de campo coletivas.

Os mapeamentos das benzedeiras dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo foram realizados por benzedeiras que se colocavam a disposição para mapear e com o processo de pesquisa se constituíram quanto lideranças do MASA, na época um grupo de cerca de 10 benzedeiras de cada município e quatro técnicas vinculadas ao Instituto Equipe de Educadores Populares. O projeto do mapeamento, proposto pelo IEEP foi contemplado em chamada pública do Programa Universidade Sem Fronteiras (USF) da Secretaria Estadual da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI) com apoio financeiro para realizar o mapeamento social no município de Rebouças. No caso do município de São João do Triunfo, o mapeamento contemplou uma das metas do projeto de fortalecimento da cultura tradicional faxinalense financiado pelo Ministério da Cultura e executado pelo IEEP. As inúmeras visitas de campo, seguido de encontros comunitários, oficinas de mapas (Foto 106) e encontros municipais resultaram em uma ampla mobilização social das benzedeiras que passaram a

33 É a sigla para *Global Positioning System*, que em português significa "Sistema de Posicionamento Global", e consiste numa tecnologia de localização por satélite.

compartilhar trajetórias comuns, práticas e conhecimentos tradicionais de cura, assim como denunciar conflitos e reclamar direitos de forma unificada.

Os processos de mapeamentos sociais realizados pelo MASA e suas organizações de apoio, compreendem não apenas a elaboração dos mapas, mas também os resultados que desencadearam do processo de organização social, foram reconhecidos como uma ação de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, conquistando a 14° Edição do Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2011. A conquista do prêmio visibilizou a temática das benzedeiras em âmbito nacional, assim como fortaleceu a luta local para o reconhecimento das detentoras de ofícios tradicionais de cura, tendo em conta que no município de Rebouças que detém a população de 14.176 habitantes (IBGE, 2010) foram mapeadas 133 detentores de ofícios tradicionais de cura, enquanto que em São João do Triunfo 164 em um universo de 13.704 moradores (IBGE, 2010). A expressão dos números revela a importância e a presença dos ofícios tradicionais nos municípios, resultando na aprovação de leis municipais de reconhecimento do ofício de benzedeira, como estratégia de fortalecimento da identidade coletiva e enfrentamento da criminalização aos ofícios, tema que abordo no próximo capítulo.

FIGURA 110 - Encontro Municipal de Benzedeiras - Lançamento Mapeamento Social. FOTO: Taisa Lewitzki, 2011. LOCAL: São João do Triunfo/PR.

As benzedeiras do município de Irati adotaram a mesma estratégia de mobilização social e forma de pautar suas reivindicações ao poder público local, através do Mapeamento Social das Benzedeiras de Irati. O mapeamento iniciado no ano de 2015 com apoio de pesquisadores vinculados ao IFPR-Campus Irati, UNICENTRO, UFPR (ENCONTTRA) e a Prefeitura Municipal de Irati, revela o número de 184 benzedeiras conforme informou-me Dona Rosinha. Este dado contribuiu de forma significativa para aprovação da Lei 4.543/2018, que dispõe sobre a Política Municipal de Educação Popular em Saúde. Dona Dejanira, uma das líderes responsável em articular as benzedeiras do município de Rio Azul, um dos municípios recentemente integrado ao Movimento, visualiza no mapeamento um mecanismo de luta por direitos:

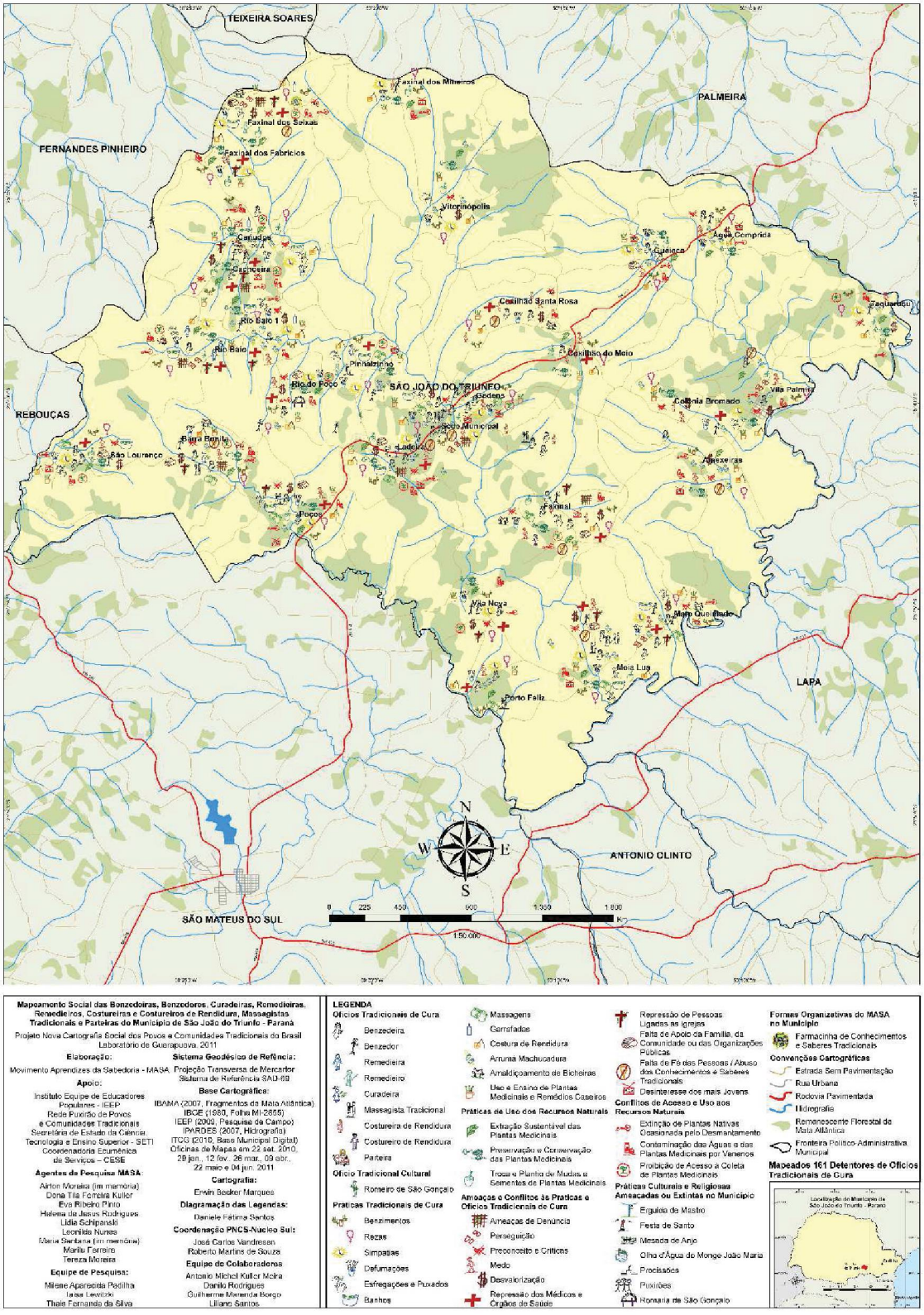
> Esse mapeamento que nos temo que fazer em Rio Azul, temos que fazer logo, lá é longe, mas a gente faz.

A mesma perspectiva é apresentada por Ana Maria:

> O mapeamento e as cartografia social saí de cada casa, cada benzedeira um ponto de GPS pra saber onde elas moram pra sair aquele mapa. Estamos mapeando Rio Azul, conhecendo as benzedeiras de lá. Não tá tudo descoberto as benzedeiras de lá pra ser mapeado. Rio Azul nós estamos lutando, mas tem muito ainda, São Mateus, Teixeira Soares, tem muito lugar ainda pra benzedeiras ser reconhecido. As benzedeiras têm que ser valorizado, tem que ser reconhecido o trabalho delas, pro povo dar valor.

No caminho do Movimento, o mapeamento social se estabelece como uma tecnologia social de interesse das benzedeiras, adotada e adaptada por elas, no sentido, em que o mapeamento permite a representação cartográfica de suas formas de caminhar e demarcar seu território. A ferramenta, por um lado, tem alcançado a diversidade das detentoras de ofícios tradicionais de cura e, por outro, a representatividade de suas práticas tradicionais para a promoção da saúde popular como podemos observar no mapa do *Mapeamento Social das Benzedeiras, Benzedores, Curadeiras, Remedieiras, Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Rendidura, Massagistas Tradicionais e Parteiras do Município de São João do Triunfo – Paraná* (Figura 111). Em que se destaca, os ofícios tradicionais de cura: benzedeira, benzedor, remedieira, remedieiro, curadeira, massagista tradicional, costureira de rendidura, costureiro de rendidura e parteira; ofício tradicional cultural: romeiro de São Gonçalo; práticas tradicionais

de cura: benzimentos, rezas, simpatias, defumações, esfregações e puxados, banhos, massagens, garrafadas, costura de rendidura, arrumá machucadura, almadiçoamento de bicheiras, uso e ensino de plantas medicinais; práticas de uso dos recursos naturais: extração sustentável das plantas medicinais, preservação e conservação das plantas medicinais, troca e plantio de mudas e sementes de plantas medicinais; e, as práticas culturais religiosas ameaçadas ou extintas no município: erguida de mastro, festas de santo, mesada de anjo, olho d'água do Monge João Maria, procissões, puxirões e romarias de São Gonçalo. Sem adentrar na questão das ameaças e dos conflitos às práticas e ofícios tradicionais de cura, tema que abordo no próximo capítulo, o mapa apresenta o modo de vida das benzedeiras, ao registrar as categorias de autorepresentação, as formas de benzer, se organizar e celebrar o sagrado, além de elucidar práticas que expressam as formas de percepção e relação com o território que são eminentes as formas de caminhar das benzedeiras que vimos no capítulo anterior.



Mapeamento Social das Benzedeiras, Benzedores, Curadeiras, Remedeiros, Remedeiros, Costureiras e Costureiros de Rendidura, Massagistas Tradicionais e Parteiras do Município de São João do Triunfo - Paraná

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil
Laboratório de Guarapuava, 2011

Elaboração:
Movimento Aprendizes da Sabedoria - MASA

Apoio:
Instituto Equipe de Educadores Populares - IEEP
Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais
Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior - SETI
Coordenadoria Ecumênica de Serviços – CESE

Agentes de Pesquisa MASA:
Airton Moreira (in memória)
Dona Tila Ferreira Kuller
Eva Ribeiro Pinto
Helena de Jesus Rodrigues
Lídia Schipanski
Leonilda Nunes
Maria Santana (in memória)
Marilu Ferreira
Tereza Moreira

Equipe de Pesquisa:
Milene Aparecida Padilha
Thaís Fernanda da Silva

Sistema Geodésico de Referência:
Projeção Transversa de Mercator
Sistema de Referência SAD-69

Base Cartográfica:
IBAMA (2007, Fragmentos da Mata Atlântica)
IBGE (1980, Folha MI-2865)
IEEP (2000, Pesquisa de Campo)
IPARDES (2007, Hidrografia)
ITCG (2010, Base Municipal Digital)
Oficinas de Mapas em 22 set. 2010, 28 jan., 12 fev., 26 mar., 09 abr., 22 maio e 04 jun. 2011

Cartografia:
Erwin Becker Marques

Diagramação das Legendas:
Daniele Fátima Santos

Coordenação PNCS-Núcleo Sul:
José Carlos Vandresen
Roberto Martins de Souza

Equipe de Colaboradores
Antonio Michel Kuller Meira
Danilo Rodrigues
Guilherme Miranda Borgo
Liliane Santos

LEGENDA

Ofícios Tradicionais de Cura
- Benzedeira
- Benzedor
- Remedeira
- Remedeiro
- Curadeira
- Massagista Tradicional
- Costureira de Rendidura
- Costureiro de Rendidura
- Parteira

Ofício Tradicional Cultural
- Romeiro de São Gonçalo

Práticas Tradicionais de Cura
- Benzimentos
- Rezas
- Simpatias
- Defumações
- Esfregações e Puxados
- Banhos
- Massagens
- Garrafadas
- Costura de Rendidura
- Arruma Machucadura
- Amaldiçoamento de Bicheiras
- Uso e Ensino de Plantas Medicinais e Remédios Caseiros

Práticas de Uso dos Recursos Naturais
- Extração Sustentável das Plantas Medicinais
- Preservação e Conservação das Plantas Medicinais
- Troca e Plantio de Mudas e Sementes de Plantas Medicinais

Ameaças e Conflitos às Práticas e Ofícios Tradicionais de Cura
- Ameaças de Denúncia
- Perseguição
- Preconceito e Críticas
- Medo
- Desvalorização
- Repressão dos Médicos e Orgãos de Saúde
- Repressão de Pessoas Ligadas as Igrejas
- Falta de Apoio da Família, da Comunidade ou das Organizações Públicas
- Falta de Fé das Pessoas / Abuso dos Conhecimentos e Saberes Tradicionais
- Desinteresse dos mais Jovens

Conflitos de Acesso e Uso aos Recursos Naturais
- Extinção de Plantas Nativas Ocasionada pelo Desmantamento
- Contaminação das Águas e das Plantas Medicinais por Venenos
- Proibição de Acesso à Coleta de Plantas Medicinais

Práticas Culturais e Religiosas Ameaçadas ou Extintas no Município
- Eguidá de Mastro
- Festa de Santo
- Mesada de Anjo
- Olho d'Água do Monge João Maria
- Procissões
- Puxirões
- Romaria de São Gonçalo

Formas Organizativas do MASA no Município
- Farmacinha de Conhecimentos e Saberes Tradicionais

Convenções Cartográficas
- Estrada Sem Pavimentação
- Rua Urbana
- Rodovia Pavimentada
- Hidrografia
- Remanescente Florestal de Mata Atlântica
- Fronteira Político-Administrativa Municipal

Mapeados 161 Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura

FIGURA 111 – Mapeamento Social das Benzedeiras de São João do Triunfo. FONTE: PNCS, 2011.

A forma que as benzedeiras se relacionam com o mapeamento social está associada principalmente ao seu processo, somado a isso, os resultados revelam os números que são importantes para a reivindicação de direitos coletivos. O ato de mapear não se reduz, portanto, à criação de um banco de dados sobre as benzedeiras, mas é constituinte do Movimento e das lideranças que animam seus caminhos.

Ao longo das movimentações acerca dos deslocamentos para identificar, visitar e mapear benzedeiras, assim como convidar e articular as mesmas para participar dos encontros comunitários e oficinas, fomentado pelos processos dos mapeamentos sociais, as benzedeiras tecem uma trama de relações entre as detentoras de ofícios tradicionais. Tal trama é possível somente pelo ato de caminhar e conhecer, em que trajetórias, conhecimentos e experiências entram em perspectiva e, através da partilha de uma concepção comum de mundo, a noção do coletivo e do Movimento vai sendo construída, assim como o sentido de um grupo social de povos e comunidades tradicionais. A despeito de que a representação gráfica nos mapas revele pontos e símbolos dissociados (Figura 111), a superfície que sustenta os dados é trilhada e desenvolvida pela ação das benzedeiras, para além dos pontos existe, portanto, uma malha de relações que vão ser importantes para sustentar, consolidar e mover o Movimento para outros caminhos, como para aprovação de leis específicas através da leitura geo-gráfica dos mapas.

5 A TRAMA DOS CAMINHOS E AS APRENDIZES DA SABEDORIA

> Tudo começo por que tinha muita perseguição sobre os benzimentos, eram perseguidas, as benzedeiras tinham medo de ensinar um remédio e ser presa. Porque muitas pessoas aconteceu que ensinaram remédio pra uma pessoa que já tava pra morrer e foram denunciá. Que nem meu pai era remedieiro de homeopatia e benzimento, e aconteceu de morrer uma criança lá e denunciarem que era o remédio que ele ensinou que fez mal pra criança, foi chamado, foi denunciado. Não foi preso porque o povo não deixou, mas tudo foi lá e não deixaram, a criança já estavam morrendo quando levaram pra ele. As benzedeiras tinham muito medo, depois que saiu essas leis, que foi organizado, criado o Movimento das Benzedeiras, foi feito cartografia social, foi tirado os pontos de GPS, feito as carteirinhas, feito a lei, que tem a lei federal, a lei estadual, a lei municipal, a lei da Defensoria Pública, a OIT 169 lei que ampara as benzedeiras é que acabou-se o medo. Agora não temo medo de ensinar um remédio, de benzer, posso benzer onde for ninguém pode proibir, porque nós temos carteirinha.

A narrativa de Dona Agda durante o Encontro de Benzedeiras que aconteceu na cidade de Rio Azul no dia 12 maio do ano de 2018 sobre a formação do Movimento Aprendizes da Sabedoria é a linha condutora para descrição deste capítulo. O qual abarca a trama de caminhos tecidos pelas benzedeiras a partir da organização enquanto movimento social, que inaugura novas formas de caminhar, ao que corresponde a legislação e a política frente aos conflitos para manutenção dos ofícios tradicionais de cura. Nesta linha, mecanismos de organização coletiva são acionados pelas aprendizes da sabedoria para reivindicar direitos que atualmente subsidiam e fortalecem a reprodução das práticas tradicionais de cura e o exercício do ofício de benzedeira no centro sul paranaense.

Desta forma, percebo que a elaboração, proposição, tramitação e aprovação de leis que formalizam e registram a participação das benzedeiras na promoção da saúde pública e na formação da diversidade cultural é uma das principais ações coletivas de enfretamento levado a cabo pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria. Tal processo envolve tanto benzedeiras articuladas no MASA quanto apoiadores locais e estaduais que efetivamente contribuem na abertura de caminhos no legislativo, através de contatos, diálogos e produção de materiais para argumentação das leis. Sendo preponderante os sujeitos involucrados na realização dos mapeamentos sociais como os assessores do MASA vinculados a ONGs e universidades, vereadores e deputados estaduais, assim como, os sindicatos de trabalhadores rurais e os próprios secretários do executivo municipal.

Seguindo a contextualização de Dona Agda, embarcamos com as benzedeiras e seus apoiadores em uma viagem de luta por direitos coletivos, a qual extrapola os caminhos tradicionalmente trilhados pelas benzedeiras, adentrando as rodovias asfaltadas para chegar até

os espaços públicos de decisão e poder, como as câmaras municipais, prefeituras, secretarias municipais e estaduais, fóruns de justiça e Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP) que começam a fazer parte do mapa de mobilidade das benzedeiras. Exemplo disso, é a viagem (Figuras 112 e 113) em que peguei carona com as benzedeiras para participar da sessão da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) na ALEP em que o projeto de lei estadual das benzedeiras estava em pauta.

FIGURAS 112 e 113 - Benzedeiras em viagem à ALEP. FOTOS: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Curitiba/PR.

Neste percurso, em nossa primeira parada, abordo os conflitos apontados pelas benzedeiras, os quais se relacionam ao sistema formal de saúde, ao mundo religioso e a manutenção e acesso ao território tradicionalmente ocupado. Em um segundo momento, descrevo os caminhos e movimentos das benzedeiras de articulação com agentes públicos oficiais para aprovação de leis municipais e estadual em defesa do seu modo de ser e viver.

5.1 CAMINHOS INTERROMPIDOS

O "medo" no tempo presente e passado é um substantivo recorrente nas narrativas das benzedeiras, o qual se manifesta na invisibilidade de suas práticas e no silenciamento de suas trajetórias em relação ao benzimento e que se desdobra em "preconceito, ameaças de denúncia, perseguição, críticas, desvalorização, repressão e falta de apoio" como registrado nos processos de cartografia social (PNCS, 2012, p. 13). Tal sentimento é fomentado pelos posicionamentos em relação à prática do benzimento e ao ofício de benzedeira que se materializam na ação de autoridades religiosas e agentes de saúde que criminalizam a prática do benzimento, bem

como, por comentários preconceituosos, difamações e gestos sucintos como olhares de vizinhos e familiares que desaprovam a prática de cura das benzedeiras. O preconceito e o medo também se relacionam com as situações em que suas práticas são aproximadas ao mundo não cristão/católico - em outras palavras, das religiões de matriz africana e da magia/feitiçaria – em que a principal forma de verbalizar o preconceito é nomear as benzedeiras de "macumbeiras" e "feiticeiras".

Outra questão é a preocupação eminente acerca da manutenção e acesso dos olhos de água de São João Maria e das áreas de coleta e cultivo de plantas medicinais, ameaçadas pela contaminação de agrotóxicos em decorrência da modernização da agricultura e o avanço do agronegócio. Estas circunstâncias caracterizam a violência cotidiana ao seu ofício de curar, as quais resultam em processos de enfrentamentos, negociações e resistências, através da continuidade da prática do benzimento e da ação coletiva do Movimento Aprendizes da Sabedoria. No entanto, estas situações, também provocam limitações que interrompem os caminhos das benzedeiras, porque implicam na liberdade do exercício do ofício e o acesso aos recursos necessários para sua reprodução.

As situações expoentes dos conflitos para manutenção do modo de vida das benzedeiras, emergem nas narrativas das detentoras de ofícios tradicionais de cura e nas publicações do MASA como boletins, cartilhas, cartas, ofícios e mapeamentos sociais. Os conflitos se associam aos órgãos de saúde, instituições religiosas, e ao mercado através da face do agronegócio, instaurando conflitos da ordem sociopolítica, religiosa e socioambiental. As categorias que articulam tais situações e são acionadas pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria a partir dos mapeamentos sociais são "repressão dos médicos e órgãos de saúde, repressão de pessoas ligadas a igrejas, conflitos de acesso e uso dos recursos naturais" (PNCS, 2012, p. 14).

5.1.1 Repressão dos médicos e órgãos de saúde

A "repressão dos médicos e órgãos de saúde" (PNCS, 2012) relaciona-se à ação de agentes de saúde formal que em sua prática profissional criminalizam e discriminam os conhecimentos tradicionais de cura detido pelas benzedeiras. Neste sentido, Dona Agda comenta ser uma prática comum entre as benzedeiras orientar as pessoas para que não relatem

aos médicos que procuraram a medicina do benzimento. Esta ação, segundo ela, é uma forma de evitar o constrangimento das pessoas, devido as inúmeras situações em que os médicos xingam os pacientes quando estes informam que foram ou levaram seus filhos às benzedeiras. Uma situação expoente é a simpatia para *peito aberto,* comum para bebês quando estes se machucam ao cair ou ainda, devido ao *mal jeito* de pegar a criança que resulta no *peito aberto*. Neste caso, a simpatia consiste no uso de faixas de pano que são passadas pela benzedeira no peito da criança. Ana Maria, informa que aconselha as mães que as faixas sejam retiradas antes de levar ao médico, porque é comum que estes ameacem denunciar as benzedeiras quando os bebês estão usando faixas. Havendo, todavia, poucos agentes oficiais de saúde que dialogam e respeitam o trabalho das benzedeiras.

Tal situação é configurada pelo papel de poder que os médicos ocupam na sociedade brasileira, decorrente do contexto histórico e político-econômico que legítima o saber médico como superior a outras formas de conceber e conhecer o corpo e os processos de cura (SOMELLERA, 2016). A posição de legitimidade médica em relação a cura, ademais de outros fatores estruturais, toma força com a interiorização dos serviços públicos de saúde, em contextos que as benzedeiras se apresentavam como a principal referência no tema, como é o caso da região centro sul do Paraná, como explica Ana Maria:

> As benzedeiras e benzedor já vinham desde do passado, é uma cultura antiga. O tempo que não tinha médico elas se curavam só com as plantas medicinais, com os remédios, com as cascas com as folhas, com as erva, com as simpatias. Não existia médico.

A interiorização dos serviços públicos de saúde, decorre segundo Castro (2013, p. 43) do movimento da reforma sanitarista dos anos 1970 e 1980 que ganhou forma na democratização do acesso à saúde na Constituinte de 1988, seguindo com a regulamentação do direito constitucional à saúde através da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990 pela Lei nº 8.080 (BRASIL, 1990). Com isso, a melhoria da oferta de serviços de saúde nos municípios e a implementação de postos de atendimento médico nas comunidades rurais tornou-se uma realidade, materializando a presença do Estado e o maior controle sobre as práticas de cura.

Essa transformação nas relações de cuidado com a saúde, por meio da transição da benzedeira para o médico, de imediato estabeleceu a exclusão das mesmas, materializando a criminalização das práticas tradicionais de cura realizadas por elas, conforme apontam no

Mapeamento Social das Benzedeiras (PNCS, 2010; 2011; 2017). Muitas benzedeiras, portanto, foram e são coagidas por realizar a prática do benzimento através de mecanismos de ameaças, difamações e constrangimentos públicos, pela ação de profissionais de saúde e governos locais. Todavia, as benzedeiras reafirmam o papel que exercem como promotoras de saúde, contribuindo diretamente para o sistema público, uma vez que atendem inúmeras pessoas de forma gratuita e eficaz, além de atender enfermidades em geral, elas curam malefícios que não são alcançados pela medicina hegemônica, como indaga Ana Maria:

> Quem ajuda o SUS? As benzedeiras. Porque a criança pobre, as vezes a mãe não pode pagar o remédio vai na benzedeira, mas a benzedeira sabe o que ela tá dando, um chazinho de qualidade. Pessoas que as vezes tá caindo em pé na fila e muitas vezes chega lá [Posto de Saúde] e ainda falam que é só tem 16 fichas, e a pessoa tá lá desde as seis da manhã, então ela diz eu não pude consultar aqui e vai na benzedeira. O caso que não é de médico é de benzedeira.

As benzedeiras defendem que "o caso que não é de médico é de benzedeira", isto quer dizer, que existem doenças que extrapolam o repertório dos médicos, enfermidades relacionadas ao próprio modo de vida das benzedeiras e de suas comunidades. As quais não são alcançadas pela prática médica, porque demandam o tratamento da benzedeira que através do benzimento articula conhecimentos religiosos, fitoterápicos e culturais. O caso expoente são as *bichas,* as quais consistem em vermes intestinais, principalmente lombrigas que podem ocasionar dores abdominais, vômito, desmaio, manchas brancas pelo rosto, falta de apetite, febre, entre outros sintomas. Comumente são as crianças que apresentam o malefício, provocado pela vontade de comer algum alimento, quase sempre doces. O diagnóstico pode ser feito pelos sintomas ou ainda derramando a cera de abelha aquecida em banho-maria sobre um prato com água, onde a cera derramada forma uma imagem, a qual é interpretada pela benzedeira. Dona Glorinha informa que através da cera ela vê "do quê a criança tá com vontade", a partir disso, benze os alimentos para a criança comer, como parte do processo de cura.

FIGURAS 114, 115 e 116 - Dona Glorinha derramando cera. FOTOS: Douglas Fróis, 2018. LOCAL: Rebouças/PR.

Segundo Dona Tila, as *bichas* devem ser tratadas com simpatias, orações, puxados e esfregações para que sejam acalmadas, caso contrário, quando usado somente o remédio do médico podem assustar-se e alvorotar-se no pescoço da criança, provocando asfixia e levando a mesma ao óbito. Também elas apresentam níveis diferentes, as *bichas vermeias* ou *bichas brabas* são as mais perigosas e demandam o acompanhamento da benzedeira que repete simpatias e ensina chás e ervas para que a criança elimine as lombrigas.

> Tem muito remédio que cura, através de banho, puxado, criança doente as vezes tá levando no médico e não tem melhora, leva no benzedor e ensina os remédios, as esfregações de remédio e faz a oração e já melhora.

Além das *bichas*, conforme argumenta Dona Agda existem inúmeras situações que cabem ao escopo da benzedeira, através das práticas tradicionais de cura, e por isso as vezes "ta levando no médico e não melhora", porque são enfermidades que demandam um tratamento que articula saberes que extrapolam a prática médica, como: *tirar susto*, quando uma criança se assusta de um evento e com isso sente medo, perde o sono, chora, etc.; *ofensa de bicho peçonhento*, alergia provocada por aranha e cobras que precisa ser benzida pra cessar; *quebrante*, quando a pessoa se sente indisposta ou ainda quando a criança sorri, chora, pisca ao dormir, sintomas provocados por *olho gordo, olho ruim* ou *olho avarento*; entre tantas outras:

> Tem coisa que o médico não cura, tem coisa que é curado com simpatia, os antigos já falavam, as pessoas que eram benzedor, as pessoas vão no médico tomam e tomam remédio e não são curado. Por exemplo, bugrero tem que cortar a cabeça e o rabo dele. O sapinho, o bugrero, o cobrero, eu mando ir no médico, mas vem ali porque não tá adiantando, daí nos cortamos com fé. As benzedeiras são importantes dos dois lados, a pessoa tem o médico vai no médico, não deu certo vai na benzedeira, tem que acreditar nos dois.

A perspectiva das benzedeiras, como manifestado por Ana Maria é "acreditar nos dois" médicos e benzedeiras, porque ambos têm seu papel na promoção da saúde. No entanto, essa perspectiva não é compartilhada pelos agentes oficiais de saúde, sendo um limite eminente a parceira com os gestores públicos acerca do reconhecimento das benzedeiras como agentes de saúde popular e uma busca constante do MASA em estabelecer diálogos através do convite aos representantes de órgãos de saúde, como os secretários de saúde para participar dos encontros municipais e regionais das benzedeiras. No 3° Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná que aconteceu em abril de 2017 na cidade de Rebouças, decorrente da articulação da assessoria do MASA, uma farmacêutica representante da Secretária de Saúde do Estado do Paraná (SESA) participou do evento, a fim de explanar sobre o acolhimento das plantas medicinais no SUS como uma prática complementar de saúde. A farmacêutica explicou o procedimento da elaboração da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), assim como o processo de compra e distribuição das plantas, no entanto, não adentrou ao tema de diálogo e acolhimento das práticas das benzedeiras, enfatizando os processos de pesquisa, produção e comercialização das plantas medicinais. Ao final da palestra que durou pouco mais de uma hora, a maioria das benzedeiras encontravam-se dispersas e as que fizeram perguntas, introduziam suas questões a partir do enunciado "tal erva é bom prá quê" em uma tentativa de troca de experiências sobre o uso das ervas com a farmacêutica. As distintas lógicas que operam entre benzedeiras e agentes oficiais de saúde na forma de conceber e tratar os processos de enfermidade e cura, coloca-se como um complicador no estabelecimento de parcerias, visto o papel regulamentador desempenhado pelos órgãos de saúde.

Outra ação de aproximação da saúde pública, é tramitar as proposições legislativas via secretarias de saúde em detrimento as secretarias de cultura, como veremos na próxima sessão, porque como argumenta Dona Rosinha "nosso problema é com os médico e não com a cultura [Secretaria de Cultura]". Tal postura vincula-se diretamente a prática da benzedeira, que por um lado é incentivada por agentes locais de cultura, e ameaçada no contexto da prática hegemônica de saúde, como argumentou o Prefeito de Rio Azul Rodrigo Solda (PSDB), que ao participar do Encontro Comunitário de Benzedeiras no município, ao ser indagado pela benzedeira Dona Terezinha, acerca de uma lei municipal de benzedeiras via secretária de saúde, contestou que:

> Pela via cultural ali, a gente pode desenvolver um decreto, alguma coisa que vocês podem ter um ambiente para desenvolver atividade. Agora na parte de saúde que vocês falaram, eu preciso estudar. [...] Vocês querem o reconhecimento via saúde. Só não dá pra confundir a questão de saúde, senão pega-se uma briga muito grande com gente poderosa, vocês sabem que o financeiro infelizmente determina muita coisa no país. [...] Eu acredito que se tiver algum questionamento vai ser em relação a área da saúde, vocês sabem disso, que eles fazem isso pra vocês não afetarem tanto as farmácias.

A vinculação da prática médica ao mercado em detrimento a gratuidade dos serviços de saúde realizados pelas benzedeiras é expoente das limitações do reconhecimento oficiais das mesmas enquanto agentes de saúde. Neste sentido, as investidas do Movimento das Benzedeiras é conquistar legislações locais que impliquem no reconhecimento do ofício de benzedeira como agentes de saúde popular, mais como uma forma de proteção em relação ao discurso e a prática de criminalização das benzedeiras por agentes oficiais de saúde do que propriamente a participação destas nos serviços públicos de saúde.

5.1.2 Repressão de pessoas ligadas a igreja

A "repressão de pessoas ligadas a igreja" identificado como um dos conflitos aos ofícios tradicionais de cura nos processos de cartografia social (PNCS, 2012, p. 15), é o conflito mais comuns entre as benzedeiras. Tal ação se concretiza através da postura de líderes religiosos como padres católicos e pastores evangélicos que condenam a prática do benzimento, proferindo comentários e sermões durante as celebrações e cultos que depreciam as práticas das benzedeiras. Considerando que a maioria das benzedeiras são católicas, e desta maneira compartilham do mesmo universo religioso dos padres, mesmo que de formas diferentes, o preconceito destes como autoridades religiosas causam impactos da ordem prática e simbólica na vida das benzedeiras.

Dona Alzira relatou-me que em uma ocasião recente, ao participar da missa na capela do seu bairro em Rebouças, sentiu-se humilhada pelo padre que em seu sermão criticou as benzedeiras. Segundo ela, o padre fez isso para humilhá-la mediante as outras pessoas, já que conhece sua história no ofício de cura. Depois dessa situação, ela não frequentou mais a igreja e diz que "ainda existe muito essas repressão". Outra situação semelhante é vivenciada por Dona Tila em São João do Triunfo: a benzedeira é espírita e vizinha da igreja católica, compartilhando o mesmo terreno de sua casa com a capela, e recentemente em uma das missas

mensais, o padre falou que "não prestava ir na benzedeira", entre outras coisas que foram interpretadas por Dona Tila como direcionadas ao seu ofício de benzedeira. Dona Tila ficou bastante "magoada", porque várias pessoas da comunidade a buscaram para contar as palavras do padre. Desta forma, decidiu procurar o pároco em companhia da benzedeira Marilu e explicar a ele seu ofício, porque essa é sua missão "ou você quer que eu deixe de atender as crianças?".

Neste contexto, percebo que existe uma adesão discursiva delas ao catolicismo, mesmo que suas práticas apresentem outras filiações religiosas, como a espírita e umbanda, em alguns casos colocar-se como benzedeira católica é uma estratégia para justificar seus ofícios diante a igreja e proteger-se da discriminação religiosa. Tal adesão pode ser pensada a partir do processo histórico de marginalização e criminalização das benzedeiras por líderes religiosos que usam os termos "feiticeiras" e "macumbeiras" de forma pejorativa, com o objetivo de estigmatizar as benzedeiras publicamente, fazendo com que elas rechacem os termos e busquem se distanciar discursivamente das associações do benzimento às religiões de matriz africana. Dona Agda ao ser questionada sobre a filiação religiosa das benzedeiras, durante uma oficina que ministrava na UNICENTRO em que participavam alunos e professores, explicou que:

> Todas as religiões fazem benzimento, igual têm os candomblé, os orixás, as outras seita, mas nós benzedeiras somos católicas, então a gente faz a oração e pede pra Deus curar aquela pessoa.

No mesmo sentido, Dona Rosinha quando conversávamos sobre o Movimento em sua casa, explicou-me o percurso que escolheu para legitimar sua prática perante a igreja católica através da participação na Renovação Carismática, além disso, relata preconceitos sofridos e argumenta que as benzedeiras conquistam respeito apenas quando começam a organizar-se em Movimento:

> Mudou bastante, eles verem a gente com mais respeito, que antes benzedor, aqui na vila mesmo eu tomava de feiticeira, macumbeira, sabe, eu era feiticeira para a maioria do povo, mas não era isso que eu fazia. Eu acho que fazer uma oração, um toque de mão numa pessoa, porque eu fazia parte da Renovação Carismática por oito anos, então eu aprendi na Renovação que um toque de mão de uma mãe pode curar um filho e que nós temos a força de Deus, desde que a pessoa tenha fé também. Então, eu acho que o Movimento a gente passou a ser mais valorizada, achei que foi bom. Vamos dizer que tava nota quatro, agora já posso considerar uns nove, porque ainda tem que se organizar

> se articular melhor pra daí nos fechar no dez. Porque se nós se articular melhor, fazendo maior divulgação de Movimento é o que eu vou fazer agora quando sair o Diário[34].

A participação das benzedeiras na Rede Puxirão tem contribuído para desconstruir a noção pejorativa do termo "macumbeira" internamente no Movimento, considerando que muitas benzedeiras compartilham dos preconceitos em relação às religiões de matriz africana. Esse movimento interno de transformar percepções acerca do candomblé e da umbanda decorre do diálogo e troca de experiências com candomblecistas e umbandistas que compõe o espaço de articulação. O convívio das benzedeiras que representam o MASA tanto na Rede Puxirão quanto no Conselho Estadual dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná têm sido importantes para construir um repertório de respostas em relação aos preconceitos às religiões de matriz africana, assim como a aproximação de suas práticas ao mundo não católico/cristão.

Em diversas situações presenciei a reação de Dona Agda e Ana Maria nos encontros de benzedeiras, acerca da explicação sobre os povos de terreiro como um modo de vida tradicional, comparando-os com os faxinalenses, indígenas e benzedeiras. No mesmo evento universitário, Ana Maria esclareceu o seguinte:

> Eu tenho medo dos povos de terreiro? Não, os povos de terreiro cultivam sua tradição, sua cultura. Eu já tive dentro dos povos de terreiros várias vezes, eles são como nós, eles amam aquela cultura dos pais deles.

No entanto, a perspectiva da Ana Maria não é partilhada internamente com todas as benzedeiras, assim como Dona Agda, ela manifesta sua experiência pessoal no âmbito da participação em outros movimentos sociais que possibilitam o intercâmbio com religiosos de matriz africana. Ademais, na região centro sul do Paraná o candomblé e a umbanda são religiões pouco visibilizadas estando ausente nos censos dos municípios de Rebouças, Rio Azul e São João do Triunfo (IBGE, 2010), aparecendo oficialmente apenas no município de Irati que diante da população de 56.207 habitantes 47 pessoas filiam-se a umbanda (idem). Entretanto, é sabido que os censos oficiais pouco alcançam a dimensão das religiões de matriz africana, devido à complexidade da questão, visto o preconceito histórico que estas religiões enfrentam no país. No entanto, os censos oficiais são indicativos da invisibilidade de tais

34 Refere-se a publicação do Diário Oficial com a promulgação da Lei das Benzedeiras de Irati.

práticas na região, visto que em Irati segundo Kotliski (2018) existem terreiros de umbanda deste os anos de 1950.

Todavia, o preconceito acerca da religiosidade das benzedeiras é uma constante, sendo um fenômeno que se relaciona com a proliferação da instalação de igrejas nas comunidades e bairros, sejam elas católicas ou pentecostais. Em que valores religiosos frequentemente se chocam, entre doutrinas pregadas pelas igrejas e formas tradicionais das benzedeiras cultuarem o sagrado, levando a situações conflituosas com líderes religiosos que proíbem a reprodução de práticas tradicionais como o benzimento, o batizado no olho d´água de São João Maria e as festas tradicionais nas igrejas. Dona Dite que é responsável pela igrejinha de São Benedito na comunidade no Faxinal do Salto em Rebouças, comentou que o pároco proibiu a realização da romaria de São Gonçalo dentro da capela, a manifestação realizada a longa data pela comunidade, fez com que está não aceitasse tal determinação, havendo uma exclusão da igrejinha do circuito oficial de celebrações da igreja católica. No entanto, a comunidade continua realizando as festas tradicionais de São Benedito e São Gonçalo, nas palavras de Dona Dite "essa igrejinha é nossa".

Além disso, os lugares de culto privilegiado pelas benzedeiras são os altares dentro de suas casas, as nascentes de água na mata, as cruzes que marcam o sepultamento de corpos em que almas são aclamadas e homenageadas, além de grutas e igrejinhas de santos, lugares que não fazem parte do domínio das igrejas, escapando da institucionalização e homogeneização imposta por estas. Todavia, considerando o importante papel que a religião ocupa como articuladora de relações e sociabilidades na vida comunitária, essa questão é colocada pelas benzedeiras como um dos principais complicadores para a reprodução de seus saberes, o que interfere na manutenção do seu modo de vida.

Expoente dessa situação é o episódio constantemente recordado pelas benzedeiras sobre o conflito com o padre Ivo Jablonski, pároco do município de Rebouças, vinculado a Diocese de União da Vitória (PR) que aconteceu no mês de agosto do ano de 2009, configurando um evento que faz parte da trajetória do MASA pela ação coletiva das benzedeiras em relação a repressão da igreja católica. Logo no primeiro dia de trabalho de campo, ao acompanhar Ana Maria na preparação da sopa da Pastoral da Criança na cidade de Rebouças, reencontramos Dona Anísia que também é voluntária da ação social e na condição de integrante da Diretoria da Igreja do Poço Bonito vivenciou todo o conflito.

Dona Anísia nos recordou a situação de conflito, que decorreu da realização do Encontro Comunitário de Benzedeiras no pavilhão da igreja da comunidade de Rio Bonito, em que o padre chegou até o local da reunião e pediu para que todos os participantes se retirassem. Na ocasião as pessoas que conheciam o padre e eram membros da diretoria da capela, inclusive Dona Anísia que na ocasião preparava o almoço para o evento, tentaram explicar o objetivo da reunião e afirmar que era "coisa de Deus" ao mostrar as imagens de santos e a bíblia que integravam a mística ao centro do espaço. Sem sucesso, os participantes decidiram se retirar e continuar o encontro embaixo de uma árvore do lado de fora do pátio da capela. Na mesma semana, no dia 23 de agosto de 2009, o padre se dirigiu até a rádio local para falar ao público sobre a ocorrência e alertar as comunidades que não acolhessem os encontros de benzedeiras sob a ameaça de destituição das diretorias locais. Devido a repercussão da entrevista do padre em relação a prática das benzedeiras, de imediato o Movimento das Benzedeiras acionou o Ministério Público Estadual (MPE) conquistando direito a resposta e a participação na rádio do Promotor de Justiça da Comarca de Rebouças para esclarecimento acerca do direito das benzedeiras em relação ao uso de plantas medicinais e a liberdade religiosa, que foi ao ar no mesmo programa no dia 04 de setembro de 2009.

Esmiuçando os acontecimentos que configuram a situação é importante esclarecer que o encontro comunitário de benzedeiras que gerou a situação, estava atrelado ao processo de Mapeamento Social das Benzedeiras de Rebouças, que tinha:

> Como metodologia primeiramente os agentes de pesquisa visitavam os Benzedores na comunidade, ou de suas ou mais comunidades vizinhas, convidando-os a participar de um Encontro Comunitário de Benzedeiras. (PNCS, 2012, p. 5)

No processo de mapeamento social em Rebouças, foram realizados no período de fevereiro a outubro do ano de 2009, oito encontros comunitários de benzedeiras no município. Os encontros tinham objetivo de reunir detentores de ofícios tradicionais de cura para apresentar a metodologia do mapeamento social e promover a troca de experiências entre os sujeitos (PNCS, 2012, p. 6). A relação das benzedeiras com organizações coletivas, como descrevi no capítulo anterior, as quais fazem parte de movimentos da igreja católica, proporciona que os encontros se realizem em pavilhões, barracões e pátios pertencentes a esta,

em alguns casos, na ausência de associações de agricultores estes são os únicos espaços disponíveis ao uso comunitário. Na ocasião, o encontro reunia cerca de 15 pessoas, entre benzedeiras da comunidade, agentes de pesquisa do Faxinal Marmeleiro de Baixo e técnicos do IEEP que participavam do mapeamento na condição de pesquisadores, posição em que estive presente na atividade.

Seu Pedro de Deus, benzedor do Faxinal Marmeleiro de Baixo e um dos pesquisadores do mapeamento social, na condição de coordenação do MASA em resposta a entrevista do padre na rádio local Alvorada FM, relata o acontecimento[35]:

> **Seu Pedro de Deus:** O que trouxe nós até a emissora pra nóis prestar esclarecimento porque nós fumos repreendido por uma pessoa aqui do município. Nós estáva em um encontro aqui numa localidade do município, nos fumo repreendido, que disque nóis era da parte diabólica e era pra nóis sair de imediato desse lugar que nós estava. Daí nós tomamo a decisão de retirar. Já estava perto da hora do almoço, daí nós armocemo e se retiramo pra outro local.
>
> **Clayton [Repórter Rádio Alvorada FM]:** Seu Pedro o que vocês estavam fazendo nesse encontro?
>
> **Seu Pedro de Deus:** Nós fomos fazer um encontrinho, nós somos da parte dos Aprendizes da Sabedoria, daí nos fomo trocar ideia, trocar experiência com os curador da comunidade.

A benzedeira Dona Heleninha do Faxinal dos Seixas que também participou da entrevista, como coordenadora do MASA, esclareceu sobre o andamento dos encontros de benzedeiras:

> **Dona Heleninha:** Nesses encontro que nós imo, eu passo o que eu sei e quero saber o que os outros sabem. Eu gosto muito de a gente estar meio junto. Só que há essas repressão, essas críticas, como diz o causo, eu já vou deixar declarado, eu não quero essas repressão, como eu não ofendo ninguém, não quero que me ofenda.

A entrevista do padre Ivo Jablosnki vinculada sob a chamada "Padre fala sobre curandeirismo", foi ao ar na manhã do dia 23 de agosto do ano de 2009 e teve duração de 22 minutos.

> **Clayton [Repórter Rádio Alvorada FM]:** Bem ouvintes eu quero chamar atenção de vocês que acompanham nossa programação noticiosa, tenho aqui uma notícia ímpar, não é todo dia que a gente comenta sobre um assunto desse, que aconteceu aqui na cidade de Rebouças, envolve a religião, de modo especial a crença e de forma mais

35 Na época, na condição pesquisadora do Mapeamento Social das Benzedeiras solicitei ao radialista Clayton Burgath cópia em áudio das entrevistas vinculadas na Rádio Alvorada FM em relação ao episódio, as quais foram disponibilizadas de bom grado.

aprofundada a comunidade católica local, de uma comunidade do interior até onde chegou a informação. Para falar sobre este assunto, primeiro trazendo sua saudação, o Padre Ivo Jablonski que é pároco aqui de Rebouças. Padre Ivo, boa tarde.

Padre Ivo: Boa tarde Clayton, boa tarde a todos nossos ouvintes que nos acompanham pela Rádio Alvorada.

Clayton [Repórter Rádio Alvorada FM]: O Padre Ivo vem hoje trazer à público uma informação e orientação como pastor da comunidade, representando a igreja católica em nosso município, aonde um grupo de pessoas, utilizando-se do pavilhão da igreja da capela da comunidade fizeram um encontro visando curandeirismo, é isso Padre?

Padre Ivo: Isso mesmo, Clayton. Então, de repente eu escutei um zum zum na cidade por aí, de que aconteceria um encontro tal, no dia tal. [...] Eu estava indo mesmo pra aquela região e no retorno eu resolvi passar para conferir, porque todas as comunidades já sabem, mas eu não sei o que acontece, porque diante de qualquer encontro, qualquer evento, qualquer coisa que queira fazer na comunidade é necessário comunicar o padre. A autoridade da igreja é o padre, diante um evento se comunica o padre. Porém, não houve a comunicação, não me comunicaram nada, simplesmente fizeram. Parece-me que falaram com a diretoria, a diretoria autorizou, mas talvez até tenha autorizado ingenuamente, pensando que estavam realizando um bem, não sei. Com certeza o pessoal da diretoria não era má, porém o evento em si é, porque, estava sendo feito uma reunião dos curadores e benzedores no pavilhão da capela. Gente, vamos olhar um pouco mais pra frente, a igreja, a sagrada escritura condena esse tipo de prática. Infelizmente têm uns católico que dizem que leram a sagrada escritura o que leem, talvez leiam, ler é fácil, o problema é entender.

Clayton [Repórter Rádio Alvorada]: Padre Ivo, só pra não perder a linha de raciocínio, e o Senhor tomando conhecimento disso, foi até a comunidade e conseguiu pegar em flagrante a situação?

Padre Ivo: Então Clayton, eu cheguei lá e realmente estava acontecendo esse encontro.

Clayton [Repórter Rádio Alvorada]: E o senhor fez igual Cristo com os vendilhões no templo?

Padre Ivo: Só faltou o chicote Clayton tá, até se eu tivesse o chicote eu tinha vontade.

Clayton [Repórter Rádio Alvorada]: Como estava o ambiente, Padre?

Padre Ivo: O ambiente estava lá na reunião deles. Então, eu tive que tomar providências que as vezes a gente jamais gostaria de tomar, porque certas coisas a gente têm que resolver pelo diálogo, porém, isso foi uma afronta a igreja como tal, ao padre e a nossa religião como tal. Porque isso é condenado pela sagrada escritura. E não adianta alguém vir me dizer que o Padre fez errado, porque devia ter deixado, até porque tinha gente de renome, gente que faz parte da sociedade, da política. Eu, claro, autoridade máxima da igreja aqui, pelo que eu saiba é o padre em nome do bispo aqui. E o bispo, inclusive, passando neste dia por aqui, eu expliquei a situação pra ele, ele pediu que eu tomasse providências mais sérias, mais drásticas.

Clayton [Repórter Rádio Alvorada]: Por exemplo, o fechamento da capela? **Padre Ivo:** Por exemplo, a destituição da diretoria da comunidade. Porém, então eu vendo a situação, eu conheço as pessoas da diretoria dessa comunidade, são pessoas boas, de caráter, pessoas honestas que trabalham pra comunidade, então como eu falei anteriormente, eu acredito que a intenção não era prejudicar, de momento não vou tomar essa providência ainda. Porém, aviso as outras comunidades, si acontecer em mais alguma outra comunidade dentro das dependências da capela, seja igreja, seja pavilhão, seja dependências, pátio da capela eu vou tomar providências com essa comunidade que já aconteceu e que por ventura venha acontecer em alguma outra.

Clayton [Repórter Radio Alvorada]: Quando o Senhor chegou lá, esse grupo de pessoas estavam praticando o curandeirismo, o que estava ocorrendo neste momento?

> **Padre Ivo:** Estava ocorrendo a reunião deles, eu o convidei-os a se retirar de lá.
> **Clayton [Repórter Rádio Alvorada]:** E eles se retiraram?
>
> **Padre Ivo:** Espero que sim.

Na entrevista, o papel do repórter é preponderante, na maneira de apresentar o caso, bem como, enfatizar em suas perguntas e afirmações a ação e discurso do padre no sentido de repreender as práticas das benzedeiras. Ao perguntar sobre o pecado associado ao curandeirismo e a forma de punição da igreja católica, o padre contesta o radialista explicando as passagens bíblicas que condenam às práticas das benzedeiras:

> [...] quem está por trás de todas essas práticas de espiritismo, de todas essas coisas? É o demônio. Até teve uma pessoa que me falou assim lá quando eu cheguei "Padre isso é coisa de Deus", isso é coisa do deus de chifre. O demônio usa dessas pessoas para enfeitiçar. O diabo é o pai da mentira.
>
> [...] O fim dos quais que praticam esse tipo de coisa, será como ele prática suas obras. Deus determinou que médiuns e espíritas deveriam ser mortos. A feitiçaria não deixaras viver.
>
> [...] quando alguém se virar para necromantes, feiticeiros, curadores, benzedores, etc., eu me voltarei contra ele e o eliminarei do meio do meu povo, leia lá no Livro do Levítico, 20:6. Então, Realmente aqueles que se volta para esse tipo de coisa ele não traz a benção de Deus para dentro sua casa, ele traz a maldição do demônio para dentro de seu lar.
>
> [...] quem procura esse tipo de coisa, procure a confissão. Sabe o que acontecia lá no povo de antigamente lá com esses que procuravam esse tipo de coisa. Sabe qual era a sentença? A sentença era a morte, seria apedrejado até morrer. "Mas da onde o Senhor tirou isso?" Tá lá Livro do Levítico 6:27, a sentença seria a morte para aquele povo.

Segundo o IBGE (2010) entre os 14.176 habitantes do município de Rebouças, declaram-se de religião católica cerca de 12.276, seguido de 1.168 pessoas que se filiam a religião evangélica e 42 pessoas como de religião espírita. Acompanhando os dados do Mapeamento Social das Benzedeiras de Rebouças (PNCS, 2010) observa-se que as benzedeiras em sua maioria são católicas, havendo raras exceções daquelas que são espíritas. Esses dados ilustram o impacto da entrevista do padre Ivo em um município de maioria católica, em que escutar rádio é uma prática diária, além de ser um meio de comunicação localmente legítimo, havendo alta audiência da Rádio Alvorada FM em todo o município. Paralelamente, o cenário de formação do Movimento das Benzedeiras através do mapeamento social e dos encontros comunitários visibilizam a prática do benzimento historicamente marginalizada e colocam a questão das benzedeiras no debate público, seja pela realização de encontros, pesquisas e

proposições de leis municipais que movimentam associações de agricultores, sindicatos de trabalhadores rurais, grupos de mulheres e ainda, o legislativo municipal. Neste caminho, a postura do padre como autoridade religiosa, em condenar publicamente a prática do benzimento aproximando às benzedeiras do espiritismo, entre outras vertentes que não estão ligadas ao mundo católico/cristão revela o preconceito religioso e incide sobre a liberdade de religião. Além disso, através da doutrina do catolicismo, o padre estrutura um discurso de intolerância ao incitar a violência e ameaçar as comunidades que acolhessem os encontros de benzedeiras, materializando, deste modo, o conflito das benzedeiras quando essas manifestam a categoria "repressão da igreja" ou "repressão de pessoas ligadas a igreja". Tais expressões fazem parte de várias narrativas das detentoras de ofícios tradicionais de cura em relação ao preconceito às suas práticas fomentadas por líderes religiosos, principalmente em celebrações coletivas.

Nesse contexto, as benzedeiras que no momento participavam da Rede Puxirão e passavam pelo processo de formação em direitos étnicos e coletivos através de cursos e oficinas, acionaram o Ministério Público Estadual (MPE), por meio da Comarca de Rebouças, ao tempo que seguindo a orientação do Promotor de Justiça solicitaram o direito de resposta à Rádio Alvorada FM. Dona Heleninha recorda em detalhes a mobilização das benzedeiras, pois ela se deslocou do município vizinho de São João do Triunfo para apoiar a causa das colegas de Rebouças, devido sua participação na Rede Puxirão e articulação com outros segmentos de povos tradicionais, contribuindo na ação que culminou na entrevista ao vivo no dia 04 do mês de setembro do ano 2009. Na entrevista Dona Heleninha e Seu Pedro de Deus na condição de coordenadores do MASA falaram sobre o ofício de benzedor e benzedeira, assim como a organização do Movimento Aprendizes da Sabedoria e "essas repressão, e essas críticas" como expressa a benzedeira:

> **Clayton [Repórter Rádio Alvorada]:** Seu Pedro o que é ser um benzedor?
>
> **Pedro de Deus**: Benzedor é aquelas pessoas que procuram a gente pra fazer o benzimento, e daí a gente faz o benzimento, e graças a Deus, Deus atende os pedidos, e a cura aquela pessoa recebe, a pessoa sara daquele problema. A gente ensina algum remédio que a gente sabe do quintal e graças a Deus é bom.
>
> **Clayton [Repórter Rádio Alvorada]:** Dona Helena a quanto tempo a senhora está nesta atividade de benzedeira e cosedeira?
>
> **Dona Heleninha:** Eu aprendi e comecei a cuidá tá pra uns 40 ano, porque eu comecei com 15 ano e tô com 58, desde criança, porque eu aprendi com meus avós, com meus pais, com o avô meu. Nosso lugar era um lugar difícil, aquele tempo não existia médico doutor, igual dizia, só bocoeiro, igual curador benzedeira. Eu me criei com benzimento, simpatia, remédio da horta, eu me criei nesse ritmo. Uma vocação que Deus nos deu.

> Nós não repreendemó, cada qual têm seu cuido, a costura ajuda o remédio, as vezes o remédio e manda faze uma simpatia, uma costura. Nós os curador e curadeira nós não repreendemó as pessoas que querem ir no médico, chega uma hora que não tem condição de ir no médico a gente se vale com a oração, nosso médico é Jesus. Desde criança é um conhecimento meu, que eu conheço a erva nativa que é o remédio, sei a qualé que presta e a que não presta.

No mesmo dia que foi vinculada a entrevista com as benzedeiras, depois da fala de Dona Heleninha e Seu Pedro de Deus, o Promotor de Justiça da Comarca de Rebouças Murilo César Soares Silva se manifestou, através de solicitação do MPE à Rádio Alvorada FM para esclarecimento do caso, fato decorrente da ação das benzedeiras. Desta forma, no mesmo programa de rádio, o promotor esclareceu a questão legal do uso das plantas medicinais e, a diferença das benzedeiras e da prática de curandeirismo:

> **Clayton [Repórter Rádio Alvorada]:** Doutor existe algum impedimento legal no Brasil com relação ao uso dessa prática?
>
> **Murilo César Soares Silva [Promotor de Justiça]:** Em primeiro lugar, gostaria deixar bem claro que essa questão ela possui duas vertentes, tanto a questão religiosa quanto a questão relacionada ao uso de ervas e plantas medicinais. As plantas são reconhecidamente já pelo meio científico, tidas como suficientes e possíveis de levar a um processo de cura a um tratamento terapêutico, medicamentos são extraídos desse tipo de plantas. Quando se fala no uso de plantas medicinais não existe nada na legislação brasileira que proíba o uso de uma planta ou de uma erva para ajudar ou facilitar um tratamento terapêutico. O que é vedado no país é o exercício do que se chama de curandeirismo, não propriamente o exercício da atividade dos curadores. O que seria o curandeirismo, seria substituir a atividade médica, ou seja, uma pessoa sem formação em medicina fazer um diagnóstico que a pessoa está com determinada doença e prescrever uma medicação a essa pessoa, um medicamento alopático. Quando falamos do uso de plantas medicinais em um tratamento complementar nada impede, inclusive, existem decretos da União Federal, reconhecendo essas práticas em comunidades indígenas e comunidades tradicionais como lícitas, legais e que merecem ser resguardadas. Inclusive tais práticas comunitárias são amplamente resguardadas pela União Federal.

Além disso, o promotor falou acerca da liberdade religiosa e a tipificação criminal que as benzedeiras poderiam recorrer judicialmente em relação ao padre Ivo, devido aos crimes de escarnecer de alguém em lugar público, decorrente da posição de autoridade religiosa ocupada pelo pároco e a repercussão de sua fala na comunidade católica. Assim como, incitar o crime, devido as falas em relação à vontade expressa pelo padre em chicotear os participantes do encontro de benzedeiras e citar o apedrejamento como punição prevista na bíblia, além de calúnia e difamação que ferem a liberdade de religião:

> **Murilo César Soares Silva [Promotor de Justiça]:** A liberdade de religião por ser amparada pela Constituição ela também é amparada do ponto de vista criminal, para a proteção desses bens jurídicos, existem a previsão de dois crimes especificamente neste aspecto, existem vários outros, mas neste caso se aplica esses. O primeiro é o crime de ultraje à culto, ele prevê uma pena de detenção que pode chegar até um ano de detenção, entre as possibilidades desse crime, existe no nosso tipo penal, fala em escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religião. Ou seja, alguém exerce função religiosa, por exemplo esses curadores, e uma outra entidade que não crê por motivos de fé naquela atividade, escarnece dizendo que aquela atividade é ridícula ou ilícita, esse ato de escarnecer configura um crime, a necessidade de respeitar a liberdade religiosa e é justamente isso que o sistema criminal da tutela. Outra possibilidade, uma questão muito importante que vai ser levada com bastante rigor aqui na Comarca é incitação ao crime. A incitação ao crime é prevista com também uma pena de detenção que pode chegar até seis meses, que significa basicamente incitar publicamente a prática de crime, a lesão corporal é prevista como crime, aquele que incita uma comunidade à apedrejamento de pessoas que detêm certo sistema de religião a certo tipo de violência, qualquer tipo de lesão corporal e gravame, seja difamação injúria que já são previstos como crimes e que incita a provocar esse tipo de crime e vão concorrer na prática delitiva. Vamos supor que amanhã um grupo de religiosos um pouco mais acerbados resolver pôr em prática a questão do apedrejamento contra determinada pessoa, provoca uma morte, uma lesão. A pessoa que incita, que levou as pessoas por motivo de fé a praticar esse tipo de ato, vai responder juntamente, apesar de não ter materialmente praticado.

A ampla repercussão do caso fez com que o assunto ficasse conhecido por grande parte da população de Rebouças e região, através das entrevistas dos sujeitos envolvidos, tendo destaque a intervenção do Promotor da Comarca de Rebouças, que pela primeira vez na história do município e das aprendizes da sabedoria, uma autoridade de justiça colocou-se no debate público para esclarecer o direito das benzedeiras em manifestar seu modo de vida. Ação que resultou em diversos desdobramentos, inclusive na transferência do padre para outro município e a visibilidade tanto do Movimento quanto dos direitos das benzedeiras, afastando o curandeirismo de suas práticas cotidianas, que passaram a acionar a fala do promotor para explicar a diferença das curandeiras do curandeirismo. O episódio é frequentemente recordado pelas benzedeiras, fazendo parte do repertório das mesmas em relação aos conflitos com pessoas ligadas a igreja e a forma de enfrentamento coletivo através do Movimento.

No entanto, a violência da ação pública do pároco quanto autoridade religiosa, localmente deixou marcas irreparáveis. Dona Anísia, relatou que ainda não consegue falar do episódio sem se sentir mal, contou-me rapidamente que após o incidente "a comunidade nunca mais foi a mesma", ela e outras pessoas se afastaram da Diretoria da Igreja de Poço Bonito, além disso, entrou em depressão e afirma que "não consigo esquecer as coisas pesadas que ele [padre] falou. Do quê ele chamou nois". Neste sentido, mesmo com os caminhos de enfrentamento ao preconceito religioso levado adiante pelo MASA, os impactos da postura de líderes religiosos que criminalizam as benzedeiras tomam proporções de ordem simbólica

imensuráveis, porque abalam suas redes de sociabilidade, em um contexto que a religião é relevante para a articulação e estabelecimento de relações de vida.

5.1.3 Conflitos de acesso e uso dos recursos naturais

Os "conflitos de acesso e uso dos recursos naturais" dialogam com o território de mobilidade das benzedeiras o que implica no livre acesso e manutenção de lugares que conformam seus caminhos, tendo impactos na reprodução de suas práticas de vida, principalmente na construção e manutenção dos conhecimentos tradicionais de cura associado à agrobiodiversidade local que necessitam de um território com condições ambientais adequadas. Tais conflitos começam a ser visibilizados a partir da constituição do Movimento Aprendizes da Sabedoria, em que foram mapeadas na cartografia social das benzedeiras, as seguintes situações:

> Extinção de plantas nativas ocasionadas pelo desmatamento; contaminação das águas e das plantas medicinais por venenos; proibição de acesso à coleta de plantas medicinais e águas sagradas; abandono e destruição dos olhos d'água de São João Maria. (PNCS, 2017, p. 2)

Os conflitos vinculam-se ao mercado através da modernização da agricultura e o avanço do agronegócio na região centro sul do Paraná, associado à expansão do modelo de produção de *commodities*. Tal modelo produtivo faz uso intensivo de fertilizantes e defensivos químicos, sementes híbridas e transgênicas, ocupa grandes parcelas de terra e com isso acelera o desmatamento sobre o território das benzedeiras, seja pela agricultura de grãos, na qual o Estado do Paraná lidera o *ranking* de produção (EMBRAPA, 2018), sendo o segundo maior produtor de soja e milho no Brasil. Além disso, os monocultivos de pinus e eucalipto, o qual o Estado paranaense é o maior em produção (SFB, 2017), têm substituído de forma acelerada as florestas nativas por árvores exóticas para a produção de madeira e papel celulose (SOUZA, 2014). Em alguns casos, como no município de São João do Triunfo, as comunidades encontram-se ilhadas pelas plantações de eucalipto. Este também é o caso do município de Inácio Martins, em que em uma viagem exploratória de campo encontrei a benzedeira e parteira Dona Paulina, na época com 86 anos de idade, caminhando em meio a plantação de eucalipto que contornam sua casa por dezenas de quilômetros, na ocasião ela comentou acerca

da mudança em sua comunidade de Padre Chagas, em que onde "antigamente" ela criava porcos à solta e haviam vizinhos, atualmente existem apenas monocultivos florestais.

FIGURA 117 - Dona Paulina caminhando entre a plantação de eucalipto. FOTO: Taisa Lewitzki, 2016. LOCAL: Padre Chagas – Km 104, Inácio Martins/PR.

Tal cenário incide no acesso e manutenção dos bens comuns, principalmente os olhos d'água de São João Maria ameaçados pela privatização dos territórios de uso comum e à expansão do agronegócio como vimos nas narrativas de Dona Mena, Dona Donária e Ana Maria acerca dos olhos d'água de São João Maria em Rebouças e no relato de Dona Tila sobre a escassez de água em São João do Triunfo, a qual adere aos monocultivos de eucalipto, ambos no segundo capítulo. Além disso, a contaminação das aguadas, assim como das plantas medicinais pelo uso de agrotóxicos é uma preocupação constante na prática diária das benzedeiras como apresenta Dona Agda durante a Oficina de Plantas Medicinais realizada em Irati:

> Tem que se cuidar pra pegar esses remédio, não pegar na beira da estrada onde passa o pulverizador, passa o caminhão de veneno, contaminado. Saber os lugar pra pegar pra prepara os xarope, tinturas, um banho. Precisa saber o remédio que ensina pra aquelas pessoas, e ter os remédios pra preparar um xarope, preparar uma tintura, a gente tem que ter o remédio em casa que sabe que é sem veneno. Tem muitas benzedeiras que não pode fazer remédio, porque lá onde eles moram o veneno passa pertinho. Essas lavoura muito grande que eles passam veneno e vai lá dentro da casa da pessoa. Tinha um homem lá que tava na reunião e contou que disque a horta dele de tarde tava bonita, daí passaram veneno na beirada da horta dele o outro dia amanheceu tudo morto, o que foi,

> só reflexo do veneno, só o cheiro do veneno. A mesma coisa do remédio, aonde passa veneno por perto não dá pra aproveitar, ou a horta que a pessoa planta e sabe que ali tá puro o remédio.

As mudanças nas dinâmicas territoriais na região centro sul do Paraná, principalmente pela concentração de terras pelo agronegócio e o uso intensivo de agrotóxicos, ameaça tanto o uso quanto o acesso das benzedeiras às plantas medicinais e aguadas. No entanto, através do Movimento as benzedeiras tanto percebem como comunicam a outras benzedeiras a contaminação das plantas medicinais, assim como fortalecem a manutenção das espécies vegetais através do intercâmbio de mudas e formas de uso através dos espaços de encontro do Movimento. Além disso, o diálogo e intercâmbio de experiências organizativas, resultante dos processos de encontro com outros movimentos de povos e comunidades tradicionais, movimentos sociais do campo, agricultores agroecológicos têm formado uma rede de apoio e intercâmbio de estratégias organizativas que são apropriadas, adaptadas e atualizadas pelas benzedeiras, que tem culminado na aprovação de leis municipais e estadual de enfrentamento ao conflitos em defesa ao modo de vida das benzedeiras.

5.2 CAMINHOS DA LEGISLAÇÃO

> Meu pai era benzedor mas não contava. Ele tinha medo de contar, não tinha nada que protegia ele, não tinha reunião, não tinha lei, não tinha Movimento, não tinha articulação, não tinha nada, ele fazia as coisas escondido. As pessoas iam lá em casa e ele pedia que não contassem. E hoje em dia não, nós já fomos reconhecida, não somos mais escondida, não somos mais com medo, podemos benzer sem medo, porque nós sabemos que estamos dentro de um Movimento, estamos articuladas, temos conhecimento do que protege. Depois veio as carteirinha com a lei também, tudo isso ajudo pra que hoje não seja escondido, nem com medo. O pai fazia as curinha dele com medo, o importante é você não ter medo de fazer o que você vai fazer, porque é um dom sagrado. As vezes tem seu conhecimento e não passa para os outros porque tem medo, não precisa ter medo de passar seus conhecimentos.

Ao perguntar a Ana Maria sobre a diferença no exercício do ofício de benzedeira antes e depois do Movimento, a benzedeira relata a história de inseguranças vividas pelo seu pai e como o processo de organização em Movimento e conquista de leis contribuem para que hoje as benzedeiras do centro sul paranaense não tenham medo de transmitir seus conhecimentos. Processo este, resultante da trama de ações coletivas tecidas pelas benzedeiras na luta por direitos, através da participação de espaços de articulação entre movimentos sociais, ademais

do diálogo e mobilização de agentes oficiais para a tramitação e aprovação de propostas legislativas.

A partir dos temas levantados pela narrativa da Ana Maria acerca do reconhecimento das benzedeiras e seus desdobramentos, descrevo o processo de mobilização e aprovação das Leis das Benzedeiras, legislações municipais e estadual conquistadas por elas pelo processo organizativo, fundamentadas pelos mapeamentos sociais e amparadas em um primeiro momento pelo arcabouço jurídico de povos e comunidades tradicionais, e em um segundo momento pela política de educação em saúde. Enquanto que na esfera estadual o debate segue através da categoria de patrimônio imaterial e no caso do Olho d'Água de Barreirinho no município de Rebouças, por meio da legislação ambiental. Estas formas de andar pelo legislativo têm diversificado os caminhos no campo jurídico de reconhecimento e efetivação dos direitos das benzedeiras.

As Leis das Benzedeiras são uma estratégia de efetivar os direitos dos povos e comunidades tradicionais na esfera local, aproximando o arcabouço jurídico do plano internacional e nacional para os municípios e Estado onde estão presentes e organizadas, com a finalidade de sensibilizar o poder público sobre a questão das benzedeiras, assim como fortalecer seus ofícios tradicionais através da visibilidade e reconhecimento público de seus modos de vida. Tal estratégia vem sendo acionada por diversos movimentos sociais de povos e comunidades tradicionais tais como índios, quilombolas, seringueiros, castanheiros, ribeirinhos, quebradeiras de coco babaçu e faxinalenses, visto que o Estado brasileiro tem negado a existência social desses grupos como expõe o professor e jurista Shiraishi Neto:

> na medida em que as políticas públicas são pensadas de forma "universal", levando à constituição do "reino de um único direito", que mais tem servido para "apagar" as diferenças existentes do que para garantir o direito às diferenças." (SHIRAISHI NETO, 2005, p. 1).

As quebradeiras de coco babaçu, população tradicional situada no Estado do Maranhão são referências na aprovação de leis municipais, "[...] a partir de 1997 a região do Médio Mearim teve oito municípios com lei do babaçu aprovadas e uma estadual marcando o dia 29 de setembro como Dia das Quebradeiras de Coco Babaçu." (FERREIRA, 2017, p. 4). As leis dispõem sobre a proibição da derrubada das palmeiras de babaçu e outras providências vinculadas a reivindicação do "babaçu livre", movimento que consiste no "[...] direito ao livre acesso e uso comum das palmeiras, e que se traduz na forma como as mulheres

tradicionalmente se apropriam do recurso natural, tido como de uso livre e comum" (SHIRAISHI NETO, 2005, p. 3).

No Estado do Paraná os povos faxinalenses, organizados na Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) aprovaram desde a criação do movimento social no ano de 2005 seis leis, nos municípios de Antônio Olinto, Rebouças, Rio Azul, Pinhão, São João do Triunfo e São Mateus do Sul "as normas dispõem sobre o reconhecimento da identidade faxinalense, assim como os acordos comunitários e regulamentam a obrigatoriedade do repasse por partes das prefeituras municipais, dos recursos do ICMS-E gerado pela ARESUR" (LEWITZKI, 2015, p. 29). Além disso, o movimento social dos faxinais aprovou decretos e resoluções que regulamentam as Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR).

No caso das benzedeiras, no município de Cruzeta do Estado do Rio Grande do Norte, a Câmara dos Vereadores desta cidade aprovou no ano de 2009 uma lei municipal de reconhecimento do "Ofício das rezadeiras" como patrimônio cultural, decorrente do Inventário da Cultura Imaterial do Seridó Potiguar realizado pelo IPHAN (SANTOS, 2009), que registrou o ofício de benzedeiras e rezadeiras como referência cultural da região Potiguar. As benzedeiras do Paraná percorreram o caminho jurídico dos povos e comunidades tradicionais em suas duas primeiras leis municipais, o que reflete sua relação com outros movimentos sociais no âmbito da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, aproximando-se da experiência das quebradeiras de coco babaçu, diferente do caminho do patrimônio cultural que não dispõe diretamente de relações territoriais, categoria acionada na Lei Estadual das Benzedeiras.

5.2.1 Leis das Benzedeiras

As Leis das Benzedeiras como são reconhecidas tanto pelas benzedeiras quanto pelo poder público local, no caso de Rebouças a Lei n.º 1.401 de 2010 e em São João do Triunfo a Lei n.º 1.370 de 2011, ambas dispõem sobre:

> o processo de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular em suas distintas modalidades: benzedeiros (a), curadores, costureiros (a) de rendiduras ou machucaduras e regulamenta o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas. (REBOUÇAS, 2010, p. 1).

No município de Rebouças o Projeto de Lei n.° 003/2009 que deu origem à Lei das Benzedeiras, foi proposto pela benzedeira e vereadora Ana Maria Carraro do Partido Democratas (DEM), o qual recebeu parecer jurídico negativo. No entanto, o projeto foi assinado pelos demais vereadores, sendo aprovada por unanimidade e com apoio do executivo através do prefeito Luiz Everaldo Zak do Partido dos Trabalhadores (PT) que se posicionou a favor das benzedeiras no período da discussão da proposta, conforme consta nas atas das sessões do legislativo municipal (REBOUÇAS, 2009, p. 5).

Segundo a benzedeira Marilu, uma das articuladoras da proposta de lei em São João do Triunfo, o caminho para aprovação da Lei das Benzedeiras no município, passou por alguns impasses, o primeiro deles referente à acusação de benefício próprio da benzedeira e vereadora Marta Drabeski do Partido Socialista Brasileiro (PSB) que propôs ao legislativo municipal o projeto de lei. Resultando na apresentação do projeto via o vereador Mario Cezar da Silva (PT), filho de benzedeira, que foi aprovado pela Câmara Municipal de São João do Triunfo. O segundo impasse, refere-se ao veto do prefeito Luiz de Lima (PT) "[...] alegando que não cabia ao município a devida ação proposta" (REDE PUXIRÃO, 2012). No entanto, o veto foi derrubado pelos vereadores em decorrência das movimentações do MASA através de diálogos com vereadores e a intervenção de deputados estaduais do Partido dos Trabalhadores por intermédio da Rede Puxirão. Além do apoio local do PT, devido a boa relação da benzedeira Dona Tila com os militantes do partido, decorrente de sua participação na fundação do mesmo. Outro agente importante no processo de sensibilização dos vereadores, foi o Sindicato dos Trabalhadores Rurais que é uma entidade prestigiada no município e assiste muitas benzedeiras sindicalizadas. Dona Agda atribuí o posicionamento contrário do prefeito ao fato do mesmo ser um agente oficial de saúde "o problema que deu com a lei do Triunfo foi por causo do prefeito que deu contra, ele é médico", visto que um dos conflitos levantados no Mapeamento Social das Benzedeiras de São João do Triunfo é a "repressão dos médicos e órgãos de saúde" (PNCS, 2012, p. 13).

Em ambos os municípios, a aprovação das leis demandou vários movimentos das benzedeiras em relação a sensibilização dos vereadores, através da mobilização de apoiadores externos como deputados estaduais, prefeitos, vereadores, secretários e sindicalistas que tinham uma relação próxima às benzedeiras. Em decorrência de suas experiências pessoais com a prática do benzimento, relações de parentesco e vizinhança, ou ainda políticas-partidárias.

É importante destacar que as benzedeiras mesmo pertencendo a camadas populares são comumente candidatas aos legislativos municipais filiadas a diversos partidos políticos, chegando a ser eleitas em alguns casos, como na época de aprovação das leis municipais em que ambas câmaras municipais haviam benzedeiras, isto pela própria relevância social que exercem em seus municípios no atendimento de pessoas. A filiação política e as candidaturas são anteriores e paralelas ao MASA e demonstram como as benzedeiras estão associadas a processos de organização e representação política com fins partidários, assim como, religiosos e comerciais. Dona Rosinha, que foi candidata a vereadora no município de Irati, comenta sobre sua participação na política oficial do município:

> Eu precisava de 450 votos. Eu cheguei em 400 voto, por 50 voto eu não cheguei na Câmara de Vereador, sem dinheiro, sem nada, só na amizade. Vinha gente dentro da minha casa pega o papelzinho com o número pra votar. É a primeira vez que eu saí, saí com o Derbli, eu tenho uma amizade com eles lá, pra mim não é senhor prefeito, senhores vereadores.

Dona Rosinha confere os votos que conquistou as suas relações de amizade, ela relata que não fez campanha, mas devido as inúmeras vezes que atendeu a população, as pessoas vinham até sua casa em busca do seu número eleitoral em sinal de reciprocidade aos serviços de saúde prestados por ela. Além das benzedeiras Ana Maria Carraro e Marta Drabenski, na última década concorreram às eleições para vereadoras Dona Jacira pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB) e Dona Rosinha no município de Irati, Ana Maria (PT) em Rebouças, Dona Maria de Fátima (PT) e Dona Zoraíde pelo Partido da República (PR) em Inácio Martins. Sendo que atualmente a Câmara Municipal de Irati conta com um benzedor em sua composição, o vereador Nivaldo Bartoski do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

5.2.2 Carteirinhas

O conteúdo das Leis das Benzedeiras além de dispor do "reconhecimento" quanto uma categoria simbólica, prevê a emissão de Carteira de Reconhecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular e o Certificado de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular através das secretarias municipais de saúde que devem emitir a carteirinha e o certificado após a solicitação formal do MASA. O procedimento de requerimento é coordenado

pelo Movimento na medida em que é a organização representativa das benzedeiras nos municípios. Nesse sentido, são movimentadas as disposições sobre o reconhecimento dos modos de organização e autoatribuição dos povos e comunidades tradicionais, mecanismos amparados pela OIT 169 e aplicados pelas benzedeiras na elaboração da carta de autodefinição e no abaixo-assinado de reconhecimento da coletividade, que são os documentos e condições necessárias para solicitar a carteirinha como explica Dona Agda, benzedeira responsável pelo procedimento no município de Rebouças:

> Tem que ser que o povo ocupe ela. Pra fazer as carteirinhas têm que se identificar o que ela faz, tem que ter carta definição, e um abaixo-assinado, as pessoas que são benzidas tem que dar o nome lá e número de identidade. Se ela preencheu aquela folha ela é uma benzedeira e vai ganhar uma carteirinha.

Na prática para conseguir a Carteira e o Certificado de Reconhecimento dos Ofícios Tradicionais de Saúde Popular a benzedeira precisa participar do Movimento de alguma maneira, seja assumindo alguma atribuição ou frequentando reuniões, oficinas e encontros, pois somente no espaço do MASA ela terá acesso ao modelo dos documentos a serem elaborados e o contato com a benzedeira responsável pelo diálogo entre Movimento e Secretaria de Saúde. Neste sentido, a carteirinha não é um direito acessível a qualquer benzedeira, ela precisa estar vinculada ao Movimento ou participar da estrutura do mesmo, visto que é a única organização de benzedeiras na região, esse fator exige um deslocamento acerca dos processos de pertencimento e estabelecimento de identidades coletivas que são movidos e negociados na medida em que as situações emergem.

FIGURA 118 - Carteirinha da Dona Agda. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Irati/PR.

A materialidade da carteirinha é extremamente valorizada e reivindicada pelas benzedeiras que depositam no papel a confiança da proteção estatal e a liberdade em reproduzir suas práticas como explica Dona Agda, durante a Oficina de Plantas Medicinais realizada na UNICENTRO em julho de 2018, enquanto sua Carteira passava de mãos em mãos entre os participantes da atividade (Figura 118):

> Essa carteirinha é nossa ferramenta de trabalho, nós podemos benzer em qualquer lugar, aonde for ninguém pode repreender.

Nesse sentido, o papel-carteirinha passa ser o documento de identidade da benzedeira que tem em sua história a informalidade, o lugar das margens do Estado e, desde esse lugar, reivindicam para seu grupo social o reconhecimento, sendo a carteirinha o passaporte no acesso a direitos e espaços de decisão e poder. O direito a carteirinha agência o acesso e a reprodução de uma identidade coletiva de benzedeiras através do Estado, o mesmo que, por meio da ação de seus agentes estatais, personificado em profissionais de saúde e órgãos de regulamentação são apontados pelas benzedeiras como uma ameaça aos ofícios tradicionais de cura.

5.2.3 Livre acesso às plantas medicinais

Além do reconhecimento, as Leis das Benzedeiras de Rebouças e São João do Triunfo, dispõem sobre o livre acesso às plantas medicinais, a exemplo das Leis do Babaçu Livre como vimos no início dessa sessão que permitem a coleta do coco babaçu ao longo do território das quebradeiras de coco. As leis de tais municípios regulamentam o livre acesso às plantas medicinais nativas extrapolando a delimitação da propriedade privada. Devido à restrição de acesso às áreas de coleta de plantas medicinais registrada nos Mapeamentos Sociais de Benzedeiras, elemento que vincula às benzedeiras a um território tradicionalmente ocupado, caminhado e conhecido ao longo de suas movimentações.

> Art.4º As plantas nativas de uso medicinal existentes no Município de Rebouças são de livre acesso e uso comum das pessoas, que desejam realizar tratamentos medicinais, desde que orientados por detentores de "ofícios tradicionais" reconhecidos pelo Poder Público Municipal, sempre observando o uso sustentável e a conservação ambiental. (REBOUÇAS, 2010, p. 2)

O dispositivo do livre acesso às plantas medicinais relaciona-se à formalização do direito consuetudinário das benzedeiras ligado ao uso e acesso às terras comunais para coleta de recursos naturais, por enquanto sua aplicabilidade não resultou na judicialização de casos de restrição de acesso. Mas a eficácia simbólica da lei em relação ao livre acesso, age como um mecanismo de fortalecimento e valorização do uso das plantas medicinais nativas nos tratamentos terapêuticos, assim como a transmissão e movimentação dos conhecimentos tradicionais de cura associados à biodiversidade, promovido nos espaços de encontro e reunião das benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria, em que o intercâmbio de plantas é uma prática.

Shiraishi Neto (2005), descreve que existem dificuldades jurídicas operacionais em relação ao conteúdo das leis de povos e comunidades tradicionais, devido suas demandas, as quais são múltiplas e excedem às noções do direito que tem sua concepção na propriedade privada e no direito individual, em detrimento à territorialidade e o direito coletivo.

> Em tais processos, fica evidente que as tentativas de adequar as situações vivenciadas aos modelos jurídicos preexistentes são totalmente incompatíveis, principalmente quando se referem àqueles direitos que dizem respeito à forma de ocupação e uso da terra e dos recursos naturais, levando a um questionamento acerca dos padrões jurídicos

> tradicionais. Este movimento de adequação das experiências vividas ao direito explicita o antagonismo existente entre as noções de sujeito X identidade; e propriedade privada X território. (SHIRAISHI NETO, 2005, p. 2)

A situação descrita pelo autor sobre a dificuldade do entendimento e aplicação das leis de povos e comunidades tradicionais, reflete nos novos caminhos jurídicos que as benzedeiras têm encontrado atualmente para serem reconhecidas em outros municípios e no Estado do Paraná, expressa na Lei das Benzedeiras de Irati e na Lei Estadual das Benzedeiras. Ambas as leis foram aprovadas no ano de 2018 e não acionam o debate jurídico acerca dos povos e comunidades tradicionais, no entanto, no município de Irati ademais do caminho alternativo de tramitação através do argumento da educação popular em saúde, o texto legal mantém a disposição acerca do livre acesso às plantas medicinais, diferente da Lei Estadual das Benzedeiras.

5.2.4 Lei das Benzedeiras de Irati

A Lei das Benzedeiras de Irati, Lei 4.543 de 18 de julho de 2018, votada durante a realização do trabalho de campo, dispõe sobre a Política Municipal de Educação Popular em Saúde, que valoriza saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e sua inserção no Sistema Municipal de Saúde, com base na Política Nacional de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2013). O interessante é que o texto legal não traz a categoria "benzedeiras" em seu corpo, privilegiando a categoria de "detentor de ofício tradicional de saúde popular" e diferente das leis dos municípios vizinhos de Rebouças e São João do Triunfo, ela é sustentada pela Política Municipal de Educação Popular em Saúde e não pelo arcabouço jurídico de garantia dos direitos de povos e comunidades tradicionais. A Política de Educação Popular em Saúde, instituída pela Portaria n. 2.761 de 19 de novembro de 2013 do Ministério da Saúde, visa complementar as ações relacionadas à promoção, proteção e recuperação da saúde entre a diversidade de saberes populares, valorizando a identidade de seus detentores (idem).

No entanto, a importância da lei para as benzedeiras não está em seu conteúdo, mas em seu significado, o fato de ser uma lei pleiteada pelas benzedeiras e aprovada pelas ações do Movimento, mesmo que não traga o termo "benzedeiras" é a Lei das Benzedeiras que, com sua

aprovação, fortalece e anima suas movimentações, como relata Dona Rosinha em nosso encontro em sua casa na cidade de Irati um dia após a aprovação da Lei:

> Se a gente caminhó até agora pra que essa lei saísse, nós temos que criar um conselho. Se João do Triunfo está caminhando com suas próprias pernas, se Rebouças está caminhando com suas próprias pernas, claro eles foram muito importante prá nós e são muito importante, mas saiu a lei aqui, agora nós temos que caminhar aqui e levar pra Rio Azul, levar pra Fernandes Pinheiro e quando sair lá a lei não é mais Dona Dejanira responsável, nem eu, nem você, vai ter que ter um conselho lá, assim a gente vai soltando a sementinha e deixe que caminhe.

A Lei das Benzedeiras de Irati está em processo de regulamentação, as benzedeiras estão definindo agendas e ações com a Secretaria Municipal de Saúde para efetivar os procedimentos para solicitação e emissão das carteirinhas de benzedeiras. Destaco, conforme informado por Dona Rosinha, uma das principais articuladoras da lei municipal, que as benzedeiras se posicionaram durante as inúmeras reuniões de articulação com vereadores e representantes da Prefeitura Municipal de Irati, para que a Lei das Benzedeiras garantisse o reconhecimento do ofício através da Secretaria de Saúde, rechaçando a proposta da tramitação via Secretaria de Cultura. A Secretária Municipal de Cultura apoiou financeiramente a realização do Mapeamento Social das Benzedeiras de Irati, assim como viabilizou agendas do MASA com gestores e vereadores para elaborar a proposta de lei das benzedeiras. Adicionalmente, o IFPR- Campus Irati, contribuiu tanto na realização do mapeamento social quanto na discussão no âmbito do governo local acerca da lei municipal. Em decorrência desse processo, a proposta do executivo municipal era reconhecer os ofícios das benzedeiras através da Secretaria de Cultura. A posição contraria das benzedeiras nas reuniões realizadas com vereadores e gestores, fez com que a proposta legislativa colocada em discussão no ano de 2016, apenas tomasse forma no ano de 2018. Segundo Dona Rosinha, a lei "andou" por sua ação, devido à demora do encaminhamento do processo, sobre a alegação dos vereadores acerca da dificuldade de diálogo com a Secretaria Municipal de Saúde, ela procurou pessoalmente a secretária de saúde, uma conhecida de longa data e filha de benzedeira. Ao falar com a secretária sobre as práticas de cura, que eram as mesmas que sua mãe realizava, a proposta caminhou e culminou na sua aprovação.

Tal reconhecimento através da Secretaria de Saúde é importante devido às perseguições e repressões que as benzedeiras vivenciam constantemente e são motivadas principalmente pelos órgãos e agentes oficiais de saúde. Neste sentido, a emissão da carteirinha através da

Secretaria da Saúde, além de ser uma forma de diálogo com os profissionais da área, fortalece a prática da benzedura diante do sistema público que, mesmo aderindo às políticas públicas de acolhimento dos saberes e práticas populares como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, publicada na forma das portarias ministeriais nº 971, de 3 de maio de 2006, e nº 1.600, de 17 de julho de 2006 do Ministério da Saúde e a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta instituída pela Portaria n° 2.866, de 2 de dezembro de 2011, todavia, persistem as dificuldades em aceitar e respeitar os conhecimentos e saberes das benzedeiras na esfera da medicina hegemônica.

Na segunda votação da Lei das Benzedeiras de Irati no dia 17 de julho de 2018, que culminou em sua aprovação, um grupo de cerca de 20 pessoas, sendo a maioria benzedeiras e seus familiares, contando também com uma comissão de benzedeiras de Rebouças, acompanharam a sessão de votação na Câmara de Vereadores de Irati. Entre os projetos de lei que faziam parte da pauta dos vereadores, a Lei das Benzedeiras foi a única que entrou em discussão, havendo dois votos contrários. O argumento dos dois vereadores favoráveis que se pronunciaram partiram da importância das benzedeiras para a cultura e a saúde do município. O primeiro citou a reportagem do Globo Rural[36] que através das benzedeiras "levou o nome de Irati para fora". O segundo, o controle social do ofício através do abaixo-assinado da coletividade para acessar a carteirinha, enquanto segurava a Carteira de Dona Dejanira que havia lhe mostrado antes de iniciar a sessão, o vereador explicava que consistia em um documento detalhado que contém além do nome, a comunidade/endereço, documentos pessoas, ofícios e práticas da benzedeira.

As benzedeiras contavam com a aprovação da lei porque haviam sido comunicadas anteriormente pelo vereador Roni Surek do PROS (Partido Republicano da Ordem Social) que apresentou o projeto de lei e comunicou a posição favorável dos vereadores, com isso, os assessores do MASA organizaram uma feijoada de comemoração na Casa de Reza da Dona Sebastiana localizada no bairro São João na cidade de Irati, como mostra as figuras que seguem:

36 Reportagem de grande alcance midiático, que foi ao ar na manhã do domingo dia 30 de dezembro de 2017 na véspera do feriado de ano novo no programa Globo Rural da emissora de TV Rede Globo.

FIGURAS 119 – Benzedeiras na Câmara Municipal de Irati. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Irati/PR. FIGURA 120 - Comemoração da aprovação da Lei das Benzedeiras na Casa de Reza. FOTO: Taisa Lewitzki, 2018. LOCAL: Irati/PR.

Após a votação as benzedeiras foram para a Casa de Reza, momento em que todas fizeram falas no sentido de agradecer às pessoas presentes em relação ao apoio dispensado, começando pelas próprias colegas de Rebouças que contribuíram no processo de aprovação através da participação de reuniões com vereadores e poder público, assim como, na realização do Mapeamento Social das Benzedeiras de Irati. Todas as benzedeiras falaram e as palavras de agradecimento estenderam-se as colegas, assessores, pesquisadores, vereadores e professores do IFPR – Campus de Irati, enaltecendo nos termos de Dona Rosinha a conquista da lei como o resultado da "união e da perseverança". Na sequência, antes do jantar as benzedeiras rezaram e cantaram versos de romaria de São Gonçalo diante do altar da Dona Sebastiana (Figura 120).

5.2.5 Lei Estadual

FIGURA 121 – Benzedeiras na ALEP. FONTO: Skiba, 2018. LOCAL: Curitiba/PR.

A Lei Estadual das Benzedeiras que tramitou na Assembleia Legislativa do Paraná através do Projeto de Lei 877/2017 de autoria do deputado Tadeu Veneri (PT) e foi aprovada no dia 5 de novembro de 2018 resultou na Lei n. 19.689 que:

> Art 1°. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná os saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de saúde dos ofícios tradicionais de saúde popular e cura religiosa dos benzedeiros e benzedeiras, costureiros, costureiras de rendidura e machucadura, massagistas tradicionais, rezadeiras, remedieiros e parteiras do Estado do Paraná, em atendimento ao disposto nos arts. 215 e 216 da Constituição Federal e no art. 191 da Constituição Estadual. (PARANÁ, 2018, p. 1).

A Lei Estadual decorreu da demanda das benzedeiras do MASA por uma legislação estadual que alcançasse todas as benzedeiras do Estado, diferente das leis municipais. Dona Agda que tem viajado com frequência para outros municípios paranaenses para ministrar cursos de benzedeiras, organizados por uma empresa de consultoria que tem intercambiado cursos com as benzedeiras, informou que existem muitas benzedeiras que não tem lei e como é

difícil aprovar leis em todos os municípios, o ideal seria uma lei estadual para abranger todas as benzedeiras de uma única maneira. Nesta perspectiva, Ana Maria contou-me que em uma reunião com o deputado Tadeu Veneri (PT) que aconteceu no final do ano de 2017 na sede do IEEP na cidade de Irati, em que estavam presentes benzedeiras dos municípios de Irati e Rebouças, elas conversaram com o deputado sobre a demanda de uma lei estadual. Desta conversa, resultou a proposta elaborada pela assessoria das benzedeiras e reformulada pela assessoria do deputado que se traduziu no projeto de lei de reconhecimento das benzedeiras como patrimônio cultural do Estado do Paraná. No entanto, a reformulação da proposta excluiu os olhos d'água de São João Maria do PL, um tema caro as benzedeiras que provocou tensões internas em relação a tramitação da legislação, fazendo que algumas benzedeiras não participassem da votação do PL na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), que foi uma ação coletiva do MASA para pressionar o acolhimento da proposta pela CCJ.

Durante a realização do meu trabalho de campo, participei da votação do Projeto de Lei pela CCJ da ALEP, viajei com benzedeiras e apoiadores na excursão que reuniu 22 pessoas dos municípios de Irati e Rebouças que viajaram até Curitiba para participar da sessão de votação. O ônibus disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Rebouças, solicitado pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria, viabilizou a presença das benzedeiras na votação, o que também contribuiu para aprovação do Projeto de Lei pela CCJ. Durante a viagem, a apreensão das benzedeiras em relação a votação, vinculava-se a filiação religiosa evangélica do relator, o deputado Pastor Edson Praczyk do Partido Republicano Brasileiro (PRB). No entanto, para a surpresa das benzedeiras o parecer do pastor foi positivo, a partir da argumentação que o ato de registro do patrimônio imaterial é uma prática que vem sendo realizada por outras Casas Legislativas:

> Eu fiz questão de fazer uma pesquisa e nós temos várias iniciativas semelhantes, das quais eu destaco, uma de autoria de um parlamentar do Estado do Rio de Janeiro, outra do Estado do Amazonas, uma que versa sobre a pipa como patrimônio cultural. Pipa, rabiola, papagaio, no Estado do Rio de Janeiro e uma festividade amazonense pastorinha, parecida com boi-bumbá, boi de mamão, também teve uma iniciativa parlamentar do Estado do Amazonas. Ressalta-se que há um exemplo mais similar como já tenho dito as pastorinhas e pastorais, inclusive já falei. Portanto, nosso parecer é favorável.

A manifestação positiva do relator em relação ao PL, através do seu argumento, demonstra uma forma de reconhecimento que desloca as benzedeiras em relação ao seu modo de ser e viver, ao tempo que as compara com outras manifestações culturais dissociadas de um

território e de uma forma de vida através da categoria do patrimônio cultural. Neste caso, tal argumento, enaltece a cultura com aspas nos termos de Manoela Carneiro da Cunha (2009) porque opera a partir da noção da cultura enquanto expressão cultural em detrimento da cultura como modo de vida. Em outro aspecto, ao esvaziar a cultura do benzimento como uma forma de vida, viabiliza-se a aceitação dos legisladores a proposta da normativa em questão, que não implica em um primeiro momento em um projeto de vida diferenciado que faça frente ao direito individual através da reivindicação de um território de uso coletivo, como expressam as leis municipais dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo.

Logo que o parecer foi apresentado, a votação e aprovação do Projeto de Lei foram instantâneas, na sequência, o Presidente da CCJ, deputado Nelson Justos (DEM) manifestou-se, assim como o deputado Tadeu Veneri (PT), autor da proposta. A seguir o diálogo dos deputados:

> **Presidente Nelson Justos (DEM)**: Discussão. Aprovado, e pedindo desde já as bênçãos dos presentes aqui a esta Casa, que está precisando muito.
>
> **Deputado Tadeu Veneri (PT):** Obrigado senhor Presidente, gostaria de agradecer o Deputado Praczyk, senhor deputado, porque esse é um processo ao longo prazo. As pessoas que conhecem o município de Irati, Rebouças, aquela região toda que está no centro sul do Paraná. Nós vamos estar recuperando uma cultura que é secular, muitos que estão aqui, muitos já foram criança e até hoje as mães levam na benzedeira, e essa é uma prática eu acho que nós estamos reconhecendo as senhoras e senhores que estão aqui, uma prática, um conhecimento, para que nossa cultura seja uma cultura preservada. Agradeço ao Deputado Praczky. Espero que nós estejamos também como disse Vossa Excelência, definitivamente abençoados.

Nas considerações dos deputados, destaca-se o pedido de bênçãos às benzedeiras à Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, pedidos seguidos de memórias sobre benzedeiras e benzimentos que se multiplicaram enquanto as benzedeiras visitavam os gabinetes dos parlamentares. O interessante é que independente de partidos e grupos políticos as benzedeiras transitavam na ALEP com tranquilidade e acolhimento, um dos assessores parlamentares do PFL (Partido da Frente Liberal) disse a Dona Agda, enquanto ela o apresentava o PL "essa missão é muito boa, a senhora me lembra da minha avó, até me arrepia, ela me benzia e eu saia outro homem, coloque meu nome, Rafael Bento assessor". Em todos os gabinetes e diálogos entre os corredores da Casa de Leis, em que as benzedeiras pediam ajuda aos parlamentares e assessores, em nenhuma situação foram questionadas, pelo contrário, todos os deputados pronunciaram-se no sentido de apoiar a aprovação da lei, bem como sensibilizar seus pares.

5.2.6 Parque Ambiental São João Maria

A questão do acesso, manutenção e proteção dos olhos d'água de São João Maria é uma pauta consolidada no Movimento das Benzedeiras, que se concretiza em suas ações e documentos. A "Carta das Benzedeiras" elaborada no 2º Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná realizado no município de Rebouças no ano de 2012, sintetiza o posicionamento do MASA em relação a defesa dos olhos d'água e das plantas medicinais, pleiteando ações em diálogo com a questão socioambiental:

> Elaboração de estratégias junto aos órgãos de fiscalização e gestão ambiental para a regulamentação do livre acesso as plantas e ervas medicinais e Olhos d´Água do Monge João Maria em áreas de unidades de conservação; implementação de viveiros de ervas e plantas medicinais nas comunidades e município a fim de preservar e resgatar a biodiversidade de plantas medicinais de uso das benzedeiras; fiscalização do desmatamento desenfreado que ocasiona a extinção das plantas e ervas medicinais das matas nativas; proibição do uso de agrotóxico em áreas de plantas medicinais nativas e Olhos d´Água do Monge João Maria, locais sagrados de uso da coletividade dos detentores de ofícios tradicionais de cura. (MASA, 2012, p. 01)

Neste percurso, entre os encontros comunitários de benzedeiras, articulação com a Rede Puxirão, participação no CEPICT, agendas com órgãos do Estado e conferências em universidades, o Movimento Aprendizes da Sabedoria apresenta um avanço na esfera local em relação a proteção do território das benzedeiras, através do reconhecimento da área do Olho d´Água de Barreirinho como Parque Ambiental no município de Rebouças.

Nos dois anos anteriores à criação do Parque Ambiental no ano de 2017, foram várias as ações do MASA para proteger o Olho d´Água de Barreirinho, ofícios protocolados no Instituto Ambiental do Paraná (IAP), órgão estadual responsável pelas unidades de proteção ambiental, para solicitar ações de salvaguarda da área; audiências com o Ministério Público Estadual na esfera do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça dos Direitos Humanos (CAOP-DH); reuniões com vereadores, prefeitos e secretários de meio ambiente, além de outros gestores públicos; ao mesmo tempo que, ocorriam procissões, novenas, terços e batizados, assim como mutirões de limpeza e a construção da proteção da fonte em parceria com o curso de agroecologia do Instituto Federal do Paraná – Campus Irati. Estas ações foram

movidas pelas benzedeiras no intuito de retomar e preservar o espaço da fonte, trazendo movimento e vida para o lugar.

A nascente, localizada em um terreno de propriedade da Prefeitura Municipal de Rebouças, próximo a uma área considerada periférica pela ocupação não regularizada de moradores que formam a Vila Facão e a Vila Feliz, está situada nas margens da cidade em um ambiente de urbanização. O terreno foi adquirido pela Prefeitura Municipal para a construção de projetos de habitação. A área aberta e sem manutenção estava sendo usada para pastagem, na qual criadores de cavalos soltavam seus animais sem nenhuma preocupação em relação ao pisoteamento na nascente, afetando a integridade física do Olho d´Água. Outra violência ao espaço reclamada pelas benzedeiras é a permanência da plantação de pinus na área, considerando que as árvores exóticas desta qualidade, representam a seca em oposição a vertente.

Em abril de 2017 durante o Encontro Regional das Benzedeiras[37], que reuniu dezenas de benzedeiras da região centro sul do Paraná e contou com a participação de representantes do IAP, vereadores, deputados estaduais e federais, pesquisadores e movimentos sociais. As benzedeiras acolhiam as participantes cantando a Missão[38], canto de autoria da benzedeira Ana Maria:

> As fontes de água e os faxinais,
> Os nossos remédios vamos preservar
> Nossa cultura não pode acabar
> Estamos unidos, nós vamos lutar
> Aos benzedor nossa gratidão,
> Assim nós pedimos de coração,
> Sejam reconhecidos pela população
> Pois cuidar da vida é nossa missão. (MASA, 2017, p. 1)

O coro foi seguido de falas de lideranças municipais do MASA dos municípios de Rebouças, Irati e São João do Triunfo, direcionadas às pessoas que com seus crachás institucionais naquele sábado representavam o Estado. Elas cobravam respostas em relação às

37 3º Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná realizado nos dias 01 e 02/04/2017 na cidade de Rebouças, Paraná.

38 Cantiga de autoria da benzedeira Ana Maria dos Santos, em que a letra foi distribuída a todas as participantes do evento.

demandas pleiteadas nos últimos anos, entre elas a proteção do Olho d´Água de Barreirinho. Na ocasião, a sinalização positiva do Prefeito Municipal Luiz Everaldo Zak (PROS) sobre a criação do Parque Ambiental foi manifestada juntamente com o seu relato sobre o milagre alcançado por ele através do Olho d´Água de São João Maria situado em sua comunidade natal de Faxinal Barro Branco, na zona rural do município. O acordo materializou-se três semanas depois com a aprovação unânime da Câmara Municipal de Rebouças do projeto de lei apresentado pelo poder executivo para criação do Parque Ambiental São João Maria, promulgado na Lei 2042/2017.

> Art.1º Fica criado o "Parque Ambiental Municipal São João Maria", com a área de 69.575,00 m² (sessenta e nove mil, quinhentos e setenta e cinco metros quadrados), representando a totalidade do terreno urbano de propriedade do Município de Rebouças - PR, conforme matrícula junto ao Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Rebouças - PR, sob nº 15.340 [...]. (REBOUÇAS, 2017, p. 1)

O texto da lei não cita diretamente a relação das benzedeiras com o Parque Ambiental, o artigo 4º estabelece os diferentes valores e finalidades projetadas para o espaço, ao mencionar que:

> Entre outros fins, o parque combinará como finalidade a preservação ambiental, a preservação do patrimônio histórico e cultural, tornando-se também alternativa de lazer e visitação conforme as possibilidades. (idem)

No entanto, é sabido localmente que a criação do Parque Ambiental decorreu da ação das benzedeiras na negociação e demarcação do Olho d´Água como um território sagrado de interesse da coletividade, assim como, sua revitalização e categorização como Parque Ambiental. Tal ação pode ser vista como um processo de retomada, visto que as condições anteriores caminhavam para a destruição física e simbólica da nascente, bem como a privatização do espaço. A retomada é demarcada oficialmente com a presença de dezenas de benzedeiras entre autoridades, convidados e pesquisadores que participavam no 3º Encontro das Benzedeiras do Centro Sul na cidade de Rebouças e escolheram o Olho d'Água de Barreirinho para encerrar o evento, conforme registrado na imagem abaixo (Figura 122).

FIGURA 122 – Olho d'Água de Barreirinho - 3º Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná. FOTO: Taisa Lewitzki, 2017. LOCAL: Rebouças/PR.

Nessa linha, o Movimento das Benzedeiras apresenta uma forma singular de relação com o Estado, o qual localmente culmina em desdobramentos específicos a partir do encontro de trajetórias e valores das pessoas que formam tanto o Estado quanto o coletivo de benzedeiras. Tal situação é visualizada na relação particular do Prefeito Municipal com os olhos d´água, seguido de outros líderes políticos presentes na ocasião como vereadores, ex-vereadores, assessores parlamentares e sindicalistas que, no uso da palavra, enalteceram os milagres que receberam nas águas do monge em diversas situações.

A partir da criação do Parque Ambiental, a Câmara Municipal através da interlocução da vereadora Daniele (PT) que é uma das apoiadoras do MASA no legislativo municipal, propôs a criação do Programa Municipal de Proteção de Nascentes o qual tem como objetivo recuperar e proteger nascentes no município, ação que se estende a outros olhos d'água que estão recebendo ações de preservação. No mesmo sentido, tramita na Câmara Municipal a proposta da criação do dia de São João Maria no município, com a finalidade de homenagear o monge, assim como realizar comemoração específica no Parque Ambiental sob organização das benzedeiras.

O Olho d'Água de Barreirinho é um lugar que têm expandido as manifestações tradicionais associadas ao espaço, sendo um ponto de encontro das benzedeiras com estudantes e pesquisadores que vêm até a região conhecer tanto a nascente quanto o Movimento Aprendizes da Sabedoria. Adicionalmente as benzedeiras formaram um quintal nas margens do olho d´água, assim como em suas casas, o quintal dispõe de diversidade de remédios, flores e alimentos, com destaque para a couve que segundo Ana Maria, era o alimento primeiro de São João Maria. O quintal acessível as benzedeiras e a população que visita o espaço, é um local de coleta de plantas e mudas, assim como um lugar de referência em plantas medicinas, como explica Ana Maria, cada nova muda conquistada por elas é trazida para o quintal do monge.

FIGURA 123 – Ana Maria e Chiquinho no quintal do monge, ao fundo Olho d'Água de Barreirinho. FOTO: Taisa Lewitzki, 2017. LOCAL: Rebouças/PR.

A defesa dos olhos d'água de São João Maria como pauta de luta do Movimento das Benzedeiras, vem se projetando nacionalmente com populações tradicionais que lutam pelo direito ao acesso à água. Nesse sentido, a benzedeira Ana Maria foi convidada a participar do Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA), realizado em Brasília em março de 2018 como representante da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. O FAMA aconteceu paralelamente ao 8º Fórum Mundial da Água (*Word Water Forum 8*) e teve como objetivo contrapor o encontro promovido pelos grandes grupos econômicos que defendem a

privatização das fontes naturais e dos serviços públicos de água. O discurso da liderança na plenária dos Povos e Comunidades Tradicionais durante o evento, revela a forma que as benzedeiras têm apresentado no debate público sua pauta de luta na proteção dos olhos d'água[39].

> Faço parte do Movimento Aprendizes da Sabedoria, em nome de todas as benzedeiras do Estado do Paraná e de todas as benzedeiras que se encontra no Brasil inteiro, eu tô falando em nome das benzedeiras, benzedores, costureiras de rendidura, machucadura, parteiras. Também tô falando em nome da Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná e também estou falando em nome da defesa das fontes de água do monge João Maria, o grande profeta que passou por nossa região aqui, participou da Guerra do Contestado, foi apedrejado na Guerra do Contestado defendendo as fontes de água. Onde o Monge dormia, ele escrevia com o dedo, vertia água. E eu como benzedeira do Estado do Paraná defendo as fontes de água do monge João Maria, livre dos agrotóxicos, livre dos venenos, livre de toda contaminação, com proteção de nascente, plantando as árvores de reserva de mata nativa na prevenção na nossa água, porque nossas matas nativas previnem a água. Eu quero deixar aqui como eu sou do Estado do Paraná, como Brasília é a nossa casa, nossa mãe, se tiver aqui algum deputado, algum senador que eles façam alguma coisa pelos movimentos sociais, pela nossa água, por todos os movimento sociais, porque se tem alguém de coragem é esse povo que tá aqui. Esse povo que luta, em defesa do nosso patrimônio, da nossa riqueza que é a água, porque ninguém vive sem água. Por isso eu defendo essa cultura do Monge das fonte das águas e defendo todas as nascentes de água por benzedeira que sou e ocupo a água pra fazer os meus *venzimentos*.

A politização do sagrado destacada na fala pública de Ana Maria, em que as águas usadas para benzer, curar e batizar, passam a ser tema do debate público pautado pelas benzedeiras em prol da proteção dos olhos d'água como um lugar sagrado que configura o modo de vida das benzedeiras, marcado por suas caminhadas ao longo das novenas, batizados, visitas e ações políticas. Tal postura, revela os caminhos jurídicos que as benzedeiras têm acionado para proteção do seu território, via as brechas do direito ambiental, cultural e territorial, extrapolando a dicotomia entre cultura e natureza manifestada na formulação das políticas públicas. As quais por vezes tratam a vida de forma descontinua, não alcançando os processos dinâmicos que são elaborados pelos grupos e manifestados em suas formas de ser e viver, em que a inteiração entre cultura e natureza constituem linhas de vida.

Ingold propõe "substituir a dicotomia da natureza e cultura pela sinergia dinâmica do organismo e do meio ambiente, a fim de recuperar uma ecologia da vida" (INGOLD, 2000. p. 9). Neste caminho, o autor transcende a dualidade para pensar a relação com a vida, superando

39 Palestra proferida pela benzedeira Ana Maria em 19/03/2018 no evento Fórum Mundial Alternativo da Água em Brasília, Distrito Federal. Gravação em audiovisual realizada por André Dallagnol.

o divisor cultura/natureza. Ele argumenta que se a vida é estar no ambiente, tal condição possibilita que as coisas se constituam na medida em que elas são vividas. Portanto, tratar organismos e ambiente como uma totalidade é tratar do engajamento das pessoas com o mundo, como uma maneira de levar a vida adiante. Se o conhecimento não é abstrato ele é sensível, são, para tanto, os sentimentos o meio de relação direta com o mundo, esse tipo de estar no mundo constrói conhecimento sem abstração. O conhecimento tradicional construído pelas benzedeiras a partir do vivido, é uma maneira de estar no ambiente que dissolve as fronteiras dicotômicas, criando a ecologia da vida.

Considerando a reflexão de Ingold é possível pensar na relação das benzedeiras com os olhos d'água como um processo de ecologia da vida, em que o ambiente se constitui através das relações de vida empreendidas, que envolvem o sagrado, a natureza, o território, e o conhecimento, resultando em novos caminhos e possibilidades que potencializam e visibilizam o modo de vida das benzedeiras, como uma forma de viver comprometida com o cuidado da vida.

Neste sentido, a aprovação de Leis das Benzedeiras tem configurado um contexto singular no campo jurídico em que, num primeiro momento, são acionados mecanismos relacionados aos direitos dos povos e comunidades tradicionais respaldados por leis nacionais e tratados internacionais contextualizados no capítulo anterior. Em um segundo momento, são articulados mecanismos jurídicos distintos, acerca da educação em saúde no caso do município de Irati e do patrimônio imaterial na esfera estadual. Em relação a proteção dos bens comuns, o caminho tem sido o arcabouço de leis ambientais, como vimos no caso do Parque Ambiental Municipal São João Maria. Desta forma, o próprio caminho da legislação é movido por várias linhas/leis compondo uma trama que reflete a diversidade das aprendizes da sabedoria, seus caminhos, apoiadores, alianças, negociações e possibilidades.

Além disso, tanto o Movimento pressiona no sentido de construção de uma legislação específica para as benzedeiras através da produção de mapas, pesquisas, reportagens e conquista de prêmios acerca do tema, apoio de agentes públicos e da população, assim como, a legislação possibilita a movimentação das benzedeiras ao longo das brechas de políticas e direitos existentes na área da saúde, da cultura e do meio ambiente, provocando diferentes formas de caminhar e transitar na superfície legislativa. No entanto, noto que sobretudo as relações sociais que as benzedeiras dispõem via o benzimento, acionam memórias, relações pessoais e pertencimentos que os sujeitos estatais detêm em relação as benzedeiras. Este contexto é tecido através das trajetórias das benzedeiras que representam valores locais acerca

de uma forma de conceber o mundo, em que as práticas tradicionais de cura, as formas de manifestar o sagrado e de estabelecer sociabilidade são em parte compartilhadas. Além disso, as benzedeiras são associadas a esfera do cuidado e da confiança, dificilmente sendo diretamente confrontadas em debates públicos. Tais fatores somados as ações políticas de mobilizações e apropriação da legislação, contribuem para o sucesso de suas proposições no âmbito jurídico no que se refere ao avanço do reconhecimento e efetivação dos seus direitos.

Nesta linha, partindo do argumento de Talal Asad (2004) sobre os limites do Estado e sua morfologia interna "[...] os quais variam de acordo com as diferentes maneiras que se determina a inclusão de seus membros, o dentro e o fora, a lei e a exceção" (ASAD, 2004, p. 280). O processo de reconhecimento das benzedeiras é uma maneira de olhar o Estado desde a movimentação de seus limites, entre o laico e o religioso, a razão e o milagre, a lei e a fé, o individual e o coletivo e assim por diante. Em que as margens estatais são configuradas ao longo do caminho, conforme argumentam Das e Pool (2004) sobre a porosidade das margens Estado. As autoras questionam a concepção moderna do Estado, que o define em termos do controle centralizado sobre um determinado território e, exploram o estudo das margens estatais, configuradas pela mobilidade e instabilidade do poder do Estado. Tal processo é percebido nas movimentações das benzedeiras que colocam as margens do Estado em movimento, inaugurando configurações políticas próprias que se relacionam às formas como as benzedeiras costuram seu espaço na política e no direito, sendo as Leis das Benzedeiras expoentes dessa relação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial em seguir as linhas de vida das benzedeiras, como propõe metodologicamente Tim Ingold (2007), nos levaram a um universo de muitos caminhos e movimentos, que apresentam em parte a vida das benzedeiras no centro sul do Paraná. Neste caminho, enalteço alguns argumentos que busquei desenvolver ao longo do texto e que são importantes para pensar em possíveis diálogos e deslocamentos a partir do presente trabalho, e a necessidade de amadurecer a leitura antropológica acerca das benzedeiras do interior paranaense.

A apreensão da trama de linhas articuladas, mobilizadas e tecidas pelas benzedeiras revelam que estas detêm um modo tradicional de vida que se faz possível através de suas movimentações. Tais movimentos implicam em processos de resistência, resiliência, enfrentamento, negociações, intercâmbios e alianças em um contexto de redes de organizações sociais e processos de lutas coletivas que são importantes para pensar nas configurações dos movimentos sociais no interior paranaense. A partir da diversidade de caminhos para constituir movimento e viabilizar bandeiras de luta que representam modos de ser e estar no mundo.

A vitalidade das benzedeiras em tecer relações entre diversos sujeitos que participam de forma direta e indireta na produção e reprodução do ofício tradicional de cura, demonstram que o ofício de benzedeira não se encontra em extinção, pelo contrário, a organização enquanto movimento social tem ampliado substancialmente os espaços e formas de produção e transmissão dos conhecimentos tradicionais de cura. Neste contexto, a apropriação de ferramentas organizativas, assim como conhecimentos de outros coletivos sociais contribui para atualização constante das práticas das benzedeiras, que se mostram importantes tanto para suas comunidades quanto para sujeitos externos, que a partir da experiência das benzedeiras cada vez mais buscam se aproximar do MASA para aprender com elas o ofício de cuidar da vida.

Além disso, a ação coletiva das benzedeiras através do movimento social potencializa seus dons, conhecimentos, saberes e práticas, resultando em desdobramentos que diversificam o mundo religioso, contribuem com a promoção da saúde, mantém e enriquecem a sociobiodiversidade da floresta de araucária e apresentam novas formas de lutar por direitos coletivos em contextos de conflitos sociais, religiosos e ambientais.

Adicionalmente, o Movimento Aprendizes da Sabedoria apresenta um projeto de vida pautado por mulheres velhas e camponesas, baseado nas relações de cuidado e confiança, que extrapolam o universo do benzimento, porque incidem em temas globais. Expoente desta situação é a luta das benzedeiras pela defesa dos bens comuns, principalmente ao que corresponde aos olhos d'água de São João Maria. As fontes de águas sagradas que demarcam o território das benzedeiras produzem vida, e desta forma são importantes para a sociedade como um todo.

> Hoje nós somos grato, assim pelo que nós conseguimos. Acho que o reconhecimento que a gente teve hoje foi um grande prêmio. Mas também sinto que ainda nós temos ser reconhecido mais, tem muita coisa que queremos fazer e as vezes não podemos. Quanto mais valoriza as fonte do Monge, nós não conseguimos valorizar tudo elas, algumas, outras não, buscar apoio pra nos fazer as mesadas de anjo, incentiva mais as romarias de São Gonçalo, as casa de reza, sempre estar incentivando. E o apoio as lideranças, como nós defendemos contra os agrotóxicos, proteção nos olhos, isso cabe aos órgãos que ajudem nós. A gente também luta, mas luta com pouca força.

Todavia, a partir das considerações de Ana Maria se evidencia os desafios nos caminhos das benzedeiras para manutenção do seu modo de vida, visto que o reconhecimento e os avanços jurídicos são conquistas importantes e inauguram a posição das benzedeiras como um movimento social de povos e comunidades tradicionais. No entanto, o acesso, manutenção e defesa do território das benzedeiras, ainda é uma questão eminente que percorre um caminho incerto, construído passo a passo. Afinal, o reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais é um elemento fundamental para os processos de organização de identidades coletivas e reivindicações de direitos mediante ao Estado, pata tanto, encontra limites no que diz respeito a efetivação dos direitos associados à autoatribuição que incidem diretamente na produção e reprodução dos seus modos de vida.

Desse modo, seguindo a perspectiva de Ingold (2007), as linhas vitais não detêm início nem fim, neste sentido, o presente trabalho é resultante de uma forma de caminhar e pesquisar que dialoga com minha trajetória pessoal e acadêmica através do Movimento Aprendizes da Sabedoria, assim como os deslocamentos proporcionados através do trabalho de campo e da leitura antropológica. Nesta linha, não se trata, portanto, de um produto acabado, mas de uma pesquisa inicial que representa o movimento vivido e registra a importância atual dos processos de vida que as benzedeiras paranaenses têm levado adiante. Pois diferente da vida, como argumenta Ingold, a escrita coloca-se como uma linha textual de difícil apreensão do

movimento e deste modo, esta dissertação apresenta uma reflexão parcial acerca do tema, em que muitas questões não foram alcançadas. No entanto, se mostram importantes à antropologia que com suas ferramentas metodológicas e analíticas coloca-se como um caminho potencialmente interessante para abordar a amplitude da questão das benzedeiras.

REFERÊNCIAS

AGIER, M. **Encontros etnográficos:** interação, contexto, comparação. São Paulo: UNESP, 2015.

ALMEIDA, A. W. B. 2004. Terras tradicionalmente ocupadas – processo de territorialização e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais.** v.6, n.1, p.9-32, mai./2004.

_____. **Conhecimento tradicional e biodiversidade:** normas vigentes e propostas**.** – 2. Ed. – Manaus: UEA Edições, 2010.

ARANTES NETO, A. A. **A sagrada família – uma análise estrutural do compadrio**. Unicamp – SP: Ed. Brasiliense, 1975.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas:** as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense. 2008 [1986].

ASAD, T. Where are the margins of the state? In: DAS, V.; POOLE, D. (ed.) **Anthropology in the margins of the state.** New York: Oxford University Pres, 2004. p.279-287.

ATTUCH, I. M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado:** sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - DAN/UNB, Brasília, 2006.

BEM, F. No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedeiras do oeste de Santa Catarina. In: XXVIII CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA, 7., 2015, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, 2015. p.1-13.

BRAGA, G. G. **Retratos da bênção** – usos da fotografia entre as benzedeiras de Campo Largo. 2010. 160 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - DAN/UFPR, Curitiba, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília,

DF: Senado, 1988.

_____ Decreto de 27/12/2004 e modificada pelo Decreto n. 8.750/2006. Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2006.

_____ Decreto n. 5.051. Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre Povos Indígenas e Tribais de 1989. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2006.

_____ Portarias do Ministério da Saúde n. 971 e n. 1.600. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2006.

_____ Decreto n. 6.040/2007. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2007.

_____ Portaria do Ministério da Saúde n. 2.866. Política Nacional de Saúde Integral dos Populações do Campo e da Floresta. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2011.

_____ Portaria do Ministério da Saúde n. 2.761. Política de Educação Popular em Saúde. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A casa kabyle ou o mundo às avessas. **Cadernos de Campo.** São Paulo, Ano IX, n.8, 1999. p.147-159.

CASTRO, M. S. M. **A integralidade como aposta:** etnografia de uma política pública no Ministério da Saúde. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) DAN/UNB, Brasília, 2010.

CHAGAS, M.C.C. et al. A prática de benzimento com o uso de plantas...**Multitemas**, Campo Grande-MS, n. 35, dez. 2007. p. 207-224.

CUNHA, M. C. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais indígenas. In:_____(ed.) **Cultura com aspas e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2009.

_____Apresentação. **Revista De Antropologia,** São Paulo, USP, vol. *55, n.* 1, 2012. p. 10-15. Disponível em: https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.46955 Acesso em: 17 de dez, 2018.

_____Introdução. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Brasília, n. 32, 2005. p. 15-25. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/rev_pat_n32.pdf Acesso em: 17 de dez, 2018.

DAS, V.; POOLE, D. State and its margins: comparative ethnographies. In: _____ (ed.) **Anthropology in the margins of the state.** New York: Oxford University Press, 2004. p. 3-33.

DAS, V. **Sujetos del dolor, agentes de dignidad.** Bogotá: Francisco A. Ortega; Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas: Pontificia Universidad Javeriana. Instituto Pensar, 2008. 568 p.

DUPRAT, D. A Convenção 169 da OIT e o direito à consulta prévia, livre e informada. **RCJ - Revista Culturas Jurídicas,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2014. p. 51-77.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUARIA (EMBRAPA). Portal Embrapa. 2018. Disponível em: https://www.embrapa.br/ Acesso em: 09 set, 2018.

FERREIRA, J. L. P. Do babaçu ao território livre: a luta das quebradeiras de coco na Baixada Maranhense. In: **VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA E IX SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**. Curitiba, PR. 2017.

FLORIANI, N.; et al., Medicina popular, catolicismo rústico, agrobiodiversidade: o amálgama cosmo-mítico-religioso das territorialidades tradicionais na região da Serra das Almas, Paraná, Brasil. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 41, n. 2, mai./ago. 2016. p. 331-350.

HARTUNG, M. F. "Ser E não ser", eis a questão: relatórios antropológicos, categorias nativas e antropologia". **Revista de Antropologia,** São Paulo, v. 56, n. 2, 2013. p.323-364.

INGOLD, T. **Key Debates in Anthropology**. Londres: Routledge, 1996.

_____. Culture, nature, environment. Steps to an ecology of life**.** In _____. **The Perception of the Environment:** Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. London: Routledge, 2000.

_____. **Líneas: Una breve historia.** Gedisa Editorial. Edição do Kindle.

_____. **Estar vivo:** ensaios de movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Routledge, Vozes, 2015.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, jan./jun, 2012. p. 25-44.

INGOLD, T.; et al., Diálogos Vagueiros: Vida, Movimento e Antropologia. **Ponto Urbe** [Online], São Paulo, jul./2012. Disponível em: http://pontourbe.revues.org/334 Acesso em: 17 out. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 8 out. 2018.

INSTITUTO EQUIPE DE EDUCADORES POPULARES (IEEP). Cartilha 1° Encontro dos Povos dos Faxinais – Terras de Faxinal: Resistir em Puxirão pelo Direito de Repartir o Pão. Irati, PR, 2005.

_____ 2 ° Encontro dos Faxinalenses – Na luta pela Terra, nascemos Faxinalenses. Irati, PR, 2007.

IRATI. **Lei n. 4.543 de 18 de julho de 2018**. Política Municipal de Educação Popular em Saúde do Município de Irati/PR. Diário Oficina do Município, Irati, PR, 2018.

KASBURG, A. O. Monge João Maria de Agostini e as desventuras de um peregrino tornado santo por seus (supostos) dons de curandeiro (Brasil – Século XIX). In: X ENCONRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Anais...Santa Maria, 2010.

_____. **O Eremita do Novo Mundo** A trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869). 2012. 480 f. Tese (Doutorado em História Social) UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2012.

_____. Monge João Maria na tradição religiosa popular do Planalto Meridional do Brasil. In: Anais do I Encontro de Pesquisas Históricas PUC-RS. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2014. p.1035-1054.

GOHN, M. G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista Mediações**, v. 5, n.1, jan/jun. Londrina, PR. 2000. p. 11- 40.

_____ Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação,** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. p. 333-361.

KOTLINSKI, J. A construção de um discurso discriminatório: a umbanda em Irati/PR década de 1950. In: **XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA** – Tempos de transição. UEPG: Ponta Grossa, PR. 2018.

LEIRNER, C. P. O estado como fazenda de domesticação. **R@U,** v. 4, n. 2, 2012. p. 38-70.

LEWITZKI, T. **Concepções sobre conservação ambiental: um estudo etnográfico sobre a intervenção do Programa Petrobrás Ambiental em uma comunidade tradicional [...]**. 2015. 105 f. TCC (Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino Americana) ILAACH/UNILA: Foz do Iguaçu, 2015.

_____. Os olhos das benzedeiras: notas sobre narrativas socioambientais e estratégias políticas do MASA (Movimento Aprendizes da Sabedoria). In: **VI Congresso Brasileiro de Direito Socioambiental.** Curitiba: PUC –PR, 2017. No prelo.

LITTE, P. E. **Conhecimentos tradicionais para o Século XXI:** etnografias da intercientificidade. São Paulo: Annablume, 2010.

MAUSS, M. 1974 [1923-24]. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. **Sociologia e Antropologia.** v. II. São Paulo: Edusp, 2008.

MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA (MASA). **Cartilha 1º Encontro Regional das Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores Costureira e Parteiras.** Irati - PR, 2008.

_____ **Carta das Benzedeiras**. Rebouças - PR, 2012.

_____ **Cartilha Encontros Intermunicipais, Multiplicando Conhecimento e Cuidando da Vida.** Irati – PR, 2017.

_____ **Carta do 3º Encontro das Benzedeiras do Centro Sul do Paraná.** Rebouças-PR, 2017.

MACIEL, M. R. A.; NETO, G. G. Um olhar sobre as benzedeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 3, set-dez. 2006. p. 61-77.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

OVERING, J. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. **Mana,** vol. 5(1). 8. 1999. p. 81-107.

PANANÁ. Decreto n. 3.446 de 14 de agosto de 1997. Criada no Estado do Paraná, as Áreas Especiais de Uso Regulamentado - ARESUR. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, PR, 1997.

_____Lei n. 15.673 de 2007. Lei dos Faxinais. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, PR, 2007.

_____Lei n. 17.425. Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, PR, 2012.

_____ Lei n. 19.689. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná os saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de saúde dos ofícios tradicionais de saúde popular e cura religiosa. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, PR, 5.nov. 2018.

PEIRANO, M. **A alteridade em Contexto:** A antropologia como ciência social no Brasil. Brasília: UNB/DAN, 1999. Série antropologia 255. Disponível em: <http://www.marizapeirano.com.br/artigos/1999_a_alteridade_em_contexto.htm>. Acesso em: 18 set, 2017.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL (PNCS). **Fascículo 1 Povos de Faxinais, Paraná.** Design Casa 8, vol. 1, Brasília - DF. 2007.

_____ **Fascículo 1 Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura no Paraná.** Design Casa 8, Irati - PR. 2008.

_____ **Fascículo 2 Faxinalenses no Setor Centro do Paraná.** Design Casa 8, Guarapuava - PR. 2008.

_____ **Fascículo 3 Faxinalenses no Setor Sul do Paraná.** Design Casa 8, Rebouças - PR. 2008.

_____ **Fascículo Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão.** Design Casa 8, vol. 11, Guarapuava - PR. 2008.

_____ **Boletim Informativo I "Conhecimentos Tradicionais e Mobilizações Políticas: o direito de afirmação da identidade de benzedeiras e benzedores [...]** LEWITZKI, T. [org]. Ano 1, n 1, 2012. Manaus: Editora da UEA, 2012.

PORTO, L. Memórias de um mundo rústico: narrativas e silêncios sobre o passado em Pinhão/ PR. In: PORTO, L.; SALLES, J. O.; MARQUES, S. M. Santos. (Org.) **Memórias dos povos do campo no Paraná - Centro Sul.** Curitiba: ITCG, 2013.

PORTO, L.; AYOUB, D. Contextualização: breve histórico sobre Pinhão/PR. In: PORTO, L.; SALLES, J. O.; MARQUES, S.; SANTOS, M. (Org.) **Memórias dos povos do campo no Paraná - Centro Sul**. Curitiba: ITCG, 2013.

PORTO, L.; KAISS, C.; COFRÉ, I. Sobre solo sagrado: identidade quilombola e catolicismo na comunidade de Água Morna (Curiúva, PR). **Religião e Sociedade,** Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, 2012. p. 39-70.

REBOUÇAS. Lei n.1.401 de 2010. Reconhecimento dos detentores de ofícios tradicionais de cura no Município de Rebouças/PR e regulamenta o livre acesso às plantas medicinais. **Diário Oficial do Município de Rebouças**, Rebouças, PR, 2010.

_____ Decreto n.027 de 2010. Comissão de Saúde Popular do Município de Rebouças/PR. **Diário Oficial do Município de Rebouças**, Rebouças, PR, 2010.

_____ Lei n. 2.042 de 26 de abril de 2017. Parque Ambiental Municipal São João Maria. **Diário Oficial do Município de Rebouças**, Rebouças, PR, 2017.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, maio/out. 2009. p. 6-35.

SÃO JOÃO DO TRIUNFO. Lei n. 1.370 de 2011. Reconhecimento dos detentores de ofícios tradicionais de cura no Município de São João do Triunfo/PR e regulamenta o livre acesso às plantas medicinais. **Diário Oficial do Município de São João do Triunfo**, São João do Triunfo, PR, 2011.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO (SFB). **Boletim SNIF 2017.** Ed.1, Brasília, DF. 2017. Disponível em: http://www.florestal.gov.br/documentos/publicacoes/3230-boletim-snif-2017-ed1-final/file Acesso em: 05 set, 2018.

SHIRAISHI NETO, J. "Crise" nos Padrões Jurídicos Tradicionais: o direito em face dos grupos sociais portadores de identidade coletiva. In: XIV Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito. Fortaleza, 2005.

_____ **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil:** declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Manaus: Editora UEA, 2007.

SOMELLERA, D. P. S. **Médico o curandeiro?El impacto del Instituto Nacional Indigenista entre as práticas medicas entre curandeiros de Cuetzalan, Puebla.** 2016, 307 f. Dissertação (Maestría em Antropología Social) Universidad Iberoamericana. Ciudad del Mexico. 2016.

SOUZA, R. M. A tutela das plantações industriais das árvores e a resistência camponesa no município de Imbaú - PR. In: ____. (org) **Identidade coletiva e conflitos territoriais no Sul do Brasil.** Manaus, AM: UEA Edições, 2014. 250 p.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, Editora UFPR, n. 20, jul./dez.2009. p. 31-45.

TOMAZI, G. Profecia e Santidade: experiência religiosa de João Maria. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.,** Curitiba, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009. p. 89-118.

VANDRESEN, J. C.; BUTI, R. P.; SOUZA, R. M. Narrativa sobre a sistematização das experiências da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais. In: SOUZA, R. M. (org) **Identidade coletiva e conflitos territoriais no Sul do Brasil.** Manaus, AM: UEA Edições, 2014. 250 p.

WEDIG, J. C. **Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná: luta pelo território e pela diferença.** 2015, 172 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) CPDA/UFRRJ. Rio de Janeiro. 2015.